

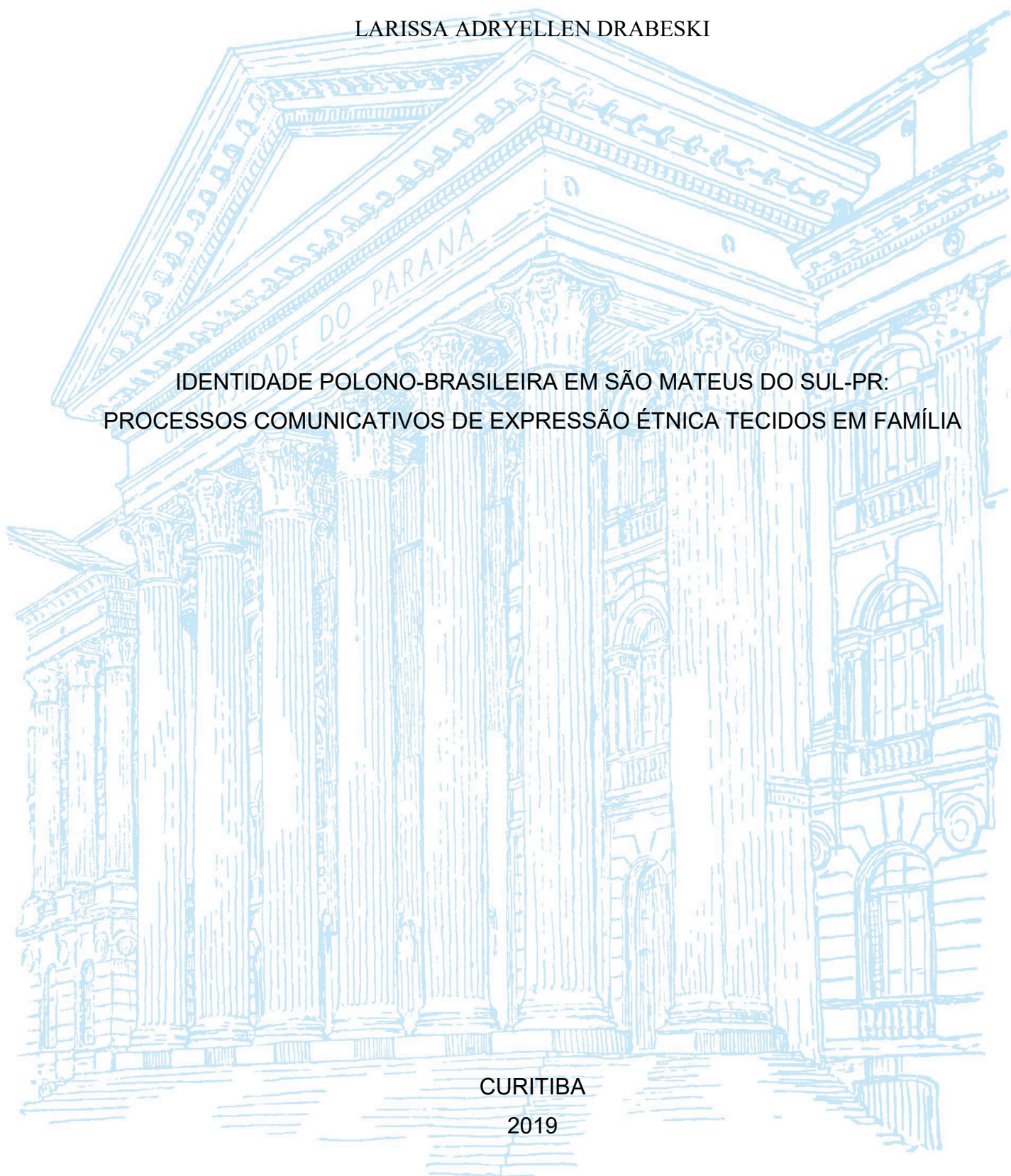
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LARISSA ADRYELLEN DRABESKI

IDENTIDADE POLONO-BRASILEIRA EM SÃO MATEUS DO SUL-PR:  
PROCESSOS COMUNICATIVOS DE EXPRESSÃO ÉTNICA TECIDOS EM FAMÍLIA

CURITIBA

2019



LARISSA ADRYELLEN DRABESKI

IDENTIDADE POLONO-BRASILEIRA EM SÃO MATEUS DO SUL-PR:  
PROCESSOS COMUNICATIVOS DE EXPRESSÃO ÉTNICA TECIDOS EM FAMÍLIA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação, no Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Valquiria Michela John

CURITIBA

2019

Catálogo na publicação  
Sistema de Bibliotecas UFPR  
Biblioteca de Artes, Comunicação e Design/Cabral  
(Elaborado por: Sheila Barreto (CRB 9-1242))

Drabeski, Larissa Adryellen

Identidade polono-brasileira em São Mateus do Sul - PR: processos comunicativos de expressão étnica tecidos em família./ Larissa Adryellen

Drabeski. – Curitiba, 2019.

302 f. : il. color.

Orientadora: Profa. Dra. Valquíria Michela John.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná.

1. Identidade. 2. Imigração polonesa. 3. Mediação. I. Título.

CDD 302.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR SETOR DE ARTES COMUNICACAO E DESIGN  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO -  
40001016071P8

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LARISSA ADRYELLEN DRABESKI** intitulada: **IDENTIDADE POLONO-BRASILEIRA EM SÃO MATEUS DO SUL-PR: PROCESSOS COMUNICATIVOS DE EXPRESSÃO ÉTNICA TECIDOS EM FAMÍLIA**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Abril de 2019.

  
VALQUIRIA MICHELA JOHN

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

  
REGIANE REGINA RIBEIRO  
Avaliador Interno (UFPR)

  
JAIR ANTONIO DE OLIVEIRA  
Avaliador Externo (UFPR)

  
NILDA APARECIDA JACKS  
Avaliador Externo (UFRGS)



Aos meus avós: Alfredo (*in memorian*) e Maria Drabeski que me deram um coração polaco; Arnoldina (*in memorian*) e Antonio Ferraz que me deram um coração tropeiro, fazendo a identidade mestiça parte do que sou.

Aos meus sobrinhos, Amanda, Leonardo, Gustavo e Marina: que vocês descubram o mundo pelo caminho do conhecimento.

## AGRADECIMENTOS

A Universidade pública, gratuita e de qualidade vem em primeiro lugar na lista de agradecimentos. Boa parte de quem sou hoje, devo à UFPR e à UFSM, onde aprendi a observar o mundo de outra forma, com questionamentos e reflexões. Por isso, a defesa da universidade pública é uma prioridade, para que cada vez mais pessoas tenham oportunidade de acesso ao conhecimento e que a sociedade continue sempre impactada positivamente pelo conhecimento produzido nessas instituições.

Quando, a partir da vivência numa instituição como a UFPR, você passa a refletir e a questionar o mundo que está à sua volta, não mais aceita receitas prontas ou respostas simplistas. Talvez por isso certos grupos se sintam ameaçados pelo conhecimento produzido pela universidade pública.

Muito do que aprendi nessa instituição devo aos professores do PPGCOM, que contribuíram muito para trilhar os caminhos dessa pesquisa e foram apoios importantes em momentos de incertezas e inseguranças. O agradecimento também se estende a todos os professores que cruzaram meu caminho e deixaram marcas importantes na minha vida. E, claro, à turma do mestrado com quem compartilhei essa jornada.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Valquiria John, por acreditar na proposta de trabalho e por ter ajudado, nesses dois anos, a transformar o que era apenas um desejo de pesquisa em realidade, sempre com muito carinho e dedicação.

Também aos integrantes da banca, Regiane Ribeiro, Jair Antonio Oliveira e Nilda Jacks, que aceitaram o convite e dedicaram seu tempo a ler, avaliar e oferecer suas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa.

Mas, sem a colaboração dos polono-brasileiros que são a gênese do estudo, nada seria possível. Por isso, agradeço de coração às famílias Przyvitowski e Przybyszewski que, ao aceitarem participar desta pesquisa, abriram as portas dos seus lares e de suas vidas, contribuindo para a compreensão da comunidade polono-brasileira em São Mateus do Sul

Para estar com eles, precisei abrir mão de muitas coisas, inclusive dos almoços em família na Páscoa ou no Natal. Por isso, agradeço também à minha família, que soube compreender quando a dissertação foi prioridade na minha vida. Em especial, ao meu pai Evaldo, que foi meu professor de polonês desde criança e foi de quem herdei o gosto por pesquisar assuntos relacionados à cultura polonesa, e à minha mãe Ozilda, um eterno porto seguro, pronta pra dar apoio nos momentos mais desafiadores. Também aos meus tios Luís e

Simone, que há muito tempo são minhas inspirações na carreira acadêmica, e à família Covalessky Dias, pelo apoio e pela torcida.

E se houve alguém capaz de compreender as incertezas, seguranças e outras neuras, sempre com paciência e amor, foi o meu companheiro da vida, Eduardo. Obrigada pelas panelas de pipoca e de brigadeiro, pelos cafés para dar ânimo e pelos tantos abraços nos momentos de ansiedade. Obrigada também por acreditar em mim e por celebrar comigo a cada etapa vencida.

Nesse caminho de mais inseguranças do que certezas, o apoio dos amigos tornou a jornada mais leve e divertida: as amigas de uma vida toda, Erika e Luanna; às meninas e ao menino do Muzenga FC (péssimos no futebol, mas ótimos companheiros na vida) e a todos os que frequentaram um certo apartamento amarelo em Curitiba, que se tornou também um pouco meu lar, especialmente, Cássio Dal’Ponte, Joana Gall e Karina Pizzini que tiveram paciência de estar comigo nessa jornada do começo ao fim.

Agradeço também a todos os pesquisadores que se dedicaram a estudar a presença polonesa no Brasil e a história de São Mateus do Sul, os conhecimentos por vocês produzidos foram a base para essa pesquisa. Também aos párocos de São Mateus do Sul, ao Grupo Karolinka e ao Jornal Gazeta Informativa e que ajudaram na divulgação da pesquisa.

De modo geral, agradeço a todos que, de alguma maneira, fizeram parte da construção desta pesquisa.

*Bardzo dziękuję!*

*Somos una especie en viaje  
No tenemos pertenencias sino equipaje  
Vamos con el polen en el viento  
Estamos vivos porque estamos en movimiento  
Nunca estamos quietos, somos trashumantes  
Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes  
Es más mío lo que sueño que lo que toco*

*Yo no soy de aquí  
Pero tú tampoco  
De ningún lado del todo y  
De todos lados un poco*

*Lo mismo con las canciones, los pájaros, los alfabetos  
Si quieres que algo se muera, déjalo quieto  
(Jorge Drexler, Movimiento)*



## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender como descendentes de imigrantes poloneses utilizam processos comunicativos – sejam eles produzidos a partir da relação com a mídia ou em outros processos – na construção e ressignificação de suas identidades polono-brasileiras, com foco em famílias descendentes de imigrantes em São Mateus do Sul - Paraná. Para observar esses fenômenos, é adotada uma abordagem multimetodológica, organizada em três etapas a partir da proposição dos Mundos Possíveis de Galindo Cáceres (1997). Na primeira (exploração), com a utilização de questionários fechados, associados à observação, diário de campo, fotografia e entrevista exploratória, foi possível conhecer o uso de aparatos midiáticos, a manutenção da cultura, das tradições e da língua polonesa na comunidade estudada. A partir desse contato, foram selecionadas duas famílias para a segunda etapa (descrição), quando a História de Família foi associada a técnicas de inspiração etnográfica para compreender como a identidade e a memória se manifestam permeadas pelas relações familiares. Essa etapa inclui a observação dessas famílias durante a transmissão dos jogos da seleção polonesa na Copa do Mundo, a fim de compreender os processos de produção de sentido a partir do evento esportivo. Na terceira e última etapa (Significação), os dados produzidos foram analisados tensionando os conceitos de identidade e mediações comunicativas da cultura de Jesus Martín-Barbero (2013). Os resultados destacam a forte religiosidade da comunidade observada e evidenciam a relação entre a identidade polonesa e a memória familiar. O estudo evidenciou uma construção identitária que acontece principalmente por meio das relações familiares, da religião, do pertencimento ao território e pela expressão da língua polonesa. Todos esses espaços são atravessados pelos usos sociais dos meios de comunicação, os quais também afetam a constituição das identidades dos sujeitos.

Palavras-chave: Identidade. Metodologia dos Mundos Possíveis. Imigração polonesa. Mediações.

## **ABSTRACT**

The aim of this research is to understand how descendants of Polish immigrants use communicative processes - whether produced from their relationship with media or in other processes - in the construction and re-signification of their polish-brazilian identities, focusing on families descendants of immigrants in São Mateus do Sul - Paraná. In order to observe these phenomena, a multi-methodological approach is adopted, organized in three stages from the proposition of Possible Worlds of Galindo Cáceres (1997). First (exploration), with the use of closed questionnaires, associated with observation, field diary, photography and exploratory interview, it was possible to know the use of media devices, the maintenance of culture, traditions and Polish language in the studied community. From this contact, two families were selected for the second stage (description), when Family History was associated with techniques of ethnographic inspiration to understand how identity and memory are manifested permeated by family relationships. This stage includes the observation of these families during the transmission of Polish national team matches in World Cup, in order to understand processes of production of meaning from the sporting event. In the third and last step (Significance), data produced were analyzed by stressing concepts of identity and communicative mediations of Jesus Martín-Barbero's culture (2013). Results highlight strong religiosity of the community and show the relationship between Polish identity and family memory. The study evidenced a construction of identity that happens mainly through family relations, religion, belonging to territory and expression of Polish language. All these spaces are crossed by social uses of media, which also affect the constitution of identities of subjects.

**Keywords:** Polish identity. Memory. Mediation. Possible Worlds

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO .....	33
FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DE SÃO MATEUS DO SUL.....	51
FIGURA 3 - MAPA DAS COLÔNIAS DE SÃO MATEUS .....	59
FIGURA 4 - LIVRO DE ORAÇÕES EM POLONÊS.....	61
FIGURA 5 - IMAGENS DE N. SR <sup>a</sup> APARECIDA E CZESTOCHOWA.....	64
FIGURA 6 - BÊNÇÃO DE ALIMENTOS NA ANTA RUIVA .....	67
FIGURA 7 - BÊNÇÃO DE ALIMENTOS NA CAPELA SÃO JOÃO PAULO II .....	67
FIGURA 8 - BÊNÇÃO DE ALIMENTOS NA PARÓQUIA N. SR <sup>a</sup> DO PERPÉTUO SOCORRO .....	68
FIGURA 9 - CESTAS DE ALIMENTOS NA ŚWIĘCONKA.....	70
FIGURA 10 - CASAMENTO MARIANO E EMILIA .....	113
FIGURA 11 – SEGUNDO MAPA METODOLÓGICO DAS MEDIAÇÕES .....	186
FIGURA 12 – TERCEIRO MAPA METODOLÓGICO DAS MEDIAÇÕES.....	188
FIGURA 13 – QUARTO MAPA METODOLÓGICO DAS MEDIAÇÕES .....	189
FIGURA 13: NUVEM DE PALAVRAS DA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI (PASSO DO MEIO).....	190
FIGURA 14: NUVEM DE PALAVRAS FAMÍLIA PRZYVITOWSKI (COLÔNIA IGUAÇU) .....	191
FIGURA 15: ESPAÇOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA.....	193
FIGURA 16 – APARATOS TECNOLÓGICOS NA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI.....	201
FIGURA 17 – APARATOS TECNOLÓGICOS NA FAMÍLIA PRZYVITOWSKI.....	202
FIGURA 18 – APARATOS MIDIÁTICOS NA FAMÍLIA PRZYVITOWSKI .....	206
FIGURA 19 – APARATOS MIDIÁTICOS NA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI .....	206
FIGURA 20 –RELAÇÕES FAMILIARES E TELEVISÃO (PRZYBYSZEWSKI) .....	216
FIGURA 21 – REUNIÕES FAMILIARES (PRZYBYSZEWSKI).....	216
FIGURA 22 – REUNIÕES FAMILIARES (PRZYVITOWSKI).....	218
FIGURA 23 – TRAÇOS DA POLONIDADE NA CULINÁRIA (PRZYVITOWSKI).....	219
FIGURA 24 – ELEMENTOS ÉTNICOS NA RELIGIÃO (PRZYBYSZEWSKI) .....	225
FIGURA 25 – ELEMENTOS ÉTNICOS NO NATAL (PRZYBYSZEWSKI) .....	225
FIGURA 26 – ELEMENTOS REGIONAIS NA RELIGIÃO (PRZYBYSZEWSKI) .....	226
FIGURA 27 – RITUALIDADE NA RELIGIÃO (PRZYBYSZEWSKI).....	228
FIGURA 28 – RITUALIDADE NA RELIGIÃO (PRZYVITOWSKI).....	228

FIGURA 29 – LOCAL DE RESIDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS.....	229
FIGURA 30 – PERTENCIMENTO À COMUNIDADE (PRZYVITOWSKI).....	234
FIGURA 31 – PERTENCIMENTO À COMUNIDADE (PRZYBYSZEWSKI) .....	234
FIGURA 32 – EXPRESSÕES EM LÍNGUA POLONESA (PRZYBYSZEWSKI) .....	239
FIGURA 33 – EXPRESSÕES EM LÍNGUA POLONESA (PRZYVITOWSKI) .....	240



## LISTA DE GENOGRAMAS

-GENOGRAMA 1 - GENOGRAMA FAMÍLIA PRZYVITOWSKI.....	98
GENOGRAMA 2 - GENOGRAMA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI.....	99
GENOGRAMA 3 - ANTONIO PRZYBYSZEWSKI (1ª GERAÇÃO) .....	112
GENOGRAMA 4 - ADOLFINA PRZYBYSZEWSKI (1ª GERAÇÃO) .....	112
GENOGRAMA 5 - NÚCLEO BERNADETE E PEDRO (2ª GERAÇÃO) .....	118
GENOGRAMA 6 - NÚCLEO JANETE E ZENON (2ª E 3ªGERAÇÃO) .....	120
GENOGRAMA 7 - NÚCLEO JACINTA E MARCOS (2ª GERAÇÃO) .....	122
GENOGRAMA 8 - THADEU PRZYVITOWSKI (1ª GERAÇÃO) .....	151
GENOGRAMA 9 - ANA E IVO (2ª GERAÇÃO).....	158
GENOGRAMA 10 - IVONE E ROSEMAR (2ª GERAÇÃO) .....	159

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – ESTRATIFICAÇÃO ETÁRIA DOS INFORMANTES .....	74
GRÁFICO 2 – PERCENTUAL DOS QUE AFIRMAM SEGUIR ALGUMA RELIGIÃO ...	75
GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DE RELIGIÕES.....	75
GRÁFICO 4 - INFLUÊNCIA DA CULTURA POLONESA .....	77
GRÁFICO 5 - CONHECIMENTO DO IDIOMA POLONÊS .....	79
GRÁFICO 6 - CONTATO COM A LÍNGUA POLONESA .....	80
GRÁFICO 7 - MEIOS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADOS .....	82
GRÁFICO 8 - LOCAL DE ACESSO À INTERNET .....	84
GRÁFICO 9 - HÁBITO DE ACESSO À INTERNET.....	85
GRÁFICO 10 - TIPOS DE INFORMAÇÕES BUSCADAS NA INTERNET .....	85
GRÁFICO 11 - USO DO WHATSAPP .....	87
GRÁFICO 12 - USO DO FACEBOOK .....	87

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 – APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS E OBSERVAÇÃO .....	57
--	----

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – DADOS SOBRE OS INFORMANTES DO QUESTIONÁRIO .....	73
---	----



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
1.1 CONSTRUÇÃO DA PESQUISADORA.....	27
1.2 PERCURSO METODOLÓGICO .....	29
<b>PARTE I EXPLORAÇÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>2 IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO.....</b>	<b>38</b>
2.1 IDENTIDADE POLONO-BRASILEIRA.....	39
2.1.1 Estudos sobre a etnicidade polonesa no Brasil.....	45
<b>3 CONTEXTO DA POLONIDADE NO BRASIL .....</b>	<b>49</b>
3.1 SÃO MATEUS, A NOBREZA DA ERVA-MATE.....	51
3.1.1 Situação atual da comunidade polono-brasileira em São Mateus do Sul.....	53
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA EXPLORAÇÃO .....</b>	<b>56</b>
4.1 SUBJETIVIDADES DA COMUNIDADE POLONO-BRASILEIRA (EIXO A).....	59
4.1.1 Preparação para a Páscoa.....	60
4.1.2 Música e dança polonesa .....	61
4.1.3 Celebração de Ramos .....	63
4.1.4 Sexta-feira Santa.....	65
4.1.5 Bênção de alimentos no Sábado de Aleluia.....	66
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (EIXO B) .....	71
4.2.1 Identificação étnica a partir dos questionários .....	73
4.2.2 Consumo de mídia entre descendentes de poloneses .....	81
4.2.3 Perfil dos polono-brasileiros de São Mateus do Sul.....	88
<b>PARTE II DESCRIÇÃO .....</b>	<b>90</b>
<b>5 RELAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES ENTRE FAMÍLIA.....</b>	<b>91</b>
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA DESCRIÇÃO.....	92
5.1.1 Observações sincrônicas.....	93
5.1.2 História de família .....	94
5.1.3 Fotoetnografia.....	101
5.2 FAMÍLIAS REUNIDAS DURANTE A PÁSCOA .....	103
5.2.1 Páscoa na família Przybyszewski.....	104
5.2.2 Páscoa na família Przyvitowski.....	105
5.3 MÍDIA E COTIDIANO DAS FAMÍLIAS.....	105
5.3.1 Polônia x Senegal: a relação com o outro.....	106

5.3.2 Polônia x Colômbia.....	107
5.4 NATAL EM FAMÍLIA .....	108
5.4.1 O Natal no Passo do Meio.....	108
5.4.2 O Natal na Colônia Iguaçu.....	109
5.5 RELATO DA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI (PASSO DO MEIO) .....	110
5.5.1 Antonio e Nena: casal-base da família Przybyszewski.....	111
5.5.2 Bernadete e Pedro (2ª geração Família Przybyszewski).....	118
5.5.3 Janete, Zenon e Michely (2ª e 3ª gerações da Família Przybyszewski).....	120
5.5.4 Jacinta, Marcos e filhos (2ª e 3ª gerações da Família Przybyszewski) .....	122
5.6 FOTOETNOGRAFIA DA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI .....	125
5.6.1 Quaresma e Páscoa na família Przybyszewski .....	125
5.6.2 Cotidiano na família Przybyszewski.....	133
5.6.3 Natal na família Przybyszewski.....	144
5.7 FAMÍLIA PRZYVITOWSKI (COLÔNIA IGUAÇU).....	150
5.7.1 Thadeu (1ª geração da família Przyvitowski) .....	150
5.7.2 Ana e Ivone (2ª geração Família Przyvitowski).....	156
5.7.3 Amanda, Bruna e Camila (3ª geração da Família Przyvitowski).....	160
5.8 FOTOETNOGRAFIA DA FAMÍLIA PRZYVITOWSKI .....	163
5.8.1 Quaresma e Páscoa na família Przyvitowski .....	163
5.8.2 Cotidiano na família Przyvitowski.....	168
5.8.3 Natal na família Przyvitowski.....	174
<b>PARTE III SIGNIFICAÇÃO .....</b>	<b>183</b>
<b>6 CONSTRUÇÃO E EXPRESSÃO DAS IDENTIDADES.....</b>	<b>184</b>
6.1 MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DA CULTURA .....	185
<b>7 PROCESSOS COMUNICATIVOS EM FAMÍLIA .....</b>	<b>190</b>
7.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....	194
7.1.1.1 Ritualidades .....	195
7.1.1.2 Tecnicidade.....	199
7.1.1.3 Socialidade.....	203
7.2 RELAÇÕES FAMILIARES .....	208
7.3 RELIGIÃO.....	219
7.4 PERTENCIMENTO À COMUNIDADE .....	229
7.5 LÍNGUA .....	235
<b>8 CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>241</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>247</b>
<b>APÊNDICE A – ESTADO DA ARTE .....</b>	<b>256</b>
<b>APÊNDICE B – HISTÓRIA DA POLÔNIA .....</b>	<b>276</b>
<b>APÊNDICE C – IMIGRAÇÃO POLONESA PARA O BRASIL.....</b>	<b>284</b>
<b>APÊNDICE D – QUESTIONÁRIOS APLICADOS .....</b>	<b>293</b>
<b>APÊNDICE E – ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS .....</b>	<b>294</b>
<b>APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO .....</b>	<b>295</b>
<b>APÊNDICE G –AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....</b>	<b>298</b>

### Nota sobre a pronúncia polonesa

A grande quantidade de consoantes e alguns símbolos especiais do idioma polonês podem assustar o leitor desavisado. No texto a seguir, não há muitas palavras em polonês, mas o idioma é inevitável quando se trata dos sobrenomes, nomes de cidades e algumas expressões usadas pelos sujeitos da pesquisa. Esta breve nota busca guiar o leitor para facilitar a leitura<sup>1</sup>.

A primeira regra é que todas as palavras em polonês são paroxítonas, o que significa que a penúltima sílaba é sempre a mais forte.

Com uma grande quantidade de consoantes, algumas palavras no idioma polonês parecem impronunciáveis ou até impossíveis de ler, como os sobrenomes *Przybyszewski* e *Przyvitowski*, bastante abordados neste texto. O segredo é ter em mente que normalmente esses encontros consonantais possuem um som único – são dígrafos. O encontro de “prz” tem o som de pch, enquanto “sz” tem som de ch. *Przybyszewski* pronuncia-se pche-bê-chévsqui e *Przyvitowski* lê-se pche-vi-tóvsqui.

A língua polonesa, ainda que utilize o alfabeto latino, tem alguns caracteres especiais, que produzem sons diferentes. Como nas seguintes palavras:

- A letra “ą”, que aparece na palavra *Gorączka* (go-rôm-tika), representa o “om” em português, como em som.

- A letra “ę”, que aparece na palavra *Częstochowa*, (tiêns-to-rró-wa) traz som de “em”, como em mento ou tenso.

- A letra “ł”, que aparece na palavra *ładna* (uád-na) tem som de u.

---

<sup>1</sup> Elaborada com base na obra “Cześć, jak się masz”, de Władysław Miodunka, editora UNB, 2001



## 1 INTRODUÇÃO

Nos anos 1890, a chegada de dezenas de famílias de imigrantes a São Mateus do Sul, no sudeste do Paraná, alteraria significativamente a paisagem, a cultura e a história daquela região. Famílias de origem polonesa deixavam um país que sequer existia no mapa em busca do sonho de encontrar a terra prometida no distante Brasil. Por aqui, a mata fechada de araucárias, o descaso do governo local e a relação por vezes conflituosa com os moradores já existentes foram alguns dos desafios encontrados. A barreira linguística era só um dos aspectos que demarcava a diferença entre os povos de lá e de cá.

Em São Mateus do Sul, que à época não passava de uma colônia isolada, eles reconstruíram um pedacinho da distante Polônia para si. Sociedades-escola tornaram-se pontos de reunião social e formas de educação dos filhos. A religião católica – uma das características marcantes desse grupo étnico – era reforçada com a construção de capelas, com a vinda de padres poloneses e, principalmente, pela fé e devoção à Nossa Senhora de *Częstochowa*, rainha e padroeira da Polônia<sup>2</sup>.

Mais de um século depois dessa leva migratória, tão intensa que ficou conhecida como *Gorączka Brazylijska* – ou febre brasileira –, São Mateus do Sul ainda guarda traços marcantes dos seus colonizadores. A cidade, que por vezes reivindica o título (não reconhecido formalmente) de Capital Polonesa no Paraná, ainda preserva forte religiosidade, tradições musicais e festivas, aspectos da língua e traços da arquitetura com influência polonesa. Muitas das marcas da polonidade trazidas com os imigrantes atravessaram gerações e são vistas ainda hoje entre alguns moradores da cidade que possuem identificação com a etnia polonesa. Ao mesmo tempo, os costumes brasileiros foram sendo incorporados a esse grupo, inclusive a devoção à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

A observação das relações nessa comunidade – ainda baseada na minha vivência pessoal – e as marcas da polonidade que carrego comigo levaram a inquietações que estão na gênese desta pesquisa e que perpassam todo o texto aqui apresentado. Passados tantos anos e tantas gerações após o processo migratório, ao presenciar manifestações relacionadas à cultura polonesa, eu tinha muitas indagações sobre esse senso de polonidade ali manifestado e

---

<sup>2</sup> A imagem de Nossa Senhora de *Częstochowa* foi coroada Rainha e Protetora da Polônia pelo Rei João II Casimiro em 1652 e, em 1717, aconteceu a primeira coroação canônica por Clemente XI. <https://www.acidigital.com/noticias/polonia-dedica-2017-ao-300-aniversario-de-coroacao-da-virgem-de-czestochowa-64433>

sobre como ele se relaciona com a Polônia atual. O questionamento quanto ao que faz com que sujeitos que pertencem à terceira ou quarta geração de imigrantes tenham ainda noção de pertencimento a uma nação que sequer existia oficialmente quando seus antepassados para cá migraram foi uma das motivações para iniciar o trajeto de pesquisa. Outra questão observada era o fato de que essa noção de pertencimento muitas vezes acontecia ainda que não permanecesse o conhecimento da língua polonesa, o que levava a pensar em outros processos, além da língua, como constituintes dessa identidade cultural. Ainda que a presença polonesa em São Mateus do Sul remeta ao final do século XIX, partimos do entendimento que as identidades hoje observadas são fruto de processos de ressignificação e que, ainda que muitas vezes os sujeitos em questão busquem em fatos do passado elementos para associar à sua identidade, ao fazer isso estão na verdade produzindo novos processos de identificação. Por isso, não tratamos de manutenção ou preservação da identidade polonesa, mas de construção ou constituição, por ter a noção de identidade como algo fluido e em constante movimento e negociação. Nesse processo, a identidade polonesa dá lugar a uma identificação polono-brasileira.

Na busca pela compreensão mais aprofundada quanto aos processos que atravessam a constituição dessa identidade, a visão barberiana da comunicação trouxe contribuição fundamental, permitindo olhar a imbricação da comunicação na cultura. Portanto, ao tratar de identidade cultural voltamos a nossa atenção para o componente comunicador da cultura. O modelo de sociedade atual é marcado pela centralidade da comunicação, o que se reflete na constituição dos sujeitos (MARTÍN-BARBERO, 2013). O autor propõe uma compreensão da comunicação para além do que acontece nos meios, olhando também para outras instâncias de produção de sentidos.

Quando saio às ruas na Colômbia, vejo que as pessoas se comunicam e investem muito mais tempo na comunicação familiar, na comunicação no trabalho, na comunicação no bairro, na comunicação religiosa, na comunicação festiva, na comunicação lúdica. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 150).

A proposição barberiana inspira a um olhar diferente para os processos comunicativos relacionados à identidade polono-brasileira em São Mateus do Sul. Um olhar restrito para os meios não possibilitaria compreender como se dá esse processo sob a ótica da comunicação, ainda mais considerando que a própria comunidade estudada não percebe a sua etnia em evidência nos meios de comunicação. No entanto, quando se pensa na identidade cultural produzida nesse ambiente, a comunicação está sempre ali, evidente. Quando as

pessoas chegam à igreja para uma celebração relacionada à etnia, quando trocam informações sobre a história de família e os costumes de ontem e de hoje, quando ressignificações e sentidos são produzidos a partir do momento em que veem a seleção polonesa disputando campeonatos e repercutem em família, tudo isso é comunicação que se manifesta. E são esses momentos que nos despertam o olhar para pensar comunicação e identidade, por meio da interação, da linguagem e da produção de sentidos a partir do que se passa nos meios.

Quando da publicação da primeira edição da sua obra clássica *Dos meios às mediações*, Martín-Barbero (2015) aponta a família como unidade básica de audiência na América Latina. Da mesma forma, pela observação da comunidade estudada, a percepção foi da família como um espaço privilegiado para observação desses processos comunicativos, uma vez que as relações familiares ainda atuam como fonte de transmissão e (re)significação cultural da polonidade.

Partindo dessas concepções, a seguinte questão problema foi tomada como norteadora da pesquisa: *De que modo os processos comunicativos, especialmente os relacionados aos meios de comunicação, participam da construção da identidade polono-brasileira entre famílias descendentes de imigrantes em São Mateus do Sul?*

O objetivo geral é compreender como os processos comunicativos – sejam eles produzidos a partir da relação com a mídia ou não – atravessam a construção e ressignificação de suas identidades polono-brasileiras. Os objetivos específicos são: (1) identificar os principais processos comunicativos praticados pelo grupo polono-brasileiro, sejam eles midiáticos ou não; (2) descrever significados produzidos por esse grupo étnico a partir da relação com a mídia; (3) verificar como os sentidos produzidos por meio dos processos comunicativos atravessam a constituição das identidades polono-brasileiras e (4) mapear outras mediações que participam desse processo de construção identitária.

Ao relacionar questões de identidade e família, a problemática desenvolvida nesta pesquisa insere-se num contexto mais amplo. O debate em torno da identidade faz parte de uma transformação social que vem do deslocamento das “estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 7). As mudanças enfrentadas pelos sujeitos na modernidade, relacionadas ao seu lugar no mundo, bem como reflexões acerca da constituição das identidades culturais têm papel central nos Estudos Culturais – o que inclui também a relação com os meios de comunicação:

Seja na constituição de identidades nacionais, seja na proliferação de novas identidades culturais. Porém, o ponto de partida não é apenas a comunicação e seus efeitos na cultura e identidade nacional, mas, também, a própria problemática da identidade nacional e de outras identidades culturais, e qual a importância que as práticas relacionadas à comunicação têm na sua constituição (ESCOSTEGUY, 2010, p 145).

Com relação à identidade nacional polonesa, novos elementos têm contribuído para uma disputa simbólica dos sentidos da polonidade. O Dia da Independência da Polônia, celebrado em 11 de novembro, gerou polêmica em 2017, com a notícia de que “cerca de 60 mil pessoas participaram de manifestação nazista na Polônia defendendo uma Europa apenas para os brancos”, de acordo com o comentarista Guga Chacra da Globo News<sup>3</sup>. A repercussão negativa da marcha nacional teve resposta imediata por parte da então relações públicas do consulado da Polônia no Brasil, Katarzyna Braiter, que chamou de falsas as informações e contrapôs a visão do correspondente, afirmando que a marcha de celebração da independência agregava, inclusive, combatentes da II Guerra Mundial que lutaram contra os nazistas<sup>4</sup>. Enquanto isso, páginas em redes sociais que tratam da polonidade sob um ponto de vista humorístico, como a *Polish Memes* e *Polemical Polish Memes*, defendem um caráter polonês nacionalista<sup>5</sup>.

Momentos com esse, relembram que a identidade étnica, quando assume um caráter mais essencialista, pode também ser muito prejudicial à sociedade. Cunha (2016) destaca exemplos de quando a identidade pode levar ao inferno, como nos genocídios ou na divisão de países movidos por uma concepção essencialista das identidades, vistas como natural ou biologicamente determinadas. No entanto, ainda que as marcações das identidades sejam contrastivas desde sua gênese, não se pode imputar à questão identitária a culpa pelos inúmeros abusos cometidos entre etnias diferentes. Ainda que os exemplos de conflitos sejam mais frequentes, há momentos em que a expressão de diferentes identidades se dá de maneira pacífica.

Exemplo disso, é a reivindicação da identidade polonesa feita nos discursos oficiais do consulado para a comunidade polono-brasileira em que são exaltadas as contribuições da etnia para o desenvolvimento especialmente da região Sul do país. No dia 2 de maio de 2018, polono-brasileiros estiveram reunidos em evento oficial do consulado em comemoração pelo Dia da Bandeira, celebrado no dia 2, e do Dia da Constituição Polonesa de 3 de maio de 1791,

---

<sup>3</sup> Repercussão dada pelo correspondente da Globo News Guga Chacra em seu Twitter.

<sup>4</sup> As repostas aos comentários do correspondente também circularam no Twitter da relações públicas.

<sup>5</sup> [www.facebook.com/MemesPL](http://www.facebook.com/MemesPL) e [www.facebook.com/PolemicalPolishmemes](http://www.facebook.com/PolemicalPolishmemes)

ambas importantes datas nacionais na Polônia. No mesmo dia 2 de maio também é celebrado o Dia da Comunidade Polonesa no Exterior, nessa ocasião, o Cônsul Geral da República da Polônia em Curitiba, Marek Makowski, fez questão de, por meio do seu discurso<sup>6</sup>, integrar os presentes na comemoração, afirmando que a data também é dos descendentes de imigrantes no Brasil. Makowski também falou na ocasião sobre os valores que se entendem por cultura polonesa – apontados por ele como essenciais para a sobrevivência da Polônia durante o período estrangeiro. A irmandade e a fé foram apontadas pelo cônsul como centrais da polonidade.

Embora não sejam o foco de análise nesta pesquisa, a circulação desses conteúdos e dos casos citados acontece também entre os descendentes de poloneses em São Mateus do Sul e, por isso, o contexto em que os novos sentidos de polonidade são construídos não podem ser desconsiderados.

Ao propor um olhar sobre os processos de identificação dessa etnia no contexto atual, o estudo pode contribuir para a compreensão das comunidades contemporâneas de origem polonesa no Brasil, uma vez que a análise da produção sobre a etnia polonesa evidencia uma lacuna importante para a compreensão de um fenômeno migratório que marcou a história do Paraná – especialmente em se tratando do campo de estudos da Comunicação. A fim de melhor compreender o contexto dos estudos polono-brasileiros em que se situa a pesquisa realizei um exercício de olhar para a produção acadêmica já disponível. A pesquisa do tipo Estado da Arte, ao proporcionar o mapeamento da produção acadêmica de determinada área ou temática, contribui para a compreensão de como a temática vem sendo abordada ao longo do tempo (FERREIRA, 2002). Optando por buscar as produções *stricto sensu*, foram utilizados como bancos de dados o Catálogos de Teses e Dissertações da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>7</sup>, com buscas realizadas entre os dias 11 e 18 de janeiro de 2018, foram focadas em palavras-chave relacionadas à etnia e ao local de observação do fenômeno<sup>8</sup> e, após a filtragem inicial com a leitura dos títulos, resumo e palavras-chave para organizar resultados repetidos e tirar resultados não relacionados ao tema,

---

<sup>6</sup> As informações baseadas no discurso proferido pelo Cônsul Marek Makowski por ocasião da celebração do Dia da Constituição em Curitiba, em 2 de maio de 2018.

<sup>7</sup> Nos dois bancos de dados foram feitas buscas com os termos identidade polonesa, imigração polonesa, cultura polonesa, polonesa, polaco e polaca, além da combinação dos termos identidade e poloneses.

<sup>8</sup> Foi pesquisado o termo “São Mateus do Sul” e, a partir da leitura do resumo e das palavras-chave, selecionados trabalhos que tivessem aderência à temática.

cheguei ao total de 36 trabalhos relacionados à temática de estudo<sup>9</sup>. Duas dessas pesquisas foram realizadas em São Mateus do Sul, ambas focando a comunidade de Água Branca, uma das colônias polonesas do município<sup>10</sup>.

A análise da distribuição dos trabalhos por área de conhecimento mostra que a Comunicação está de fora deste meio. O único trabalho produzido relacionado à etnia polonesa na área da Comunicação é de Lima (2005) com a dissertação “*Tu i tam, um fotógrafo em dois tempos*”<sup>11</sup>. Ainda que esse trabalho esteja na mesma área de concentração da pesquisa aqui desenvolvida, não há muita aderência entre as duas propostas. Vale destacar que não foram identificados estudos de recepção que abordem a etnia polonesa.

Outro aspecto é a concentração desses estudos na área da História, que soma 16 trabalhos<sup>12</sup>. Embora historiadores venham se dedicando ao resgate histórico da imigração polonesa, são poucas as pesquisas que se dedicam a compreender a situação atual dos descendentes desses imigrantes, já que nas outras áreas o tema é pouco desenvolvido. Com relação à identidade, esse é um tema relativamente frequente entre esses estudos, entretanto em nenhum dos trabalhos o atravessamento da comunicação no processo de construção identitária é considerado, o que reforça a relevância desta pesquisa.

No mapeamento do Estado da Arte, também buscamos olhar para a utilização da técnica de História de Família, que se mostrou ainda pouco explorada entre as pesquisas de teses e dissertações no Brasil, sendo aplicada em apenas duas teses da área de comunicação no intervalo aqui mapeado, as de Silva (2012) e Grijó (2014).

As pesquisas coletadas durante o Estado da Arte se constituíram como referências importantes para a construção desta pesquisa, por ajudar a discutir o contexto na qual está inserida e, no caso dos trabalhos com história de família, a tomar decisões metodológicas. Os resultados completos do mapeamento são apresentados no apêndice A. De maneira geral, esses dados reforçam a importância de olhar para esse fenômeno sob a ótica da comunicação e buscando um olhar para as produções de sentido pelos sujeitos.

Ao propor a análise de como os processos comunicativos atuam em relação à memória e identidade, notamos a complexidade e as subjetividades inerentes ao processo. A

---

<sup>9</sup> Foram consideradas apenas as pesquisas sobre a imigração polonesa relativa ao final do século XIX e início do século XX, período que coincide com a colonização de São Mateus do Sul. Trabalhos referentes a fluxos migratórios posteriores foram retirados do *corpus*.

<sup>10</sup> A constituição das colônias em São Mateus do Sul será apresentada no tópico 2.7.

<sup>11</sup> A análise deste trabalho ficou restrita ao resumo, pois não foi possível o acesso ao texto completo.

<sup>12</sup> Também foram identificadas pesquisas nas áreas de Geografia, Linguística, Educação, Ciências Humanas (interdisciplinar), Ciências Sociais, Gestão Estratégica de Organizações, Meio Ambiente e desenvolvimento urbano, Patrimônio Cultural e Sociedade e Sociologia

proximidade da pesquisadora com o campo era uma das questões a serem consideradas desde o início do processo. Por isso, refletir sobre o percurso metodológico adotado, permeado por subjetividades e reflexividade fez parte do processo. A fim de definir também a minha posição de sujeito enquanto pesquisadora, apresento a seguir um breve relato da minha trajetória de pesquisadora em articulação com o tema.

## 1.1 CONSTRUÇÃO DA PESQUISADORA

As aproximações com o objeto empírico aqui analisado precedem a definição do próprio projeto de pesquisa. Meus antepassados paternos estão entre as famílias de imigrantes que chegaram para colonizar São Mateus do Sul, assim, a cultura polonesa em suas diversas manifestações esteve sempre presente em minha vida e na da minha família. A participação em celebrações e eventos da comunidade polonesa em São Mateus do Sul vieram desde cedo, normalmente com a companhia de meu pai e minha mãe, a qual embora não tenha origem polonesa, sempre esteve integrada nesse meio. Ainda criança, aprendi passos de danças polonesas no grupo folclórico. Nas aulas de língua polonesa, ministradas pelo meu próprio pai, aprendi o básico que sei do idioma. Mais tarde, participando de uma instituição cultural que tem como objetivo resgatar a cultura polonesa, acabei por me envolver ainda mais com os símbolos e sentidos construídos nessa comunidade.

Com essa trajetória, posso dizer que os primeiros conhecimentos e inferências produzidos vieram de observações a partir da minha experiência do cotidiano, já que nesse contexto surgiram as primeiras inquietações sobre o que era ser polonesa ou polaca no sul do Brasil. Também passei a buscar conhecer mais sobre a história dos descendentes de imigrantes e buscava compreender o que levava outras pessoas a reforçarem essa noção de pertencimento ao país europeu que sequer existia no mapa quando nossos antepassados emigraram.

Um marco nessa caminhada foi a realização do Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Maria, no qual desenvolvi um projeto experimental de livro-reportagem com perfis de idosos descendentes de imigrantes poloneses em São Mateus do Sul em 2012. Para a construção desses perfis, houve a adoção da técnica da História de Vida<sup>13</sup>, a fim de acessar as memórias de cada um dos perfilados. Ter o contato próximo com idosos que me recebiam em suas casas como

---

<sup>13</sup> MEIHY, J. C. S. B. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 1996.

quem recebe alguém da família me levou a olhar com mais atenção para o que as trajetórias de vida têm a nos dizer. A experiência de olhar as fotos de família, expostas nas paredes das casas dos entrevistados, conhecer os causos de infância relatados nos depoimentos e ter longas horas de conversa acompanhadas de um chimarrão marcaram também a minha trajetória. Esse trabalho me mostrou um pouco das potencialidades desse tipo de entrevista para a compreensão das relações sociais entre os descendentes de imigrantes poloneses de São Mateus do Sul.

Agora, durante o percurso do mestrado, todas as vivências relatadas, desde a infância até o trabalho de conclusão da graduação vieram à tona. A proximidade com o tema e o fato de já conhecer em alguma medida a maioria das pessoas a serem entrevistadas, ao mesmo tempo em que proporcionava a facilidade de acesso aos sujeitos, levava-me ao questionamento sobre como adequar essa proximidade ao rigor científico.

Durante as pesquisas de campo exploratórias, quando eu chegava em um ambiente para observação ou aplicação dos questionários, eram comuns as referências aos meus familiares (principalmente ao meu pai e ao meu avô, muito ligados à cultura polonesa) vindas de pessoas que já me conheciam. Por outro lado, se chegava em alguma comunidade de outra região do município, em que minha família não fosse tão conhecida, eu notava de pronto um afastamento seguido da pergunta “de que família você é?”. Essa barreira era facilmente desfeita apresentando o sobrenome e a comunidade de origem dos meus avós. Esse tipo de questionamento me levava a refletir o quanto a família é uma referência importante nesse processo de identificação.

E, se por um lado a proximidade com as pessoas da comunidade polonesa em São Mateus do Sul me proporcionaram maior acesso à intimidade das famílias, por outro havia a preocupação para que o fenômeno aqui descrito pudesse ser observado com os olhos de pesquisadora e não mais apenas a partir da observação cotidiana. Por isso, no desenvolvimento dos procedimentos metodológicos, busquei desenhar etapas com critérios que não fossem exclusivamente pessoais, mas que permitissem a pesquisadores de outras etnias ou de outras cidades realizar pesquisa semelhante.

Por fim, reconheço também que o contato com o campo, tanto o transforma quanto transforma a mim mesma enquanto pesquisadora – é nesse contato que se constrói o sujeito pesquisador – como defende Galindo Cáceres (1997) na proposição que orienta toda a constituição metodológica desta pesquisa. Recordar a minha trajetória ligada à cultura polonesa é importante para reafirmar minha posição enquanto sujeito: de pesquisadora, quinta geração de descendentes de imigrantes e polono-brasileira. Ainda assim, tenho consciência



que essa posição será muitas vezes contestada e negociada durante o processo, afinal, a pesquisadora que inicia a trajetória, não será a mesma que a termina.

## 1.2 PERCURSO METODOLÓGICO

Reconhecer as subjetividades inerentes ao processo foi um dos pontos de partida para a construção metodológica e, ao fazê-lo, de acordo com Galindo Cáceres (1997), o próprio pesquisador se torna o ponto de partida para a investigação. Uma das maneiras pelas quais o pesquisador pode conhecer a si mesmo durante o processo de pesquisa é no contato com o outro, pois “de todas as experiências possíveis que um indivíduo pode ter a mais complexa é o encontro com um semelhante” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 125)<sup>14</sup>. O entendimento, desde o início desta pesquisa, é que o trabalho de campo com sujeitos requer, durante o seu desenvolvimento, uma experiência de intimidade com o outro que deve marcar tanto a pesquisadora quanto os pesquisados. “Conhecer alguém profundamente é conhecer a si mesmo profundamente, e assim a alteridade como contexto e grande cenário também se torna explícita e transparente em seus pontos fortes e direções” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 126)<sup>15</sup>.

No contexto desta pesquisa, que envolveu a proximidade entre pesquisadora e objeto, o desenho metodológico requeria o reconhecimento das subjetividades inerentes a esse processo, de modo que a proximidade entre objeto e pesquisadora pudesse ser utilizada em favor da pesquisa, por isso, uma construção metodológica que evidenciasse o sujeito como eixo central do processo de pesquisa mostrou-se uma escolha adequada. Desse modo, chegamos à Metodologia dos Mundos Possíveis (GALINDO CÁCERES, 1997). Nessa proposição, o sujeito é elevado ao centro do processo de pesquisa e a possibilidade de reconhecer-se no semelhante é levada em conta em todas as etapas do processo de conhecimento. A proposta de organização do trabalho em três etapas distintas contribui para o desenvolvimento de estratégias e do desenho multimetodológico que permitissem observar e analisar um campo complexo e ainda pouco explorado, a partir dos dados e das reflexões em cada momento da pesquisa foi possível articular as próximas etapas de trabalho.

---

<sup>14</sup> Tradução livre do espanhol. Texto original: De todas las posibles experiencias que un individuo puede tener la más compleja es la del encuentro con un semejante.

<sup>15</sup> Tradução livre do espanhol. Texto original: Conocer a fondo a alguien es conocerse a fondo a sí mismo, y en este camino la otredad como contexto y gran escenario también se hace explícita y se transparenta en sus fuerzas e direcciones.

Além disso, a metodologia valoriza o fato de que o mapa de sentidos produzido a partir da pesquisa é apenas a minha versão do campo analisado, ou na visão de Galindo Cáceres (1997), um dos mundos possíveis. Dessa forma, destaco que o objetivo da pesquisa não é esgotar a análise sobre a identidade polono-brasileira em São Mateus do Sul, mas construir significações que podem até mesmo ser convite para mais pesquisas sobre o tema.

Para a realização desta pesquisa, o exercício de desenvolver um modelo multimetodológico de forma articulada ao contato com o campo era fundamental para que a produção de conhecimento proporcionada pudesse evidenciar a riqueza de relações proporcionadas pela comunidade familiar e desse conta da complexidade do contexto a ser analisado.

As idas a campo para observações exploratórias foram essenciais na busca pelo desenvolvimento de um arranjo metodológico que estivesse articulado com o objeto teórico e empírico (BONIN, 2004). Entre as contribuições possibilitadas pelos movimentos exploratórios estão o teste de técnicas de pesquisa, o delineamento do problema e do objeto de pesquisa e a construção do corpus (BONIN, 2008).

O primeiro desses movimentos aconteceu em 2017<sup>16</sup>, por meio de entrevistas com pessoas de duas famílias de origem polonesa em São Mateus do Sul. Em cada família, foi entrevistada uma pessoa de cada uma das três gerações às quais tive acesso. O objetivo era investigar sua autoidentificação, buscando compreender se eles se identificavam como brasileiros, poloneses, polacos ou polono-brasileiros, além de captar aspectos do consumo midiático em diferentes gerações e entender como a questão da identidade étnica atravessa a relação dessas pessoas com a mídia. Esse contato permitiu reforçar a escolha da família como célula central da pesquisa e serviu como teste inicial para a aplicação da técnica de história de família, pois ao entrevistar os participantes preferencialmente em suas residências, foi possível observar alguns aspectos da relação familiar e entender que muitas das questões que perpassam a construção da memória e da identidade não eram absorvidas pela entrevista semi-estruturada que foi adotada na ocasião. Isso deu espaço para pensar em um percurso com inspirações da História Oral e de técnicas etnográficas. Enquanto isso, a receptividade desses participantes com o estudo demonstrou a possibilidade de desenvolver a pesquisa com técnicas que exigissem maior proximidade entre pesquisadora e pesquisados.

---

<sup>16</sup> A etapa exploratória resultou no artigo “Consumo midiático e construção da identidade polonesa” (DRABESKI, 2017), apresentado no IX Encontro de Pesquisa em Comunicação.

No teste dos procedimentos, levamos em consideração a natureza das relações familiares: “A família é uma comunidade hermenêutica, estética, afetiva, de consumidores, e de poderes reticulares desnivelados que, para se tornar observável necessita de diversas técnicas e instrumentos, com destaque para o diário de campo” (JACKS e CAPPARELLI, 2006, p. 33).

A inspiração para adotar a proposição de Galindo Cáceres (1997) vem do estudo realizado por John (2014) intitulado “Mundos possíveis e telenovela: memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas”. A autora parte das proposições da “Metodologia dos mundos possíveis” e das mediações de Jesus Martín-Barbero a fim de compreender como a novela atua como mediadora do cotidiano de mulheres em situação de confinamento. A principal técnica utilizada por John é a história de vida, seguindo a proposição dos mundos possíveis, e, ao fazê-la as memórias das mulheres também são acionadas. Além da articulação entre mediações, memória e a utilização de técnica dentro da História Oral, a inspiração marcante dessa pesquisa vem da relação da pesquisadora com o campo. Primeiramente, por optar por uma longa duração da etapa de campo, que valorizasse a experiência de contato entre sujeitos; além disso, pela descrição de como os instrumentos adotados nessas experiências, como o diário de campo, contribuíram para preservação da riqueza de detalhes. O relato da relação da pesquisadora com o campo sob a perspectiva dos Mundos Possíveis me fez ver que assumir a subjetividade e a reflexividade como componentes inerentes ao trabalho desta pesquisa seria o caminho a ser traçado, ainda que a proposição de Galindo Cáceres não fosse adotada na íntegra, como abordaremos a seguir.

A história de vida é apontada na Metodologia dos Mundos Possíveis como elemento central na aproximação do sociocultural. Para esta técnica importa mais a qualidade que a quantidade, pois ainda que se trate de histórias particulares, sua complexidade representa muito mais, cada indivíduo representa em sua singularidade traços da sociedade e da cultura em que está inserido.

O contato com o outro possibilitado pela história de vida – e como defendo nesta pesquisa, também pela história de família – proporciona uma experiência marcante tanto para o pesquisador quanto para o entrevistado: “Depois da intensa experiência de intimidade, o mundo foi reestruturado. É outro, conhecimento e significado estão presentes como uma chama em carne viva” (GALINDO CÁCERES, 1997, p 126)<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Tradução livre. Texto original: después de la experiencia intensa de la intimidad el mundo se ha reestructurado. Es otro, el conocimiento y el sentido están presentes como una llama en carne viva.

Nesta pesquisa, adotei a história de família como técnica central, visto que esse é campo frutífero para compreender diversas relações, as quais incluem a transmissão de valores, condutas, recursos comunicativos de uma geração a outra, além de permitir observar, sob diferentes aspectos, relações parentais (JACKS e CAPARELLI, 2006). Além disso, o ambiente familiar pode ser um espaço rico para observar a constituição das identidades, como defende Silva (2012) ao trazer a complexidade da vida familiar como espaço de produção de sentidos, baseada numa visão da comunicação: “como um sistema de relações sociais, culturalmente mediadas por práticas comunicativas” (SILVA, 2012, p. 21), concepção que vem ancorada nos estudos de recepção latino-americanos. Como técnica situada dentro do método da História Oral, a história de família requer a adoção de normas básicas desse método para nortear a relação do pesquisador com os informantes (GONZÁLEZ, 1995).

Por isso, a proposição de Galindo Cáceres (1997) foi tão importante para o desenvolvimento desta pesquisa, por levar à reflexão sobre as formas de organização de trabalho e de relação entre o sujeito do pesquisador com os pesquisados. Na Metodologia dos Mundos Possíveis, a construção e a análise dos relatos de história de vida – aqui adaptados para história de família – são organizadas em três etapas, as quais foram adotadas nesta pesquisa e essenciais para a organização do trabalho de campo (Figura 1). Daí veio a escolha de apresentar essa pesquisa também dividida em três momentos Exploração, Descrição e Significação, cujos procedimentos serão detalhados em cada parte. Essa construção permite compreender as etapas do desenvolvimento da pesquisa, que representam a cada parte um aprofundamento do conhecimento sobre o objeto empírico.

Na **Exploração**, as técnicas adotadas são os questionários e a observação simples (GIL, 2008), associado ao Diário de Campo (GALINDO CÁCERES, 1997) e Fotoetnografia (ACHUTTI, 1997). Na **Descrição**, a técnica central é a história de família (GONZALEZ, 1995; JACKS e CAPARELLI, 2006), que pela sua necessidade multimetodológica, teve, além das entrevistas, observações com registro no diário de campo e fotoetnografia. Para a Significação, os dados obtidos no campo foram tensionados a partir dos conceitos centrais de Identidade (HALL, 2000, 2006) e a partir da noção de comunicação de Martín-Barbero (2013).

FIGURA 1 - ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO



Fonte: Elaborado pela autora, adaptação da proposição de Galindo Cáceres (1997)

Os espaços de intersecção representados na figura demonstram a relação entre as etapas da pesquisa, visto que nenhuma das três etapas é totalmente estanque e todo o desenvolvimento é marcado pela intersecção entre as três.

Ainda que na apresentação do texto as três etapas de pesquisa estejam bem delimitadas (Exploração, Descrição, Significação), é válido destacar que todas estiveram de alguma forma conectadas durante o trabalho de pesquisa, o que é representado pelos espaços de intersecção no gráfico. Por exemplo, concomitante ao trabalho de campo da exploração, as leituras teóricas ajudavam a dar a base inicial para a significação; da mesma forma, durante a descrição, em muitos momentos nos remetemos à exploração, seja mentalmente ou até mesmo durante a conversa com os sujeitos participantes da pesquisa. Os encontros entre as etapas de pesquisa que são os momentos mais importantes para produção de sentidos e compreensão do contexto analisado.

A primeira parte compreende a etapa da **Exploração**, na qual o pesquisador tem o primeiro contato com o mundo a ser investigado. Nesse momento, o conhecimento que o investigador tem sobre si mesmo e sobre o mundo à sua volta entra em jogo. “Seu

comportamento como pesquisador depende dessa estrutura de identidade e alteridade”<sup>18</sup> (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 28). A exploração é um momento marcante para o pesquisador, pois essa experiência o afeta, ao mesmo tempo em que ele próprio afeta o ambiente pesquisado. “Durante a exploração o sujeito se funde em parte com o objeto” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 28)<sup>19</sup>

Os conhecimentos sobre o sujeito e seu ambiente, bem como o conhecimento do pesquisador sobre si próprio, proporcionados pela Exploração são essenciais para a investigação. Nessa troca de sentidos entre pesquisador e objeto, ambos saem modificados. “O fragmento do mundo com o qual entrou em contato vai fazendo parte de si mesmo pouco a pouco, e sua presença é assimilada por meio de contato em um ritmo diferente e pertinente” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 27)<sup>20</sup>. Esse momento significativo é definido por Galindo Cáceres como a primeira etapa do conhecimento. “Depois dessa experiência, nada é igual, o sujeito está em contato com o objeto, tem uma certa memória do que aconteceu, certa certeza do processo, uma certa referência ao que foi anteriormente e o que é agora” (GALINDO CÁCERES, 1997, p. 27)<sup>21</sup>.

O conhecimento produzido a partir desse contato entre pesquisadora e objeto é apresentado na Parte I. O capítulo 2 apresenta as discussões teóricas sobre o conceito de identidade cultural, o qual permeou todo o processo de pesquisa. O capítulo 3 retoma o contexto da colônia polonesa em São Mateus do Sul, desde a imigração até os dias atuais, apresentando o pano de fundo onde se dá a presente pesquisa.

Na sequência, no capítulo 4, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na primeira etapa do trabalho de campo.

Na proposta metodológica de Galindo Cáceres, a exploração encerra-se quando o pesquisador obtém o primeiro relato da História de Vida dos sujeitos. Para esta pesquisa, consideramos concluída essa etapa quando foi possível ter uma observação do objeto empírico que permitisse melhor compreensão da problemática, a definição das famílias participantes da segunda etapa e o teste dos procedimentos de pesquisa. A partir dos dados da exploração, foi possível chegar à seleção das duas famílias que fizeram parte da etapa

---

<sup>18</sup> Tradução livre. Texto original: Su comportamiento de investigador depende de ese marco de identidad y alteridade.

<sup>19</sup> Tradução livre. Texto original: Durante la exploración el sujeto se há fundido en parte con el objeto.

<sup>20</sup> Tradução livre. Texto original: El fragmento de mundo con el cual ha entrado en contacto va formando parte de sí poco a poco, y su presencia se va asimilando al medio de contacto en un ritmo distinto y pertinente

<sup>21</sup> Tradução livre. Texto original: Después de esta experiencia ya nada es igual, el sujeto está en contacto con el objeto, tiene cierta memoria de lo que ha sucedido, cierta certidumbre del proceso, cierta referencia a lo que antes era y a lo que ahora es

seguinte: a família Przyvitowski (ou família da Colônia Iguaçu) e a família Przybyszewski (família do Passo do Meio), o que será detalhado no item 4.1.

A segunda parte da pesquisa é a **Descrição**, momento de observar e organizar, cujo detalhamento dos procedimentos metodológicos é apresentado no capítulo 5. “A intenção é entrar completamente na configuração externa do mundo-objeto, ou seja, sua composição, elementos e relações, e a organização de seus sentidos e significados” (GALINDO CÁCERES, 1997, p 89)<sup>22</sup>. É quando adentramos aos lares de duas famílias de origem polonesa de São Mateus do Sul, selecionadas durante a etapa de Exploração, com o objetivo de conhecer os processos comunicativos e os traços de polonidade. Na Descrição, inspirados no trabalho de Jacks e Capparelli (2006), associamos a história de família – que vai permitir conhecer os processos comunicativos, os traços de identidade e da memória em três gerações de cada família – às técnicas de inspiração etnográfica – para compreender como os fenômenos analisados se manifestam no cotidiano. Essa etapa “requer representação o mais próximo possível da composição e organização da vida; cada detalhe é relevante, pois é relevante a identificação de constantes e generalidades” (GALINDO CÁCERES, 1997, p 130)<sup>23</sup>.

A Descrição das famílias é apresentada em três aspectos: o primeiro, trata da observação da relação entre os processos comunicativos e a identidade étnica a partir de uma perspectiva sincrônica, com observações, registros fotográficos e diário de campo (que permitiu absorver as minhas reflexões sobre o campo) feitos durante a celebração da Páscoa, durante a exibição do jogo da seleção polonesa na Copa do Mundo e na comemoração do Natal (subcapítulos 5.2, 5.3 e 5.4). A escolha da Páscoa e do Natal como momentos da análise se deve ao fato de que esses são os feriados mais importantes da tradição católica – religião praticada pela maior parte da comunidade estudada e bastante relevante nas duas famílias. Já a escolha da Copa do Mundo se deve à participação da seleção polonesa nesse que é um espetáculo midiático importante, principalmente pela relação estabelecida historicamente entre o Brasil e o futebol, além da visibilidade que a participação polonesa ganhou nesse evento, despertando a atenção e o interesse das famílias. Cada jogo foi assistido junto a uma célula familiar e a ocasião permitiu observar questões que talvez não fossem acionadas no momento da entrevista.

---

<sup>22</sup> Tradução livre. Texto original: En Se pretende entrar a fondo en la configuración exterior del objeto-mundo, es decir, de su composición, de elementos y relaciones, y de la organización de sus sentidos y significados

<sup>23</sup> Tradução livre. Texto original: requiere una representación lo más cercana posible a la composición y a la organización de la vida; todo detalle es relevante, como relevante es la identificación de las constantes y las generalidades

Para entender como esses aspectos se manifestam de forma diacrônica, foram construídos relatos textuais das duas famílias, a partir de entrevistas com integrantes da família (subcapítulos 5.5 e 5.7), seguindo a proposição da História de Família (GONZALEZ, 1995). Nesse aspecto, devido ao tempo reduzido para a realização da pesquisa de campo, não foi possível entrevistar um número de depoentes que permitisse chegar a uma saturação de informações nas duas famílias, por isso, a técnica teve que ser adaptada e o relato apresenta apenas uma visão parcial da história familiar.

Também é apresentado um relato fotoetnográfico dessas famílias (subcapítulos 5.6 e 5.8), que contribui para a compreensão do cenário estudado ao demonstrar outra forma de representação do real. A opção por apresentar de forma independente o relato textual e o fotográfico vem da proposta de Achutti (2004), que defende que, para que o registro visual e o textual atuem de forma complementar os dois devem ser apresentados de maneira independente ao leitor.

Por fim, a **Significação**, o momento de síntese de todos os significados produzidos durante a trajetória. “É o mais complexo e o mais intenso porque retorna ao mundo interior com uma densidade de contato com o exterior muito profundo.” (GALINDO CÁCERES, 1997, p 79)<sup>24</sup>. Este momento é o centro de todo o curso metodológico empreendido até então. Nesta etapa, são descritos os cinco espaços identificados como essenciais para a construção e a expressão da identidade polono-brasileira: usos sociais dos meios de comunicação, relações familiares, práticas religiosas, pertencimento ao território e uso da língua polonesa. A análise desses espaços e de como os meios de comunicação atravessam cada um dos ambientes, se dá com base nos conceitos das mediações da tecnicidade, ritualidade e socialidade (MARTÍN-BARBERO, 2013)

---

<sup>24</sup> Tradução livre. Texto original: Es el más complejo y el más intenso porque se regresa al mundo interior con una densidad de contacto con el exterior muy profunda.



**Parte I**  
**EXPLORAÇÃO**

## 2 IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

A identidade cultural remete à noção de pertencimento dos indivíduos a etnias, raças, religiões e nações. Não se trata de algo determinado pelo nascimento do indivíduo, unificado e estável, mas de uma construção histórica, fragmentada e, por vezes, contraditória (HALL, 2006). Vale destacar que, a partir da visão desses deslocamentos, causados por processos como a globalização, a reflexão sobre identidade é uma das temáticas centrais dos estudos culturais, de acordo com Escosteguy (2010), por isso, a opção neste capítulo não é trazer uma revisão completa do conceito, mas demarcar o ponto do qual parte a construção da pesquisa e destacar os aspectos em que a questão da identidade se relaciona com o objeto de estudo.

Num cenário em que os indivíduos vivenciam uma experiência de deslocamento do seu lugar social, vêm à tona questões relacionadas à modernidade, globalização, gênero, raça e etnia. A relação da comunicação na constituição das identidades culturais nesse cenário de deslocamentos é uma das principais questões abordadas nos estudos culturais latino-americanos. Dessa forma, como aponta Wottrich (2014), a questão da identidade se tornou central nos estudos de recepção brasileiros, sendo um conceito bastante acionado para a compreensão da relação do sujeito com os meios.

Por isso, parte-se do entendimento de que a noção de pertencimento à etnia polonesa não se dá simplesmente pelo fato de os sujeitos serem descendentes de imigrantes poloneses, é a construção histórica o que mais importa. As mudanças ocorridas na sociedade pós-moderna ampliam as fragmentações de questões culturais que, antes, atuavam como referências sólidas para a localização do indivíduo na sociedade, e culminaram no que Hall (2006) chama de deslocamento do sujeito do seu lugar no mundo social e cultural.

Para Silva (2000), existe uma tendência à busca pela fixação da identidade, o que é, ao mesmo tempo, uma impossibilidade, pois os seus significados só podem ser estabelecidos num processo simbólico e relacional, normalmente estabelecido na relação com o outro. Como os sentidos não são fixos ou estáveis, eles são incertos e estão sempre sendo adiados. No processo de construção de uma identidade étnica, ao mesmo tempo em que existem movimentos que buscam fixar os sentidos da identidade, outros levam ao deslocamento desses sentidos da identidade (SILVA, 2000). Alguns processos de fixação e de deslocamento dos sentidos da identidade podem ser observados no objeto empírico analisado. Mitos fundadores, língua e símbolos nacionais são exemplos de forças que ajudam a criar um laço de pertencimento dos indivíduos em torno daquela nação ou daquela etnia (SILVA, 2000). O mito fundador aparece tanto na fundação do estado polaco quanto, séculos mais tarde, é

recriado na noção do Paraná como a terra prometida por Nossa Senhora de *Częstochowa* aos poloneses, criando o imaginário de uma Nova Polônia.

Como movimentos que subvertem e deslocam os sentidos das identidades aparecem os processos migratórios, o hibridismo e a possibilidade de atravessar fronteiras – físicas ou simbólicas – possibilitado pela globalização (SILVA, 2000). Os deslocamentos sempre estiveram presentes no histórico da nação polonesa, ainda antes do processo migratório que trouxe uma leva de imigrantes ao Brasil, a identidade polonesa já era ambiente do que se pode chamar de uma crise de identidade, como é tratado no Apêndice B, com a retomada da história da Polônia. A instabilidade territorial e política do estado polonês, por um lado, ampliou essa fragmentação, mas, ao mesmo tempo, reforçou os movimentos de fixação da identidade, com a busca pela recuperação da liberdade, da manutenção da língua, da religião e outros aspectos culturais. Nesse contexto, podemos apreender que os sujeitos se sentiam participantes “da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional” (HALL, 2006, p 49).

Essa ideia de nação é criada a partir do apagamento ou esmaecimento das diferenças étnicas e regionais em nome de uma identificação comum, que permita a todos se reconhecerem como pertencentes àquela cultura nacional (HALL, 2006). Desta forma, embora existam muitas diferenças culturais e históricas em cada região de um país, torna-se possível identificar-se com uma ideia de polonidade, até mesmo quando se está fora das fronteiras políticas da nação. É o que Benedict Anderson (1983), citado por Hall (2006), chama de "comunidade imaginada", ou seja, histórias, memórias e imagens que ajudam a construir a ideia da nação. A mídia, a história, a literatura e até mesmo a cultura popular contribuem para a construção dessa ideia de nação que é compartilhada pelos indivíduos.

No entanto, mais do que essa unidade imaginada, os jogos de poder e exclusão são importantes para a construção discursiva de uma identidade. Ou seja, a identidade é “mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica”. (HALL, 2000, p.109). Essas questões vêm à tona ainda mais fortemente quando da saída dos poloneses da sua nação.

## 2.1 IDENTIDADE POLONO-BRASILEIRA

A migração reforçou a crise da identidade para esses sujeitos. Se poderia haver identidades contraditórias atuando no indivíduo antes desse processo, o contexto da migração

fragmentou ainda mais esse cenário. No contexto da Comunidade Polaco-Lituana e da Tríplice Partilha os indivíduos podiam conviver com identidades contraditórias, mas a fragmentação e as contradições tornaram-se constantes para o sujeito pós-moderno: “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).

Quando ocorreu a migração para o Brasil, o contato dos poloneses com os brasileiros reforçou as questões de identidade relacionadas à diferença. E essa relação com o outro – como já abordado pela visão de Silva (2000) – é essencial para estabelecer a posição de identidade do próprio grupo de imigrantes poloneses. “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p. 14). Dizer “sou polonês”, também implicava dizer “não sou brasileiro” e isso não quer dizer que os imigrantes poloneses e seus descendentes negassem – ou neguem hoje – a nacionalidade e a identidade brasileiras, mas que, em dados momentos, para sua posição de sujeito pode ser interessante reforçar essa identidade, enquanto em outros momentos eles podem reforçar seu pertencimento à ideia de nação brasileira. A trajetória dos imigrantes poloneses é retomada no apêndice C, que retoma o contexto em que acontece a migração e as condições dos primeiros colonos poloneses no Brasil.

Outro aspecto relevante ao abordar a questão da identidade é que esta adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais ela é representada (WOODWARD, 2000). Nas décadas posteriores ao processo migratório, esses grupos partilhavam do mesmo local e de aspectos da vida cotidiana. No entanto, havia sistemas representacionais que evidenciavam as diferenças entre os dois grupos. Um deles era a religião, como expressam essas anotações relativas aos fiéis de São Mateus do Sul. “Os poloneses não queriam receber na paróquia doações dos brasileiros, pois desejavam manter-se equidistantes dos mesmos e desejavam ter sua própria paróquia” (WACHOWICZ, 1974, p. 87). O motivo da separação devia-se ao fato de os polono-brasileiros não considerarem adequado o comportamento dos brasileiros na igreja.

Essa diferenciação simbólica traz resultados também de cunho social e é vivenciada na prática por meio de separações sociais: “A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído” (WOODWARD, 2000, p. 14). Nas relações sociais, a diferença ficava evidente com o preconceito sofrido pelos poloneses ou polacos principalmente nas primeiras décadas pós-imigração (DOUTSDAR, 1990; BUENO, 1996; IAROSCHINSKI, 2010). Uma possibilidade a ser discutida sobre essa questão é que a diminuição da diferenciação simbólica com o passar

dos anos pós-imigração e pela consequente hibridização, pode ter ocasionado a diminuição da diferenciação social, o que faz com que este preconceito já não seja mais tão evidente.

Ainda que este trabalho não traga a problematização dos papéis de gênero, é importante ter em mente que as identidades nacionais são frequentemente construídas a partir de uma concepção de masculinidade e o papel construído para mulheres é, muitas vezes, designado por homens. Enquanto algumas diferenças, como entre etnias, são reforçadas pelos sistemas de representação simbólico, outras diferenças, como as de classe e de gênero, parecem ser apagadas nessa representação da identidade nacional (WOODWARD, 2000). A evidência de que a identidade étnica polonesa construída no Brasil é masculinizada aparece na análise do conhecimento produzido em pesquisas sobre a etnia. Embora muitos estudos tratem da questão da identidade, são raras as pesquisas que buscam observar as diferenças de gênero dentro dessa identidade. Em uma das pesquisas que trata dessa questão, Delong (2016) aponta para o papel ativo da mulher na sociedade polono-brasileira, que contrasta com o baixo reconhecimento da figura feminina nessa mesma sociedade.

Outro aspecto a ser observado na construção da identidade étnica é sobre como esses sujeitos relacionam-se com o passado:

A história é invocada de forma primordial na constituição de uma identidade étnica. Fazer parte de uma comunidade étnica é uma declaração pública de que se compartilha com outros membros dessa comunidade, em maior ou menor grau, parcialmente ao menos, uma história comum (CUNHA, 2016, p. 45).

Na sequência será abordada a questão da comunidade étnica (item 2.1.1). Primeiro, temos que considerar a impossibilidade de tratar da preservação da cultura ou da identidade polonesa, uma vez que nunca existiu um significado fixo ou unificado, mas esse esteve em constante disputa. Por isso, só faz sentido pensarmos na identidade polonesa nessas famílias como algo fragmentado e em construção. As identidades, assim, devem ser vistas como condicionais, “multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições” (HALL, 2000, p. 108). No entanto, essa construção, muitas vezes remete ao passado “há a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade” (HALL, 2006, p. 53). Por isso, ao tratar de identidade, o papel dos antecedentes históricos também deve ser levado em conta. Por vezes, os indivíduos podem buscar a sua identidade étnica no passado e, ao fazê-lo, passam a produzir uma nova identidade (HALL, 2000).

A relação com o passado se dá muitas vezes por meio da tradição, uma espécie de cordão umbilical que atua conectando o passado e o presente. Trata-se de um mito que tem a

capacidade de “moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas coisas e dar sentido à nossa história”. (HALL, 2009, p. 29). Essa construção contínua e fragmentada pode culminar na **invenção da tradição**, conceito de Hobsbawn e Ranger, retomado por Hall (2006) para compreender esse fenômeno, pois muitas vezes os costumes e práticas tidos como muito antigos e tradicionais, podem, na verdade, ser recentes, mas para os quais se cria uma sensação de conexão com o passado através da prática e da repetição.

Durante a pesquisa de campo, nem sempre é possível saber se as tradições ali descritas pelas famílias são tradições inventadas ou se realmente remetem a um passado longínquo, da mesma forma, não é possível atestar que todas as práticas apresentadas pelos sujeitos como trazidas pela imigração polonesa são de fato relacionadas a essa etnia, tampouco cabe neste estudo esse tipo de comparação ou comprovação, o mais rico e interessante é analisar as apropriações e os sentidos dados por eles a essas práticas.

A relação entre identidade e memória se faz presente no decorrer de todas as etapas dessa pesquisa. Não podia ser diferente, uma vez que identidade e memória são questões indissociáveis (CANDAU, 2012). Para além disso, trabalhar com informantes idosos reforça o papel da memória no desenvolvimento da pesquisa, uma vez que os sujeitos mais velhos têm especial inclinação para lembrar e reviver os momentos do passado (BOSI, 1994).

“A memória é, de fato, uma *força de identidade* (grifo do autor)” (CANDAU, 2012, p 17). Essa relação aparece conjugada na produção de narrativas, mitos e trajetórias de vida e nas estratégias identitárias dos indivíduos, que estabelecem escolhas a partir de um repertório flexível de registro memorial (representações, crenças, saberes, etc) (CANDAU, 2012).

Candau (2012) também traz uma problematização do conceito de memória coletiva, e, por consequência, do próprio conceito de identidade cultural aplicada a um nível grupal. A memória pode se manifestar de diversas formas, sendo que a memória de baixo nível - aquela que corresponde aos saberes compartilhados em sociedade – só diz respeito ao indivíduo, não se repete em sociedade. Com isso, o autor defende que não é possível falar de tradições ou hábitos relativos à determinada sociedade, pois são os indivíduos que mantêm as memórias sobre aquelas práticas. O que acontece é que, membros de uma sociedade adotam hábitos e costumes que se tornam dominantes e majoritários, passando a ser considerados como características da sociedade em questão.

É importante ter em mente que a ideia da cultura nacional como unificadora é uma forma de poder cultural. Mesmo a ideia de etnia como algo unificador de um povo ou nação precisa ser questionada, já que ela tem o papel de um mito. “A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia.

As nações modernas são, todas, híbridos culturais” (HALL, 2006, p. 62). A demonstração do povo como híbrido cultural vai permear todos os momentos da história da presença polonesa em São Mateus do Sul e, de maneira significativa, os relatos produzidos a partir do contato com o campo.

No contexto dos descendentes de imigrantes, ao falar de identidade polonesa – ou polono-brasileira, que se mostra mais adequada ao caso – o foco é numa identidade étnica.

Cunha (2016) ao trazer reflexões sobre a identidade étnica questiona a ideia de autenticidade que acompanha etnias, uma noção fundamentalista que é acionada em certos momentos, como nos casos de xenofobia e até mesmo genocídios. A noção da identidade étnica surgiu como contraposição à raça, já que a primeira trazia a noção de algo biologicamente determinado, enquanto para a etnia o que importa é a formação cultural. No entanto, existe ainda uma ideia de naturalização da cultura que ignora que os indivíduos transitam entre diferentes identidades étnicas e busca tratar da etnia como algo gravado em nossos genes, uma identidade única a qual seria possível resgatar.

Ao adotar a noção da identidade do sujeito pós-moderno de Hall (2006), fragmentada e em constante negociação, este trabalho rompe também com a noção fundamentalista da identidade étnica, assumindo a noção de identidade híbridas, mestiças, como será apresentado nos capítulos a seguir.

Pensando a partir da constituição da identidade étnica, o processo de imigração e adaptação dos poloneses em solo brasileiros levou a um processo de identificação que pode ser dividido em três etapas, como apresenta Siuda-Ambroziak (2017). Num primeiro momento, que vai desde a imigração até a política de nacionalização de Vargas:

O objetivo principal dos imigrantes poloneses naquela época era preservar a identidade polonesa da forma mais original possível por meio da “pureza de sangue”, da religião católica, do conhecimento da língua, das tradições polonesas, da culinária e até da arquitetura típica do país de origem, transmitindo-as intactas, sem modificações, às novas gerações (SIUDA-AMBROZIAK, 2017, p 24).

Nesse período afloraram as escolas, associações e as capelas polonesas, servindo como ponto de referência e de ponto de encontro da comunidade. Esse é o cenário encontrado em São Mateus nas primeiras décadas pós-imigratórias e descrito no item 3.1.

Já o processo de nacionalização levou ao fechamento das escolas étnicas e os descendentes de imigrantes precisaram aprender a língua portuguesa, como condição de subsistência, como aparece inclusive nos relatos das primeiras gerações das famílias

pesquisadas (itens 5.5.1 e 5.7.1). Esse período também foi marcado pelos processos de urbanização, modernização e industrialização.

As gerações dos poloneses nascidos depois dos anos 40 já não davam tanta importância ao conhecimento da língua polonesa. Alguns até ocultavam suas raízes étnicas para se enquadrar melhor ao ambiente brasileiro, afastando-se das tradições e costumes dos seus antepassados e não transmitindo-as aos seus filhos (SIUDA-AMBROZIAK, 2017, p 27).

Como será apresentado nos relatos das famílias, os sujeitos entrevistados não relatam momentos em que chegaram a ocultar suas raízes étnicas, ainda assim, houve períodos em que tiveram de abdicar da língua ou das tradições polonesas para se inserir na sociedade local.

Um novo marco nos processos identitários se deu com a escolha do papa polonês João Paulo II em 1978, que dá início à terceira fase de identificação. Essa fase também é marcada pelas mudanças sociais, políticas e econômicas na Polônia, com sua redemocratização em 1989 e entrada na União Europeia em 2004. O relacionamento entre as autoridades polonesas e os descendentes de poloneses no Brasil se estreitou, surgiram instituições que buscavam valorizar a presença polonesa. “Assim, os brasileiros de origem polonesa receberam um novo alento para cultivar as tradições étnicas” (SIUDA-AMBROZIAK, 2017, p 28). Um pouco dessa etapa aparece no item 3.1.1, mas a terceira fase da constituição da identidade polono-brasileira perpassa todo o contexto da pesquisa.

Outro ponto é diferença da identidade étnica observada entre os polono-brasileiros e os poloneses que vivem na Polônia:

A identidade étnica dos polono-brasileiros não somente é diferente da identidade dos poloneses, mas também tem todo o direito de ser diferente por causa dos sincretismos e hibridismos locais, abraqueiramentos, adaptações regionais e locais. Assim, a identidade étnica dos polono-brasileiros pode parecer para os poloneses da Polónia como se fosse “do outro lado do espelho”. (SIUDA-AMBROZIAK, 2017, p. 15)

Por isso, falar dessa identidade no contexto atual, remete à ressignificação, já que as identidades não são apenas herdadas, elas são continuamente tensionadas e ressignificadas por diversos processos que participam da vida dos sujeitos da pesquisa.

Entender os contextos em que se dão as ressignificações dos sujeitos é fundamental para a compreensão da presença polonesa no Brasil. Nesse sentido, articular o conhecimento do campo com pesquisas relacionadas a esse grupo étnico dá pistas de formas como os descendentes de imigrantes poloneses se organizaram no novo país.



### 2.1.1 Estudos sobre a etnicidade polonesa no Brasil

Ao falar da identidade étnica, acionamos também o conceito de etnicidade. Como explica Budakowska (2014), o conceito surgiu na Escola de Chicago, inicialmente tratada como uma minoria cultural dentro do Estado nacional. Muitos dos trabalhos desenvolvidos a respeito trabalham a etnicidade como sinônimo de grupo étnico, considerando uma atuação coletiva de acordo com as características culturais marcantes. Assim, os estudos de etnicidade acabavam reduzidos a práticas culturais específicas, como traços arquitetônicos e rituais como de nascimentos e casamentos. No entanto, o conceito de etnicidade sofreu desconstrução ao longo de tempo:

Na sua forma primária, o conceito de etnicidade estava fortemente ligado ao grupo étnico, dando-lhe o poder da atribuição objetiva. Com o passar do tempo e da acumulação de resultados de pesquisas empíricas no discurso acadêmico, via-se mais frequentemente o papel dos fatores subjetivos no fazer da etnicidade um sujeito de identificação que permite interpretar os comportamentos individuais. (BUDAKOWSKA, 2014, p. 51).

A etnicidade é sempre contrastiva, o que também requer a visão de várias dimensões para compreender em que circunstância a etnicidade aflorou, uma vez que a etnicidade “só é mobilizada em circunstâncias histórias específicas, ou seja, em certos contextos sociais e políticos” (CUNHA, 2016, 46).

Ainda que esse não seja o foco do trabalho, já que a opção é focar na identidade cultural dos sujeitos, retomar alguns estudos sobre etnicidade ajuda a compreender o cenário em que se dão as identidades polono-brasileira.

Seyferth (1986) analisa a etnicidade de italianos, alemães e poloneses que se estabeleceram no Brasil no século XIX. Embora cada um desses grupos étnicos tenha suas características e diferenciações entre si, em comum trazem o fato de terem desenvolvido suas identidades como diferenciação à população brasileira. Os três grupos reuniam-se como colonos estrangeiros.

O isolamento das colônias levou à formação de núcleos por um período relativamente longo levou à formação de, “em muitos casos, núcleos coloniais etnicamente homogêneos, com uma introdução posterior de imigrantes de outras origens, mas sempre em número menor” (SEYFERTH, 1986, p. 58), Juridicamente, os imigrantes poderiam obter a

cidadania brasileira por naturalização, enquanto os seus filhos, do ponto de vista jurídico, eram brasileiros. No entanto, nas suas colônias, faziam práticas religiosas, estudavam e frequentavam sociedades recreativas na sua língua materna. Muitas vezes, o próprio diretor da colônia, que seria a autoridade local, era estrangeiro. Por isso, a cidadania jurídica não era o fator determinante para a identificação étnica dos sujeitos. Somente quando o governo e políticos passaram a ver como perigosa a imigração com núcleos homogêneos etnicamente na região Sul que eles passaram a alterar a lei imigratória, incluindo sujeitos de origens diversas e elementos nacionais (SEYFERTH, 1986).

O desenvolvimento econômico das colônias também quebrou um tanto do isolamento. Mas, no caso de São Mateus do Sul, é possível admitir que esse isolamento demorou mais a ser quebrado, devido à distância geográfica considerável, por isso, o desenvolvimento econômico também não veio tão depressa e esse isolamento demorou a ser quebrado do que outras regiões mais próximas de grandes centros.

As identidades étnicas, embasadas pelas ideias de “germanidade”, “italianidade” e “polonidade” aparecem no confronto entre imigrantes (e seus descendentes) e a população dita luso-brasileira, num momento em que uma nova legislação imigratória entra em vigor, modificando a composição étnica das colônias, e em que o governo (uma entidade até então ausente ou distante) passa a interferir diretamente sobre as instituições comunitárias e a cultura étnica dos colonos (SEYFERTH, 1986, p. 59).

Foi com o Estado Novo de Getúlio Vargas, na década de 1930, e sua campanha de nacionalização que as ideias assimilacionista do governo brasileiro entre em choque com os valores nacionais preservados pelos colonos (SEYFERTH, 1986).

Língua e cultura, que atuam como valores da etnicidade, foram perpetuadas por meio da escola, da igreja e do lar. A associação da fé e etnicidade foi mais forte no caso polonês, servindo inclusive de ponto de diferenciação para os brasileiros. Também a publicação de periódicos e criação de sociedades recreativas também foram importantes como marcos da identidade étnica (SEYFERTH, 1986).

Ainda que durante a nacionalização, a língua polonesa (assim como alemã e italiana) tenha sido proibida, tenham sido fechadas instituições comunitárias, jornais e gráficas que tivessem característica étnica, o resultado não foi a exclusão dessas etnicidades do cenário brasileiro.

A extinção das instituições da comunidade teve como consequência apenas a atualização das identidades étnicas sob nova forma. O uso cotidiano das línguas alemã, italiana e polonesa foi, em parte, substituído pelo uso “familiar”, isto é, pela

utilização da língua materna no lar. E este “uso” transforma a língua em elemento de identificação étnica. [...] A “cultura étnica”, dentro das concepções locais tem como último reduto a esfera familiar, mas ainda é considerada um elemento de identificação importante. (SEYFERTH, 1968, p 69)

No contexto contemporâneo a etnicidade emerge em novas formas, num cenário marcado por diversas relações entre continuidade e mudança. Ao analisar a etnicidade polonesa no Brasil no cenário atual, Budakowska (2014) assinala o fato de as comunidades contemporâneas de origem polonesa no Brasil terem perdido sua concentração territorial e coesão social. Por isso, a expressão do pertencimento a essa etnia hoje se dá de maneira seletiva e individual.

A etnicidade polonesa desenvolve-se através dos recursos aos símbolos materiais e imateriais relacionados com a origem polonesa que frequentemente se entrelaçam uns com os outros em suas múltiplas manifestações criando o símbolo mais universal que liga o passado ao presente. O fenômeno da construção de novos símbolos da etnicidade polonesa no Brasil foi-se intensificando, particularmente ao longo das duas últimas décadas. (BUDAKOWSKA, 2014, p 147)

Entre os novos símbolos da etnia polonesa no Brasil, a autora destaca o papel do setor não governamental, com realizações como da Braspol, cuja inspiração vem tanto dos recursos históricos quanto do contato com a Polônia atual. “A presente atuação étnica dos brasileiros de origem polonesa tornou-se um fator de procura, enriquecimento, restauração e criação de marcas da presença polonesa no Brasil” (BUDAKOWSKA, 2014, p 148).

O trabalho de Budakowska, que fez uso de observação empírica para analisar o fenômeno da etnicidade entre os grupos poloneses modernos no Brasil enriquece sobremaneira o debate sobre a presença polonesa no Brasil. Ao analisar o componente polonês no sincretismo cultural brasileiro, abre espaço para pensar as expressões atuais da identidade polonesa ou polono-brasileira dos indivíduos com hífen, que é a forma como ela se refere aos sujeitos que trazem essa hibridação cultural já em sua denominação. Nesse cenário, Budakowska (2014) aponta que a expressão identitária também está pautada pelo desejo de se mostrar diferentes dos demais naquele ambiente. Ou seja, os polono-brasileiros do contexto contemporâneo buscam formas de se diferenciar daqueles que não têm essa marca étnica por meio, por exemplo da arquitetura, em expressões que marcam a memória paisagística; ou por meio de monumentos, portais e obeliscos, que marcam a memória pública. Todas essas são formas de se expressar e se diferenciar frente ao sincretismo brasileiro.

O foco do desenvolvimento das reflexões da autora se dá nas atividades da Braspol, com núcleos espalhados por diversas cidades, inclusive São Mateus do Sul. É fato que a

atuação dessa organização marcou a construção da identidade polono-brasileira na região, assim como de outras instituições étnicas no município, como o Grupo Folclórico Karolinka e a Associação Cultura Polônica Marcelo Janowski (Cepom).

No entanto, ainda que se reconheça a importância dessas instituições para as marcas polonesas e para a discussão sobre etnicidade, a opção neste trabalho foi centrar o olhar sobre o que escapa ao âmbito dessas instituições. Estudos relacionados a outros espaços de expressão da etnicidade ou da identidade polono-brasileira também foram consultados para o desenvolvimento do trabalho e estão elencados no apêndice A, com a retomada dos estudos sobre a etnia polonesa. A partir do conhecimento acumulado por outras pesquisas e também pelo olhar para o objeto, buscamos pensar nos espaços do cotidiano que são usados para manifestação de pertencimento à polonidade. E quais são as formas de expressão encontradas por esses sujeitos para demonstrar-se como pertencente a esse grupo étnico.

Para trazer essas questões para o debate, no capítulo a seguir, os sentidos da polonidade são retomados, desde a partilha da Polônia, até a imigração para o Brasil e colonização de São Mateus do Sul. Na sequência, são apresentadas algumas marcas da polonidade no contexto atual do município.

### 3 CONTEXTO DA POLONIDADE NO BRASIL

O que é ser polonês? Para responder a essa pergunta – ou ao menos estar em condições de construir inferências para chegar a uma resposta plausível – precisamos retomar aspectos da história polonesas e entender as bases nas quais se assentam os sentidos da “polonidade”. A própria história da Polônia – marcada por momentos épicos, muitas histórias de tragédias e superações que são passadas de geração a geração – já traz elementos suficientes para criar uma narrativa em torno do que é ser polonês.

Para compreender o contexto da imigração polonesa, retomamos alguns dos fatos marcantes da história e da cultura do Estado polonês, desde a constituição da Comunidade Polaco-Lituana até a Tríplice Partilha, período em que ocorreu o auge da imigração para o Brasil (apresentados com mais detalhamento no levantamento bibliográfico no Apêndice B). A partir desse contexto histórico, é possível perceber que a identidade polonesa já estava em crise ainda antes dos imigrantes aqui chegarem.

No período áureo que antecedeu a Tríplice Partilha da Polônia e seu sumiço do mapa mundial, a Polônia formava um império irmão com a Lituânia, a chamada Comunidade Polaco-Lituana, a qual era composta por diversas etnias. Isso leva a considerar que a identificação com a nação polaca também fosse uma negociação constante: os sujeitos poderiam defender posições étnicas de acordo com a situação de interesse naquele momento, podendo identificar-se com etnias diferentes de acordo com a circunstância.

Quando acontece o auge do fluxo polonês para o Brasil, o estado polonês não existia no mapa, era um território dividido entre Rússia, Prússia e Áustria. Mesmo com o domínio estrangeiro por mais de um século, “a nação polaca sobreviveu, ainda que numa forma algo modificada e em constante mutação. A **polonidade** (grifo do autor) tornara-se uma condição que se definia a si própria” (ZAMOYSKI, 2010, p 233). A sobrevivência da nação polonesa nesse contexto adverso teve relação com a fé, a esperança e o apego à própria polonidade (ZAMOYSKI, 2010).

O que se seguiu no período de instabilidade e luta pela liberdade foi a criação de uma identidade nacional que se destaca dos demais países do Leste da Europa. De acordo com Soulet (2006) a consciência nacional das populações que viviam nas fronteiras ocidentais do Império Russo<sup>25</sup> entre os anos 1830 e 1840 parecia ter se desenvolvido pouco. A exceção era

---

<sup>25</sup> Foram anexados às fronteiras russas a Estônia, a Livônia, a Finlândia, a Bessarábia e os territórios da Curlândia, a Podólia e Volínia, anexados durante as partilhas da Polónia (SOULET, 2006)

o estado polonês, onde o autor aponta como fatores para o desenvolvimento de uma identidade nacional o fato de serem: “dominados pela recordação da passada grandeza do seu Estado, estreitamente unidos na sua fé católica e fortemente apoiados por uma diáspora activa e poderosa” (SOULET, 2006, p. 16).

Com o país ainda sob domínio estrangeiro, houve grande fluxo de migração de poloneses para o Novo Mundo. Entre os anos de 1871 e 1914, o Brasil recebeu o total de 104.196 poloneses, dos quais a maioria se estabeleceu no Paraná, totalizando 41.646 imigrantes poloneses. Mesmo que carregados do sentimento de polonidade, os imigrantes poloneses chegaram ao Brasil sem bandeira que os representasse após as sucessivas partilhas do seu território.

A adaptação no país estrangeiro tampouco foi fácil. As diferenças culturais se traduziram em conflitos e preconceitos que remontam à xenofobia e foram analisados em pesquisas desenvolvidas sobre a etnia. Exemplos são os trabalhos de Doutsdar (1990) que trata da relação com os imigrantes poloneses no processo de desapropriação das terras da colônia Tomaz Coelho, em Araucária, e afirma que o processo foi marcado pelo preconceito contra os poloneses já existentes na sociedade local.

A pesquisa de Bueno (1996) trata dessa adaptação a partir da perspectiva feminina. A autora analisa os padrões comportamentais das mulheres polonesas em Curitiba por meio de fontes oficiais e entrevistas com mulheres descendentes, sendo possível constatar a existência do arquétipo da polaca como estereótipo da mulher desviante e desqualificada.

Outra pesquisa é a de Iarochinski (2010) que debate a denominação da etnia: polaco ou polonês, a partir do resgate histórico de termos depreciativos com que os imigrantes provenientes da Polônia foram tratados desde a chegada no Brasil, que culminaram na eliminação do uso comum do termo polaco para a adoção do “polonês”, de origem francesa.

Esses trabalhos e a literatura existente sobre o tema (apresentada de forma mais detalhada no Apêndice C) contribuem para compreender o contexto em que se desenvolve a noção de polonidade no Paraná, o que se torna essencial para compreender a comunidade polono-brasileira de São Mateus do Sul.

### 3.1 SÃO MATEUS, A NOBREZA DA ERVA-MATE

O município de São Mateus do Sul está localizado na região Sudeste do Paraná, a 140 km da capital Curitiba. Com população estimada em 2018 de 45.806 pessoas (IBGE, Censo Demográfico 2010), foi marcado pela colonização polonesa no final do século XIX.

Ainda antes da chegada dos poloneses, o local foi espaço de pouso e de apoio às bandeiras militares. Mais tarde, houve a tentativa de fixar ali uma colônia de imigrantes espanhóis, que não se adaptaram à região. Em 1855, chegaram à região os alemães, em busca de petróleo na região (DALCOMUNI, 2015). Algumas localidades do município, como Passo do Meio, Potinga e Taquaral do Bugre, entre outras, foram também marcadas pela presença tropeira, pois eram cruzados por um dos caminhos das tropas, a chamada Estrada de Palmas (MOREIRA, 2006, DALCOMUNI, 2015).

FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DE SÃO MATEUS DO SUL



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu, Wikimedia Commons

Marco importante para o povoamento do município foi a demarcação das colônias polonesas por Saporski, em 1890. Durante o período da febre brasileira, no Paraná, foram instaladas duas Comissões Colonizadoras – uma no vale do rio Iguaçu e outra na região de Rio Negro – que deram início a colônias polonesas, inclusive a de São Mateus e Água Branca (comunidade hoje pertencente ao município de São Mateus do Sul). No período compreendido entre 1890 e 1893, São Mateus recebeu 1.225 colonos poloneses e a Água Branca outros 685. A cessão dessas terras aos poloneses e a demarcação de colônia se deu em função do trabalho de Sebastião Wos-Saporski, considerado o Pai da Imigração Polonesa, que

recorreu ao imperador para conseguir um espaço onde instalar seus conterrâneos (GLUCHOWSKI, 2005).

E os colonos instalados em São Mateus, na década de 1920 demonstravam uma animação em si e tinha um jeito próprio, valentão e loquaz, a despeito do isolamento e das dificuldades que enfrentaram até receberem seu pedaço de terra. Ficaram por muito tempo instalados em barracas. Foram ainda assolados por uma enchente, que os obrigava a atravessar trechos com água até o pescoço para chegar até a comissão colonizadora. Não bastando essas agruras, ainda sofriam com a má administração local, somente quando a administração foi passada a Saporski e a paróquia foi assumida pelo padre Ladislau Smolucha houve alguma melhora (GLUCHOWSKI, 2005).

A Revolução Federalista também marcou profundamente as colônias da região, já que ali se reuniu um destacamento chamado “Batalhão Polaco”, que reunia 400 homens (300 dos quais eram polacos) sob o comando de Antônio Bodziak. As consequências da participação dos colonos são-mateuenses que se aliaram às tropas federalistas foram desastrosas. Apenas seis dos poloneses combatentes voltaram a São Mateus, diminuindo consideravelmente a mão de obra e levando a retaliações aos familiares dos combatentes. Entre os mortos estava Jan Kozminski, professor vindo da Polônia com a missão de lecionar para os colonos são-mateuenses (DRABESKI, 1997).

Essas dificuldades não foram o bastante para frear o colono na construção da cidade. Em 1924, quase todo o comércio e outros negócios estavam em mãos polonesas. Nas quatro colônias instaladas por ocasião da febre brasileira (Cachoeira, Canoas, Iguazu e Taquaral<sup>26</sup>), estavam cerca de 350 famílias. No entanto, os poloneses já se espalhavam por outras localidades e avançavam em direção à Água Branca, totalizando 250 famílias, já nascidas no Paraná. São Mateus já mostrava seu potencial produtivo de erva-mate e os colonos poloneses logo se ambientaram a essa produção, sendo os primeiros poloneses a aprenderem a beneficiá-la, “introduzindo para a fabricação a erva uma série de aperfeiçoamentos, como os moinhos de Madzgalla ou de Nadolny, o sistema de Flizikowski, o novo tipo de secado denominado barbaquá, etc” (GLUCHOWSKI, 2005, p. 66). Assentados em suas plantações de erva-mate, os colonos poloneses de São Mateus em 1924 viam o futuro com otimismo – e também com certo orgulho, podendo ser denominados como “nobreza da erva-mate” (GLUCHOWSKI,

---

<sup>26</sup> No documento histórico disponível no Arquivo Público do Paraná (Nº de referência 0876) com registros da distribuição dos terrenos feitas pela Comissão de Terras e Colonização do Vale do Rio Iguassu, há referências às terras entregues aos colonos localizadas no quadro urbano e nos núcleos Iguassu, Taquaral, Cachoeira e Canoas. Água Branca era então considerada uma colônia separada de São Mateus.



2005, p. 66). Ainda que São Mateus contasse com duas escolas na cidade (Casimiro Pulaski e a Escola das Irmãs de Caridade) não havia grande interesse da população em instrução. A igreja da cidade era dividida entre poloneses e brasileiros.

### 3.1.1 Situação atual da comunidade polono-brasileira em São Mateus do Sul

Embora a pesquisa esteja relacionada a um fenômeno migratório, esse aconteceu há mais de cem anos. Atualmente, não há fluxo migratório de outros países para São Mateus do Sul, o que é notável pelo dado do censo que aponta que 41.257 são-mateuenses têm origem brasileira nata. Desses, 40.563 pessoas nasceram na região Sul do país (IBGE, 2010).

Passados mais de cem anos da vinda dos imigrantes poloneses para São Mateus do Sul, faz sentido falarmos de identidade polono-brasileira nesse contexto? A polonidade persiste no contexto atual? E, se sim, como essa se manifesta? Para responder a esses questionamentos, neste tópico é apresentado um breve relato sobre a comunidade polono-brasileira na região nas últimas décadas, a fim de obter subsídios para entender o contexto atual em que se desenvolve a pesquisa.

Se houve a intenção, no início do século XX, de transformar o Paraná em uma nova Polônia, a política de nacionalização empreendida pelo governo brasileiro interrompeu esses planos. O temor diante de outros grupos étnicos cresceu principalmente no período da I Guerra Mundial e afetou diretamente as escolas étnicas mantidas pelos imigrantes, criadas como forma suprir a carência educacional brasileira. O governo brasileiro, inicialmente, não chegou a proibir o funcionamento das escolas étnicas. Cada estado tinha autonomia para tratar da situação e, no caso do Paraná, fechá-las era inviável, uma vez que boa parte das colônias estava bastante isolada da influência nacional e não havia escolas brasileiras suficientes para absorver os colonos. A saída foi nacionalizar o ensino das próprias escolas étnicas. A nacionalização total das escolas aconteceu nos anos de 1937 e 1938 (WACHOWICZ, 1970c). A proibição das escolas étnicas no Brasil, fruto da política de nacionalização de Getúlio Vargas, afetou diretamente os colonos poloneses que mantinham as chamadas sociedades-escolas, nas quais era ensinado na língua polonesa (STANISZEWSKI, 2014).

Por muito tempo a expressão da cultura polonesa ficou apagada dos espaços públicos. O sentimento veio a renascer com as comemorações do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná, em 1971, com comemorações que se estenderam pelo estado, inclusive em São Mateus do Sul, onde foi celebrada uma missa em homenagem à imigração.

Como já abordado anteriormente, o pontificado de João Paulo II também contribuiu para a autoestima desse grupo étnico, muito marcado pela religião católica. Nos anos seguintes, alguns acontecimentos reforçaram a divulgação da cultura polonesa na região, com a promoção de bailes animados por conjuntos musicais que tinham no repertório várias músicas polonesas, em seguida, a criação do primeiro programa de rádio, o *Godzina Polska*<sup>27</sup> que estreou na Rádio Difusora do Xisto, em 1983. A partir de 1985, começaram a ser organizados os bailes do Imigrante Polonês. O depoimento de um dos organizadores do primeiro Baile do Imigrante e nome importante para a valorização da cultura polonesa em São Mateus do Sul, Francisco Augusto Caminski, demonstra a sensação de renascimento cultural que se vivia naqueles anos:

Ali, no Baile do Imigrante, tudo despertou. Fiquei pasmo. Eu, da terceira geração de imigrantes, nunca tinha visto pessoas colonas, com as mãos calejadas, tocando violino, rabecão, clarinete, bumbo. Pensei: ‘meu Deus do céu, o que nós já fizemos por essa gente?’. O baile foi o estopim de tudo o que veio pela frente (Francisco Caminski *apud* DIAS, 2016, p. 20).

E o que veio pela frente foi uma organização para a valorização da cultura polonesa que teve, entre outras ações, a promoção de bailes animados por conjuntos musicais que tinham no repertório várias músicas polonesas. Em 1990, em Curitiba surge a Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol) e no ano seguinte um núcleo é fundado em São Mateus do Sul. No mesmo ano, acontece a primeira festa em louvor a Nossa Senhora de *Częstochowa*, que reuniu cerca de três mil pessoas ao redor da capela na comunidade da Água Branca. No ano de 1992, por iniciativa da Braspol foi fundado o Grupo Folclórico Polonês Karolinka (DIAS, 2016). Essas iniciativas favoreceram um movimento de renascimento da cultura polonesa na região.

A partir do *Godzina Polska*, foram fundados outros programas de rádio. Em 1993, surgiu o programa *Tradycje Polskie* na rádio Cultura Sul, ainda em funcionamento (DIAS, 2016). Além deste, há ainda programas dedicados à cultura polonesa nas outras duas rádios da cidade (Difusora do Xisto e Novo Milênio).

Os bailes, que iniciaram com o Baile do Imigrante, também se mantém. Anualmente acontecem o Baile do *Pierogi* e o baile da *Tradycje Polskie*, festividade promovida pelo Braspol de São Mateus do Sul durante todo o mês de agosto. O encerramento desse mês

---

<sup>27</sup> Hora polonesa

dedicado à cultura polonesa, normalmente permeado por eventos culturais e religiosos, se dá com a festa em homenagem à Nossa Senhora de *Częstochowa* na comunidade da Água Branca, evento que se tornou tradicional depois de 1991.

O grupo Karolinka vem conseguindo não apenas manter, mas também ampliar suas atividades. Em 1998, com a criação do grupo infantil, aumentou o número de integrantes e ampliou a participação das famílias nas atividades do grupo. Por meio dos projetos “Conhecendo a cultura polono-brasileira” (2013-2014) e “Tradição em Movimento” (2015-2016), patrocinados pela Petrobras e Governo Federal, foi criado o coral polonês “*Chór Karolinka*”, e foram realizadas aulas de língua polonesa, cursos de culinária e oficinas de maquiagem artística e artesanato, entre outras atividades que atingem descendentes de poloneses ou não (DIAS, 2016).

Esses dados demonstram a presença da influência polonesa na cidade. No entanto, não dão pistas de como a cultura, as tradições e a polonidade permanecem no cotidiano dos descendentes de imigrantes. Por isso, a pesquisa de campo na Exploração permitiu identificar alguns dos processos nos quais a identidade polonesa se manifesta, a fim de organizar as próximas etapas da pesquisa.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA EXPLORAÇÃO

O primeiro passo da metodologia dos mundos possíveis (GALINDO CÁCERES, 1997) é entrar em contato com o mundo a ser explorado, em um momento que valoriza a vivência e os sentidos, ainda sem apego às visões teóricas. Na exploração é quando o pesquisador configura o objeto a partir da experiência.

As informações obtidas a partir de outras pesquisas ajudam a entender o contexto da comunidade polono-brasileira em São Mateus do Sul, mas deixam lacunas ainda importantes. Um dos aspectos é que as teses e dissertações desenvolvidas se concentram apenas na Colônia Água Branca e esta não foi a única colônia criada no período da colonização e, inclusive, fica distanciada do centro de São Mateus do Sul. Além disso, a ausência de dados estatísticos relacionados a etnias não nos permite saber quem são os descendentes de poloneses na região<sup>28</sup>, especialmente pelo fato de a etnia não ser abordada em pesquisa censitárias.

Saber características da população a ser investigada – tais como a relação com a religião, com a língua e cultura polonesa, além do consumo de meios de comunicação – seria essencial nessa etapa inicial da pesquisa. Para a busca dessas informações, foram produzidos dados subjetivos e quantificáveis.

Assim, os procedimentos metodológicos da exploração foram divididos em dois eixos. No eixo A (abordado no tópico 3.1) – que corresponde aos dados mais subjetivos – foi adotada a técnica recomendada por Galindo Cáceres (1997) para a Exploração, o Diário de Campo, por entender que esse favoreceria o registro e posterior configuração da vivência e da experiência, tão importantes nessa fase. Ao diário de campo, foram associadas a observação (GIL, 2008) e a fotoetnografia (ACHUTTI, 1997).

Para aproximar-se dos sujeitos e observar famílias que poderiam participar da pesquisa, a estratégia foi chegar via religião, justificada pelo fato de esta característica ter sido destacada por diversos autores (WACHOWICZ, 1974; BUENO, 1996; DELONG, 2016) e também reforçada na minha observação pessoal prévia sobre a comunidade estudada. Além dos rituais religiosos, as observações foram realizadas em instituições ligadas à cultura polonesa. O contato interpessoal proporcionado pela pesquisa de campo neste eixo foi

---

<sup>28</sup> O percentual de descendentes de poloneses no município admitido por instituições polono-brasileiras locais (Braspol – núcleo de São Mateus do Sul, Cepom, Grupo Karolinka) é de 75%. No entanto, esse percentual não tem uma fonte definido, então não foi considerado com validade estatística nesta pesquisa.

essencial para a seleção das duas famílias para a aplicação da técnica de história de família (etapa da Significação).

O eixo B (abordado no tópico 4.2) refere-se aos dados produzidos a partir da aplicação de questionários fechados (GIL, 2008) com o objetivo de identificar as famílias de origem polonesa em São Mateus do Sul e conhecer traços da cultura polonesa e do consumo cultural/midiático.

Embora os dados dos dois eixos sejam apresentados de maneira separada, os dois se cruzaram no trabalho de campo, uma vez que os momentos de observação do eixo A foram também espaços para divulgação e aplicação dos questionários impressos do eixo B, como descrito no Quadro 1. Além dos questionários impressos, houve a divulgação online da pesquisa, conforme descrito no tópico 4.2.

QUADRO 1 – APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS E OBSERVAÇÃO

<b>Data</b>	<b>Local</b>	<b>Cerimônia/evento</b>
<b>23/03/2018</b>	Paróquia N. Srª do Perpétuo Socorro – Vila Prohmann	Via sacra em polonês
<b>24/03/2018</b>	Grupo Karolinka – Escola Municipal Pedro Effco – Centro	Ensaio do grupo Infantil
	Grupo Karolinka – Escola Municipal Pedro Effco - Centro	Ensaio do grupo Adulto
	Paróquia N. Srª do Perpétuo Socorro - Centro	Missa de Ramos
<b>25/03/2018</b>	Paróquia Aparecida e Czestochowa – Vila Nepomuceno	Missa de Domingo de Ramos
	Capela da Colônia Iguaçu	Missa de Domingo de Ramos
	Paróquia São Mateus – Centro	Missa de Domingo de Ramos
<b>28/03/2018</b>	Coral Polonês do Grupo Karolinka	Ensaio do coral
<b>30/03/2018</b> <b>(Sexta-feira Santa)</b>	Paróquia N. Srª do Perpétuo Socorro	Via-sacra em polonês
	Capela da Colônia Iguaçu	Via-sacra em polonês
	Colônia Iguaçu	Teatro da Paixão de Cristo
<b>31/03/2018</b> <b>(Sábado de aleluia)</b>	Capela de Anta Ruiva	Bênção de alimentos
	Capela São João Paulo II – Colônia Taquaral	Bênção de alimentos
	Paróquia N. Srª do Perpétuo Socorro	Bênção de alimentos

As observações e distribuição dos questionários impressos também levaram em consideração o mapa das colônias criadas em São Mateus do Sul por ocasião da colonização, em 1890, como demonstra a figura 3. No município foram criadas cinco colônias: Cachoeira, Iguaçu, Canoas, Taquaral e Água Branca, também foram distribuídos alguns lotes aos colonos no quadro urbano da cidade. A busca foi de divulgar a pesquisa no território das quatro colônias mais próximas à área central de São Mateus.

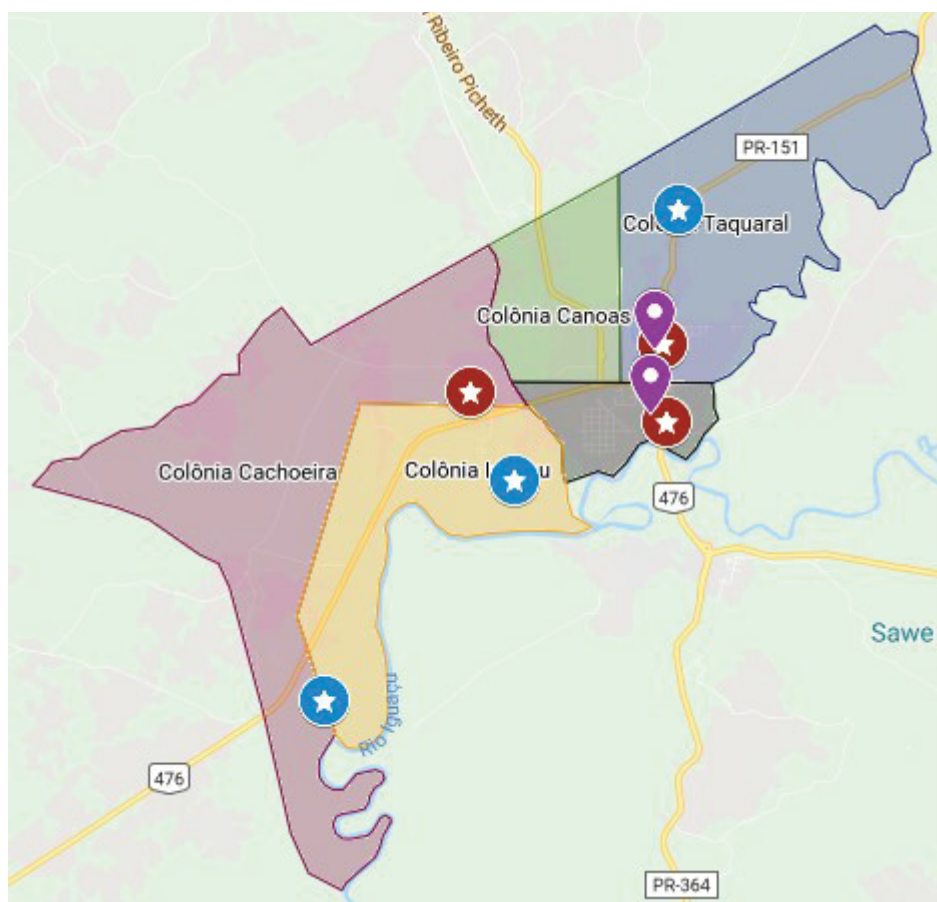
Nas primeiras décadas pós-imigração, a Água Branca era vista como uma comunidade separada de São Mateus. Por isso, a opção neste trabalho foi focar, na pesquisa de campo, moradores das demais colônias do município<sup>29</sup>, especialmente por verificar, durante o Estado da Arte, que não há pesquisas *stricto sensu* sobre essas colônias, enquanto há duas dissertações voltadas sobre a imigração polonesa tendo a Água Branca como local de observação (STANISZEWSKI, 2014; LUCENA, 2015). Uma das possíveis razões para a atenção voltada para a comunidade da Água Branca é o fato de esta preservar a igreja centenária construída por imigrantes poloneses, que além de ser um marco da religiosidade, tão significativa para esta etnia, atua como espaço de socialização que pode contribuir para que esta comunidade seja considerada um dos símbolos da imigração polonesa no município. Por outro lado, o fato de as colônias Cachoeira, Canoas, Iguaçu e Taquaral não serem tratadas nas pesquisas é mais uma lacuna a ser considerada sobre os estudos poloneses.

Das colônias demarcadas por ocasião da imigração, suas configurações também se alteraram bastante. A região onde se estabeleceu a Canoas não existe mais como colônia, pois a maior parte dos terrenos foi desapropriada e hoje pertence à unidade de Industrialização do Xisto da Petrobras, por isso, não foram aplicados questionários nessa região. A Taquaral também vive um processo de urbanização crescente. Já as colônias Cachoeira e Iguaçu são as que permanecem com a configuração rural em sua maior extensão. Nesta última, a presença do centro cultural Marcelo Janowski (Cepom) torna-a um dos locais frequentes de realização de eventos relacionados à etnia. Foi na região dessas colônias que foram aplicados questionários a fim de conhecer aspectos atuais da comunidade polono-brasileira.

---

<sup>29</sup> Ainda que o foco para iniciar a pesquisa de campo na Exploração tenham sido as quatro colônias inicialmente pertencentes a São Mateus, no decorrer da pesquisa a seleção das famílias acabou extrapolando esse espaço geográfico, já que uma das famílias é de uma comunidade mais distante.

FIGURA 3 - MAPA DAS COLÔNIAS DE SÃO MATEUS



Fonte: elaborado pela autora<sup>30</sup>

Na figura acima, os círculos vermelhos representam as três paróquias nas quais os questionários foram divulgados e realizadas as observações: Aparecida e Czestochowa, Perpétuo Socorro e São Mateus. Os círculos azuis referem-se à localização das capelas: Anta Ruiva, Colônia Iguaçu e Colônia Taquaral. Em roxo estão marcadas as instituições culturais: o ensaio do grupo de danças folclóricas e o ensaio do coral polonês.

#### 4.1 SUBJETIVIDADES DA COMUNIDADE POLONO-BRASILEIRA (EIXO A)

As subjetividades são essenciais para a compreensão das dinâmicas dessa sociedade, neste que foi intitulado o eixo A da Exploração. Os exercícios de ida a campo também demonstraram a importância da relação entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa, na qual a escuta tem papel central. Foi por meio da conversa livre, que alguns aspectos despontaram

<sup>30</sup> Adaptação feita no Google Maps a partir da Planta de Colônia de São Matheus. Fonte: ITCG; Google earth. Adaptação: Edivaldo Marques Rodrigues.

durante a pesquisa exploratória. Os relatos das conversas estabelecidos durante a visita a espaços relacionados à cultura polonesa para aplicação dos questionários foram registrados no diário de campo.

Para esta etapa, as experiências relatadas por Delong (2016) contribuíram significativamente. A fim de compreender as marcas identitárias de descendentes de poloneses da colônia Santa Faustina, ela utilizou técnicas etnográficas. O relato detalhado de sua pesquisa etnográfica ajudou a visualizar os desafios do trabalho a ser desenvolvido. O exercício de reflexividade, de busca por tornar o familiar estranho e o estranho familiar guiaram o seu trabalho de campo para observação da identidade étnico-linguística.

Foi a partir do contato com as subjetividades proporcionado neste eixo B que foi possível concluir o desafio da seleção das famílias para a segunda etapa do trabalho, a Descrição.

Nos próximos tópicos, descreverei como foi a observação em cada um dos momentos apontados no quadro 1, o que ajuda a evidenciar como foi o contato com essas famílias e o processo de seleção.

#### 4.1.1 Preparação para a Páscoa

A Páscoa, como importante celebração da tradição católica, também se torna uma data muito marcante para a colônia polonesa no Brasil. Assim, o jejum e a abstinência durante o período da quaresma, bem como as celebrações da Via Sacra, estão entre os costumes trazidos com a imigração (SIKORA, 2014).

A importância desse período para a comunidade polono-brasileira pautou a escolha para iniciar a aplicação dos questionários e as observações durante as celebrações da quaresma. As semanas que antecedem à celebração da Páscoa são marcadas por cerimônias religiosas voltadas à penitência. Uma das mais importantes é a Via Sacra, celebrada às sextas-feiras. Na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, todas as sextas-feiras da quaresma, às 15 horas, essa celebração é realizada em polonês.

Foi na Via Sacra em polonês da Perpétuo Socorro, no dia 23 de março, que iniciei o contato com o campo. Quem conduzia as orações em polonês é Seu Antônio Przybyszewski, sempre acompanhado da esposa Adolfina Przybyszewski, ou Dona Nena, como é conhecida. Eles seguiam um livro de orações bastante antigo, escrito em polonês (Figura 4). Embora ela estivesse sempre ao lado dele, era ela quem lia e conduzia as orações. Nesse primeiro contato, a receptividade do casal para a pesquisa e o fato de estarem ali já acompanhados de duas



filhas me chamaram a atenção. A dedicação deles à via sacra me fez pensar que esta poderia ser uma família a ser observada para eventual continuidade da pesquisa.

O grupo que acompanhava a via sacra nesse dia era majoritariamente feminino: 18 mulheres e oito homens estavam no início das orações, a maioria idosos. Desses, apenas quatro tinham consigo os livros de oração, todos com marcas do tempo. O restante dos fiéis rezava junto e tinham as rezas e as canções decoradas.

FIGURA 4 - LIVRO DE ORAÇÕES EM POLONÊS



Fonte: A autora (2018)

Ao final da via sacra, tentei falar com as pessoas para aplicar o questionário, mas foram poucas as que consegui abordar e algumas demonstraram insegurança. Conversei com Seu Antônio, perguntando se poderia utilizar as fotos da Via Sacra, ele falou que sim, que era interessante que fosse divulgado, para que as pessoas conhecessem a tradição. Nesse momento, observei o entusiasmo dele com a pesquisa. As filhas do casal que estavam presentes responderam ao questionário e autorizaram a continuidade da pesquisa. A partir daí, comecei a pensar nesta família, a Przybyszewski (natural da região do Passo do Meio, interior de São Mateus do Sul) para a aplicação da técnica de História de Família.

#### 4.1.2 Música e dança polonesa

A música e a dança sempre foram expressões culturais importantes na comunidade polono-brasileira. Por isso, nesse processo de aplicação de questionários e observações etnográficas, incluí encontros com o Grupo Folclórico Polonês Karolinka, que mantém um

grupo de dança e um coral. O acesso aos sujeitos para aplicação da pesquisa também foi facilitado pelo fato de já conhecer a diretoria e muitos dos integrantes do grupo.

O primeiro contato foi no dia 24 de março de 2018, no sábado, pela manhã, na ocasião do ensaio do grupo infantil. Já na chegada ao local do ensaio, que acontece nas dependências da Escola Municipal Pedro Éffco. Apresentei-me às crianças e falei sobre a pesquisa. Em seguida, perguntei quem era de família polonesa, a maioria delas levantou a mão. Em seguida, o ensaio começou. As crianças foram organizadas por altura. Algumas meninas usavam tranças nos cabelos. Eles aprendiam passos, contavam os compassos da música e treinavam a coreografia. O momento era mais focado no aperfeiçoamento coreográfico, não tão focado na cultura ou costumes poloneses propriamente ditos.

No mesmo dia, às 17h, voltei ao mesmo local para o ensaio do grupo adulto. Quando cheguei, o ensaio estava em andamento. Após o ensaio, Iris Janoski, coordenadora de projetos do grupo e dançarina, pediu que todos se sentassem em círculo para que eu pudesse explicar a pesquisa. Em seguida, distribuí o questionário que foi respondido por todos os integrantes. Muitos deles não eram de origem polonesa, no entanto, como citado no tópico 4.2.1, esses sujeitos também foram convidados a participar, pelo entendimento de que, embora alguns não tenham origem familiar, possuem alguma identificação com os valores daquela cultura.

Já para a aplicação dos questionários no coral polonês, combinei com a maestrina Regina Trinco que iria ao final do ensaio no dia 28 de março de 2018. Nesse caso, também há sujeitos que não possuem origem polonesa, mas, assim como no caso dos dançarinos do Karolinka, convidei todos a responderem. No entanto, neste caso não houve muito espaço para observação, pois o ensaio já havia encerrado e os componentes foram embora assim que responderam aos questionários.

O contato com a integrantes dessa instituição foi importante por mostrar outro formato de expressão cultural, pois as formas de manifestação da polonidade são diferentes daquela observada no ambiente religioso, entre familiares. No caso do Karolinka, a cultura polonesa, representada por meio do folclore, passa a ser mais institucionalizada. No grupo de dança, a cultura é expressa por meio de passos específicos, com atenção à posição dos pés e das mãos. Existe o cuidado para que os trajes típicos representem a região correta da Polônia e remetam ao período histórico adequado. No coral, os cuidados com o ritmo, a pronúncia, a afinação, a escolha das músicas são as formas de demonstrar a referência à tradição polonesa.

Uma vez que esse foi espaço para observar essa cultura de uma perspectiva mais relacionada à representação folclórica, não foi selecionado nenhum integrante para a continuidade da pesquisa, visto que optei pela seleção de sujeitos em ambientes nos quais as

expressões culturais pudessem vir das relações familiares. Os questionários preenchidos pelos integrantes do Karolinka são apresentados junto aos resultados gerais no eixo B.

#### 4.1.3 Celebração de Ramos

Em São Mateus do Sul, a cerimônia da bênção de ramos é realizada nas capelas tanto no sábado quanto no domingo, o que me permitiu assistir a quatro celebrações em locais diferentes, sendo uma no sábado, 24 de março, e três no domingo, 25 de março.

Na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, às 19 horas do sábado (24/03), a igreja estava quase cheia, enfeitada com ramos e a maioria das pessoas carregava ramalhetes consigo para que fossem benzidos durante a celebração. A missa teve um início diferente dos ritos mais comuns da missa, porque o evangelho e a bênção de ramos aconteceram antes mesmo da procissão de entrada.

Ao final da celebração, o Padre Sidnei José Reitz, com quem havia conversado previamente, me concedeu um momento para falar à assembleia e apresentar o estudo. Expliquei a motivação da pesquisa e reiterei a importância da participação de todos para a continuidade do estudo e que as informações iriam ajudar a entender a presença polonesa em nossa cidade.

No dia seguinte, iniciei as observações às 9 horas, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e *Częstochowa*, a qual já traz no nome a referência à fé dos colonos poloneses que fazem parte da paróquia. A celebração iniciou com procissão a algumas quadras da Igreja. Havia muitas famílias e muitas pessoas idosas, a maioria dos participantes com ramos nas mãos.

O fato de esta paróquia hoje ser dedicada ao mesmo tempo à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, e à Nossa Senhora de *Częstochowa*, padroeira da Polônia, demonstram um processo de hibridização cultural (CANCLINI, 2011). No altar da Igreja, do lado esquerdo de quem vê a partir do público, se vê Nossa Senhora Aparecida, e do lado direito, Nossa Senhora de *Częstochowa*. Também do lado direito, na parte superior, há um quadro de São João Paulo II, santo polonês, como aparece na figura 5. As questões de afloram a partir do culto das duas figuras marianas é retomada na Significação (item 7.1.3).

FIGURA 5 - IMAGENS DE N. SR<sup>a</sup> APARECIDA E CZESTOCHOWA

Fonte: A autora (2018)

Ao final da missa, novamente divulguei a pesquisa, com o aval do padre João Henrique Lunkes. Iniciei perguntando quem, entre os presentes, era descendente de poloneses. Quase metade da assembleia levantou a mão. Além de apresentar a pesquisa, falei que poderia levar para casa e entregar para a secretária paroquial. Foram entregues cerca de 15 questionários, mas somente dois foram devolvidos posteriormente.

Continuei a aplicação dos questionários e da observação na capela da Colônia Iguaçu, onde o Pe. João Henrique celebrou a missa na sequência. A pequena capela estava cheia, mesmo com o tempo chuvoso.

Nessa comunidade, avistei Seu Thadeu Przyvitowski, que já conhecia de estudo anterior relacionado à comunidade polono-brasileira<sup>31</sup> e que também já havia participado de pesquisa exploratória conduzida em 2017. Ivone, uma das filhas de Seu Thadeu fez a primeira leitura e também fazia parte da equipe de cantos. Neste caso, o celular era usado para acompanhar as letras das músicas cantadas durante a missa. Observei quatro gerações da família de Seu Thadeu presentes na missa, já que a filha e a neta de Ivone também estavam presentes. Essa observação foi muito importante pelo contato com a família Przyvitowski. A receptividade da família, aliada à percepção do envolvimento deles nas ações da colônia me levaram a considerá-los como uma opção para o desenvolvimento da história de família. Assim como na Vila Nepomuceno, perguntei quem eram os descendentes de poloneses e praticamente todos levantaram as mãos.

---

<sup>31</sup> Tadeu Przyvitowski foi um dos personagens dos perfis realizados em 2012 no trabalho de conclusão da graduação em jornalismo, no qual enfoquei sua história de vida, permeada pela cultura polonesa (DRABESKI, 2012)

As observações de Domingo de Ramos foram concluídas na Paróquia São Mateus, na missa que aconteceu na noite de domingo. Localizada na região central de São Mateus do Sul, esta foi a primeira paróquia do município. Nesta celebração já não havia tantos ramos nas mãos e também não houve tantos aspectos a serem observados. Por isso, optei por focar apenas na divulgação e distribuição dos questionários.

#### 4.1.4 Sexta-feira Santa

No dia da celebração da Paixão de Cristo, retornei à via sacra em polonês da Paróquia Perpétuo Socorro, neste dia realizado às 13h, um pouco mais cedo que durante o restante da quaresma, visto que às 15h há a celebração da Paixão de Cristo. Nesse dia, a igreja estava mais cheia do que no anterior.

Os rituais eram os mesmos e, desta vez, notei que duas pessoas filmam a celebração com o celular, mais tarde reconheci que eram da família Przybyszewski. Uma delas era Michele, neta do Seu Antonio e da Dona Nena, que me contou que esses vídeos seriam enviados via *WhatsApp*. Notei que havia ali presente três gerações da família do Seu Antônio, então aproveitei o momento para formalizar o convite para a continuidade da pesquisa, pedindo a autorização para acompanhar a família durante a celebração da Páscoa, que foi prontamente aceito.

Saí dali e me dirigi à colônia Iguaçu, onde também foi realizada a via sacra em polonês na Sexta-feira Santa. Quando eu cheguei, a celebração já estava acontecendo. Uma única senhora, Lídia Chadai, puxava as orações, em voz baixa, e os demais respondiam o Pai Nosso, Ave Maria e cantavam juntos.

Na capela, as pessoas ficavam todas voltadas para o altar, enquanto duas senhoras, uma com a cruz e outra com a vela na mão, caminhavam no sentido anti-horário de estação em estação. As pessoas não se retiraram após o término da Via Sacra, pois em seguida teria início a celebração da sexta-feira santa, realizada pelos ministros da própria comunidade, para a qual Seu Thadeu já começava a distribuir os folhetos aos presentes.

Saí dali e fui até a residência ao lado próxima à capela e ao Centro Polônico Marcelo Janowski (Cepom), onde mora Ivone, uma das filhas de Thadeu. No quintal da sua casa, naquela noite aconteceria o teatro da Paixão de Cristo encenado pela comunidade. Aproveitei a ocasião para marcar a observação com a família no domingo de Páscoa.

A encenação teatral começaria à noite, após a chegada da procissão do Senhor Morto e de Nossa Senhora das Dores, que vem desde a Vila Nepomuceno. A peça da Paixão de Cristo da Colônia Iguaçu era organizada pela comunidade local com atores amadores, o que fez com que as famílias inteiras participassem da peça. Camila, neta do seu Thadeu, representava Maria. Ivone, uma das filhas, além de ceder o terreno onde era realizada a encenação, fazia parte da produção. Seu marido fazia parte da peça, como autoridade romana. Ana também fazia parte da organização, além de fazer a figuração como povo. Muitas coisas eram feitas de improviso, mas era interessante a inventividade com que eles adaptavam figurinos e cenários. O patriarca da família Przyvitowski, Seu Thadeu, assistiu a todo o espetáculo da plateia.

#### 4.1.5 Bênção de alimentos no Sábado de Aleluia

A bênção de alimentos que serão consumidos na Páscoa é uma tradição comum entre descendentes de poloneses, realizada normalmente no sábado à tarde (DELONG, 2016). O costume é bastante popular também em São Mateus do Sul e, para dar conta de todas as comunidades que desejam receber bênção sobre suas cestas de alimentos, as cerimônias começam logo cedo. No dia 31 de março, observei e registrei a bênção de alimentos (*święconka*, em polonês) em três comunidades, cada uma com características próprias.

A primeira delas, às 10h30, foi na comunidade da Anta Ruiva, capela que pertence à Paróquia Aparecida e Częstochowa. A bênção foi celebrada pelo padre João Henrique Lunkes, acompanhado do diácono Ronaldo Adriano Rodrigues. Quando cheguei, ainda antes do padre, encontrei algumas pessoas já reunidas na igreja. Aproveitei esse momento para falar da pesquisa e convidá-los a responder aos questionários. Desconfiados, logo uma das pessoas da comunidade me perguntou: “de que família você é?”. Ao falar da família do meu pai, de origem polonesa, logo demonstraram reconhecer o sobrenome e o contato foi facilitado.

Na cerimônia da bênção de alimentos, as cestas com alimentos foram dispostas sobre os bancos da capela, nas quais havia diversidade de alimentos (figura 6). A comunidade já havia preparado uma cesta de alimentos para o padre, que foi entregue ao final da cerimônia.



FIGURA 6 - BÊNÇÃO DE ALIMENTOS NA ANTA RUIVA



Fonte: A autora (2018)

No mesmo dia, na parte da tarde, estive na bênção de alimentos da capela São João Paulo II, na colônia Taquaral. Esta é uma capela recente, ainda em construção, a cerimônia foi realizada no pavilhão ainda inacabado da igreja. Como a bênção demorou um pouco para começar, aproveitei o momento para conversar com algumas pessoas e aplicar os questionários, convidando-os a responder no mesmo local.

Esta cerimônia foi bastante diferente daquela realizada na Anta Ruiva, pois teve uma solenidade com a presença do Grupo Folclórico Polonês Karolinka, contou com discursos da diretoria da capela falando sobre o significado daquela bênção (figura 7).

FIGURA 7 - BÊNÇÃO DE ALIMENTOS NA CAPELA SÃO JOÃO PAULO II



Fonte: A autora (2018)

Crisanto Cavalcante – que embora não tenha origem polonesa está à frente de vários eventos poloneses do município – falou sobre a história das tradições polonesas de Páscoa, sobre os alimentos comuns nas cestas e seus significados. Em seguida, a presidente da capela, Bernardina Filipak Janoski emocionou-se ao falar dos desafios para construção da capela. A cerimônia foi celebrada pelo padre João Francisco Sieklicki, da paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que iniciou com uma oração em polonês. O momento teve também música em polonês cantada por um morador da comunidade. Na mesa, mais de 50 cestas esperavam a bênção.

Em seguida, às 17h, fui à bênção de alimentos na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Esse foi um momento de busca por tornar o familiar estranho, pois esta é uma celebração que costumo frequentar todos os anos, levando a cesta de alimentos da minha família para a Páscoa. Pela primeira vez, observei essa celebração como pesquisadora.

Com bastante gente participando, as escadas em frente ao altar, onde são colocadas as cestas de alimentos para receber a bênção, logo ficaram cheias, como se vê na Figura 8. Entre os participantes, não havia só descendentes de poloneses. Entre os presentes estava a família Przybyszewski, inclusive Seu Antonio fez uma leitura e uma das filhas do casal, Adjenira, entregou um ovo bento ao padre Sidnei Reitz ao final da celebração.

FIGURA 8 - BÊNÇÃO DE ALIMENTOS NA PARÓQUIA N. SRª DO PERPÉTUO SOCORRO



Fonte: A autora (2018)

Cada uma das celebrações teve características bem distintas. Em todas elas, cestas de tamanhos variados demonstravam um pouco do multiculturalismo e do hibridismo cultural da nossa sociedade, que rompe com a ideia de tradições puras (CANCLINI, 2011).



Canclini (2011) vê o hibridismo como resultante principalmente de dois fatores: o descolecionamento e a desterritorialização. No caso das tradições pascais observadas, parece impactar mais o segundo aspecto. Além das migrações, impactam nessa desterritorialização os movimentos transnacionais dos mercados simbólicos - nesse sentido, podemos observar que ao mesmo tempo que há uma tradição trazida pelo movimento migratório da Polônia para São Mateus, há também o efeito transnacional, especialmente proporcionado pela facilidade de acesso à informações por via eletrônica, o que permite aos sujeitos ressignificarem essa tradição com base em informações obtidas na Polônia de hoje e não mais somente naquela do século XIX.

Os alimentos tradicionalmente levados nas cestas das *święconka* são repletos de simbolismos: a manteiga, moldada em formato de cordeiro, representa a bondade de Cristo; o pão também representa Jesus, o pão da vida; o *chrzan*, ou raiz forte, relembra o sofrimento de Cristo; os ovos são símbolo da nova vida, da ressurreição; a linguiça com condimentos é representação da generosidade de Deus; a carne de porco representa a alegria e abundância; o sal vem como alimento necessário, baseado nas palavras de Jesus “Você é o sal da terra”; o queijo, que deve vir em forma de bola, é símbolo da moderação que os cristãos devem ter; a água, após benzida, é usada para abençoar a casa durante o ano todo; a vela, que deve ser acesa durante a vigília pascal, representa Cristo, a luz do mundo. Também deve haver uma fita colorida e ramos de vegetação<sup>32</sup>.

Durante as observações nas cerimônias da *święconka* em São Mateus do Sul, foi possível perceber que esses alimentos aparecem na maior parte das cestas, mas muitas vezes num formato diversificado.

Na figura 9, vemos quatro cestas registradas durante as observações. A cesta 1 é a que mais facilmente se identificam os alimentos tidos como tradicionais na cerimônia da *święconka*: o pão, os ovos pintados – outra tradição entre os poloneses – o cordeiro de manteiga, a linguiça, o sal e os ramos verdes. Essa cesta foi levada à cerimônia da capela São João Paulo II por integrantes do grupo folclórico, que estavam, naquele momento, convidados para representar a tradição folclórica polonesa, por isso, podemos admitir que tenham procurado montar a cesta com alimentos considerados tradicionais.

---

<sup>32</sup> A Traditional Polish Swieconka Basket. Disponível em: <http://annhetzelgunkel.com/easter/basketdia.html>

FIGURA 9 - CESTAS DE ALIMENTOS NA ŚWIĘCONKA



Fonte: A autora (2018)

Na cesta 2, fotografada na capela da comunidade da Anta Ruiva, vemos alimentos igualmente tradicionais: pão, manteiga, ovos, sal, *chrzan*, queijo, embutidos de porco. Neste caso, a diferença aparece na disposição dos produtos: em vez de cesta, os alimentos estão dispostos numa bandeja, a manteiga não aparece em formato de cordeiro, mas em embalagem industrial. Há também frutas nesta cesta que, embora não esteja elencada na literatura como alimento tradicional, também tem um simbolismo, como é apontada por uma das integrantes da família Przybyszewski no tópico 5.2.1.

A cesta 3 foi registrada na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na qual foram levados para a bênção, além do pão, do *chrzan* e da linguiça, produtos de panificação, sucos e biscoitos industrializados. A cesta 4, da Capela São João Paulo II, também traz outras versões do pão, com torradas e pão fatiado, além de um pacote de café – alimento que foi introduzido na cultura alimentar dos descendentes de poloneses somente no Brasil.

As observações e os registros no diário de campo desse momento inicial contribuíram para a compreensão da comunidade polono-brasileira em São Mateus do Sul, aspectos que são reforçados pelos dados obtidos a partir dos questionários.

## 4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (EIXO B)

Com relação aos questionários, esses foram auto-aplicados (GIL, 2008), a fim de facilitar a distribuição e viabilizar o alcance a um maior número de pessoas. Os questionários foram distribuídos no período de 12 de março a 30 de abril de 2018 em meio impresso e online, para permitir maior alcance de indivíduos. No total, 213 pessoas responderam à pesquisa. Devido à inexistência de dados estatísticos que determinem o número de famílias de origem polonesa residentes em São Mateus do Sul ou ao menos o percentual de descendentes de poloneses no município, não foi possível estabelecer uma meta quantitativa de questionários a serem aplicados. A estratégia de aplicação foi distribuir os questionários de modo a alcançar uma amostra diversa em termos geracionais, locais de vivência, condições de acesso aos meios de comunicação e de participação em instituições culturais polonesas. Durante a aplicação dos questionários, não houve monitoramento para acompanhar a diversidade do *corpus*, os esforços foram destinados principalmente à distribuição.

No ambiente online o questionário foi compartilhado via questionário do Google e divulgado em diversos canais: no *Facebook*, por meio do perfil pessoal e nas comunidades que reúnem a etnia polonesa<sup>33</sup>, bem como em comunidades populares em São Mateus do Sul, de temáticas variadas<sup>34</sup>. A pesquisa também foi divulgada nos meus perfis pessoais do *LinkedIn* e do *Instagram* (sendo essas duas as formas de divulgação que tiveram menor repercussão), e enviada para contatos do *WhatsApp* que tivessem ligação com São Mateus do Sul e/ou com a cultura polonesa, sempre pedindo para que o questionário fosse repassado a outros que pudessem contribuir com a pesquisa. A pesquisa foi ainda divulgada no site da Gazeta Informativa, jornal local. Outro canal de divulgação foi um grupo no *Yahoo Groups* intitulado “Poloneses”, que reúne pessoas interessadas em fazer pesquisas genealógicas de suas famílias. A busca pela divulgação do questionário online em diversas redes sociais foi uma forma de buscar também uma variedade de público, evitando que as informações sobre o consumo de internet se restringissem a apenas um estilo de usuário.

Inicialmente, os questionários online foram direcionados apenas a famílias de São Mateus do Sul, mas após as primeiras semanas de divulgação, foi possível perceber que essa estratégia poderia reduzir a circulação, especialmente em comunidades temáticas. Dessa

---

<sup>33</sup> As comunidades foram: Descendentes de poloneses no Brasil, descendentes de poloneses no Sul do Brasil, Poloneses no Brasil e *Hey kto polak*

<sup>34</sup> As comunidades foram: São Mateus do Sul Memória, Empreendedoras são-mateuenses, Classificados São Mateus do Sul e região, Mercado livre de São Mateus do Sul – Samas, Tá tudo certo, Espigãozinho, Notícias Samas

forma, atualizei o texto de divulgação, deixando claro que a pesquisa era direcionada para descendentes de famílias polonesas que se estabeleceram em São Mateus do Sul - Paraná, mas que pessoas de outras cidades também estavam convidadas a participar. Ao final da aplicação, os dados foram separados entre informantes do local de pesquisa e de outras cidades.

Para a aplicação dos questionários impressos, os locais foram os mesmos daqueles descritos no eixo A. Para a divulgação dos questionários nas celebrações religiosas, fiz contato prévio com os párocos de cada paróquia, a fim de obter autorização prévia para divulgação da pesquisa no espaço de informes ao final da missa. Nessa fala, apresentei a pesquisa, expliquei que os questionários eram uma parte importante do processo e que a participação de todos seria muito importante para conhecermos quem são os descendentes de poloneses em São Mateus do Sul. Em todas as celebrações contei com o apoio dos padres que celebravam à missa que endossaram o convite e reforçaram a importância da participação. No entanto, notei uma resistência à participação, embora houvesse muitos descendentes de poloneses, especialmente nas capelas.

Na primeira igreja em que fiz a divulgação, a Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, coloquei-me à disposição para que as pessoas me procurassem ao final da missa para responder os questionários comigo, mas apenas duas pessoas procuraram participar da pesquisa ao final da celebração. Isso fez com que eu mudasse um pouco a forma de abordagem nas demais igrejas. A fim de deixar os respondentes mais à vontade, distribuí vários questionários para que fossem levados para casa, no entanto, não houve retorno da maior parte deles. Só tive quatro informantes da Vila Nepomuceno e nenhum da Colônia Iguaçu ou da Anta Ruiva.

Com a escolha de fazer a distribuição nos ambientes religiosos, assumi de antemão que, embora tenha buscado uma variedade de informantes, os católicos seriam maioria, tanto pelas características observadas sobre a etnia, quanto pela forma de distribuição dos questionários.

A aplicação nesses locais foi organizada para contemplar as três paróquias existentes no município, além disso, foram aplicados os questionários em capelas de comunidades que têm grande concentração de famílias polonesas, de acordo com a sugestão dos párocos. As datas foram determinadas pelas celebrações do período da quaresma e da Páscoa.

No questionário (APÊNDICE D), constaram questões relativas à auto-identificação como descendentes de poloneses, à religião, utilização de meios de comunicação, informações sobre tradições e língua polonesas, e sobre os costumes da Páscoa, feriado que estava sendo observado no momento. O questionário era finalizado com dados pessoais, incluindo

informações básicas sobre a árvore genealógica, como nome dos pais, avós, filhos e netos. Essas informações serviram de ponto de partida para selecionar as famílias para a segunda etapa da pesquisa, entre aqueles que assinalaram no questionário que aceitariam participar da continuidade da pesquisa.

#### 4.2.1 Identificação étnica a partir dos questionários

Para a análise foram considerados apenas os questionários de respondentes relacionados a São Mateus do Sul<sup>35</sup>, seja por esta ser a cidade à qual se dirigiram seus antepassados descendentes de poloneses, seja por ser a cidade de residência atual.

TABELA 1 – DADOS SOBRE OS INFORMANTES DO QUESTIONÁRIO

<b>Localização</b>	<b>São Mateus do Sul</b>	<b>144</b>
	Outras cidades	67*
<b>Origem polonesa</b>	Sim	127
	Não	17

\* Questionários de outras cidades não foram considerados para a análise

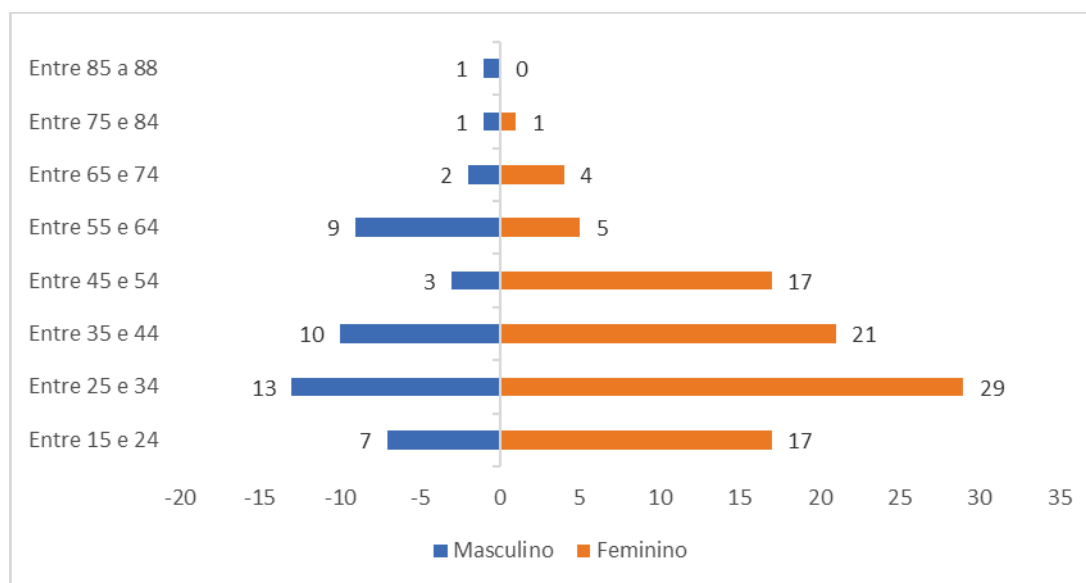
Fonte: A autora (2018)

Embora o questionário fosse direcionado a descendentes de poloneses, em alguns casos, pessoas que não se auto-identificaram com essa origem étnica também foram convidadas a responder, por fazerem parte de instituições polonesas, como o grupo de danças folclóricas e o coral. Dessa forma, entre os informantes, temos 17 que não se identificam como descendentes de imigrantes poloneses (tabela 1).

Durante a aplicação, não houve controle para atingir determinado percentual de respondentes em cada faixa etária, o resultado das respostas foi considerado diversificado. Foram 96 participantes do sexo feminino, correspondendo a 68% do total de participantes desta etapa da pesquisa, e 45 do sexo masculino, que corresponde a 32%. De acordo com dados do IBGE (2010), a população total de São Mateus do Sul é composta por 20.781 pessoas do sexo masculino (50,4% da população) e 20.476 do sexo feminino (49,6%).

<sup>35</sup> Também houve oito questionários respondidos por menores de 15 anos, os quais não foram considerados na análise por entender que esse não seria o instrumento mais adequado para a faixa etária.

GRÁFICO 1 – ESTRATIFICAÇÃO ETÁRIA DOS INFORMANTES



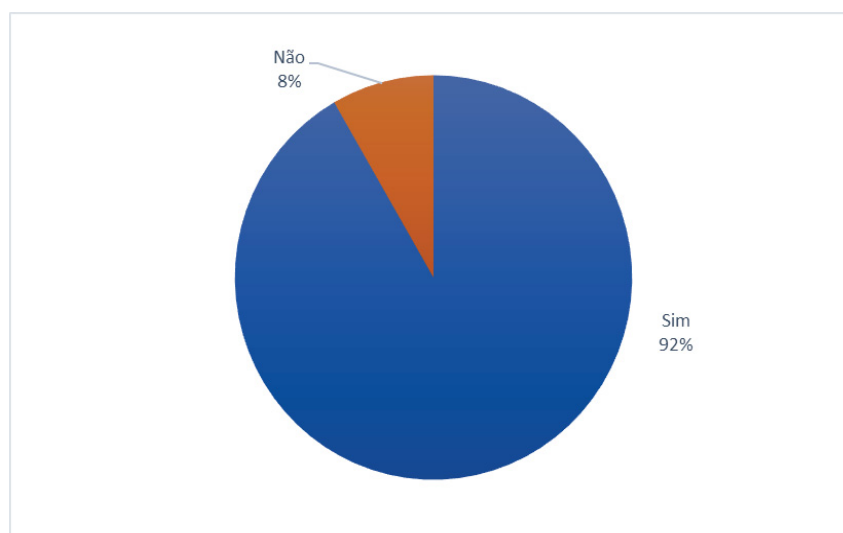
Fonte: A autora (2018)

Assim, é válido destacar que a amostra analisada nesta pesquisa tem uma distribuição diferenciada dos dados coletados no último censo realizado no município. Com relação à distribuição etária, embora haja uma variedade geracional considerável, a maior discrepância aparece na faixa entre 45 e 54 anos, na qual há 17 respondentes do sexo feminino e apenas três do sexo masculino, como mostra o gráfico 1. Ainda assim, consideramos que as divergências não comprometem os resultados da pesquisa, primeiramente, pela ausência de dados censitários específicos da população identificada com a etnia polonesa<sup>36</sup> e pelo fato de que os dados obtidos com os questionários serviram como conhecimentos prévios para as etapas seguintes e não com intenção de validade estatística.

Entre os informantes do questionário, 92% segue alguma religião (Gráfico 2) e a religião mais popular nessa amostra populacional é a católica, seguida por 82% dos informantes (Gráfico 3). É preciso considerar, nesse caso, que as celebrações religiosas foram uma das formas de divulgação dos questionários, no entanto, poucas respostas vieram efetivamente desses ambientes (23 no total).

<sup>36</sup> O censo trata apenas da identificação racial. Nesse aspecto, São Mateus do Sul possui 34.380 pessoas que se identificaram como brancas, 6.021 pardas, 723 pretas, 97 amarelas e 35 indígenas (IBGE, 2010).

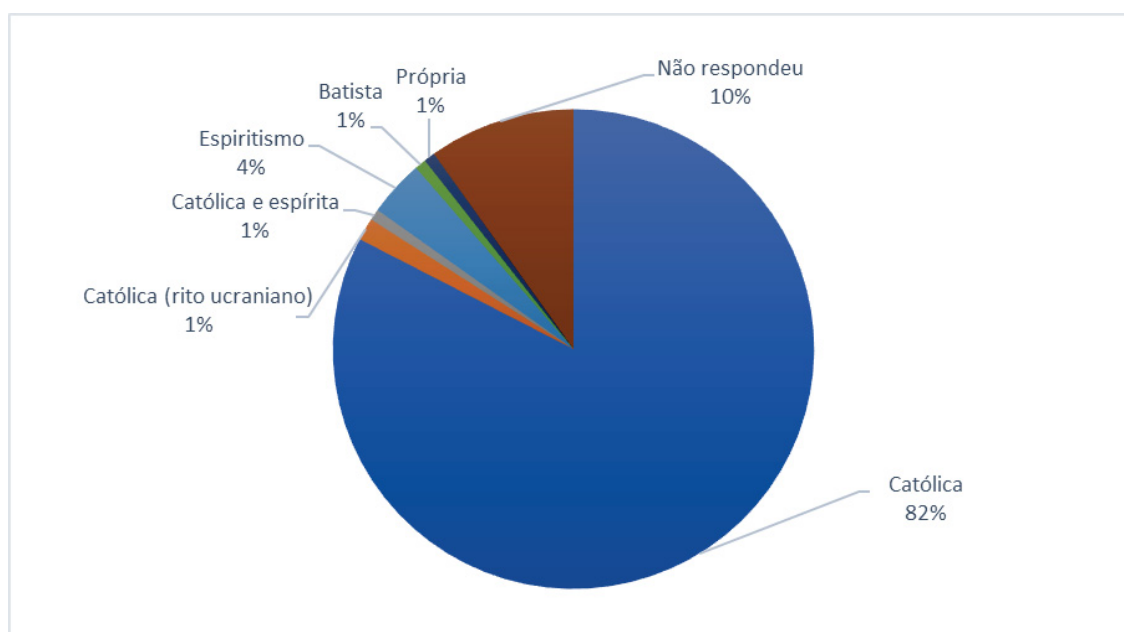
GRÁFICO 2 – PERCENTUAL DOS QUE AFIRMAM SEGUIR ALGUMA RELIGIÃO



Fonte: A autora (2018)

Se somadas as respostas de católicos dos ritos romano e ucraniano àquelas dos informantes que se declaram espíritas e católicos, o percentual atinge 84%. Fica evidenciada a prevalência das religiões cristãs nesse contexto. Ainda 13 pessoas não responderam ao questionário.

GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DE RELIGIÕES



Fonte: A autora (2018)



O resultado também demonstra uma divisão semelhante à verificada em São Mateus do Sul por ocasião do censo 2010. Embora no censo o percentual de pessoas que não se declararam pertencentes a nenhuma religião seja menor, não é possível afirmar que a etnia polonesa em São Mateus do Sul é mais ou menos religiosa do que a população total do município, visto que a aplicação dos questionários não seguiu os mesmos protocolos metodológicos do aplicado no censo.

De acordo com o censo do IBGE, a religião católica apostólica romana é a mais praticada no município, com 34.499 pessoas que declararam seguir essa religião, o que corresponde a 83% da população. As religiões evangélicas aparecem em segundo lugar, com 5.029 adeptos. Somadas, as religiões cristãs<sup>37</sup> possuem 39.657 seguidores declarados em São Mateus do Sul, o que corresponde a 96% da população. Outras religiões praticadas no município são: espírita (352 pessoas), umbanda e candomblé (50 pessoas), candomblé (14 pessoas), umbanda (36 pessoas), novas religiões orientais (46 pessoas), testemunhas de Jeová (9 pessoas) e budismo (8 pessoas), vale destacar que nos questionários não houve informantes que declarassem seguir estas religiões. Há ainda 36 pessoas que declararam religião não determinada ou múltiplo pertencimento, outras 1.098 pessoas declararam não seguir nenhuma religião (2,66% da população).

Para fins de comparação com a população brasileira, o percentual nacional que segue uma religião cristã é de 88% e 64% da população é católica apostólica romana. O percentual nacional de pessoas sem religião declarada é de 8%. Assim, podemos notar que a presença de pessoas que se declaram pertencentes a religiões cristãs e, especialmente, à religião católica é proporcionalmente maior na região analisada, ao mesmo tempo em que o percentual de pessoas sem religião é menor em São Mateus do Sul do que na estatística nacional (IBGE, Censo Demográfico 2010).

As perguntas do questionário relacionadas à cultura polonesa se constituem em material importante para compreender melhor as percepções das pessoas sobre a polonidade.

Questionados sobre as influências da cultura polonesa que percebem em suas famílias (gráfico 4), os informantes apontaram a culinária como principal aspecto em que essa influência aparece, sendo citada por 72% informantes. A religião também é bastante identificada com a influência étnica, sendo citada por 63% dos informantes. O terceiro aspecto mais citado são as músicas, apontadas por 41% das pessoas.

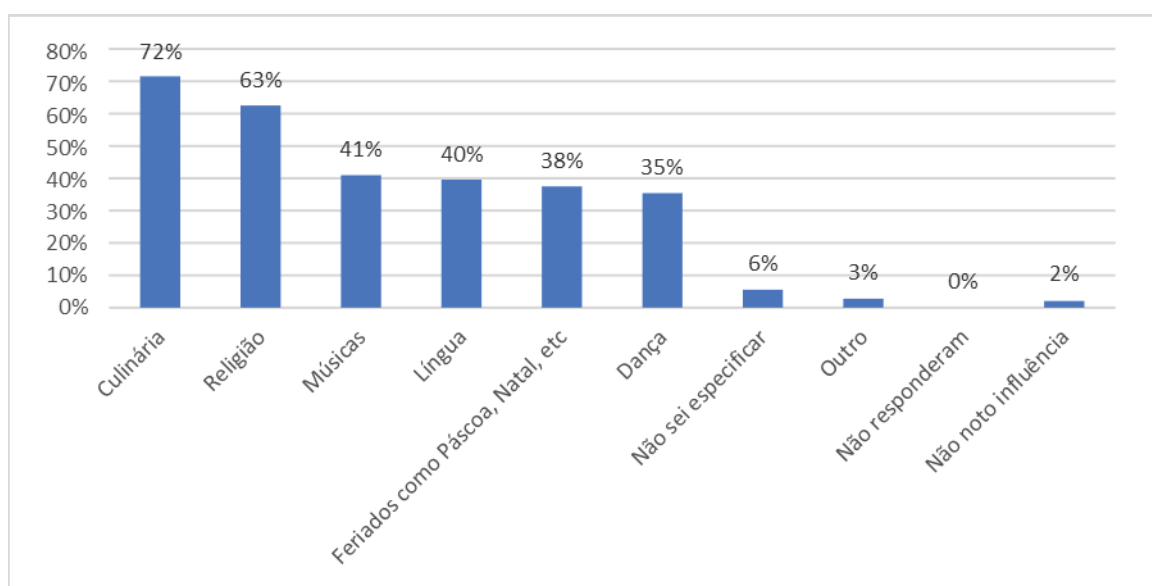
---

<sup>37</sup> Foram consideradas entre as religiões cristãs as seguintes categorias: Católica apostólica Romana, Católica Apostólica Brasileira, Católica Ortodoxa, Evangélica e outras religiões cristãs (IBGE, Censo Demográfico 2010).



Quando se trata da busca pela fixação de uma identidade nacional, a língua tem papel central, pois contribui para criar laços imaginários entre as pessoas daquela nação, juntamente com outros símbolos tais como hinos, bandeiras e brasões (SILVA, 2000). Neste caso, a identidade cultural expressa pelos polono-brasileiros também se manifesta pela língua, mas ocupa apenas o quarto lugar, sendo mencionado por 40% dos informantes como um dos aspectos que recebe a influência polonesa em sua própria família. Em seguida aparecem as tradições em feriados como Páscoa e Natal (38%) e dança (35%).

GRÁFICO 4 - INFLUÊNCIA DA CULTURA POLONESA<sup>38</sup>



Fonte: A autora (2018)

Para buscar fatos que ajudem a compreender por que a língua não está entre os principais aspectos relacionados à influência polonesa – uma vez que a manutenção da língua costuma ser fator relevante para fixação da identidade – precisamos destacar alguns aspectos da história da colônia polonesa no Brasil.

Um dos pontos foram as políticas nacionalistas adotadas no Brasil com intuito de fixar uma identidade que alteraram a forma de organização das colônias. Os polono-brasileiros que viviam em colônias isoladas e mantinham escolas étnicas onde aprendiam e ensinavam na língua polonesa, viram a proibição do ensino em línguas estrangeiras. Nas décadas seguintes, muitas crianças fossem aprender o português na escola (WACHOWICZ,

<sup>38</sup> Nesta questão, o informante poderia marcar tantas opções quantas desejasse. Por isso, a soma dos percentuais pode exceder 100%.

1970C). A mudança na legislação, aliada ao preconceito relatado por muitos descendentes de poloneses pelo seu modo de falar, fizeram com que a língua ficasse mais restrita. “As conversas em polonês se reservaram à família e à comunidade, sem mais o ensino da língua escrita, e tiveram sua herança enfraquecida entre as gerações seguintes” (DIAS, 2016, p. 19). Por outro lado, nas comemorações relacionadas à cultura polonesa, a religião, a música, a dança e a culinária de alguma forma sempre estiveram presentes. Como já mencionado, o ano de 1971 foi marcante nesse cenário, com as celebrações do Centenário da Imigração Polonesa no Paraná. Em São Mateus do Sul, a data foi marcada por uma missa na Igreja Matriz São Mateus. Anos depois, o 1º Baile do Imigrante Polonês mostrava a importância da música como um elemento importante para a marcação da identidade polonesa. Entre os movimentos de revalorização da cultura polonesa em 1985, a música já era apontada como elemento de ligação entre gerações (DIAS, 2016).

A religião também sempre esteve presente nessas comemorações. Em 1990, ano do centenário da imigração polonesa em São Mateus do Sul, a comemoração foi feita com uma missa em polonês no campo do Estádio Municipal Olívio Wolff do Amaral – além da realização de baile com escolha das rainhas. No ano seguinte, era a vez da celebração em homenagem à rainha e padroeira da Polônia, Nossa Senhora de *Częstochowa*, na Colônia Água Branca (DIAS, 2016). Boa parte dessas iniciativas permanecem ainda hoje, como a festa em homenagem a Nossa Senhora de *Częstochowa* que é realizada anualmente na Água Branca, os programas em polonês nas rádios da cidade e o Grupo Karolinka, que continua em funcionamento.

Com relação à culinária, não encontramos outros trabalhos que destaquem essa influência especificamente na região de São Mateus do Sul. Situamos como referência para pensar a importância da culinária para a comunidade polono-brasileira a pesquisa conduzida por Teleginski (2016) nos municípios de Irati, Mallet e Prudentópolis a fim de “discutir um conjunto de saberes culinários, práticas alimentares e receitas da tradição culinária polonesa na região centro-sul do Paraná e os significados destes alimentos e práticas para um grupo de pesquisados, em sua maior parte constituído por descendentes de poloneses” (TELEGINSKI, 2016, p. 7). A relação entre a cozinha cotidiana e a identificação étnica aparece no cotidiano das famílias estudadas, como será apresentado no capítulo 5 e a relação entre os processos identitários e a culinária são retomadas na Significação (item 7.1.2)

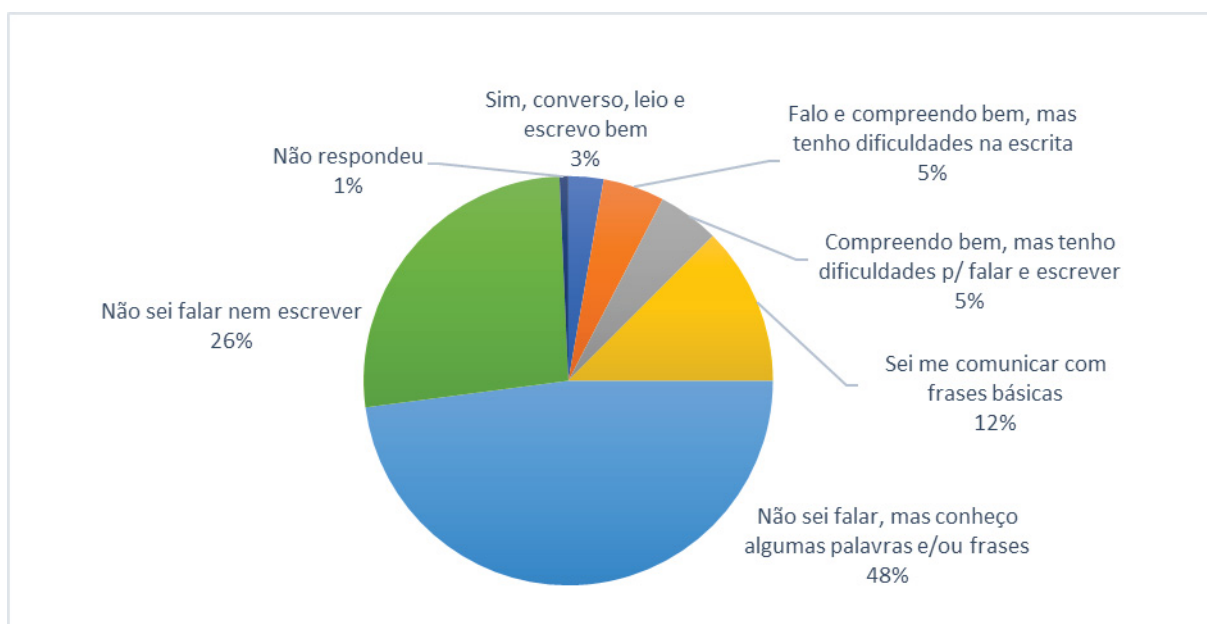
Dentre os informantes, houve também aqueles que não relacionaram a influência da cultura polonesa à sua família: nove não souberam especificar e três afirmaram não notar influência alguma. Apenas uma pessoa não respondeu a essa questão.

As respostas dos questionários demonstram que outras formas de manifestações culturais além de língua devem ser observadas para compreensão da identidade polono-brasileira. A partir dos aspectos mais citados nesta etapa, foi possível pautar pontos a serem focadas na Descrição, tais como a observação da culinária, da religião, das músicas, das tradições em feriados específicos e da dança.

Considerando a relevância da língua para uma identidade nacional ou étnica segundo a revisão da literatura, interessava também saber em que medida os informantes conheciam a língua polonesa. Para elaborar a questão no instrumento, parti do pressuposto de que a maioria dos polono-brasileiros de São Mateus do Sul tinham algum contato com o idioma, com base no conhecimento prévio do senso comum de como palavras e expressões em polonês eram difundidas. Por isso, os informantes foram questionados quanto ao nível de conhecimento da língua e das origens do contato com a língua polonesa.

Entre os descendentes de imigrantes poloneses, são baixos os percentuais daqueles que afirmam ter fluência em alguma das habilidades do idioma (escrita, leitura e conversação). Apenas 3% dos informantes afirma saber ler, escrever e conversar em polonês. Índice levemente superior é o de pessoas que falam e compreendem o idioma, mas têm dificuldades de escrita, como mostra o gráfico 5.

GRÁFICO 5 - CONHECIMENTO DO IDIOMA POLONÊS

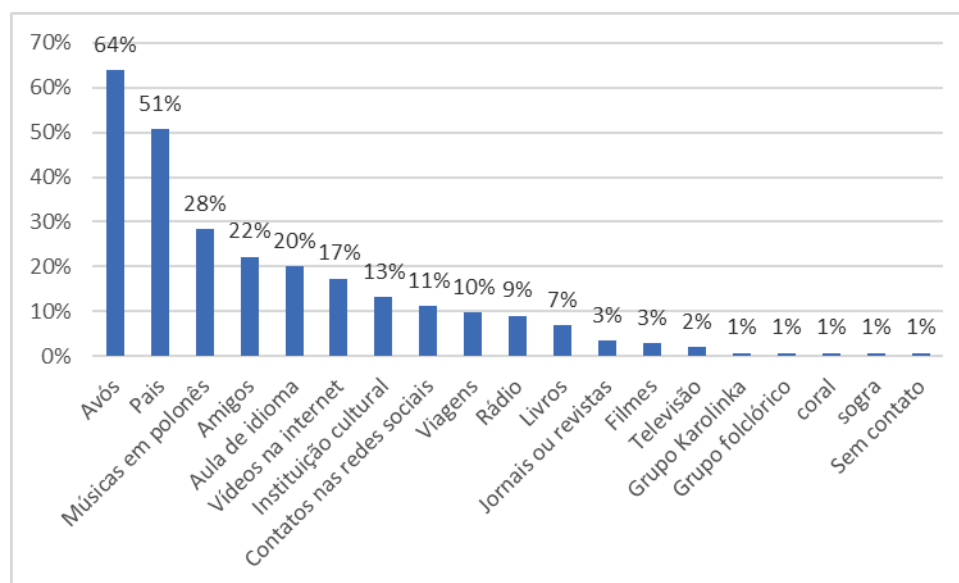


Fonte: A autora (2018)

O idioma polonês é difundido principalmente de maneira informal e pela oralidade, o que se soma à interrupção do ensino formal do idioma polonês nas escolas étnicas por ocasião da nacionalização do ensino no Brasil como possíveis motivos para a baixa fluência, ao mesmo tempo que a maioria dos informantes demonstram alguma familiaridade com a língua. Ainda como reflexo de um idioma que é repassado de maneira informal, há 5% das pessoas que afirmam compreenderem o idioma, mas terem dificuldades para falar e escrever. Somados esses percentuais, podemos dizer que apenas 13% dos informantes possuem algum nível de fluência no idioma.

Ainda que a fluência no idioma polonês seja baixa, a difusão desse idioma na região pode ser considerada maior, uma vez que 12% dos informantes afirmam saber se comunicar com frases básicas e – o maior percentual – 48% não sabe falar, mas conhece algumas palavras ou frases. Ou seja, 73% dos informantes têm contato com o idioma em diferentes medidas. Entre os informantes, 1% não respondeu a essa questão.

GRÁFICO 6 - CONTATO COM A LÍNGUA POLONESA<sup>39</sup>



Fonte: A autora (2018)

Também nos interessou saber de onde veio esse contato com o idioma (gráfico 6). O meio mais comum de difusão do idioma é o contato familiar: o contato com os avós é citado por 64% das pessoas que responderam ao questionário; em seguida aparece o contato com os pais, citado em 51%. Há ainda um informante que usou a opção outro para apontar a sogra

<sup>39</sup> Soma dos percentuais pode exceder 100%, pois os informantes podiam marcar quantas respostas desejassem.

como origem do contato com o idioma polonês. Esse resultado reforça o status do contexto familiar como espaço privilegiado para observar a construção da identidade cultural, já que a transmissão intergeracional fica evidenciada nas respostas dos informantes.

Na sequência, aparece a menção a músicas em polonês, citada em 28%, mais uma vez reforçando a importância da música para a difusão cultural (como abordado no tópico anterior). Há ainda uma menção ao coral polonês, citada na opção “outro”, que poderia ser encaixada entre as influências da música. A quarta forma de contato com o idioma polonês mais citada são os amigos.

O fato de as quatro formas de contato com o idioma mais citadas serem relacionadas a uma transmissão oral é um dado interessante para compreender o modo de difusão dessa cultura. Isso ajuda a entender também o porquê de, ao mesmo tempo em que o idioma possui uma boa difusão na região, terem poucos falantes com algum nível de fluência e apenas 3% dos informantes saber escrever em polonês.

Por outro lado, as aulas do idioma também acontecem no município e influenciam na difusão do idioma, sendo citada em 20% das respostas como a forma de contato com o polonês. Também parece relevante o contato via instituições culturais em 13% das respostas, além de aparecer, na opção outro, a menção ao Grupo Karolinka e a grupo folclórico.

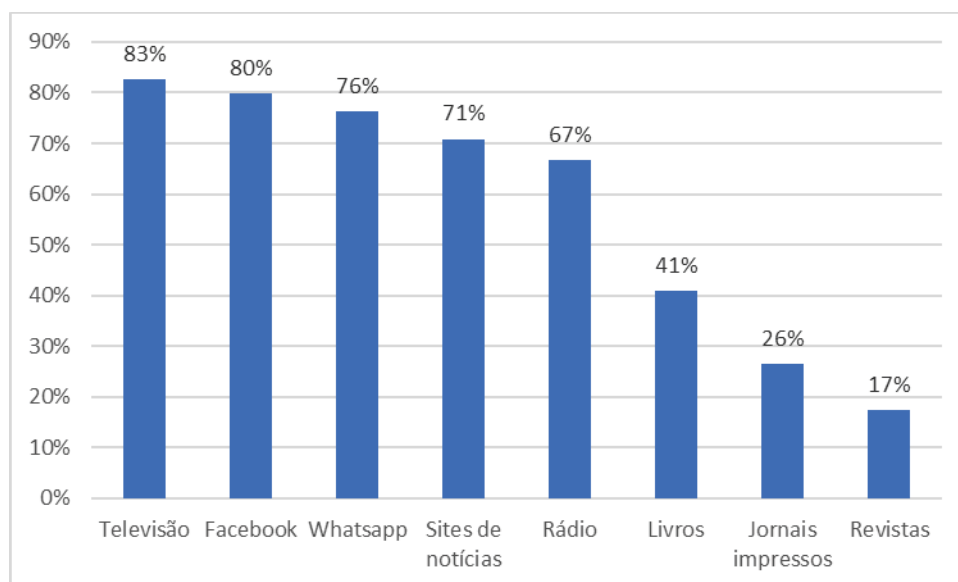
Com relação a meios de comunicação para contato com a língua, as respostas demonstram que a internet é o meio preferencial para o contato com o idioma, uma vez que 17% das pessoas afirmam ter contato com o polonês a partir de vídeos de internet e 11% a partir de contatos nas redes sociais. O rádio é citado em 9% dos questionários, também aparecem os livros (7%), jornais ou revistas (3%), filmes (3%) e a televisão (2%). Essas respostas também mostram que os processos comunicativos entre sujeitos dessa etnia vão além das relações com os meios de comunicação.

#### 4.2.2 Consumo de mídia entre descendentes de poloneses

No questionamento sobre a forma de contato com o idioma, há indícios que demonstram a existência de outros processos comunicativos importantes para a difusão da cultura polonesa que não necessariamente perpassa os meios de comunicação. No entanto, a relação com a mídia ainda se mostra relevante, uma vez que houve um número considerável de menções a meios de comunicação ao relacionar a origem do seu contato com o idioma. A

fim de ter pistas sobre a relação desse público com os meios de comunicação, questionamos a eles quais são os meios de comunicação mais utilizados (gráfico 7).

GRÁFICO 7 - MEIOS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADOS<sup>40</sup>



Fonte: A autora (2018)

A televisão é o meio de comunicação mais popular entre os informantes da pesquisa, sendo o meio mencionado em 83% questionários. No comparativo com a forma de contato com o idioma temos aqui um dado interessante, já que naquela questão, a TV é mencionada apenas três vezes e é um dos meios menos populares para contato com o idioma polonês, pela evidente ausência de conteúdos em idioma polonês nos canais de televisão tanto abertos quanto por assinatura.

Na sequência aparecem os meios de comunicação digital: Facebook (80% menções), *WhatsApp* (76% dos informantes) e sites de notícias na internet (71% dos informantes). No instrumento, eles foram propositalmente descritos separadamente, admitindo que no auto-preenchimento o informante pudesse não associar alguns desses meios à internet e também para verificar quais eram as formas de comunicação com maior apelo no ambiente digital.

O quinto meio de comunicação mais citado entre os descendentes de poloneses em São Mateus do Sul é o rádio, mencionado em 67% dos questionários. Em seguida aparecem os livros (41%), jornais impressos (26%) e revistas (17%).

<sup>40</sup> Soma dos percentuais pode exceder 100%, pois os informantes podiam marcar quantas respostas desejassem.

A televisão como meio principal de informação, seguida pela internet, é tendência também no cenário estadual e nacional, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM, 2016). Quando questionados aos entrevistados do Paraná “em que meio de comunicação o(a) sr(a) se informa mais sobre o que acontece no Brasil? (1º lugar)”, a televisão é citada por 61% das pessoas, seguida pela internet (29%), rádio (7%), jornal (2%) e outros (1%). Os dados são semelhantes quando são estratificados apenas os municípios do interior, a televisão é citada por 60% das pessoas, internet por 30%, rádio 8% e outros veículos 2%. Se consideradas a primeira e a segunda menções, a TV é citada por 89% dos entrevistados, a internet por 49%, o rádio por 30%, o jornal por 12%.

Na aplicação dos questionários entre descendentes de poloneses não foi possível fazer cálculos de margem de erro e de nível de confiança, devido à ausência, já mencionada, de dados estatísticos que ajudem a delimitar a população e a amostragem. Além disso, a PBM limita a duas menções de meios de comunicação, enquanto no instrumento aplicado não houve limitação. Com isso, as comparações acabam sendo limitadas, mas os dados de nível nacional e estadual ajudam a situar a pesquisa diante do panorama geral de consumo de mídia.

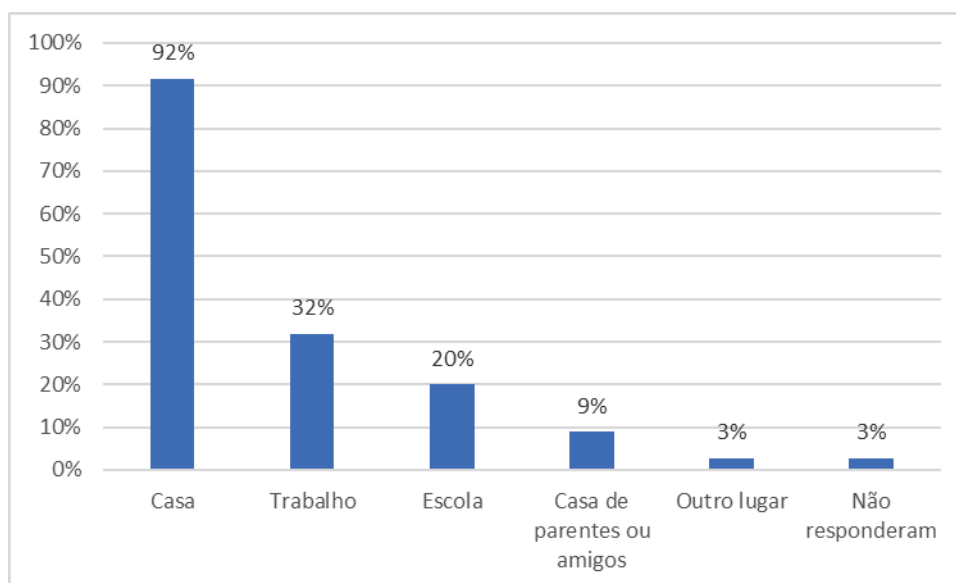
Chama a atenção entre os questionários respondidos por polono-brasileiros de São Mateus do Sul o número de menções ao rádio, bem maior que o percentual do Paraná. Uma das possíveis razões para esse percentual pode ser o fato de serem aceitas mais de duas menções e o rádio não estar entre os dois meios de comunicação mais consumidos. Além disso, é notável a penetração do rádio em cidades do interior: 63% das menções ao rádio como primeiro meio de comunicação é de entrevistados de municípios do interior, enquanto 23% é da capital e 13% da periferia (PBM, 2016).

Para entender a relação dos polono-brasileiros com a mídia, além de saber quais são os meios mais consumidos, importa-nos saber os conteúdos de interesse para esse público. 63% dos informantes afirma buscar informações sobre a Polônia nos meios de comunicação que utiliza, 35% não buscam esse tipo de informação e 2% não responderam. Esse índice demonstra um interesse pelos assuntos referentes à identificação étnica no consumo midiático.

Para a elaboração do questionário, partimos do pressuposto de que a internet seria um meio de comunicação com boa inserção entre os informantes. Assim, foram desenvolvidas questões para conhecer o consumo midiático relacionado à internet, principalmente por este ser um meio que favorece a interação, facilita o acesso a materiais de outros países e proporciona a busca ativa por conteúdo de interesse do usuário, sendo um meio em que os sujeitos poderiam atender a um anseio de consumo cultural e midiático relacionado à sua identificação cultural, por exemplo.

A casa é o local utilizado para acessar a internet por 92% dos informantes (gráfico 8). Em seguida aparece o trabalho, com percentual já significativamente menor, de 32%, e casa de parentes e amigos, citado por 22%. Outros 3% dos informantes não responderam a esta questão. O fato de a casa ser o meio preferencial para acessar a internet nos mostra que as relações comunicativas também devem ser permeadas pelo consumo desse tipo de mídia e este é um aspecto que será observado nas observados a serem realizadas no espaço familiar.

GRÁFICO 8 - LOCAL DE ACESSO À INTERNET<sup>41</sup>



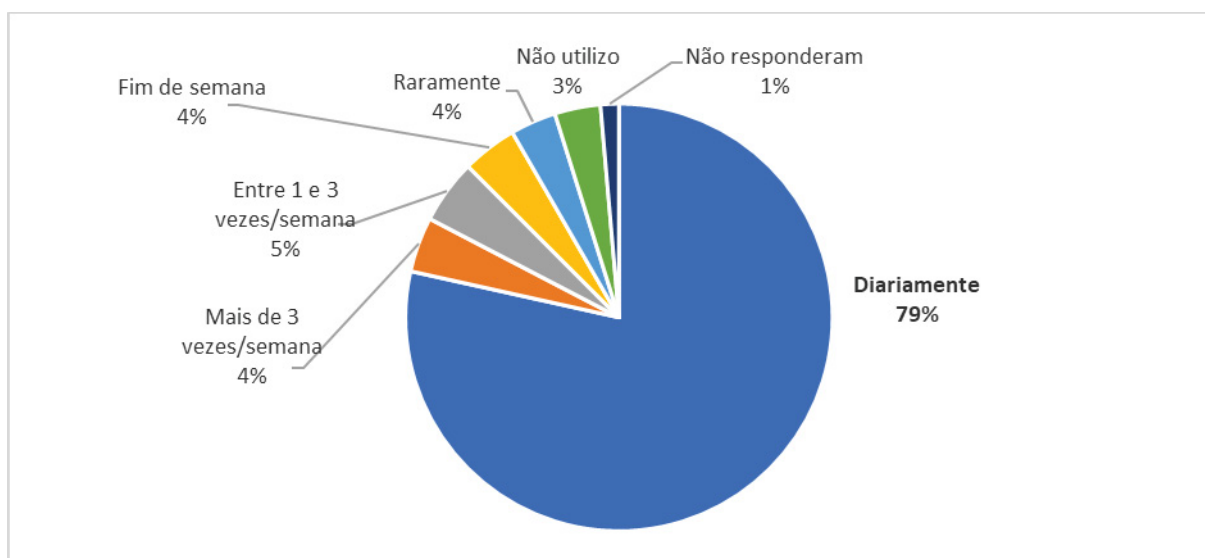
Fonte: A autora (2018)

O hábito de acesso à internet também permeia o dia a dia dos informantes (gráfico 9). O acesso é diário para 79% deles, 4% afirmam acessar mais de três vezes por semana, 5% entre uma e três vezes por semana, 4% nos fins de semanas e 4% raramente. Apenas 3% afirmam não utilizar a internet e 1% não respondeu.

<sup>41</sup> Soma dos percentuais pode exceder 100%, pois os informantes podiam marcar quantas respostas desejassem.

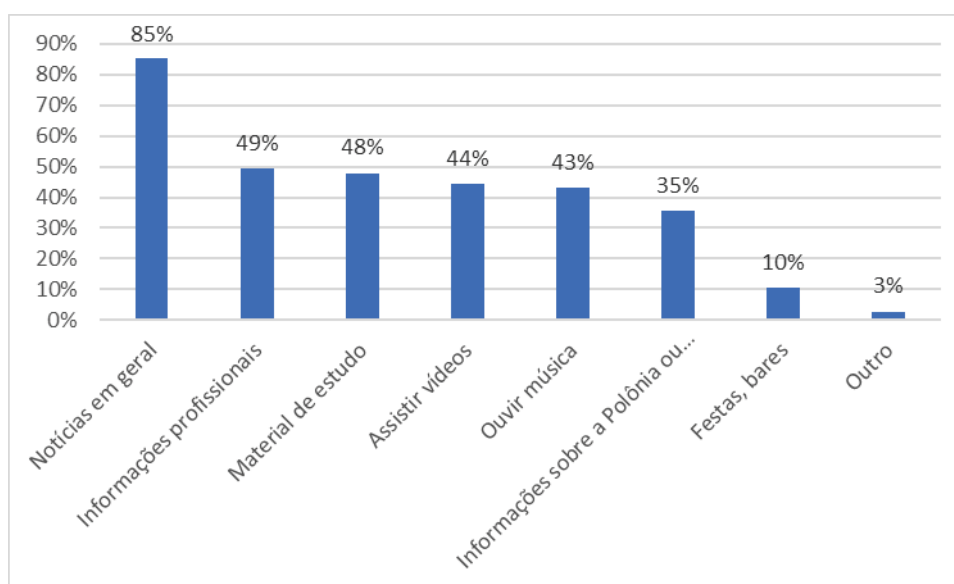


GRÁFICO 9 - HÁBITO DE ACESSO À INTERNET



Fonte: A autora (2018)

Quando questionados sobre o tipo de informações consumidas na internet, 85% dos informantes afirmam buscar notícias em geral (gráfico 10). O interesse por estudo, questões profissionais e entretenimento é semelhante: 49% dos informantes afirmam buscar informações profissionais, 48% buscam informações profissionais e 44% usam a internet para assistir vídeos, enquanto 43% dos informantes afirmam usar a internet para ouvir músicas.

GRÁFICO 10 - TIPOS DE INFORMAÇÕES BUSCADAS NA INTERNET<sup>42</sup>

Fonte: A autora (2018)

<sup>42</sup> Soma dos percentuais pode exceder 100%, pois os informantes podiam marcar quantas respostas desejassem.

Vale o destaque à busca por informações sobre a Polônia ou sobre a cultura polonesa, citada por 35% informantes. Esse é um dado interessante, já que 63% dos informantes afirma buscar informações sobre a Polônia, mas somente 35% o faz na internet, o que contrapõe a ideia inicial de a possibilidade de interação e busca ativa no ambiente digital proporcionaria maior busca por materiais de identificação étnica. Como observado nas interações com as famílias, importam muito as relações pessoais no filtro do consumo de informações sobre a Polônia, como uma rede de contatos e indicações de material sobre o país. Também no contato com os sujeitos das duas famílias entrevistadas, foi muito comum o relato do uso de redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp* para saber de informações e notícias. Com isso, abre-se a indagação de qual é o modo de acesso às notícias citadas pelos informantes dos questionários. É possível que uma parcela dos que afirmam acessar notícias na internet o façam mais a partir de redes sociais do que pelo acesso de portais noticiosos. Embora seja uma possibilidade, não foi possível aprofundar nessa pesquisa de onde vem o consumo de conteúdo noticioso desse público, mas é uma observação que deve ser levada em conta para pesquisas sobre consumo de conteúdo noticioso por esse público.

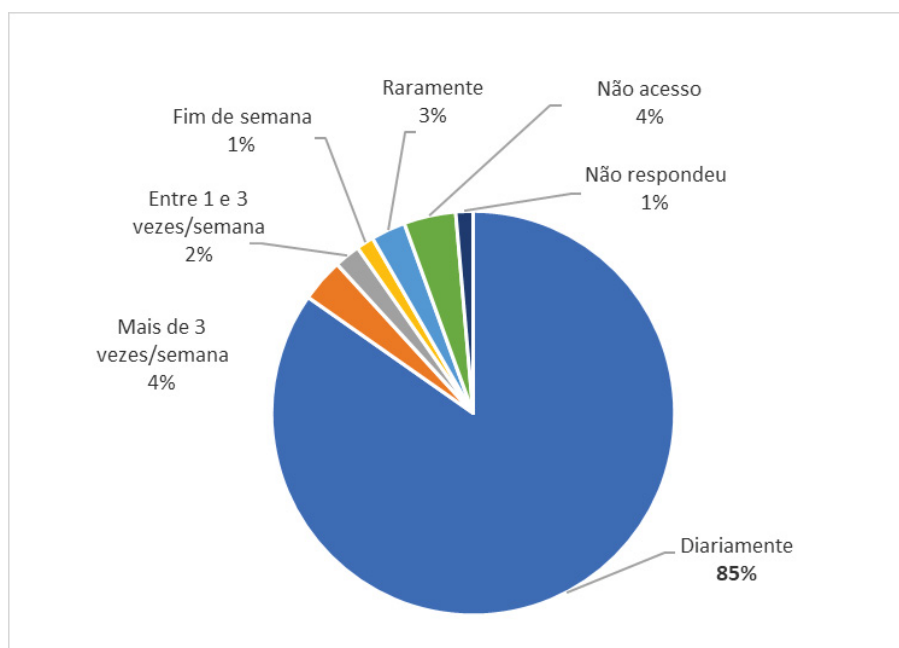
Por meio da aplicação do questionário, também busquei verificar a utilização de redes sociais digitais entre os descendentes de imigrantes poloneses de São Mateus do Sul. Na Pesquisa Brasileira de Mídia, aplicativos como *WhatsApp* e *Messenger* não são enquadrados como redes sociais. No entanto, esta etapa da análise, agrupamos também os aplicativos de mensagens devido ao seu potencial de promover interação e interatividade<sup>43</sup>. Partimos do entendimento que poderiam ter grande inserção na comunidade pesquisada e conhecer os hábitos de utilização desses aplicativos contribuiria para o desenvolvimento da da pesquisa.

O *WhatsApp* se mostrou a forma de comunicação digital mais popular entre esse público (gráfico 11), sendo usado diariamente por 85% dos informantes. 4% utilizam o aplicativo de mensagens mais de três vezes por semana, 2% entre uma e três vezes por semana, o mesmo percentual que utiliza apenas nos fins de semana. 3% utiliza raramente. 4% afirma não acessar o *WhatsApp* e 1% não respondeu a esta questão.

---

43 DE ALMEIDA SOUZA, Juliana Lopes; DE ARAÚJO, Daniel Costa; DE PAULA, Diego Alves. Mídia social WhatsApp: uma análise sobre as interações sociais. *Revista Alterjor*, v. 11, n. 1, p. 131-165, 2015. Link de acesso: <http://www.periodicos.usp.br/alterjor/article/view/97747>

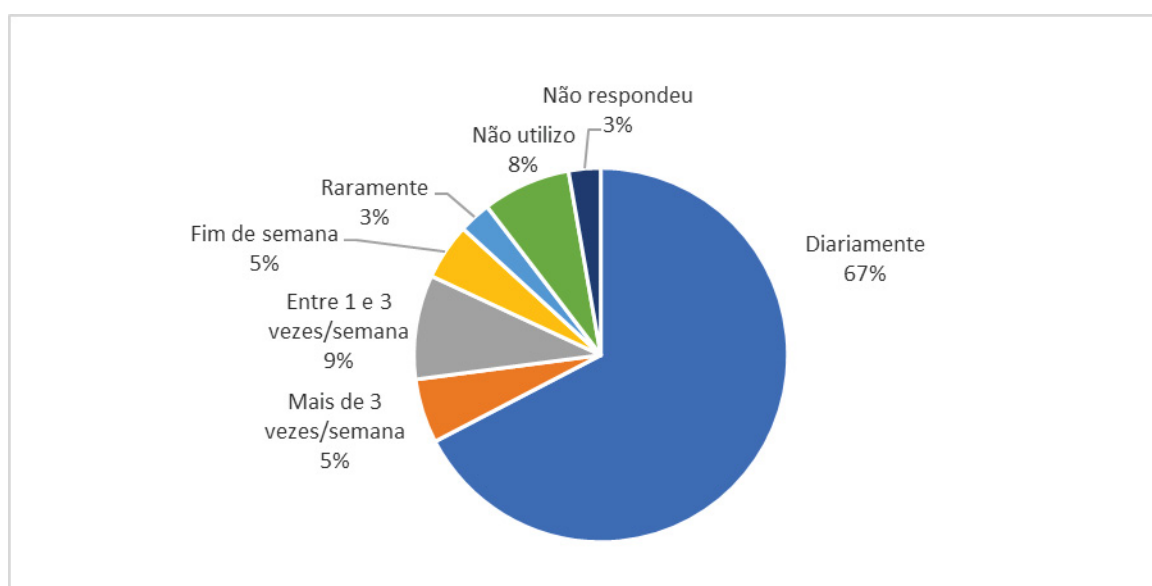
GRÁFICO 11 - USO DO WHATSAPP



Fonte: A autora (2018)

Inclusive no andamento da pesquisa, o aplicativo se mostrou um meio importante de contato entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa, para agendamento de entrevistas e mesmo envio de registros.

GRÁFICO 12 - USO DO FACEBOOK



Fonte: A autora (2018)

Na sequência, a rede mais utilizada é o *Facebook* (gráfico 12), acessado diariamente por 67% dos informantes. 5% dos informantes utilizam essa rede social mais de três vezes por semana, 9% utiliza entre uma e três vezes por semana, 5% utiliza apenas nos fins de semana, 3% utiliza raramente, 8% afirma não utilizar e 3% não respondeu.

No questionário, houve também perguntas sobre outras redes, como *Instagram* e *YouTube*, as quais ficou evidenciado que não possuem tanta aderência por parte do público da pesquisa e não foram destacadas neste texto.

#### 4.2.3 Perfil dos polono-brasileiros de São Mateus do Sul

Os questionários contribuíram para conhecer o perfil geral dos polono-brasileiros de São Mateus do Sul. A alta adesão à religião e, especialmente à religião católica, é um dos aspectos mais marcantes nessa população, ainda que essa influência seja observada em todo o município, de acordo com os dados do IBGE (2010), não apenas restrito à etnia polonesa.

Com relação à influência da cultura polonesa, a culinária se sobressai, seguida pela religião e pelas músicas. A língua polonesa é só a quarta forma de influência étnica mais observada pelos respondentes. Embora o idioma polonês não seja uma das formas mais identificadas da influência da polonidade nesse meio, quase  $\frac{3}{4}$  dos respondentes possuem algum conhecimento do idioma, mas o percentual dos que possuem algum nível e fluência é bastante reduzido. A razão pode estar no fato de os meios de difusão do idioma serem predominantemente orais e a maior parte relacionado aos círculos familiares. Nesses casos, é comum que com o passar das gerações após a imigração, o percentual de falantes do idioma diminua.

Com relação ao consumo de mídia, o destaque fica por conta da ampla utilização da internet e das redes sociais. A televisão continua sendo o meio de comunicação mais utilizado, mas está seguido muito de perto por uma rede social, o *Facebook*. Também chamou a atenção o grande número de usuários que utiliza o *WhatsApp* diariamente.

Uma vez que a internet é bastante utilizada e a casa é o ambiente principal de acesso, conhecer esses hábitos dos usuários é uma informação importante para pautar a condução das próximas etapas de pesquisa, especialmente as que se referem à identificação dos processos comunicativos no contexto familiar.

Durante as observações, foi possível perceber um contexto em que as tradições polonesas estão presentes, porém modificadas e ressignificadas. Os sujeitos reconhecem a si

mesmos como descendentes de poloneses e a identificação étnica parece fazer sentido para eles. Mas, o contexto híbrido ou mestiço da sociedade em que vivem está claramente presente nas suas práticas, como quando a cesta da *Święconka* é preparada com misto de alimentos tradicionais usados pelos poloneses para a data bem como alimentos que fazem sentido no contexto local e atual, como o café e os ovos de chocolate.

A observação de rituais como os da Páscoa se mostrou um momento rico para conhecer as formas de identificação como polono-brasileiros desses sujeitos, bem como em que momentos eles adotam posições de identidade que reforçam ou os distanciam da etnia polonesa. As pistas que foram encontradas na Exploração foram seguidas durante a Descrição para melhor compreensão desses processos.

**Parte II**  
**DESCRIÇÃO**

## 5 RELAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES ENTRE FAMÍLIA

Nesse momento da **Descrição**, o objetivo é produzir mapas de sentidos a partir do contato mais próximo com os sujeitos da pesquisa (GALINDO CÁCERES, 1997).

Adentrar aos lares das famílias descendentes de imigrantes poloneses em São Mateus do Sul foi uma imersão buscando conhecer mais sobre essa cultura e observar as suas relações familiares. Analisar a trajetória dessas famílias nos ajuda a entender a relação entre a identidade polonesa e os processos comunicativos (especialmente na relação com os meios de comunicação, mas observando também o que escapa ao midiático) vivenciados pelas duas famílias ao longo do tempo; e ainda a compreender como a relação desses familiares com os meios de comunicação atravessa a constituição da identidade cultural numa perspectiva histórica.

Esta etapa da pesquisa de campo foi organizada de modo a contemplar visitas às famílias em momentos definidos como privilegiados para entender a relação com os meios e com a identidade polono-brasileira, com base nos dados obtidos a partir da Exploração. Partindo da informação de que a religião é um dos aspectos nos quais se observam as tradições polonesas, as cerimônias de Páscoa foram escolhidas para o início do trabalho de campo e a celebração do Natal para fechamento do campo.

Para entender esses fenômenos numa perspectiva diacrônica, foi adotada a técnica da História de Família (GONZALEZ, 1995). A construção do relato com a trajetória familiar foi também complementada com técnicas de inspiração etnográfica (diário de campo, observações e fotoetnografia), com observações que deram subsídios para entender como se dão as relações comunicativas no contexto familiar e seu atravessamento na constituição da identidade numa perspectiva sincrônica, seguindo o modelo adotado na pesquisa conduzida por Jacks e Caparelli (2006).

Nos próximos tópicos, são detalhados os procedimentos metodológicos dessa etapa, resgatando as proposições da **Descrição** para Galindo Cáceres (1997) e propondo a articulação desta etapa com as técnicas da história de família (GONZÁLEZ, 1995) e da observação dos usos midiáticos num fragmento do cotidiano. Na sequência, são apresentados os dados obtidos a partir das observações sincrônicas durante a Páscoa, os jogos da Copa do Mundo e o Natal (subcapítulos 5.2, 5.3 e 5.4); na sequência estão relatos das duas famílias pesquisadas, que estão demonstrados em forma textual e fotográfica (subcapítulos 5.5, 5.6, 5.7 e 5.8).

## 5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA DESCRIÇÃO

Durante o trabalho descritivo, a relação entre pesquisador e pesquisado se estreita ainda mais. O contato com a comunidade deve ser reforçado e o investigador deve se tornar parte daquela comunidade – ou, neste caso, integrar, de alguma forma, as relações familiares. No trabalho descritivo aparecem elementos da vida individual e familiar dos relatores. Trajetórias de vida, elementos sobre a sociedade e cultura de seu tempo e de outros tempos estão entre os aspectos presentes na descrição (GALINDO CÁCERES, 1997).

A escolha das famílias para desenvolvimento dessas histórias se mostrou uma etapa desafiadora. A primeira tentativa, ainda antes do desenho metodológico atual, foi partir de documentos históricos que revelassem quais eram as famílias de polonesas que colonizaram a região. A busca por dados da imigração junto ao Arquivo Público do Paraná revelou a existência do registro dos imigrantes que chegaram à região, documentados pela Comissão de Terras no Vale do Iguaçu<sup>44</sup>. No registro, consta a chegada de 2.660 imigrantes, entre os quais não estavam somente polacos. Além desse documento, encontrei a lista de cessão dos lotes com o nome dos proprietários das quatro colônias de São Mateus e da Água Branca.

Inicialmente, busquei identificar nesses documentos elementos que ajudassem a indicar formas de definir as famílias a serem investigadas. No entanto, a leitura dos nomes relacionados ao número do lote da colônia, embora fosse uma informação relevante para compreender a história da imigração na região, não dava pistas de como estavam essas famílias nos dias de hoje, nem sequer se permaneciam no município. Pela quantidade de famílias, também seria inviável buscar os descendentes de todas elas nos dias de hoje. Então, optei por fazer o caminho inverso: localizar descendentes de imigrantes e depois, buscar localizar as famílias nos documentos históricos.

Para isso, seria necessário, antes de mais nada, identificar quais são as famílias descendentes de poloneses, objetivo para o qual a aplicação dos questionários (subcapítulo 4.2) foi essencial. No entanto, da mesma forma que os registros nos documentos, os relatos a partir dos questionários podiam ser objetivos e distantes demais para ajudar a definir um número reduzido de indivíduos para a continuidade da pesquisa. Então, associar a distribuição de questionários a observações com registros no diário de campo se mostrou uma boa escolha e, ainda que os dados dos questionários tenham sido importantes para conhecer melhor a comunidade observada e ter informações que não fossem produzidas de forma estritamente

---

<sup>44</sup> Documento digitalizado e arquivado pelo Arquivo Público do Paraná



subjetivas, a observação do envolvimento dos sujeitos nos processos observados foi o que ajudou a definir como prosseguir o estudo. Por se tratar de um estudo qualitativo, o número de famílias não era o mais importante e não foi definido previamente, optamos por deixar que essa resposta viesse do campo.

Os critérios para escolha das famílias para dar continuidade à pesquisa foram os seguintes: serem descendentes de imigrantes poloneses; cultivarem tradições relacionadas à cultura polonesa na Páscoa (uma vez que este seria meu próximo movimento de observação); ter no mínimo três gerações observáveis, boa aceitação do estudo por parte dos integrantes e, no caso de optar por mais de uma família, era essencial que estas fossem de regiões diferentes da cidade. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não havia um número de famílias preestabelecidas para o aprofundamento do estudo, essa definição se deu no contato com os sujeitos no campo, momento no qual duas famílias despertaram meu interesse enquanto pesquisadora, por serem seus integrantes as pessoas que se mostravam mais participativas nos rituais observados, além de receptivas à pesquisa.

#### 5.1.1 Observações sincrônicas

Para a observação etnográfica que permita captar os sentidos produzidos pelos integrantes a partir da relação com a mídia é necessário trabalhar com um número reduzido de sujeitos para observação (JACKS e CAPPARELI, 2006). O primeiro movimento para compreender as relações entre identidade e recepção com as famílias se deu no domingo de Páscoa, escolhido por ser uma data religiosa importante – portanto em consonância com os valores previamente pesquisados como relacionados à etnia – e que favorece a reunião familiar.

Para esse primeiro encontro tinha como objetivo observar as relações familiares de modo geral e obter informações que ajudassem na construção da primeira versão da árvore genealógica. Além disso, busquei conversar com os membros mais velhos e mais abertos a contar histórias (Dona Nena na família Przybyszewski e Seu Thadeu na família Przyvitowski), a fim de apreender quais os significados que eles atribuem à celebração da Páscoa, quais as tradições que mantêm nessa data e com quem aprenderam. Enquanto isso, busquei descrever traços da utilização de dispositivos midiáticos que aparecessem de forma espontânea. A fotografia novamente foi utilizada para registrar esses elementos, os registros foram posteriormente consolidados na narrativa fotoetnográfica.

Nesse encontro também apresentei a pesquisa aos integrantes de ambas às famílias e pedi a assinatura no termo de autorização do uso de imagem (Apêndice F) e no termo de consentimento livre e esclarecido para participação na pesquisa (Apêndice G), inspirada nos documentos elaborados por Silva (2012) e Delong (2016).

O andamento e a produtividade dos encontros com cada família foram bastante diferentes já no primeiro encontro, evidenciando as características únicas encontradas em cada cenário.

O segundo momento escolhido para a observação foram os jogos da seleção polonesa na Copa do Mundo, nos quais busquei observar a interação com os meios de comunicação, as relações famílias e as marcas identitárias. Tendo o jogo como motivador para o debate, vieram à tona questões da relação com o outro, também foi evidenciada a busca pelo pertencimento à comunidade polonesa, quando integrantes de uma das famílias faziam questão de mostrarem-se torcedores da seleção europeia, mesmo com a campanha pouco empolgante (subcapítulo 5.3).

O último momento de observação foram as celebrações do Natal, momento tão importante quanto a Páscoa, no qual as famílias se reuniram e aspectos da identidade étnica foram aflorados por meio dos costumes do período. Essas observações estão descritas no subcapítulo 5.4.

### 5.1.2 História de família

A partir da elaboração dos relatos de família, é possível compreender como a recepção midiática atravessa a constituição da identidade também numa perspectiva histórica. Os relatos da história de família são:

[...] narrações que documentam a não linearidade dos cursos de vida, e, assim, cada família ou indivíduo não é apenas um átomo da esquina mais distante da sociedade, mas pode, com proveito, tornar-se observável como um sistema de escala contido em um tecido complexo de macroestruturas que mais parecem um holograma que uma cebola: cada fragmento daquele reproduz a totalidade da imagem. (GONZALEZ, 1995, p. 135)<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Tradução livre. Texto original: narraciones que documentan la no-linearidad de los cursos de vida y así, cada familia o individuo no es sólo un átomo de la esquina más alejada de la sociedad, sino que con provecho puede volverse observable como un sistema a escala contenido dentro de un tejido complejo de macro estructuras que más bien se parecen a un holograma que a una cebolla: cada fragmento de aquél reproduce la totalidad de la imagen

Desta forma, é interessante apontar que não é apenas com uma visão particular que as histórias de famílias contribuem, mas elas também permitem explicitar elementos sociológicos comuns a outras famílias. Além de simplesmente abordar fatos e acontecimentos, a pesquisa com histórias de família permite investigar os sentidos elaborados sobre esses acontecimentos, mostrando-se uma proposta pertinente para os estudos sobre a cultura, que podem envolver a produção de sentidos sobre uma época ou geração. Na interpretação, as histórias de família vão além da *doxa*, ou níveis de primeira ordem, pois podem proporcionar outros níveis de interpretação até mesmo contraditórios (GONZALEZ, 1995; JACKS e CAPARELLI, 2006).

Para organizar as relações familiares e a linha do tempo familiar, foram preenchidas fichas com dados biográficos pessoais e dos casais de cada família (GONZALEZ, 1995). A partir desses dados foram elaborados genogramas de cada família (Genogramas 1 e 2) no software GenoPro, versão Beta 2b h13<sup>46</sup>, utilizado por outros pesquisadores como Silva (2012). O genograma permite uma visão mais global das relações familiares e pode ser desenvolvido de acordo com a trajetória temporal daquela família.

Para organização das entrevistas, partimos dos procedimentos da História Oral, método no qual a História de Família está inserida. Nas duas famílias escolhidas, o contato inicial foi feito com os membros mais velhos, seguindo a linha de que na história de família deve-se começar pelos informantes com mais disposição para narrar as histórias e com maior conhecimento sobre a trajetória da família, que costumam ser da geração mais velha (GONZALEZ, 1995). Nos dois casos também, os membros mais velhos se esforçam para manter a tradição polonesa.

Para continuidade do contato com as famílias Przybyszewski (família do Passo do Meio) e da família Przyvitowski (família da Colônia Iguaçu) foi seguido o desenvolvimento da proposição de história de família de González (1995). A pesquisa teve início pelos informantes com mais condições de narrar a história familiar, pois as pessoas mais velhas têm sua orientação pessoal voltada ao passado (no caso desta pesquisa, Thadeu, que é viúvo, na família Przyvitowski e o casal Antonio e Nena na família Przybyszewski), como demonstrado nos genogramas 1 e 2<sup>47</sup>. Para tornar observáveis as trajetórias sociais dos indivíduos e das famílias, é recomendável obter informações sobre, ao menos, três gerações, com fontes

---

<sup>46</sup> Link para download: <https://www.genopro.com/archives/>

<sup>47</sup> Para a construção dos genogramas, a recomendação seria preservar os sobrenomes de solteiro em vez do sobrenome de casado e explorar mais ramos familiares. No entanto, também foi necessária uma adaptação de acordo com as informações obtidas na pesquisa de campo, por isso, os nomes apresentados são aqueles de casado e há apenas o ramo familiar de Thadeu, no caso da família Przyvitowski.

variáveis, o que foi considerado nesta pesquisa, embora as informações da terceira geração não tenham sido tão produtivas.

A escolha dos informantes para as entrevistas não se deu por critérios quantitativos, mas tomando cada caso como uma unidade qualitativa, levando em consideração a posição do entrevistado no grupo: foram incluídos sujeitos de três gerações diferentes e, no caso da família do Passo do Meio, composta por oito filhos na segunda geração, foram entrevistados três dos filhos, o que permitiu ter contato com a visão de diferentes fases da vida da família. Reconhecemos a importância de, neste tipo de estudo, incluir o maior número possível de informantes, dessa forma, a pesquisa poderia ter outros sentidos importantes com a inclusão de mais informantes, no entanto, pelo tempo disponível para a realização da pesquisa fez-se necessário reduzir o número de entrevistados.

A terceira geração foi a mais difícil de fazer o contato. No caso da família Przybyszewski, porque a maioria dos netos do casal-base são ainda crianças, e só foi possível entrevistar a neta mais velha, Michely. Já na outra família, a da Colônia Iguaçu, o desafio foi a pouca disponibilidade de tempo e até mesmo vergonha dos netos para conceder entrevista, sendo que essa só foi possível no almoço de Natal com três netas do casal-base. O contato prévio com a família durante as etapas de Exploração e Descrição facilitou a relação durante as entrevistas, pois foi possível perceber os indivíduos com maior disponibilidade de participação e também quais têm mais condições de narrar a história da família sob diferentes pontos de vista.

Outro fator determinante foi a disponibilidade para conceder entrevista, a partir dos sujeitos que haviam concordado em participar da pesquisa no início do projeto, iniciaram os contatos, mas nem todos se sentiram à vontade em participar de uma entrevista em profundidade, por isso, a opção foi pela escolha de integrantes com maior interesse para esta etapa.

Ao final da realização, transcrição e análise das entrevistas foi verificado se os depoimentos coletados foram suficientes para fornecer uma visão sobre a trajetória e sobre a cultura familiar. Foi considerado se seria possível articular os depoimentos entre si e chegar a inferências relacionadas ao problema e aos objetivos de pesquisa (ALBERTI, 2005).

As entrevistas realizadas foram do tipo história de vida, com foco nos acontecimentos e conjunturas que cada indivíduo presenciou. Dentro dessas entrevistas os temas relevantes para a pesquisa foram aprofundados, tais como as relações com os meios de comunicação e a identidade étnica. (ALBERTI, 2005). A partir dos panoramas traçados individualmente foi possível estabelecer a trajetória familiar.

As conversas foram gravadas em gravador digital pequeno. Em todos os casos, pedi o consentimento aos entrevistados para que usasse o gravador. Eles sempre concordaram, em um primeiro momento com mais receio, mas durante a entrevistas acabavam até mesmo esquecendo que estavam sendo gravados.

Além disso foi utilizado o recurso da fotografia, em alguns casos, de acordo com a demanda do próprio entrevistado, houve a gravação em vídeo, como quando Seu Tadeu Prizvitowski cantou as canções em polonês aprendidas com o avô.

Para a condução das entrevistas, foi elaborado um roteiro geral, com adaptações em algumas perguntas de acordo com cada geração (APÊNDICE E). Como foram entrevistas semi-estruturadas, boa parte das perguntas foram conduzidas no decorrer da própria entrevista, aprofundando as temáticas abordadas pelos indivíduos (ALBERTI, 2005). Além desse roteiro, foram utilizadas as informações das fichas biográficas individuais e de casais (GONZALEZ, 1995)

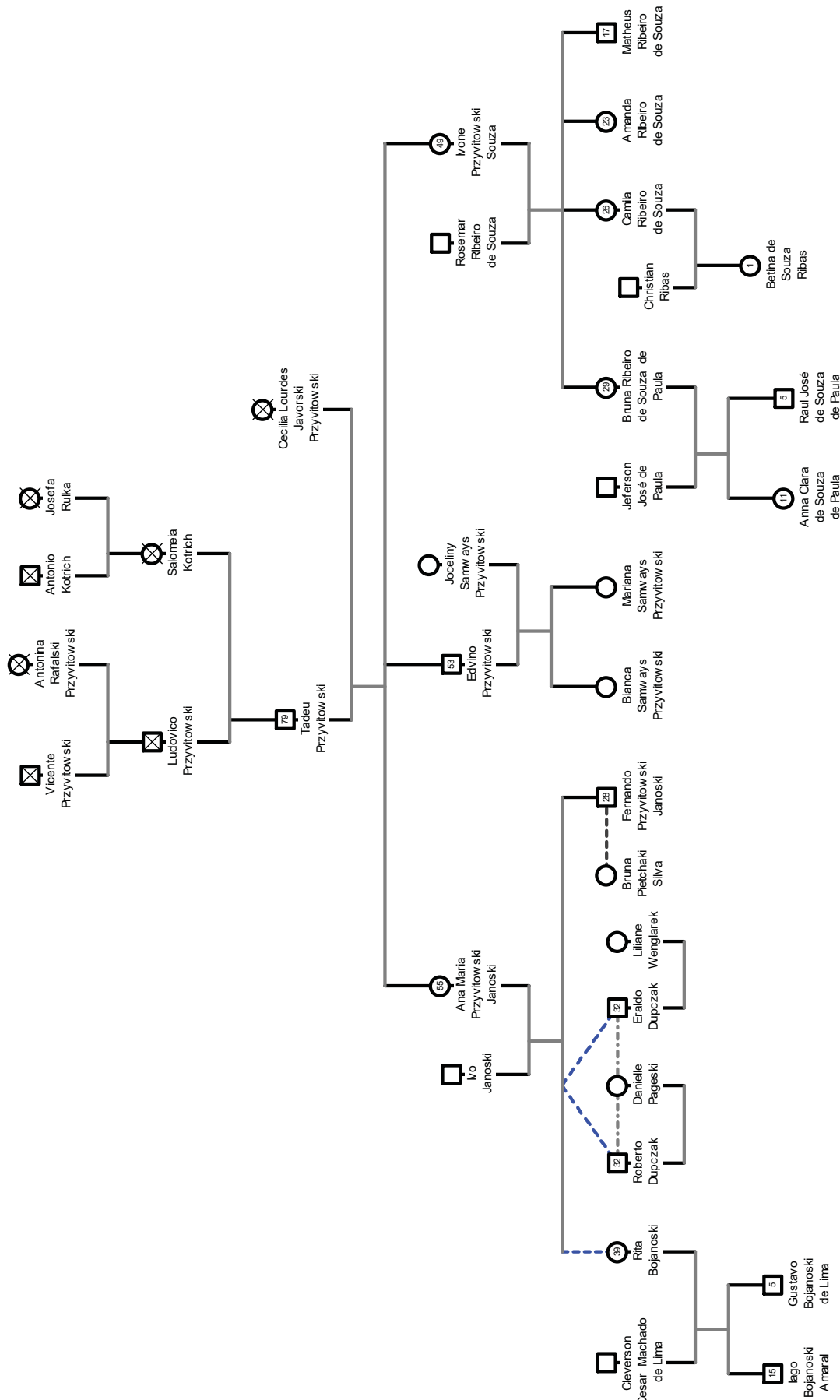
A cumplicidade estabelecida com os personagens da pesquisa, fruto da pesquisa de campo de longa duração, contribuiu para que as histórias e os depoimentos tivessem maior fluidez. Eles não contaram as histórias para um pesquisador desconhecido, mas para alguém com cuja presença já estavam habituados.

As entrevistas foram realizadas durante o mês de dezembro. Como citado anteriormente, o *WhatsApp* se mostrou ferramenta importante no decorrer da pesquisa de campo, pois permitiu manter o contato com integrantes da família e facilitou o agendamento de entrevistas, especialmente da segunda e terceira geração. No caso dos pesquisados da primeira geração, foi necessária uma visita pessoalmente para então agendar o dia da entrevista.

As entrevistas ocorreram preferencialmente na residência dos pesquisados, por entender que esse seria o espaço privilegiado para falar da vivência e das recordações da vida e da família. Também permitiu, em alguns casos, o acesso a lembranças familiares como o álbum de fotos de família, no caso do Seu Antonio e da Dona Nena, e dos retratos de família dispostos nos cômodos da casa, no caso do Seu Tadeu.

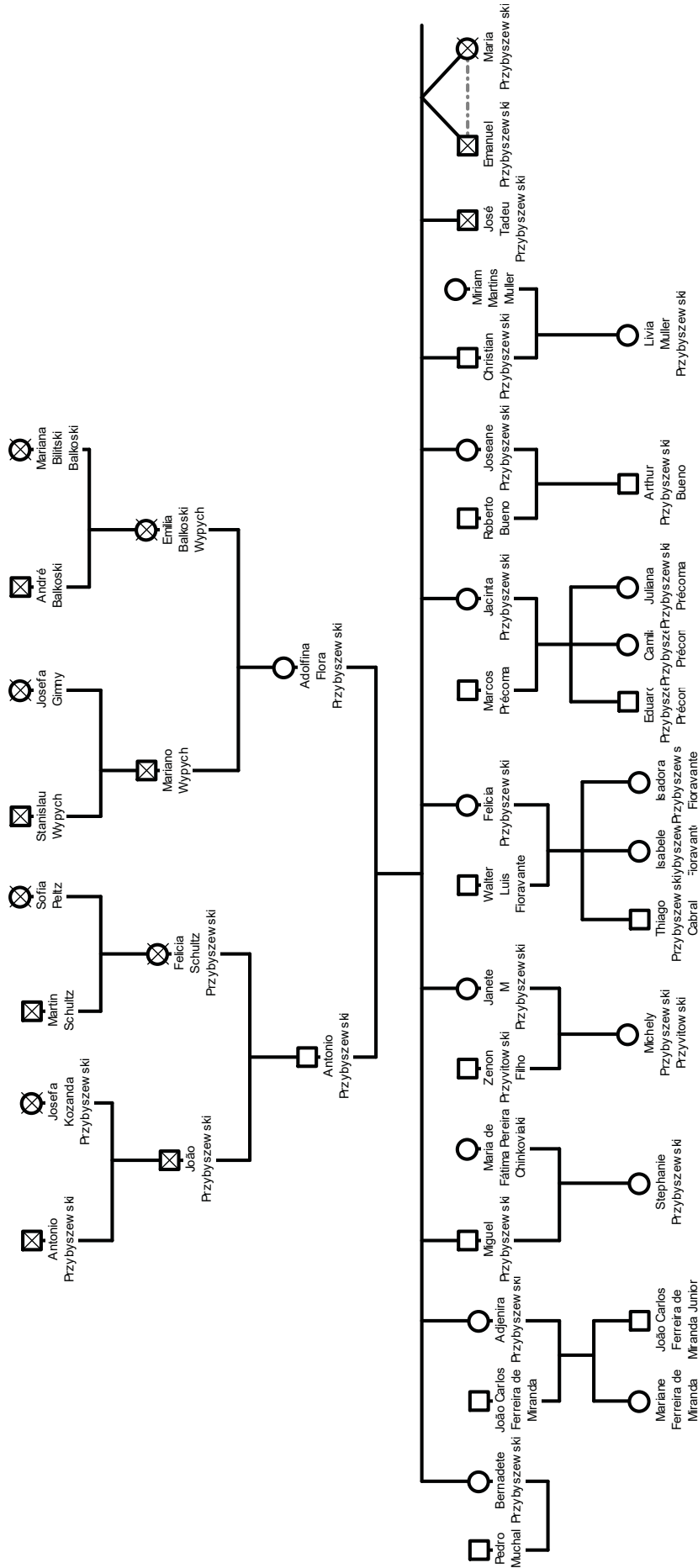
As únicas entrevistas que aconteceram fora da própria casa foram com as filhas e netas do Seu Tadeu, no caso das filhas, por preferência delas mesmas, já que a visita ao pai é um compromisso de todas as tardes, por isso, um horário considerado mais adequado por elas para conceder entrevistas. Já no caso das netas, como residem em outra cidade, foi a maneira de viabilizar a entrevista, aproveitando a visita ao avô por ocasião do Natal.

-GENOGRAMA 1 - GENOGRAMA FAMILIA PRZYVITOWSKI



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

GENOGRAMA 2 - GENOGRAMA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

Silva (2012) reforça a importância do contexto para recontar a História de Família: “para compreendê-lo, é essencial conhecer a visão de quem olha, isto é, como esse alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam” (p. 123). Esse processo foi facilitado pelo fato da minha vivência no município. O Passo do Meio, comunidade central na narrativa da família Przybyszewski, foi também a comunidade da família da minha mãe, o que permitiu que desde pequena eu me ambientasse com os relatos da região. Já a Colônia Iguaçu, colônia central na narrativa da família Przyvitowski, foi o cenário de diversos eventos da comunidade polono-brasileira dos quais participei, além da aproximação com a família durante a realização do perfil do Seu Tadeu, em 2012 (DRABESKI, 2012). Essa vivência prévia favoreceu o exercício de colocar-me no lugar do outro buscando compreender melhor suas experiências.

Nas semanas seguintes à realização das entrevistas, foi realizado o procedimento de transcrição, importante para retomar o contato com o material a fim de iniciar a análise. Após transcritas as entrevistas, foi feita a leitura da transcrição do material, a fim de identificar as ideias-força que marcam cada núcleo familiar bem como os eventos marcantes para estabelecer a linha do tempo da família, que serviu como roteiro para elaborar a primeira versão dos relatos, seguindo a ordem cronológica. As fichas biográficas individuais e de casais (GONZALEZ, 1995) preenchidas durante a pesquisa serviram como ponto de apoio para a construção da primeira versão.

Vale considerar que: “as histórias de família são de algum modo, discursos não-lineares que, à proporção que vão sendo analisadas podem possibilitar maior segurança e racionalidade à pesquisa” (SILVA, 2012, p 123). A fim de destacar trajetórias, microculturas familiares, contextos sociais e processos de transmissão – neste caso especialmente dos aspectos étnicos em cada geração – além da relação com os meios de comunicação e outros processos comunicativos, esta etapa de análise do material foi executada com auxílio do software *NVivo*<sup>48</sup>, para organização e codificação dos dados.

A partir da codificação, o relato foi revisado e organizado com narrativas centradas em cada núcleo familiar: no caso da família Przybyszewski o casal-base, Antonio e Nena; da segunda geração, Bernadete e Pedro; Janete, Zenon e a filha Michely (3ª geração), Jacinta, Marcos e filhos. Na família Przyvitowski, o relato foi focado no Seu Thadeu (1ª geração), nas histórias das filhas Ana e Ivone (2ª geração) e Amanda, Bruna e Camila (3ª geração).

---

<sup>48</sup> Versão 11.



Nesses relatos, foram destacados os seguintes aspectos: a) as trajetórias sociais, ou o equivalente aos jogos sociais e como a família e seus indivíduos jogavam esses jogos, quais eram suas regras, quando ganhavam e quando perdiam, quem eram os jogadores. O fracasso também dá pistas importantes para entender esse contexto social. B) micro-culturas familiares, identificar as “ideias-força” em torno das quais se desenvolve o universo simbólico familiar. Essas ideias definem o modo de agir dentro daquela família e, para alcançá-las, devemos questionar os valores que estão por trás das histórias que nos são contadas, observando tanto os castigos quanto as premiações. Outra forma de observar essas micro-culturas é a partir de momentos marcantes como enfermidades, tragédias, vícios, mortes marcantes entre outros. C) processos de transmissão entre gerações, que pode se dar de forma natural, quando as gerações mais jovens se interessam por aquela herança ou de forma conflituosa, quando o interesse não é o mesmo. D) Contexto sociais: entender como o tempo histórico influencia no tempo familiar e como fatores externos ao espaço familiar afetam as transformações na família e compõem sua memória coletiva (GONZALEZ, 1995). Com relação aos contextos sociais, ganharam destaque também a relação dos membros da família com meios de comunicação e outros processos comunicativos. Devido às adaptações necessárias para tornar a pesquisa viável dentro do período disponível para a realização da dissertação, os relatos de família produzidos se assemelham mais a perfis, por apresentar uma visão parcial da trajetória familiar.

Não foi possível trabalhar com grande número de entrevistas a ponto de atingir o ponto de saturação das informações, quando as histórias familiares começam a se sobrepor (ALBERTI, 2005). Ainda assim, os relatos foram suficientes para definir uma linha do tempo com a trajetória familiar que destacasse os momentos mais marcantes, bem como dar pistas das microculturas familiares, processos de transmissão entre gerações e contextos sociais, seguindo a proposição de González (1995).

### 5.1.3 Fotoetnografia

A escolha do relato fotográfico como complemento ao relato escrito deve-se à sua potencialidade de registro do cotidiano de grupos sociais, especialmente de grupos étnicos, para isso, foi adotada a Fotoetnografia. A fotografia, durante o trabalho de campo, foi encarada como mais do que mera ilustração (embora esse recurso ilustrativo também tenha sido usado na Exploração, quando o relato não estava focado nas famílias), mas como uma narrativa complementar ao texto escrito com possibilidade de dar mais profundidade à

observação do campo. Além disso, a partir da análise dos registros fotográficos, tem-se a possibilidade de perceber outros aspectos além daqueles que foram capturados por meio da entrevista ou registrados no diário de campo (ACHUTTI, 2007).

Além disso, a fotografia permite a descrição visual dos momentos mais marcantes durante a pesquisa e ajudam a evidenciar a relação das pessoas com os meios de comunicação. Na casa de Jacinta e Marcos, por exemplo, a entrevista aconteceu na sala, com a televisão ligada enquanto as crianças assistiam a um filme infantil de tema natalino, e a centralidade do objeto midiático fica evidenciada no relato fotográfico, já que as imagens deste núcleo familiar são sempre em torno da televisão. Da mesma forma, o registro de espaços de convivência dos núcleos familiares ajuda a evidenciar a relação com os meios, aspecto que será aprofundado na Significação.

As fotografias trouxeram importante contribuição para a representação da realidade. A busca foi por desenvolver o potencial narrativo da fotografia, por isso elas não são apresentadas de maneira isolada, mas em séries de fotos que oferecidas apenas ao olhar e que contribuem para o entendimento do contexto da pesquisa. Na argumentação de Achutti (2004), até mesmo as legendas devessem ser dispensadas, já que o texto, numa narrativa fotoetnográfica, desvia a atenção do leitor. No entanto, notamos a necessidade de incluir legendas para que o leitor possa reconhecer os elementos apresentados nas fotos. A narrativa textual da história de família tem importante papel para a apreensão dos elementos fotográficos, por isso é apresentado antes, explorando o potencial de cada uma das formas.

Nesta pesquisa, a fotografia também assume outro papel, que é a ativação da memória a partir dos álbuns de família.

Ao inverter o papel da fotografia no processo analítico, saindo do foco de quem fotografa para aquele que é fotografado, emergem novos sentidos a partir das leituras feitas da fotografia por aquele grupo. “A fotografia de família poderia talvez ser tomada como um equivalente da memória coletiva, como a imagem fixada de um tempo que parou” (LEITE, 1993, p. 76). Os registros fotográficos familiares evidenciam dentre os padrões de comportamento e normas sociais os aspectos desejados por aquela família, ao mesmo tempo que silencia outros comportamentos. O álbum de famílias traz uma representação virtual daquele grupo, ou seja, expressa aquilo que eles desejam ser.

Ainda que se reconheça o potencial das fotografias para guiar reflexões e análises, elas possuem limitações: “ideias, teorias, sentimentos e deduções não são transponíveis para a imagem fixa e isolada, embora a imagem móvel, ou as séries de imagens, contando com o engenho de quem as examina e reúne, possam vir a exprimi-los” (LEITE, 1993, p. 77)

Com relação a essa limitação, novamente ganha importância a abordagem multimetodológica, já que a expressão dos sentimentos – ou mesmo a omissão deles – teve espaço durante a entrevista. Ao mesmo tempo que o álbum atuou como forma de ativar lembranças e memórias da família, os relatos gravados a partir desses momentos ajudaram a compreender valores essenciais para esses sujeitos.

Na sequência são apresentados os relatos apreendidos a partir de observações, entrevistas para a construção da história de família e os registros fotoetnográficos. Apresentados dessa forma, os relatos apresentam um panorama da trajetória histórica e do cotidiano dessas famílias, nos quais são evidenciadas as marcas da identidade étnica dos sujeitos.

## 5.2 FAMÍLIAS REUNIDAS DURANTE A PÁSCOA

A Páscoa foi o primeiro momento de encontro com as famílias, no qual a pesquisa foi apresentada e foram observados alguns aspectos das relações familiares. As primeiras percepções identificadas nesses contatos permearam o prosseguimento da pesquisa com as famílias.

No almoço de Páscoa dos Przybyszewski, a figura de Dona Nena como contadora de histórias logo apareceu, assim como a receptividade e a empolgação dos filhos do casal-base com a pesquisa. Nesse momento, eles buscaram mostrar as tradições e costumes seguidos pela família, os quais são descritos no tópico a seguir.

Na sequência está a descrição de como foi o primeiro contato da pesquisa de campo na família Przyvitowski, no mesmo dia da Páscoa. Nesse momento, embora não tenha havido tanto tempo para a observação familiar, marcas da mediação da tecnicidade já se fizeram presentes, principalmente quando Seu Thadeu me pediu que o filmasse canções em polonês aprendidas com o pai. Ou quando os filhos de Antonio e Nena mostram as gravações dos pais no celular cantando ou rezando em polonês.

Nos tópicos a seguir, são descritos esses encontros. A produção de sentidos decorrentes desses momentos faz parte da terceira parte, da Significação.

### 5.2.1 Páscoa na família Przybyszewski

No almoço de Páscoa de 2018, a família Przybyszewski reuniu-se na casa da Janete, filha do casal Antonio e Nena. Durante esse encontro, com a família reunida, foi feita a partilha dos alimentos benzidos no dia anterior, durante a *święconka*. Dona Nena me contou o significado de cada um dos elementos da cesta, demonstrando uma forte relação com os rituais. A montagem da cesta de Páscoa também tem um fundo religioso, com base numa história passada pelos seus pais. É referência à Cirineu, que andava com uma cesta de ovos quando viu Jesus a caminho da crucificação. Cirineu deixa a cesta de ovos no chão e vai ajudar Jesus a carregar a cruz. Quando volta, a cesta contém pão, ovos, roupa, um milagre de Deus. A montagem da cesta acontece no sábado de manhã:

tem que ter sal, pimenta, açúcar, cravo, né, doce, louro. Tudo o que a gente colhe no ano inteiro tem que ter. pão e o vinho é que nem a hóstia, né. Entre irmãos, filhos. Vinho e o pão é como comunhão (NENA PRZYBYSZEWSKI, 2018).

Os ovos são tingidos com casca de um tipo de cebola plantada especialmente para essa finalidade. As cascas do ovo posteriormente serão espalhadas no quintal, sobre as quais será semeada salsa, um remédio que, segundo ela, não pode faltar em casa.

Na mesa do almoço de Páscoa da família reunida, há outras cestas além da preparada por Dona Nena e Seu Antônio, isso porque as filhas e os filhos também costumam participar da bênção de alimentos e, quando se reúnem no domingo, fazem a partilha dos alimentos. Da missa da vigília pascal, no sábado à noite, quando acontece a bênção do fogo, eles conservam pedaços de carvão, que é usado no café, no chá ou no chimarrão.

Em meio à conversa, uma das filhas do casal me mostra um vídeo da família reunida em um aniversário, cantando em polonês. Em seguida, outra gravação do Seu Antônio lendo em polonês, marcas da tecnicidade que permeia o cotidiano e altera os processos identitários. Depois da conversa, a família faz a oração em português e em polonês em torno da mesa e a partilha dos alimentos, para a qual sou convidada a participar. Após o almoço, celebram o aniversário de 76 anos de dona Nena, cantando os parabéns em português e polonês, o que remete à ideia de uma identidade híbrida.

### 5.2.2 Páscoa na família Przyvitowski

O encontro com a família Przyvitowski na Colônia Iguaçu, que aconteceu por volta das 15h na casa do Seu Thadeu, não teve a mesma intensidade, especialmente por já ser posterior ao horário de almoço, auge do encontro familiar. Foi uma oportunidade importante para apresentar a pesquisa e obter a concordância formal dos participantes, mas não tão produtiva para observar as relações familiares.

No entanto, nesses momentos, já foi possível observar a relação afetuosa e cuidadosa de seu Thadeu com os netos, a quem dá um “dinheirinho” na saída. Quando a neta Bruna se despede do avô, eles conversam sobre as dificuldades e desafios do dia a dia. Ela, comenta que, nas dificuldades, sempre lembra do avô. Seu Thadeu recomenda para que ela reze o terço sempre às 15h.

Na conversa com as filhas Ivone e Ana (sendo que esta tem convívio diário mais frequente com o pai), elas me falam um pouco dos hábitos da família. Os três têm um horário diário para se reunirem para tomar chimarrão e conversar. Durante as conversas do cotidiano, Ana frequentemente mostra ao pai vídeos publicados em um grupo do Facebook que reúne descendentes de poloneses.

Seu Thadeu é de uma família de músicos e tem um gosto especial por canções polonesas. Vendo que estou com a câmera nas mãos, pergunta se eu posso gravar ele cantando algumas dessas canções. Uma das que ele canta, aprendeu com seu avô, cerca de 70 anos atrás e que também era cantado por seu pai.

## 5.3 MÍDIA E COTIDIANO DAS FAMÍLIAS

A Copa do Mundo reúne representantes de diversos países num espetáculo midiático capaz de afetar durante aquelas semanas a rotina de famílias ao redor do planeta. Com a participação da seleção polonesa, esse espetáculo se mostrou um momento privilegiado para entender as formas como as identidades são expressas e ressignificadas no ambiente familiar e a partir da relação com a mídia.

Durante os jogos, surgiram pautas importantes, como nas reflexões de Thadeu Przyvitowski, sobre as relações de marcação da diferença que fazem parte dos processos identitários e que, no relato dele, demonstram como chegam a um processo discriminatório.

Na outra família, fica mais claro o consumo midiático e de outros bens como forma de identificação, já que os familiares apontam esse desejo e demonstram a vontade de expressar suas identidades. Nos dois tópicos a seguir, são descritos os momentos de assistência à TV, os quais são retomados na Significação.

### 5.3.1 Polônia x Senegal: a relação com o outro

O primeiro jogo da seleção polonesa na Copa do Mundo de 2018 foi no dia 19 de junho e assisti na casa de Seu Thadeu. Estava somente ele assistindo na ocasião, porque Ana, a filha que passa a maior parte do dia com ele tinha outro compromisso.

O evento esportivo com o encontro de uma seleção europeia e uma seleção africana levanta um debate sobre racismo, que surge espontaneamente a partir do pesquisado. Seu Thadeu relata que muitas vezes presenciou poloneses expressando o fato de não gostarem dos negros, ou brasileiros como os chamavam normalmente. Nesse momento do relato, ele reproduz algumas frases de tom pejorativo ditas em polonês que eram comuns na sua colônia décadas atrás.

Antigamente era pior ainda do que agora. Eles tinham que até meio... até pra dizer um... nojo, porque eles achavam que *dzik śmierdzi*<sup>49</sup>, como diz, fedendo né. [...] É na região mesmo, em tudo os lugar, porque, como diz assim, [os poloneses] não gostavam. Não é tudo assim, mas vamos supor hoje... porque, assim como eu, a gente não pode desfazer de ninguém, seja como for pra mim, preto, amarelo, branco é tudo igual. Só que tem muita gente, eram racista mesmo. Isso aqui eu sei que tinha muita gente naquele jeito e muito mais pior do que hoje. *Dzik śmierdzący*, como diz, esse já é uma palavra muito... nego fedorento. É uma palavra já muito desagradável. Naquela época ali, os nego mesmo, os polonês era muito, então eles [negros] eram ralo né [...] Quando fala de racismo algum, eu já me lembro, né. Mas antigamente era um racismo. Muito, muito forte. (THADEU PRZYVITOWSKI)

Este é um relato marcante, pois nessas tensões na relação com o outro, normalmente são evidenciados os preconceitos sofridos pelos poloneses, e ele relembra os casos de preconceito praticados por poloneses que ele via ali na sua colônia, principalmente anos atrás. A partir da demarcação da sua identidade, pode haver conflitos de relação com aquele que é diferente, esse aspecto é retomado na Significação.

---

<sup>49</sup> Tradução livre: pessoa não civilizada fedida. O termo *dziki* na língua polonesa pode ser usado para animal selvagem, javali, ou mesmo para pessoa não civilizada. Fonte: *Podręczny słownik języka polskiego*, Elżbieta Sobol, Warszawa, 1996. No uso coloquial na região, era usado para se referir a negros.

Esse tipo de relato só foi possível graças à proximidade e cumplicidade estabelecidos com o entrevistado, pois nessas tensões na relação com o outro, normalmente são evidenciados os preconceitos sofridos pelos poloneses e não o inverso.

A memória também é ativada a partir do jogo. Ele lembra da Copa de 1982, na qual a Polônia teve campanha histórica. À época, ele não pode acompanhar os jogos, mas seu pai assistiu, foi lembrada por Thadeu, que estava trabalhando e não pode acompanhar, aspecto que evidencia a memória sendo ativada a partir da interação com o dispositivo midiático. Nessa visita às lembranças, também aparecem referências a momentos da seleção brasileira, o nome de Pelé, por exemplo, é citado durante a conversa.

Novamente, a mestiçagem (MARTÍN-BARBERO, 2015) que nos constitui como América Latina (reforçada na Significação) é evidenciada. Aparecem tanto elementos da expressão da identidade polonesa – quando Thadeu torce para a seleção da Polônia, canta junto o hino e lembra da campanha polaca em copas passadas – assim como o seu reconhecimento como brasileiro – ao falar do Pelé e da seleção brasileira.

### 5.3.2 Polônia x Colômbia

Para o segundo jogo da Polônia, no domingo, 24 de junho, fui à casa de Jacinta, da segunda geração da família Przybyszewski. Lá a família estava quase toda reunida e já na chegada fui recebida com grito de “Polônia! Polônia!”. Alguns integrantes da família vestiam camisas vermelhas em referência ao país europeu. Durante o jogo, Miguel, também da segunda geração da família Przybyszewski, relatou a dificuldade de encontrar o uniforme da seleção polonesa para comprar em São Mateus do Sul. Essas demonstrações remetem a outra forma de identificação, relacionada ao consumo cultural e midiático (TOALDO E JACKS, 2013). Considerando que os referenciais da identidade étnica não dão conta de fixar os significados de identidade dos sujeitos, as identidades passam a ser configuradas também a partir do consumo e da apropriação de bens e de produtos culturais. “Quando selecionamos os bens e nos apropriamos deles, definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos de nos integrarmos e nos distinguirmos na sociedade, de combinarmos o pragmático e o aprazível” (CANCLINI, 2010, p. 35).

O próprio encontro familiar para assistir ao jogo pode ser uma demonstração de quando o consumo midiático atua como espaço de identificação, pois as relações familiares ali expressas demonstraram que a família se reuniu também para atender aos meus anseios de

pesquisadora, pois, não fosse isso, talvez o jogo da seleção polonesa não fosse o motivador da reunião familiar naquele dia. No entanto, uma vez reunidos, a maioria dos familiares buscou demonstrar sua ligação com a etnia polonesa, mesmo que a relação com o futebol polonês não fosse tão forte. A memória também foi ativada a partir do jogo, mas todas elas eram relacionadas à seleção brasileira.

Dois aspectos que se repetem nos dois jogos são a reclamação com em relação à pronúncia incorreta dos nomes da seleção polonesa e a tentativa de identificar nomes de conhecidos semelhantes aos dos jogadores poloneses, demonstrações de que a língua polonesa, ainda que não haja domínio do idioma por todos os sujeitos da pesquisa, atua como espaço de identificação, como abordado no tópico 7.1.5.

Se as observações sincrônicas durante a Copa demonstraram claramente o atravessamento da comunicação de massa nos processos identitários, a observação durante reuniões familiares de feriados cristãos evidencia outros processos comunicativos igualmente importantes, muito baseados nas tradições familiares, como descritos na sequência a partir das observações do Natal.

## 5.4 NATAL EM FAMÍLIA

Os encontros natalinos nas famílias pesquisadas são momentos de oração, de família reunida e de tradições. Nesse meio surgem as tradições, muitas vezes passadas de geração a geração. A maioria desses costumes étnicos são adaptados de acordo com o momento em que as famílias vivem hoje.

Nomes em polonês aparecem com mais frequência do que em outros momentos da análise, sejam para designar pratos culinários, tradições ou canções em polonês, como descritos a seguir.

### 5.4.1 O Natal no Passo do Meio

Um dos momentos marcantes de reunião familiar é o Natal. No dia 24 de dezembro, o ponto alto é a Missa do Galo, que atualmente é realizada no início da noite na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



No advento de Natal, Nena prepara o pinheirinho e o presépio, eles fazem jejum para aguardar o nascimento de Jesus. No natal de 2018, os irmãos se reuniram para fazer uma novena em família. Já que nem todas as casas têm mais grupos de novenas, eles decidiram fazer a novena em família. Em meio aos encontros, aparecem orações ou cânticos em polonês, como de *kolęda*.

É a primeira vez que a gente faz, se a gente conseguir que todo ano a gente faça, as crianças vão crescer nessa preparação, porque a gente lembra quando a gente era criança que a gente ia nas casa com a mãe rezava e cantava, e elas não sabem o que é isso” (JACINTA PRZYBYSZEWSKI)

Hoje em dia, a reunião em família acontece no dia 25. O encontro desta vez aconteceu no Passo do Meio, onde eles fizeram a cerimônia do *Oplatek* (costume polonês de partilha do pão ázimo) e a partilha do vinho, enquanto cantaram *Dzisiaj w Betlejem* e “Natal é aqui”.

A mesa do almoço foi preparada com um vaso de flores, uma vela e a imagem de Nossa Senhora Aparecida, o presépio, montado logo ao lado. Na hora da refeição, um prato a mais foi colocado na mesa. “É o prato para Jesus”, conta Nena. Com o avô, de origem polonesa e ucraniana, ela aprendeu que o trigo sempre tinha que ter na refeição de Natal. Por isso, embaixo do presépio ele colocou numa cesta trigo, além de palha e milho pro gado, pois eles foram os primeiros a encontrar Jesus recém-nascido. A filha Adjenira, a partir de receita achada na internet, preparou o *kutiá*, prato a base de trigo tradicional em culturas eslavas, como polonesas e ucranianas. A mistura da tradição familiar com o uso de aparatos tecnológicos para executar o prato remete à tecnicidade que permeia o ambiente familiar, a qual será aprofundada na Significação.

#### 5.4.2 O Natal na Colônia Iguaçu

O Natal é uma das datas do ano em que Seu Thadeu gosta de ver a família reunida, por isso, com bastante antecedência começa a fazer os convites. Nos dias que antecedem a reunião familiar, ele se preocupa em organizar tudo para que todos estejam bem servidos no almoço realizado no dia 25.

Na mesa de Natal da família Przyvitowski, o que nunca falta é o leitão assado. As tradições polonesas são notáveis na cozinha da família, com o *chrzan* para acompanhar a carne de porco, o pepino azedo e a cerveja caseira.

Antes de festejar, tem a oração. Na noite de Natal, vão à Igreja rezar na *pasterka*, a missa tradicional da meia noite, que hoje em dia já não segue o ritual à risca e é realizada no início da noite, de acordo com o costume de cada comunidade. No dia seguinte, com todos reunidos para o almoço, Seu Thadeu puxa uma oração e é lido um trecho da Bíblia.

Mas, a celebração do Natal de 2018 começou ainda dias antes, no dia 16 de dezembro, quando eles participaram da cerimônia do *opłatek* no centro Polônico Marcelo Janowski (CEPOM), associação localizada na colônia. Ana ajudou a preparar alimentos para a partilha. No cardápio, buscaram incluir alimentos que eles comiam com frequência: salada de repolho cozido, salada de batata com cebola, ovo cozido, vinagre, *pietruszka* (salsinha) e *szczypiorek* (cebolinha); e *pierogi* com três molhos diferentes.

Antes da partilha do pão que caracteriza o *opłatek*, a comunidade fez orações e o Coral Karolinka cantou *kolęda*. Enquanto os coralistas cantavam no palco, Thadeu acompanhava as canções cantando junto. As mesmas canções que ele aprendeu com o pai e o avô e ensinou aos filhos e netos.

Com a observação das reuniões de ambas as famílias no almoço do Natal, alguns aspectos se repetem, como as músicas em polonês, a partilha do *opłatek* e a marca expressiva dos fundos religiosos na celebração da data.

Os momentos de reunião familiar ajudam a entender as ideias-força que constituem aquele grupo e que marcam seus processos identitários. A seguir são apresentados os relatos textual e fotoetnográfico das duas famílias, no qual os valores observados até então de forma sincrônica, ganham força a partir da visão da trajetória familiar numa perspectiva histórica.

## 5.5 RELATO DA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI (PASSO DO MEIO)

Quantos sentidos são produzidos a partir da organização familiar? E mais, quantas tradições, costumes e valores são passados de uma geração a outra? Quando falamos da identidade polono-brasileira, falamos de sujeitos que, mesmo após tantas gerações pós-imigratórias, carregam consigo o sentir-se polonês, ao mesmo tempo que se reconhecem como brasileiros. Compreender ao menos alguns dos processos envolvidos nas relações

familiares que compõem a ressignificação das identidades individuais foi o que se buscou com a construção dos relatos dessas famílias.

Contar a história de uma família requer envolvimento e uma aproximação com os sujeitos – talvez muito mais aprofundada do que o permitido pelo tempo disponível para a pesquisa. Mesmo reconhecendo que uma observação de campo com mais entrevistas traria outros níveis de interpretação, o período de pesquisa de campo com os Przybyszewski e os Przyvitowski já permitiu conhecer um contexto relevante de relações sociais e produções de sentidos. Para essa tarefa de recontar uma visão da história dessas famílias, foram adotados procedimentos propostos por González (1995) e Alberti (2005).

Conforme González (1995), a matéria prima dos relatos apresentados na sequência são as interpretações que esses sujeitos têm da vida e do mundo. Ao entrevistar diferentes gerações, foi possível registrar sentidos elaborados nesse ambiente. A minha visão a partir desses sentidos capturados durante as entrevistas é apresentada a seguir.

#### 5.5.1 Antonio e Nena: casal-base da família Przybyszewski

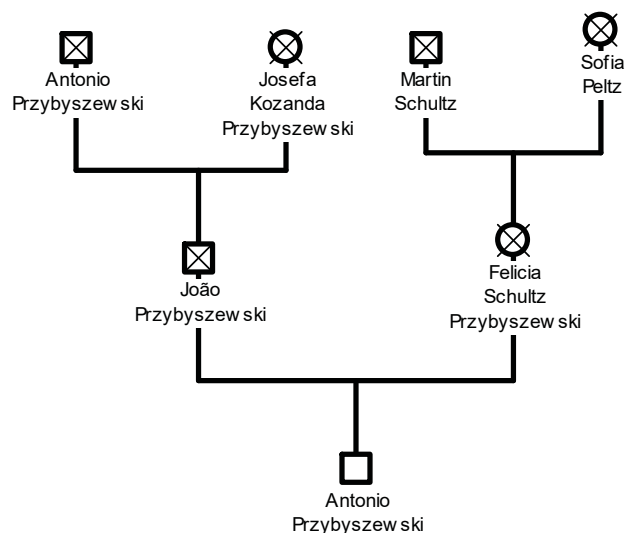
A foto do documento repassado por *WhatsApp* pela família Przybyszewski é o registro da origem dos antepassados migrantes. Antonio Przybyszewski e Josefa Przybyszewski, ambos nascidos na Polônia, e moradores das colônias polono-brasileiras, em agosto de 1901 deram à luz a João Przybyszewski. Já em agosto de 1912 nascia Felícia Szul, filha de Martins e Sofia Szul, ambos vindos do território austríaco. Após o casamento, Felícia passou a assinar Felícia Szul Przybyszewski.

Da união de João e Felícia começa a história de Antônio Przybyszewski (genograma 3), nascido na localidade do Passo do Meio, no dia 19 de abril de 1942. A história da vinda dos imigrantes para o Brasil foi contada ao neto que lembra alguns dos momentos: “Diz que gastaram uns seis meses pra chegar, que era tocado a vento o barco deles, tinha dia que ventava pra lá, dois dia pro outro lado. Nasceu as criança tiveram que jogar no mar, os que morreram também jogaram” conta Antonio. “Eles desembarcaram no porto de Santos e daí vieram parar em Mallet. [...] O governo deu uma chácara pra cada um deles, um lote como diziam, 10 alqueire, na Colônia Uma, no Rio Claro<sup>50</sup>”, complementa.

---

<sup>50</sup> Rio Claro do Sul, distrito do município de Mallet.

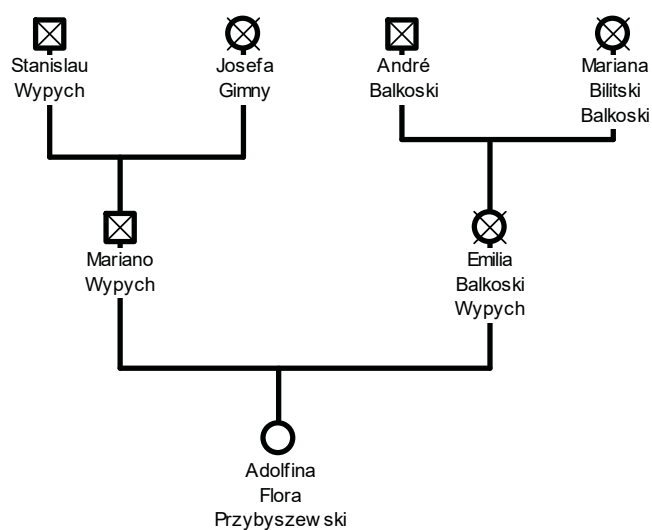
GENOGRAMA 3 - ANTONIO PRZYBYSZEWSKI (1ª GERAÇÃO)



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

Já a história dos antepassados de Adolfina Flora Wypych Przybyszewski, conhecida pela família e amigos apenas como Nena, centra-se mais em relatos orais do que em documentos escritos. “Meu vô veio com 17 anos, daí a mãe é nascido aqui. Somos terceira geração igual. Bem pertinho, né?”, reflete Nena.

GENOGRAMA 4 - ADOLFINA PRZYBYSZEWSKI (1ª GERAÇÃO)



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

Os pais de Dona Nena, Mariano Wypych e Emília Balkoski moravam na Colônia Quatro, em Fluvópolis<sup>51</sup>. Na mesma colônia, Mariano e Emília fizeram sua festa de casamento. O porta-retratos com a foto em preto e branco desse dia faz parte hoje das recordações de Dona Nena (figura 10). Depois do casamento, Emilia e Mariano se mudaram para outra região do município, o Passo do Meio. Ali, em 1942, foi onde Nena nasceu.

FIGURA 10 - CASAMENTO MARIANO E EMILIA



Fonte: A autora (2018)

O Passo do Meio é uma comunidade retirada, localizada a pouco mais de 30 quilômetros do centro de São Mateus do Sul. Foi marcada pela passagem do caminho dos tropeiros, mas também abriga famílias de origem polonesa. Nessa comunidade se passou boa parte da história da família Przybyszewski.

Na comunidade vizinha do Palmital, Antonio começou a frequentar a escola, aos seis anos. O estudo oferecido era só até o terceiro ano, mas ele frequentou as aulas por cerca de 8 anos, um tanto por dificuldades de aprendizado, mas também para poder acompanhar as irmãs que frequentavam a mesma escola.

Nena estudou no colégio de freiras no Rio Claro, dos nove aos 13 anos. Foi lá que ela aprendeu a falar português, porque até então, só sabia o polonês falado em casa. Os professores eram poloneses e lecionavam para uma turma mista de brasileiros, poloneses e ucranianos, no entanto, sempre em brasileiro – como costumavam se referir ao português do Brasil. “Também falava polonês, mas era proibido, a gente não podia falar”, conta.

---

<sup>51</sup> Distrito de São Mateus do Sul

O livro de orações recebido como lembrança pela primeira comunhão também traz lembranças da infância. Antônio e Nena fizeram comunhão e crisma juntos, desta vez sim em polonês, mas em um rito diferente do atual. “O padre rezava de costa pro povo. Só algumas hora ele dizia as palavra que, como que é, ‘*dominus obiscum*’, o povo respondia. Só isso que ele voltava pro povo. Veja, mudou muito a igreja, foi bom porque todo mundo compreende. Muito bom.”, explica Nena comparando os rituais da Igreja católica da sua infância para hoje. No livro que eles guardam como lembrança desse período, as gravuras ainda demonstram o padre fazendo a celebração de costas para a assembleia.

Antônio e Nena cresceram na mesma comunidade, por isso se cruzaram por várias vezes. Além dos encontros na Igreja, também se cruzavam em outro evento da infância: as sessões de rádio.

Os primeiros contatos com o aparelho radiofônico foi quando eles tinham por volta de 12 anos, graças à Elvira, tia de Nena que tinha o aparelho em casa. Na casa dela se reuniam os vizinhos para escutar, ou talvez fosse melhor dizer “assistir ao rádio”, já que as crianças se sentavam o mais perto possível tentando enxergar de onde vinha o som das notícias e das radionovelas, que se misturavam ao chiado do rádio. Nena, que morava perto da tia, era ouvinte assídua. Antonio ia algumas vezes a cavalo participar daquele momento. Somente depois de casados que Antonio e Nena foram ter o rádio em sua casa. Isso porque Mariano, pai de Nena não gostava da novidade e dizia que não era bom escutar aquilo.

Mariano gostava mais de ler e recebia o jornal *Lud*<sup>52</sup>, que era lido em voz alta para a família. Já o pai de Antonio, não era afeito à leitura, mas gostava de ouvir música e inclusive tocava canções polonesas com gaita, violino e bumbo, e inclusive chegou a ter um rádio em sua casa.

Quando seu Antônio foi servir ao exército, na década de 1960, ele e Nena já namoravam e inclusive trocavam cartas. No quartel, o neto de descendente de poloneses foi repreendido pela língua falada. “Não podia falar [em polonês]. Naquele tempo, eles quiseram expulsar nós com o Graboski. Eles pegaram nós conversando, mas conversando coisas sérias, já deram um galope ‘ne’ nós: ‘mais uma vez vocês vão ser expulso, que não pode fazer essas porcarias aí’. Daí a gente largou de falar polaco, sabe”, recorda Antonio. A repressão contribuiu para que o uso da língua na comunidade diminuísse: “Nem na igreja eles não gostavam de falar. Foi proibido mesmo. Por isso que ficou muito fraco assim né, ó. Agora que

---

<sup>52</sup> Periódico brasileiro editado em língua polonesa e destinado à comunidade polono-brasileira. <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornal-escrito-em-polones-procura-leitores-9bxaz3wt7bahl2lgekeorxbgu/>

deram um pouco de chance de rezar um pouco e conversar, mas já tem uns tempos aí que não deixavam”, conclui Antônio.

No dia 9 de fevereiro de 1963, Antônio e Nena se casaram. A cerimônia foi realizada na igreja do Rio Claro e a festa aconteceu no Passo do Meio, na casa dos pais da noiva, como era costume à época.

Recém-casados, viveram um tempo com os pais de Dona Nena e depois numa casinha alugada, até poder construir a casa própria com a ajuda dos pais. Nesse meio tempo tiveram as duas primeiras filhas: Bernadete Przybyszewski e Maria Adjenira Przybyszewski. O primeiro filho do casal a nascer na casa nova foi Miguel, em agosto de 1968. No ano seguinte, nasceu Janete e, em 1972, Felícia, todos no Passo do Meio.

Do período de infância no Passo do Meio, Bete lembra da pobreza, do longo caminho a pé pelo mato até chegar na escola e do trabalho na roça com o pai.

Quando os filhos eram ainda pequenos, Antonio adoeceu, e a localização isolada da comunidade não facilitava o tratamento. Por isso, se mudou para a casa da irmã, que vivia na cidade. Lá ficou cerca de dois anos, cuidando da saúde e trabalhando como motorista assalariado. Nena ficou no Passo do Meio e passou momentos difíceis para cuidar dos filhos e ainda dar conta da roça.

A vida materna também foi marcada pela perda de três filhos pequenos, além de um aborto. As datas das ela não lembra ao certo, mas o tempo sempre é contado com relação a outras fases da maternidade. A chegada e o falecimento precoce dos filhos gêmeos se deram quando Felícia era pequena e começava a dar os primeiros passos. Quase dois anos após os gêmeos, chegava José Tadeu, chamado de Zozué pela mãe, numa quarta-feira de cinzas. Ele faleceu quando Nena tinha a outra filha, Jacinta, ainda pequena ou ainda estava na barriga. “Eu quase não me lembro porque aqui eu passei trechos pesado né”, relata. As causas das mortes não foram determinadas, porque o acompanhamento médico não era uma realidade para eles. Os nascimentos dos filhos aconteceram enquanto Nena ainda estava sozinha no interior e Antonio estava na cidade para tratamento médico.

Em 1975, toda a família se mudou para a região urbana do município e foram dos primeiros moradores da Vila Prohmann. Na casa nova nasceram os últimos três filhos do casal: Jacinta, Josiane e Christian, sendo que os dois últimos foram os únicos a nascerem no hospital.

Com a mudança para São Mateus, a televisão também chegou até a família. Antonio e Nena já conheciam o aparelho da visita a parentes que moravam no Rio Azul, cidade vizinha. Mas o primeiro contato não tinha sido tão amigável. “Eu ficava tonta (risos) Não podia olhar

né. Ficava bem longe, não tava querendo assistir. Acho que tinha a vista torta né”, lembra Nena.

Por meio da televisão eles acompanharam a visita do Papa João Paulo II ao Brasil em 1980, numa tela pequena, preto e branco. Reuniram-se os conhecidos do Passo do Meio na casa da cidade para ver a chegada papal. A vinda do primeiro papa polonês causou alegria a esses descendentes. Ainda hoje eles rezam *po polsku*<sup>53</sup> motivados pela homenagem do agora São João Paulo II e, na sala da casa de Antonio e Nena, é comum encontrar uma vela acesa em frente à imagem do santo polonês.

O rádio e a TV ainda fazem parte do cotidiano de Antonio e Nena. Na rádio, não pode faltar o programa do Lucas, como eles se referem à programação matinal da rádio local, muito popular na cidade e ouvida por quase toda a família. Além disso, eles ouvem o programa do padre Reginaldo Manzotti. Aos fins de semana, por vezes escutam o programa polonês da rádio local, a *Godzina Polska* como é conhecida.

Na televisão, os programas religiosos também são a preferência como missas, novenas e terços. Embora também assistam jornal e novela, esta com menos frequência.

A religião, para esse casal, é também uma forma de interação social com a família e com os vizinhos. As histórias familiares são permeadas por relatos de fé e pelos ritos da igreja católica. A ida à missa aos domingos, o costume das novenas e das capelinhas é uma forma de manter o contato com vizinhos e amigos.

A igreja é também ponto de encontro, onde Nena cumprimenta suas irmãs ou cunhadas em polonês. Quando se encontram, antes de mais nada dizem *Niech będzie pochwalony Jezus Chrystus*<sup>54</sup>, como é o costume que aprenderam desde cedo. Só então se abraçam e matam as saudades.

Os álbuns de família de Antônio e Nena estão repletos de fotos dos filhos na primeira comunhão, crisma ou ao receberem o sacramento do matrimônio. Os casamentos dos filhos são momentos marcantes lembrados a cada ano. Criada no ensinamento de que o matrimônio é para toda vida, Nena nunca deixa de parabenizar os filhos pelas bodas, porque, como ela diz, no casamento todo dia é uma vitória.

Entre as recordações, também há fotografias de Antônio e Nena como ministros em diferentes momentos da vida. Além da capela do Passo do Meio e da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde são ministros, eles frequentam a Paróquia Nossa Senhora do

---

<sup>53</sup> Em polonês

<sup>54</sup> Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo



Rosário, em Rio Claro. Desde 1970, a paróquia é atendida pelos padres da Sociedade de Cristo para os Imigrantes Poloneses no Brasil<sup>55</sup>. A comunidade ainda recebe missas em polonês, e o pároco Anderson Spegiorin presenteou Antônio com um missal em polonês, fatores que incentivam a manutenção das orações em polonês.

Ainda que a maioria dos fiéis da comunidade do Rio Claro seja de origem polonesa, as diferenças identitárias também aparecem, como quando eles contam a história da interação com pessoas sem origem eslava, a quem eles se referem como morenos. Esse grupo sem origem polaca aprendeu a falar e a rezar em polonês graças ao convívio com a etnia.

Os costumes poloneses também aparecem na culinária. Pratos como *zimne nogi*, *salceson* e *kiszka* – tipos de embutidos feitos com carne de porco – são exemplos de preparos aprendidos na família. As receitas eram passadas pela mãe e pela avó, que ensinavam também a fazer queijo, requeijão. O *pierogi* também sempre era usado, com recheios variados como requeijão, repolho, batatinha e carne. Outra receita era de *piernik*, o bolo com mel, que era ensinada e passada por escrito. “A mãe sempre dava receita, a tia Laura do Balkoski, porque eles que gostavam. Nossa! Eles passavam uma pra outra, daí bem certinha né, a mãe toda vida dizia que bem certinho tinha que ser a medida né”, explica Nena.

Mesmo durante o período morando na região urbana, a casa do Passo do Meio sempre foi mantida pela família. Depois dos filhos adultos, o casal voltou a passar mais tempo na residência do interior, indo para o centro apenas aos finais de semana, para participar das missas como ministros da eucaristia. Então, eles vivem divididos entre realidades diferentes: a vida urbana, conectados e próximos dos filhos; e a vida rural, dedicada à plantação e aos animais, sem sinal de internet ou de celular. No campo os dias são solitários e silenciosos, pois durante o dia, enquanto ela está em casa, ele está na roça.

Mas, é na residência do interior que boa parte das memórias surgem enquanto reveem os álbuns de fotos da família, entre as idas e vindas da cuia de chimarrão. Ali eles passam a maior parte dos seus dias, onde dona Nena cuida das criações, da casa e do quintal e de onde o seu Antônio levanta cedo para ir plantar roça ou cuidar da erva.

Ver a família unida e estar sempre em contato com filhos e netos é muito importante eles. Até o início de 2018, esse contato era facilitado pela antena de celular instalada na casa do Passo do Meio. No entanto, o sinal de celular da região acabou, eles ficaram sem esse meio de contato, fato que é lamentado por toda a família.

---

<sup>55</sup> <https://www.dioceseunivitoria.org.br/2018/08/rio-claro-do-sul-recebe-grupo-de-danca-da-polonia-em-turne-pelo-brasil/>

Mesmo que os pais nem sempre possam estar presentes, o grupo de WhatsApp da família é a forma que os irmãos usam para combinar os encontros ou juntar as panelas como eles chamam. Assim, facilmente combinam um almoço ou jantar em que cada um leva sua panela de comida e todos comem e divertem juntos.

Um dos momentos em que toda família sempre se reuniu é o Natal. Quando Bete era criança, ela lembra de ir até a Igreja do Rio Claro de carroça para a missa que acontecia à meia noite. Com os pais, Jaci aprendeu a ver a Missa do Galo como ponto alto do Natal, mas ela admite que tem dificuldade de transmitir aos filhos essa importância.

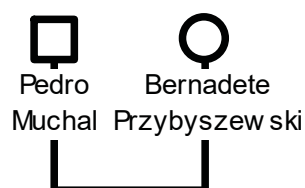
Outro costume seguido por Dona Nena era preparar 12 pratos de comida, simbolizando os doze meses do ano. “Tirava nós tudo pra fora pra aparecer a primeira estrela no céu pra daí nós começar a jantar”, conta Bete.

A novena também sempre fez parte da preparação para o Natal, Jaci lembra de anos em que sua mãe era zeladora de capelinha e tinha 30 ou mais casas que recebiam a capelinha, então, fazia novenas de preparação para o Natal em todas as casas. E os filhos de Antônio e Nena sempre acompanhavam as orações.

Passada a celebração do nascimento, eles celebram ainda a festa dos Reis Magos. Na porta da casa de Antônio e Nena a tradição fica registrada, com as inscrições feitas em giz: K+M+B+ ao lado da marcação de vários anos, elas representam os nomes dos reis magos: Kasper, Melchior e Baltazar. A marcação é uma forma de proteger os moradores da casa contra doenças. “Todo mundo que vem acha engraçado, porque ninguém passou, principalmente os mais brasileiro, mas os poloneses (ênfase) em tudo que casa tem, mas por quê? No Rio Claro a gente vai, compra incenso já vem o giz junto. E pra que esse giz? Pra essas coisas. Isso aqui dos antepassados, todos os meus filhos sabem”, conta Nena.

#### 5.5.2 Bernadete e Pedro (2ª geração Família Przybyszewski)

GENOGRAMA 5 - NÚCLEO BERNADETE E PEDRO (2ª GERAÇÃO)



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

Filha mais velha de Antonio e Nena, Bernadete, ou Bete como é chamada pela família, casou-se em 28 de julho de 1984 com Pedro Muchal. Na entrada da festa, a tradição polaca de alcançar ao noivo o pão, o vinho e o sal, e à noiva um bebê. Costume que se repetiu no casamento das irmãs.

O marido de Bete é de origem polonesa, mas segundo ela, quando Antonio e Nena falavam do casamento das filhas, a questão étnica não entrava em discussão, o aspecto religioso se sobressaía: “O pai sempre dizia que ele não ia escolher marido pra nós. Só que ele sempre pensava que ‘deusolivre’ pegasse pessoas que fossem de famílias ruim, que não participassem de igreja, principalmente porque o pai com a mãe bastante católico, então eles sempre falaram bastante da igreja pra gente não deixar Jesus de lado”, relata Bete.

No dia seguinte ao casamento, Bete e Pedro se mudaram para a comunidade do Turvo, onde por três anos o casal viveu do plantio de roça. Depois, voltaram para a cidade, onde ela começou a trabalhar no mercado.

Inspirados pelas histórias de pessoas que vinham se dando bem com o plantio de fumo, os dois ainda buscaram trabalhar no interior, construíram estufa e se dedicaram à atividade fumageira. No entanto, a atividade não foi bem-sucedida e eles voltaram à cidade, onde Pedro começou a trabalhar com pinturas e construção civil e Bete passou a trabalhar como vendedora no comércio. Com a jornada de Bete dividida entre o comércio e como auxiliar no trabalho do marido foi que eles conseguiram juntar dinheiro para construir a casa própria.

Não tiveram filhos. “Não merecimo”, comenta Bete, embora faça os cálculos e aposte que já poderia ser avó. A companheira do casal acaba sendo a cachorra Desirrê.

Bete que não tem computador nem internet em casa, é usuária assídua do WhatsApp, principalmente para envio de fotos e vídeos para a família. Ela é quem filma os pais rezando em polonês na via sacra ou nos encontros de família, faz fotos da natureza, vídeos da família e até da sua cachorra. A irmã Janete vê isso como um ato de amor, já que possibilita aos irmãos terem lembrança de Antônio e Nena participando de procissões e missas. Embora seja usuária do WhatsApp, Bernadete afirma não usar outros recursos de internet. Para acessar o WhatsApp ela usa o sinal do wi-fi da irmã que mora ao lado ou os dados móveis. Seu marido, por outro lado, não costuma usar celular.

O rádio também faz parte do dia a dia de Bete “Eu sou mais da Rádio Difusora, especialmente o programa do Lucas Silveira. Esse ai pra mim não tem, é a coisa mais boa do mundo”. Na TV, assim como os pais, ela consome canais religiosos como Divino Pai Eterno,

Rede Vida, Canção Nova e Século 21, também assiste notícias, mas com mais interesse pelos conteúdos regionais.

Ainda que não fale a língua polonesa com fluência, Bete conhece várias palavras. Sabe rezar a Ave Maria e trechos do Pai Nosso. Seu marido também cultivava a língua e procura conversar em polonês quando visita a mãe na comunidade do Turvo. Ainda assim, ela lamenta não ter aprendido mais coisas, principalmente ao rever as fotos do seu casamento, onde aparecem os avós: “Tadinho dos *dziadzo*<sup>56</sup>, podiam tá aí com a gente ensinando tanta coisa. Na verdade eu me arrependo era muito criança não ligava de aprender certas coisa”, reflete.

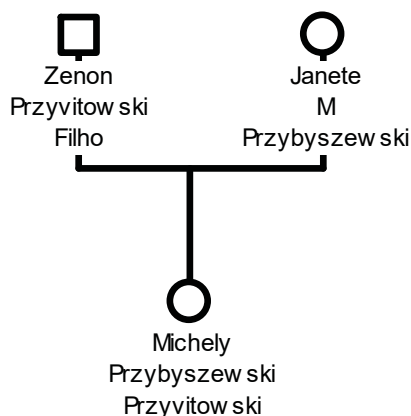
Uma das heranças dos avós é uma florzinha que ela e as irmãs cultivam, trazida pela *batia*<sup>57</sup> da Polônia. A flor em forma de palma floresce todos os anos e dá as sementes em forma de batatinhas, que são repassadas às próximas gerações.

### 5.5.3 Janete, Zenon e Michely (2ª e 3ª gerações da Família Przybyszewski)

No dia 08/12/1990, Janete e Zenon Przyvitowski se casaram, também com os costumes poloneses do pão e do sal e da criança alcançada no colo para a noiva. No ano seguinte, abriram o mercado de bairro no Jardim Santa Cruz, onde vivem até hoje.

Janete e Zenon têm uma filha única, Michely (genograma 5). Janete encara isso como sua missão: ter uma única filha e ajudar a cuidar dos sobrinhos, já que ela se sente um pouco mãe dos filhos da Jacinta.

GENOGRAMA 6 - NÚCLEO JANETE E ZENON (2ª E 3ª GERAÇÃO)



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

<sup>56</sup> Avô em polonês

<sup>57</sup> Referência a babcia, avó em polonês.

Janete não aprendeu a falar polonês, ainda que tenha se casado com descendente de poloneses. “A gente cantava desde que a *batia* era viva essas música de Natal e os *sto lat*, que não pode faltar e até a Juliana [neta] já sabe cantar. E as via sacra né... Quando a vó Emília era viva, o pai com a mãe só falava em polaco com ela. Só que a gente não aprendeu de relaxo né, porque convivência teve”. Uma das razões para as dificuldades na transmissão da língua é que esta era usada para tratar de assuntos não desejados para as crianças. “Mas também eles ficavam falando escondido da gente pra não escutar. Escondido não, baixinho. E a gente não tinha o papai Google pra ajudar a traduzir. Mas se dependesse deles acho que ia ter muito mais coisa de tradição. Só que vai acabando né, espero que não acabe da família pelo menos”, conta Janete.

A busca pelas raízes familiares foi fortalecida a partir do contato com um parente distante de Zenon. O americano Ed Przyvitowski começou a se comunicar com Michely por cartas e por e-mails. Além de estabelecer uma amizade entre as famílias, a troca de informações permitiu maior conhecimento da árvore genealógica tanto Przyvitowski quanto Przybyszewski, além de maior compreensão sobre a migração polonesa, que levou ao fato de ter famílias com membros espalhados por diferentes continentes. Hoje Ed mantém contato tanto com Michely quanto com Janete, principalmente pelo WhatsApp e pelo Facebook, apesar das limitações da língua, já que elas não falam inglês e ele não fala português.

No mercado de bairro tocado por Janete e Zenon, a televisão passa ligada o dia todo, assim os dois assistem bastante jornal, principalmente Band e Record. Já a filha do casal não assiste muito TV, prefere aproveitar seu tempo livre ouvindo músicas ou assistindo séries.

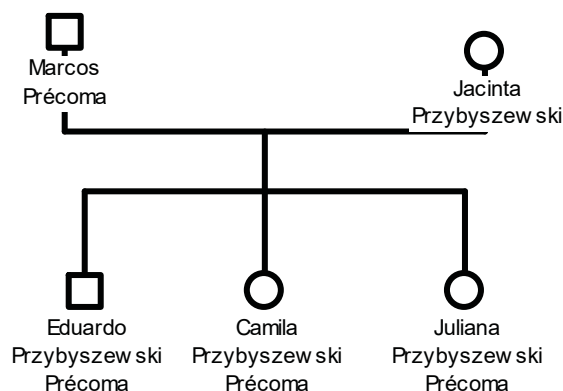
O WhatsApp é o meio de contato preferido para manter contato com a família. “Santo WhatsApp né. Faço chamada de vídeo direto pras menina, elas me ligam no cleular da tia Jaci nós ficamo conversando”, comenta Michely. Por isso, todos da família têm whatsapp, inclusive a dona Nena, embora quando esteja no Passo do Meio não tenha sinal de internet para manter contato.

Michely está na fase dos preparativos para o casamento, planejado para o fim do ano de 2019. O noivo tampouco tem origem polonesa, mas também já se integra nos costumes da família. Tanto que os noivos planejam incluir o *korovai* no casamento – costume comum nos casamentos ucranianos, mas que fez parte da vivência da família Przybyszewski em muitos dos casamentos para os quais foram convidados, já que Dona Nena também tem origem ucraniana, assim como muitos dos vizinhos da região do Passo do Meio.

#### 5.5.4 Jacinta, Marcos e filhos (2ª e 3ª gerações da Família Przybyszewski)

Jacinta, uma das filhas mais novas casou-se em abril de 1996, com Marcos César Pereira Précoma. Movidos pelo trabalho, após o casamento, moraram em Ponta Grossa e depois em Curitiba. Na capital, em 2005, tiveram o primeiro filho, Eduardo Przybyszewski Précoma.

GENOGRAMA 7 - NÚCLEO JACINTA E MARCOS (2ª GERAÇÃO)



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

Dois anos depois, Jaci e Marcos voltam para São Mateus com o filho. A vida na cidade grande, longe dos familiares e com filho pequeno havia se tornado difícil demais. Por isso, decidiram deixar tudo, inclusive a casa própria para trás, e recomeçar a vida em São Mateus. O processo de mudança não foi fácil: houve período de desemprego, dificuldade de vender a casa em Curitiba, que passou a ser alvo de depredação. Nesse processo, o apoio da família foi fundamental para que o casal pudesse se reestabelecer. Hoje eles vivem na Vila Prohmann, em frente à casa dos pais e ao lado da casa da irmã Adjenira, para onde se mudaram em 2011.

Em 2012, o casal tem a segunda filha, Camila Przybyszewski Précoma. Em 2015, Marcos assume o concurso no Banco do Brasil, o que dá mais estabilidade para a família, no mesmo ano chega a caçula Juliana Przybyszewski Précoma.

Com a rotina agitada marcada pelo trabalho dos dois e pelos cuidados com as crianças, a televisão acaba sendo uma companheira do cotidiano. Nos dias de semana, quando as crianças chegam da escola, normalmente ligam a televisão na sala onde assistem a

programas infantis, principalmente na Netflix. Por isso, o conteúdo infantil acaba sendo o que Jaci mais consome na televisão, já que é a forma que ela aproveita para estar com os filhos. “Eu não sigo novela, mas sigo desenhos, pelo menos nessa fase da vida. (...) Então meu tempo de assistir televisão mesmo é esse, nós todos”, conta Jaci.

“Eu quando era bem pequena não tinha TV, eu já tinha sei lá quantos anos [quando fomos ter] televisão preto e branca, mas o pai que programava o que a gente assistia. Era no horário que eles iam assistir só que a gente via TV. Aqui a televisão amanhece ligada”, recorda Jaci. E a programação não era infantil, era o Jornal Nacional, o Fantástico e as novelas da época, como Guerra dos Sexos e Roque Santeiro. Além disso, ela e os irmãos costumavam assistir mais televisão na casa da vó Felícia que morava do outro lado da rua do que na casa dos pais, já que a vó era mais permissiva.

Marcos também faz essa comparação lembrando que na sua infância, muitas vezes a sua programação era regida pela televisão. “Se anunciava um filme você ficava a semana inteira esperando pra ver, agora não”. Com o conteúdo sob demanda, eles podem assistir a qualquer momento o que desejam, seja pela televisão ou pela internet.

Dos hábitos antigos de família, Jaci ainda mantém o costume de assistir TV com os pais no domingo à noite, quando eles estão em São Mateus. “Até hoje a gente assiste Silvio Santos com o pai e com a mãe aqui em casa”, conta Jaci.

Edu, filho mais velho do casal, é quem mais consome conteúdo sob demanda, principalmente vídeos engraçados no YouTube. O tempo dedicado a essa atividade é tanto quanto possível, e os vídeos são vistos no celular, na TV ou no computador, de acordo com o momento. Já o pai consome principalmente notícias, seja pela TV ou pelo celular.

Marcos é um dos genros que não tem origem polonesa, mas ele se adaptou bem às tradições da família da esposa. “Na verdade, ele tem mais interesse que eu. Eu me criei com o pai e com a mãe e não sei as coisas que eles tão falando”, revela Jaci.

A comida, a fala e a religião são apontadas por ele como os principais aspectos que guardam os traços étnicos na família. Misturar o polonês com o português é corriqueiro, principalmente nas conversas com a Dona Nena, o que o motivou a conhecer algumas palavras para ao menos entender o rumo da conversa. Na cozinha, a frequência de comidas como broa com banha, queijo de porco, *zimny noge* e *pierogi*. Na religião, ele também observa traços da cultura polonesa tanto na forma de rezar, fazendo orações em polonês, quanto nos santos cultuados, como Nossa Senhora de *Częstochowa*, padroeira da Polônia, por quem Dona Nena guarda grande devoção.

A língua polonesa, embora bastante comum entre Nena e Antonio, não foi repassada para os filhos com tanta força. Ainda que a cultura polonesa seja comum na família, nem todos os filhos cultivam a língua “Acho que a Adjenira e a Bete elas até sabem Ave Maria e Pai Nosso. A gente falou de escrever no papel conforme a gente fala, não como é escrito, porque o escrito é muito difícil, pra ver se a gente conseguia aprender todos nós rezar pelo menos ave maria, mas nunca fizemos”, conta Jaci.

No contato com os avós, os filhos aprendem costumes poloneses e até algumas palavras do idioma “A Camila ficou lá [na casa dos avós] nas férias passada, voltou cantando em polonês. Como eu não sei, eu não cultivei pra ela continuar, mas quando ela vai lá, ela volta falando alguma coisa”, conta Jaci.



## 5.6 FOTOETNOGRAFIA DA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI

### 5.6.1 Quaresma e Páscoa na família Przybyszewski



Antônio e Nena Przybyszewski conduzem as Via Sacra em polonês durante a quaresma.



Durante a Via Sacra em polonês, o celular é usado para gravar cantos e orações.



Via Sacra em polonês conduzida por Antônio e Nena Przybyszewski na sexta-feira Santa.





Cerimônia da *święconka* (bênção de alimentos) na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



Almoço de Páscoa na família Przybyszewski, com partilha dos ovos benzidos no dia anterior.





Dona Nena coloca sal e pimenta nos ovos bentos a serem partilhados no domingo de Páscoa.



Família Przybyszewski reunida no domingo de Páscoa.



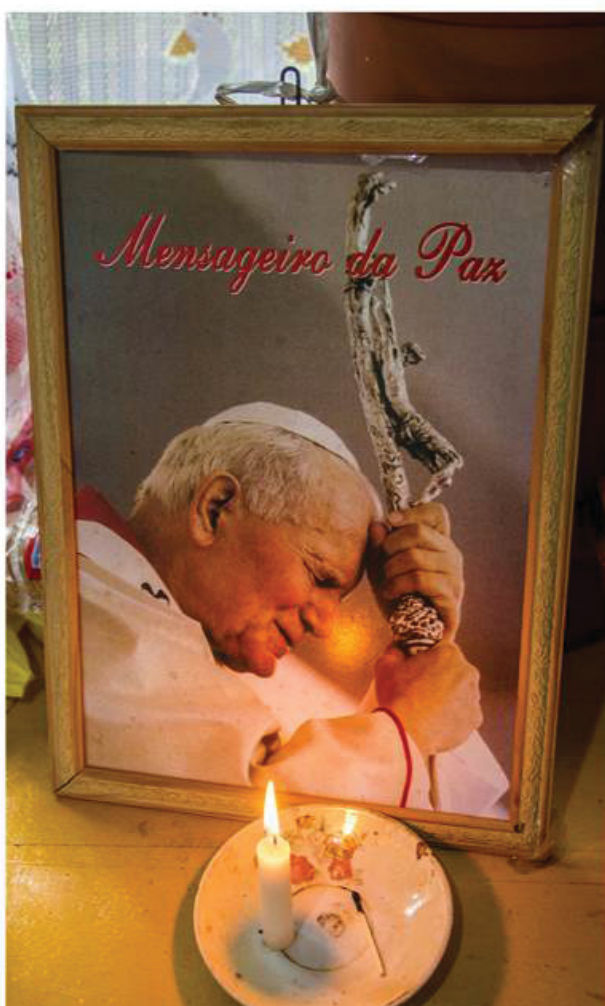
#### 5.6.2 Cotidiano na família Przybyszewski



Casa de Jacinta e Marcos foi o ponto de encontro da família Przybyszewski para assistir ao jogo da Polônia na Copa do Mundo.



Imagens do cotidiano de Antonio e Nena na casa do Passo do Meio.



Vela acesa a São João Paulo II, na residência de Antonio e Nena.





Animais criados por Antônio e Nena no Passo do Meio.



Sala da casa antiga de Antonio e Nena no Passo do Meio evidencia os meios de comunicação e símbolos religiosos.





Inscrições na porta com iniciais dos Reis Magos e pão ázimo a ser partilhado no Natal são traços da etnia polonesa na família Przybyszewski.



Bernadete e Pedro, da família Przybyszewski. Aimca, junto a cruz do Monge João Maria. Abaixo, com a cachorra Desirre.





Bernadete com a imagem do Monge João Maria.



Imagens do cotidiano de Janete, Zenon e Michely.





Imagens do cotidiano de Jacinta, Marcos e filhos.

### 5.6.3 Natal na família Przybyszewski



Acima, Camila e Juliana junto ao pinheirinho de Natal, Abaixo, novena entre os irmãos da família Przybyszewski.





Pinheirinho de Natal da família Przybyszewski no Passo do Meio. Abaixo, a cesta com trigo e milho, colocada embaixo da árvore de Natal.



Dona Nena junto à árvore de Natal da família, na residência do Passo do Meio.



Detalhes da residência da família Przybyszewski no Passo do Meio. Acima, livro de orações em polonês, colocado sobre a Bíblia, em português. Abaixo, Nossa Senhora Aparecida é colocada em espaço central da mesa natalina.





Família Przybyszewski reunida no almoço de Natal.

A sequência de fotos aqui apresentada mostra registros de vários momentos da família Przybyszewski, desde as tradições durante a quaresma, marcada pela via sacra em polonês, as cestas de alimentos levadas à *święconka* e a reunião familiar de Páscoa. Os registros demonstram rituais e tradições que são usadas pelos integrantes desta família.

Na sequência, nas fotografias de momentos do cotidiano, aparecem com relativa frequência aparatos tecnológicos e midiáticos. Aspectos relacionados à religião também aparecem nas fotos, seja por imagens de figuras santas ou por livros de orações que fazem parte da paisagem familiar.

Já nos registros fotográficos de Natal destacam-se os rituais – como a montagem do pinheirinho – e novamente a família reunida.

Os elementos apreendidos a partir dos registros fotográficos ajudam a compor o capítulo 7, no qual são descritos os processos que se destacam na constituição das identidades.

## 5.7 FAMÍLIA PRZYVITOWSKI (COLÔNIA IGUAÇU)

Assim como na construção dos relatos da outra família, contar aspectos da família Przyvitowski foi um processo que contou com várias entrevistas e uma aproximação com os sujeitos da pesquisa. Durante o desenvolvimento, como já citado anteriormente, o andamento da pesquisa com as duas famílias se deu de forma diferente, pelos próprios ritmos imprimidos pelos depoentes.

O contato com a família Przyvitowski durante os nove meses da pesquisa de campo (março a dezembro) foi menos intenso. Por outro lado, com essa família já tinha feito contatos para pesquisas anteriores, o que permitiu uma reaproximação rápida possibilitou a construção dos relatos, apesar do menor tempo de convívio durante a realização do campo. A seguir, são apresentados os relatos produzidos a partir de entrevistas com três gerações da família.

### 5.7.1 Thadeu (1ª geração da família Przyvitowski)

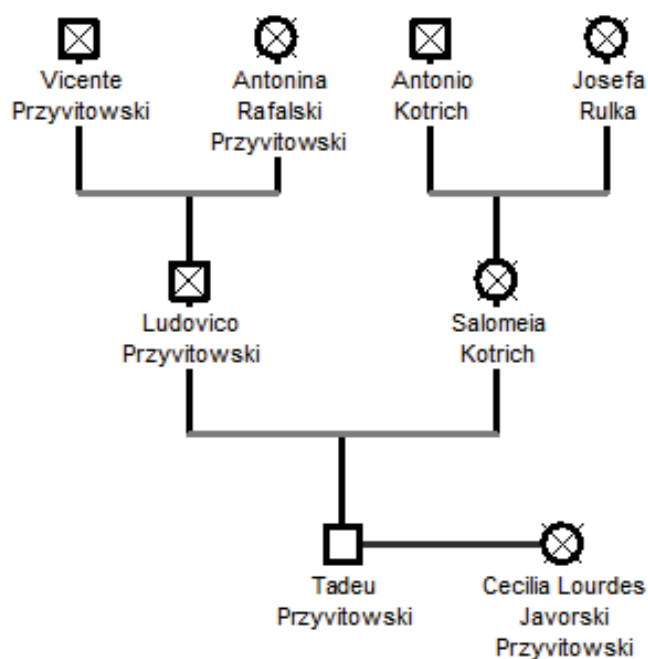
A Colônia Iguaçu – uma das colônias de imigrantes demarcadas em São Mateus do Sul – foi estabelecida contornando o leito do Rio Iguaçu e fazendo divisa com o quadro urbano da cidade. Ali foram demarcados dezenas de lotes de oito alqueires – o tamanho

padrão na demarcação dessas colônias – que foram entregues a imigrantes para colonizarem a região. Essa colônia foi o espaço de desenvolvimento da família Przyvitowski no Brasil. Hoje é também o local onde as quatro gerações atuais da família se encontram.

No período de colonização de São Mateus do Sul, Vicente Przyvitowski foi um dos proprietários dos terrenos da região. No entanto, o registro da cessão de terrenos feita pela Comissão de Terras e Colonização do Vale do Rio Iguassu não inclui o nome de Vicente. Esse é apenas um dos casos em que o número do terreno é seguido por um espaço em branco, sem o nome do seu proprietário. A imprecisão nos registros históricos é uma constante quando se fala dos registros de imigração nessa região, onde são comuns nomes e sobrenomes com grafia incorreta, que dificultam a busca por informações desse período.

Se na documentação da comissão de terras alguns nomes não aparecem, é por meio dos relatos dos descendentes que as histórias de família são passadas de geração a geração. Hoje, Thadeu Przyvitowski, neto do imigrante Vicente (Genograma 8), conta essa história, lembrando que a demarcação das terras foi feita pela agrimensor Sebastião Edmundo Wos-Saporski<sup>58</sup>.

GENOGRAMA 8 - THADEU PRZYVITOWSKI (1ª GERAÇÃO)



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

<sup>58</sup> Engenheiro agrimensor e pioneiro da colonização polonesa.

Thadeu nasceu em 20 de agosto de 1939, no Emboque localidade próxima à Colônia Iguaçu. Diferente da colônia polonesa onde Thadeu cresceu, o Emboque não tinha loteamentos e a maior parte das terras pertenciam a fazendeiros. Com pouco mais de um ano de vida, os pais de Thadeu voltaram com a família para a Colônia Iguaçu, no terreno recebido por Vicente por ocasião da colonização.

Desde então, Thadeu não saiu mais dessa colônia. Casou, teve filhos, mudou de casa, de emprego, mas sempre à beira do Iguaçu. Tanto que hoje é difícil desvencilhar a imagem de Thadeu da comunidade em que vive.

A Colônia Iguaçu que Thadeu conheceu quando jovem difere da que se vê hoje em dia. O núcleo da colônia agora é um trecho curto, espremido entre duas vilas, Amaral e Americana. Naquela Colônia Iguaçu, onde Thadeu cresceu e que hoje fica apenas na memória, às vezes era preciso andar três quilômetros até o vizinho mais próximo. Sua impressão é a de que onde tinha um, hoje tem cem moradores.

Hoje, o lote recebido pelo avô de Thadeu já não pertence mais à família Przyvitowski, que vendeu para não se incomodar com o vizinho interessado em comprar as terras. Nem por isso, Thadeu se afastou a colônia ou da comunidade polono-brasileira.

Vivendo nesse ambiente em que a maioria dos moradores era de origem polonesa, Thadeu quando criança só falava polonês: “Antigamente, o povo das colônia não praticavam em português nada, tudo só em polonês, toda parte, desde criança né. Por sinal hoje, ninguém chega em casa e diz um louvado na casa, antes era obrigado né. [...] *Niech będzie pochwalony Jezus Chrystus*.<sup>59</sup> Então sempre respondiam [...] na *wieki wieków. Amen*<sup>60</sup>”.

Chegou na escola aos sete anos ainda sem falar português, passando por situações que mostravam a dificuldade de adaptação. A escola era na própria Colônia Iguaçu, levava consigo o bocó<sup>61</sup> feito pela mãe para carregar os materiais escolares e um par de cadernos, comprados pelo pai para que ele tomasse nota das lições. No primeiro dia de aula, a dificuldade de comunicação com a professora ficou evidente: “Quando fizemos as coisas o primeiro dia lá, aquela micharia, meio só riscando né, daí ela falou pra mim: ‘você leva um caderno e um deixa’. E eu não entendi em brasileiro”, relembra Thadeu que à época respondeu em polonês: “Eu disse pra ela: ‘não, eu não vou deixar porque o pai comprou,

---

<sup>59</sup> Tradução livre: Louvado seja Jesus Cristo

<sup>60</sup> Tradução livre: Para todo o sempre. Amém

<sup>61</sup> Bolsa feita de pano

pagou (risos) eu vou levar pra casa’. Mas ela tinha que vir falar com o pai pra no outro dia eu deixar o caderno que eu não deixei o caderno (risos)”.

Relembrando dessa história, Tadeu ri. Mas, há mais de 50 anos, a adaptação com o português não era fácil. Não apenas para ele, mas para muita gente. “Até, por sinal, era muito sofrimento. Depois assim, já fui me alinhando um pouco e aprendendo aos poucos [a falar português]”, relata. Outro caso foi num encontro com um fazendeiro conhecido na região, o Jeca Portes. Thadeu caminhava com os colegas de catecismo, eram crianças com pouco mais de dez anos. Conversavam em polonês quando encontraram o Portes que logo perguntou: “Oi, polacada, o que vocês tão falando de mim?”. As crianças responderam que não estavam falando dele, mas, como ele não compreendia o polonês, não se convenceu e arrojou o cavalo para cima deles. As crianças fugiram pelo meio do mato e caminharam até o outro lado da colônia para fugir do Portes.

Na religião, diferente da escola, as práticas ainda aconteciam em polonês. Inclusive o catecismo que o preparou para receber a Primeira Comunhão, na cerimônia realizada dia 19 de novembro de 1950, foi todo em polonês.

Thadeu começou a trabalhar na lavoura junto com o pai desde criança. “Porque antigamente não tinha esse negócio de você não poder trabalhar como hoje nós temos aquela idade de até 16 anos, né. Então não tinha essa menor idade nem nada. Eu lembro que ia pra escola, na volta [...] já ficava na roça, puxando cavalo. Depois que podia levantar a enxada, eu já tava carpindo. Não tinha nem sete, oito ano. Com dez anos já pegava na rédea dos cavalo da carroça. Com onze ano já pegava no cabo do arado e já arava naquele tempo. Só que eu era viçoso, fortinho. Nessa lavoura eu trabalhei com o pai, não parei até 16 anos, 17 anos”.

Em 1956, começou a trabalhar numa olaria, atividade à se dedicaria mais de 40 anos. Mesmo com o trabalho pesado na olaria, ele não deixou a roça de lado, quando tinha uma folga, ainda ajudava o pai na lavoura. Hoje, mesmo que não plante mais em grande quantidade, ainda mantém o quintal nos fundos de casa. Uma das plantas cultivadas é o *seler* (salsão) trazido pelo avô da Polônia e que é usado para temperar as sopas.

No dia três de junho de 1961, Thadeu casou-se com Cecília Jaworski Przyvitowski. Convidaram 65 famílias - à época não faziam as contas por pessoas. Saíram de casa ainda de madrugada, pouco mais de três horas depois da meia-noite, com destino à Igreja Matriz para se confessarem antes da cerimônia, que aconteceu na casa dos pais da noiva.

Antes da festa, mataram porco e boi para fazer salsicha. Teve comida cozida, macarrão caseiro, mas o principal acompanhamento era *bulka* (pão branco), já que no dia a dia comiam principalmente *chleb* (pão preto). Na sala da casa de Thadeu, está exposta a



fotografia que recorda aquele dia. “Era tudo mais simples. Agora, quando começam a falar dos preparativos de casamento eu penso: mas para que tudo isso?”, reflete Thadeu.

Os primeiros anos da vida de casados foram em uma das casas destinadas aos empregados da olaria do Ignaszewski, onde Thadeu trabalhava. A primeira filha do casal nasceu dois anos depois, Ana Przyvitowski. Em 1966, veio o único filho homem, Edvino, e, em 1970 nasceu a última filha, Ivone. Moraram na olaria por mais de 20 anos.

Em 1983, Thadeu abriu um armazém na colônia, no qual trabalhou por sete anos, até voltar a atuar no ramo da olaria. Hoje o ponto de comércio, na frente da casa de Thadeu, é tocado pela filha Ana e é o ponto de encontro e da roda de chimarrão às tardes. Ali ele conversa com as filhas e lembra histórias e costumes.

O primeiro rádio, Thadeu e Cecília foram ter pouco depois do casamento, até então, o contato com o meio de comunicação tinha sido apenas na casa de outras pessoas. De início, quando o rádio era novidade e principalmente antes da popularização da televisão, o aparelho ficava o dia inteiro ligado. Ele lembra das rádios que ouvia, todas das cidades vizinhas, porque São Mateus à época não tinha emissora. A primeira emissora da cidade foi inaugurada em 1983, a Rádio Difusora do Xisto<sup>62</sup>.

As músicas caipiras marcaram essa época com as duplas como Canário e Passarinho, Tônico e Tinoco, além de outros nomes, que hoje ele revê na televisão, por meio do canal Aparecida. A televisão só foi chegar na casa mais tarde, quando Ana tinha quase dez anos. A primeira TV foi comprada usada. “Era velha mas era boa, ah mas essas piaçada não saíam de perto (risos). Essas novela... mas era maior alegria deles, porque não tinha naquele tempo”, recorda Thadeu.

Viúvo, hoje Thadeu mora sozinho, mas tem a companhia diária das filhas, principalmente de Ana com quem passa mais tempo. Aos fins de semana, recebe a visita do filho Edvino.

Durante a roda de chimarrão da tarde, ele comenta das diferenças de ontem e hoje. O povo se visitava muito, à noite, depois de serviço e, principalmente, aos domingos, quando famílias inteiras iam de carroça até a casa dos parentes. Durante os encontros, as crianças eram proibidas de escutar a conversa dos mais velhos. “Se chegasse visita para conversar com o pai e eu estivesse por perto, o pai só me olhava e eu sabia que era para ir embora porque, quando ele saísse, ia me pegar. O respeito dos filhos para com os pais era diferente. Hoje eu to vendo que não adianta mais, só que os meus filhos ainda foram criados nesse sistema”.

---

<sup>62</sup> <http://www.gazetainformativa.com.br/do-am-para-fm-radio-difusora-do-xisto-agora-e-887-mhz/>

Sua rotina é bastante marcada pelos meios de comunicação. O dia inicia às 5h45 da manhã, acompanhando o terço vicentino pela televisão na Rede Vida. Às seis horas, começa o Santo Terço. Depois a TV é desligada e religada às 8h, quando passa a novena do Pai Eterno, com o padre Robson. Dali meia hora é o momento de assistir ao jornal.

Depois, a TV dá lugar ao rádio na programação matinal. Primeiro com o Programa do Lucas na Rádio Difusora, para acompanhar as notícias locais. Às dez horas, acompanha o programa do Padre Reginaldo Manzotti. Quando o programa encerra, às 11h, é hora de tomar banho e almoçar.

Para além do conteúdo religioso, as notícias são seu principal interesse nos meios de comunicação, especialmente quando se trata da política. Da TV Globo ele assiste diariamente o Jornal Nacional.

Aos domingos, seu programa preferido é o Fantástico, embora muitas vezes acabe dormindo antes do fim do programa. “Eu às vezes não assisto que me dá muita soneira, mas é coisa como diz agora tava passando sobre aquele louco lá, o médium<sup>63</sup>, aquilo lá vai muito complicar aquilo lá, porque prenderam ele ontem né, aí vamos ver. Tem que ir preso aquele homem, porque tanta coisarada ali.”

Hoje ele já quase não escuta programa musicais na rádio, mas a música sempre esteve presente em sua vida. As canções em polonês ele aprendeu desde pequeno e cantava acompanhando com o bumbo. Há alguns anos, usando um gravador e fitas cassetes, ele gravou fitas completas rezando e cantando em polonês, como forma de passar a tradição adiante. Como músico, ele também participou dos programas poloneses na rádio local. Inclusive guarda o CD com a gravação da última ocasião em que tocou o seu bumbo acompanhado de outros músicos.

Mas, quando chega a época de Natal, é tempo de Kolęda, ou seja, das tradicionais canções natalinas polonesas, que aprendeu com seu pai, que gostava muito de cantar. Nem todas as que ele aprendeu de criança passou para as outras gerações, mas as mais conhecidas, são cantadas na capela da comunidade, inclusive pelas filhas.

---

<sup>63</sup> Referência ao médium João de Deus

### 5.7.2 Ana e Ivone (2ª geração Família Przyvitowski)

As histórias de infância das filhas de Thadeu têm algumas semelhanças com a infância do pai. Em todos os casos, os relatos de trabalho se juntam às memórias de infância.

Ana começou a trabalhar cedo. Primeiro ajudava a mãe na casa e o pai na roça à tarde. Perto dos 13 anos, teve seu primeiro emprego numa casa de família, onde lavava roupa, cozinhava e cuidava de duas crianças.

Ivone ajudava o pai a fazer erva-mate e também ajudava a cuidar do armazém. “Aqui sempre foi aquela coisa de ‘filho homem tem que estudar’, então o Edvino que tinha mais aquela coisa, que estudava”, conta Ivone. As duas frequentaram a escola quando crianças, mas não por muito tempo, diferente do irmão que concluiu os estudos até o segundo grau e o curso técnico.

No período escolar, Ana relata que sofria *bullying* pelo seu jeito de falar, com sotaque de quem tinha o polonês como língua materna. “Eu nem comer a merenda eu não ia, porque tiravam sarro da minha cara, do tipo que eu falava. Então eu preferia não abrir a boca na escola. Eu ficava escondida, porque davam muita risada de mim, porque eu falava tudo errado. Por quase uns dois anos eu me retraí e fiquei no meu canto lá porque era difícil pra gente falar direitinho o português. Mas, depois comecei a falar e hoje em dia não falo tão polaqueado assim (risos). Daí a gente acaba aprendendo a falar, mas foi bastante tempo falando em polonês e eu não esqueci. Eu continuo: rezo, canto, falo. Lá em casa o Fernando entende, sabe, mas ele não fala, ele só sabe xingar em polonês. Mas eu procuro assim sempre orientar por esse lado, o lado das tradições das coisas. Só que hoje em dia tá bem difícil de você levar assim”, recorda Ana.

Depois dos filhos grandes é que elas voltaram a estudar e terminaram o Ensino Médio juntas no supletivo. Ivone fez magistério e técnico em administração. Edvino também foi fazer faculdade depois de casado e com filhos.

Durante a infância, os dias de brincadeira eram apenas aos domingos e, se a mãe deixasse, aos sábados. Para poderem brincar no sábado, tinham que ajudar a mãe a limpar a casa, varrer os terreiros, juntar e queimar os ciscos, e deixar o chiqueiro e galinheiro limpos. Quando saíam para brincar, tinham hora certa para voltar. Na volta pra casa, já recolhiam cavaco e sapé para acender o fogo e enchiam os baldes de água, porque esses serviços eram obrigação das crianças.

Ir à igreja também fazia parte do costume, todos os domingos iam à missa na Igreja Matriz a pé. “Por isso que hoje em dia a gente cuida da igreja, a gente cuida das coisa



católica, porque a gente foi ensinado, desde pequenininho. Desde que você se conhece por gente, você conhece a igreja junto com você. O pai era assim”, conta Ana, que há 42 anos atua coordenadora do grupo de novena e há 43 como catequista na capela da comunidade.

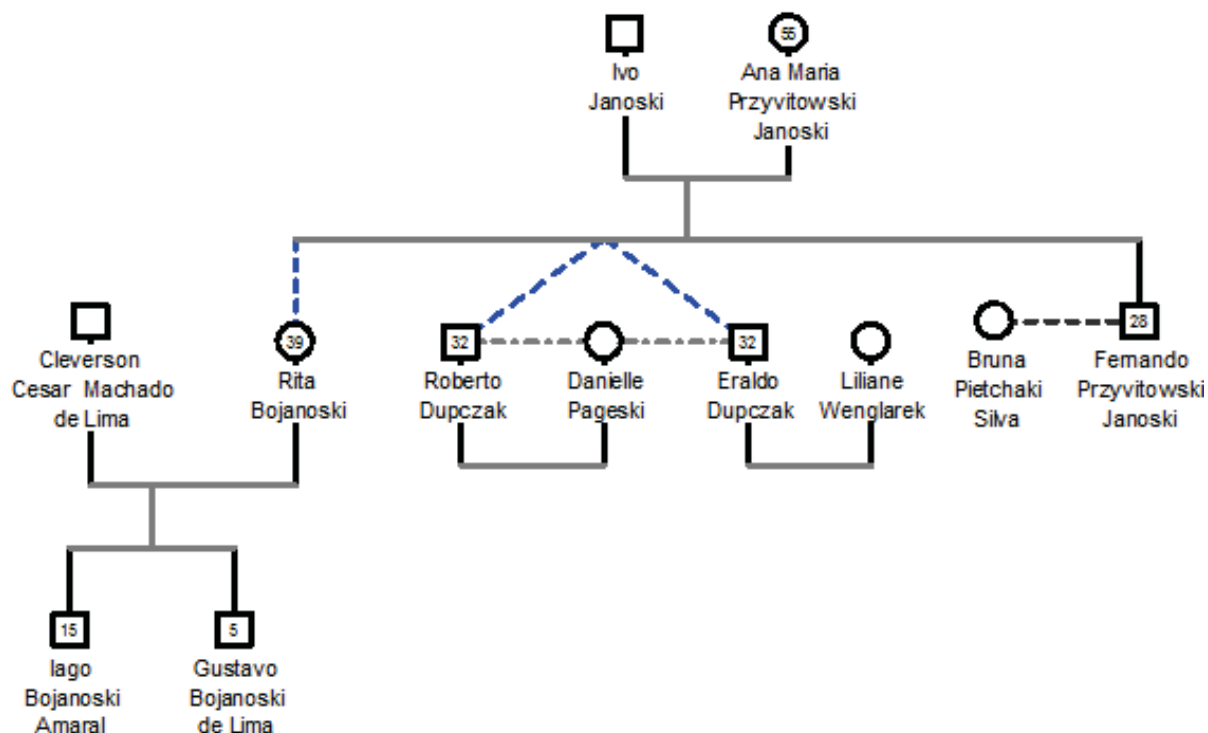
Quando Ana tinha 11 anos, ficou com as pernas paralisadas que a impediam de andar. Esse momento marcou a memória das duas irmãs. A causa não foi determinada. O médico disse que era uma espécie de depressão. Já o curador, aonde Thadeu a levou na garupa da bicicleta, disse que ela voltaria a andar e que aquilo tinha casa de “coisa feita” e perguntou logo se o pai da menina não tinha inimigos ou tinha desfeito de alguma macumba. A própria Ana chegou a relacionar a paralisia com algo sobrenatural: “eu lembro de ter calçado um chinelo velho arrebitado atrás da olaria onde nós tava brincando. E logo depois eu não caminhei. Então era coisa assim que você não explica...”, conta ela.

Com 17 anos, Ana se casou com Ivo Janoski e a festa foi um casamento de polaco, como ela mesma define ao mostrar o álbum de fotos da ocasião. Como de costume, o casamento foi na casa dos pais da noiva. Os porcos foram matados na casa mesmo. Para receber os convidados, Thadeu fez uma barraca de lone onde a janta foi servida, com a comida toda feita no fogão a lenha. O baile aconteceu na antiga escolinha da comunidade, que hoje não existe mais, e teve música e dança até o amanhecer. A festa durou sexta, sábado e domingo, fazendo jus à fama de que festa de polaco dura três dias.

Antes de sair da casa e ir para a igreja onde teve a cerimônia, a noiva recebeu a bênção dos avós. Em seguida, foi acompanhada da casa do pai até a capela pelos sobrinhos, que a levaram de mão dada. Já as sobrinhas conduziram o noivo. Na época, não era costume de os pais acompanharem os noivos até o altar, a tarefa era dos sobrinhos.

Após a cerimônia, foram recebidos com um bebê, entregue à noiva, e o pão, entregue ao noivo, como sinal de família grande e de fartura. “Tivemos fartura de família”, diverte-se Ana. Fernando Janoski, o único filho legítimo do casal, nasceu em 03 de maio de 1990. O casal adotou ainda três crianças, os gêmeos Eraldo e Beto que à época tinham quatro anos, e Rita que tinha 11 anos (genograma 9).

GENOGRAMA 9 - ANA E IVO (2ª GERAÇÃO)



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

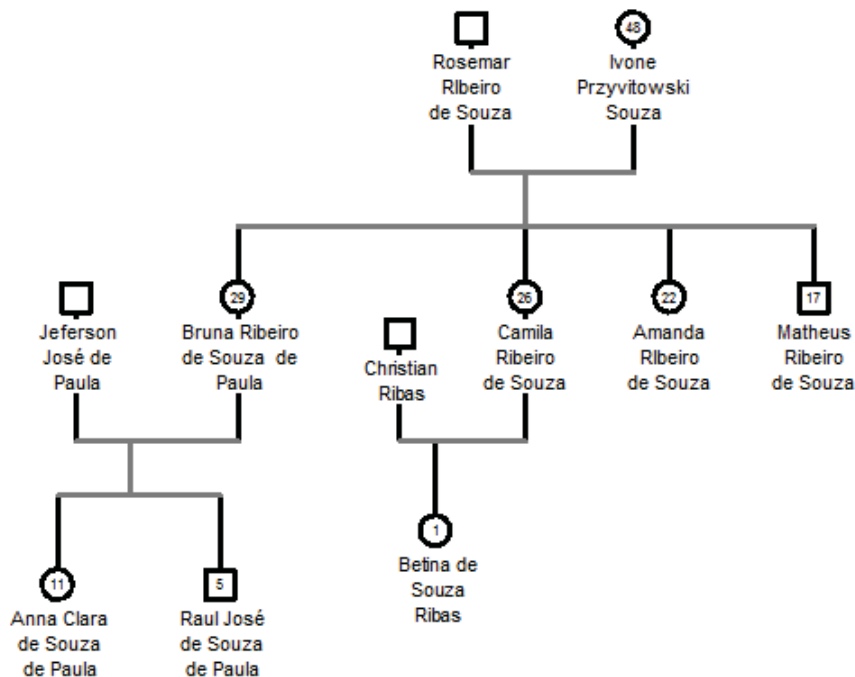
No entanto, antes de se casarem, Ana conta que tinha medo do Ivo, por conta do seu visual: cabelo comprido e calça boca de sino. Uma vez, quando Ivo vinha caminhando pela rua da olaria, Ana o avistou e chegou a subir numa árvore de medo do rapaz de cabelos compridos. A aproximação do casal aconteceu no armazém de Thadeu, que Ivo frequentava.

No mesmo armazém, anos mais tarde, Ivone conheceu seu futuro marido Rosemar Ribeiro de Souza, chamado pela família de Osmar. Casaram-se em 14 de janeiro 1989. Com noivo sem origem polonesa, os pais não aprovaram o casamento de início. “Quando a gente começou a namorar, a mãe mesmo cada vez que eu entrava era um sermão né”, recorda Ivone. Para os pais, o mais recomendado era que o casamento acontecesse entre famílias da própria comunidade, afinal, já se conheciam, sabiam se o pretendente era trabalhador ou não. Quando Ivone e Osmar se casaram, os casamentos interétnicos já eram comuns, mas, quando foi a união da irmã mais velha, o costume era ainda constituir família dentro da própria colônia.

Thadeu não era muito de interferir no casamento das filhas, mas, com a noção de que o casamento era para toda a vida, alertava-as para necessidade de escolher bem. “Quando é casado na igreja, só quem pode separar esse casamento é o padre lá no cemitério”, afirma

Thadeu. Isso fez com que em todos os momentos de altos e baixos do casamento, Ivone recordasse dos conselhos do pai. As separações não eram comuns na época de Seu Thadeu e, segundo ele, menos frequentes ainda quando se tratava de casais poloneses.

GENOGRAMA 10 - IVONE E ROSEMAR (2ª GERAÇÃO)



Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa

Seis meses após o casamento, nasceu a primeira filha do casal, Bruna de Souza de Paula. Três anos depois chegou a Camila. Em 1996, Amanda e, em 2001, Matheus. As filhas do casal não levaram o nome da mãe na assinatura, somente o filho mais novo herdou o Przyvitowski (genograma). Ivone conta que as meninas foram registradas somente pelo pai, que colocou só o próprio sobrenome. “Depois que ele começou a entender um pouquinho da importância que era pra mim o meu sobrenome pelo lugar que a gente morava e tudo”, relata. Hoje, as filhas afirmam que gostariam de assinar o sobrenome da mãe, porque têm orgulho das suas raízes.

Os costumes poloneses ainda são bem fortes entre as filhas de Thadeu e Cecília. Inclusive a língua. Ana e o pai costumam conversar em polonês, Ivone também conhece e fala um pouco, já Edvino entende, mas não fala em polonês.

Na cozinha do dia a dia, as tradições polonesas também se manifestam. Pepino e repolho azedo, cerveja caseira, sopa de repolho com costelinha defumada, frango caipira com macarrão feito em casa e, claro, o *pierogi* estão entre as comidas tradicionais mantidas na

família. No caso do seu Thadeu, até mesmo pastel ele chama de *pierogi*. “Eu já era adulta quando conheci a palavra pastel”, conta Ivone.

Para esta família, o uso da internet também é uma forma de obter informações sobre a Polônia e a cultura polonesa, principalmente nos grupos do Facebook e com amigos virtuais de lá. “Então eu tenho os meus amigos lá, tenho cinco grupo que eu participo, mas só coisa boa, só coisa religiosa. Agora tava esse do João de Deus ali que aconteceu esses negócio, lá tanto da Polônia que veio quanto do Brasil o nosso João de Deus, que é o João Paulo II”, relata Ana.

Ana também assiste a como são as canções tradicionais por lá. Segundo ela, as canções cantadas na Polônia, especialmente as de Natal, são as mesmas que eles cantam aqui. Agora, também está aprendendo a responder em polonês por escrito. Nessas ocasiões, ela costuma compartilhar os conteúdos também com seu pai.

Conhecer o país europeu de onde vieram seus antepassados é um sonho para Ana. Ela afirma que um dia ainda vai conhecer a terra de onde vieram seus antepassados.

### 5.7.3 Amanda, Bruna e Camila (3ª geração da Família Przyvitowski)

Se a infância de Thadeu e das filhas foi marcada pelas histórias de muito trabalho, as netas já trazem memórias diferentes. Bruna, filha mais velha de Ivone, recorda que muitos momentos de infância foram junto com a avó Cecília. Na época, moravam com a família na Vila Americana, vizinha da Colônia Iguaçu. Bruna que tinha uns 11 anos e Camila, com oito, pegavam a bicicleta para ir até a Colônia. Ana, tia das meninas, já morava na frente da casa dos pais, por isso, as crianças se dividiam entre a casa de Cecília e de Ana. Na frente da casa da tia, comiam bolacha e tomavam refrigerante ou até mesmo cerveja caseira.

Também costumavam tomar mate doce, enquanto os adultos se reuniam na roda chimarrão. Assim, o gosto pelo chimarrão entrou na vida delas, que cultivam até hoje. Betina, filha de Camila, ainda é bebê e já sabe tomar chimarrão.

O paiol da casa dos avós também era local de brincadeira. Debulhar milho ou rever os antigos objetos de quando Thadeu tinha o armazém eram algumas das brincadeiras. Uma dessas relíquias era a balança, de 1978, com a qual Thadeu presenteou a neta Bruna no natal de 2018.

Os álbuns de fotos da família também marcaram a memória das netas, que recordam dos encontros em família quando reviam os álbuns de fotos, procurando saber quem eram as pessoas nos registros.

Hoje, nem todos os netos moram perto e podem passar tanto tempo quanto na infância na casa dos avós. Amanda saiu de São Mateus do Sul em 2014 para estudar em Curitiba. No ano seguinte, foi para Balneário Camboriú em Santa Catarina, também movida pelos estudos. Em 2016, foi a vez de Bruna sair da cidade natal para morar em Tijucas do Sul com a família, onde ela e o marido abriram uma agropecuária.

Mesmo com a distância física, a transmissão de valores ainda acontece do vô para os netos e até bisnetos. “Uma vez nós tava conversando, daí eu chamei atenção da Anna, eu falei: o que você pegou, você come. Dai o vô até falou pra mim assim: é tem que fazer isso, porque vocês não passaram pela guerra”, relata. Bruna relaciona o fato de Thadeu não esbanjar comida no dia a dia às dificuldades já passadas pela família.

A filha Ivone inclusive reforça o relato contando os momentos difíceis vivenciados pelos antepassados na travessia de navio até o Brasil, quando teriam viajado no porão. Chegando em Paranaguá, no litoral paranaense, seguiram a pé, se embrenhando no mato “Eles tinham tanto medo da guerra que, eles subiram a pé, e daí quanto mais no meio do mato eles foram ficando, era melhor”, relembra Ivone”. As casas foram construídas com tábuas feitas a machadinha. “Veja como que era a vida deles, era uma tortura. [...] E isso são histórias que o vô contava pra nós”, complementa.

Hoje, morando longe da comunidade polono-brasileira em que foram criadas, Amanda e Bruna sentem as diferenças. Em Balneário Camboriú, não há a mesma proximidade entre as pessoas.

Tijucas do Sul tem o mesmo estilo de vida de interior da colônia, as diferenças ficam especialmente pelas festas como de casamento e pelas reuniões familiares que Bruna considera muito mais animadas na Colônia Iguaçu.

A tecnologia ajuda as netas que moram longe a manterem contato com a família. As chamadas de vídeo são a forma principal de acompanhar o crescimento dos sobrinhos mesmo de longe. Seu Thadeu também faz contato com as netas por esse meio, sempre com ajuda das filhas. “Esses dias eu mandei um áudio pro vô, peguei e mandei no *whatsapp* da tia. Aí a tia contando que o vô ficava respondendo, eu falando as coisas e ele respondendo. [...] Mas, é que pra eles é uma coisa né fora da realidade”, conta Bruna. Mesmo sendo diferente, Thadeu

ouve as mensagens de áudio para saber notícias de Raul e Anna Clara, os bisnetos que o chamam de *dziadzo*<sup>64</sup>.

Thadeu também se surpreendeu ao utilizar a chamada de vídeo com Amanda: “A primeira vez que eu fiz a ligação de vídeo pro vô, ele queria entender como é que ele ia me ver e como que eu via ele, daí até que a mãe veio aqui falou vamos fazer uma ligação de vídeo pro pai ver como que funciona. Daí ele me via, dava tchau”, conta a neta.

As músicas polonesas também sempre fizeram parte da história da família. Nos bailes da colônia, Bruna lembra que ele e o primo Fernando, iam aos bailes com a vó e foi com ela que aprenderam a dançar, acompanhando os pés da vó. Na visão de Amanda, essa é uma coisa que vem desde a infância, porque todos na família sabem dançar.

Quando crianças, Bruna e Fernando participaram de eventos da cultura polonesa nos quais saudavam os visitantes trajados com roupas folclóricas e oferecendo pão e sal, tradição polonesa que representa a hospitalidade. Bruna também foi candidata a rainha em um baile polonês, o *Tradycje Polskie*, realizado pelo núcleo da Braspol local. Quando a família se reúne, eles recordam esses momentos e revivem as tradições.

---

<sup>64</sup> Avô em polonês



## 5.8 FOTOETNOGRAFIA DA FAMÍLIA PRZYVITOWSKI

### 5.8.1 Quaresma e Páscoa na família Przyvitowski



Capela da Colônia Iguaçu, comunidade em que vive a família Przyvitowski.



Celebração de Domingo de Ramos na Colônia Iguaçu, com presença de integrantes da família Przyvitowski.





Thadeu é o primeiro a chegar e o último a sair das celebrações da capela. Ele tem a missão de abrir e fechar a capela.



Família Przyvitowski reunida para o almoço de Páscoa.

### 5.8.2 Cotidiano na família Przyvitowski





Acima, Thadeu mostra sua lembrança de Primeira Comunhão. Abaixo, registro de Thadeu assistindo ao jogo entre Polônia e Senegal, pela Copa do Mundo, na sala de sua casa.





No quintal de casa, Thadeu cultiva hortaliças variadas. Ao lado da casa, há um pé de *seler*, planta trazida pelos seus antepassados da Polônia.



Na sala de sua casa na Colônia Iguaçu, Thadeu tem expostas fotos da família e lembrança da sua passagem pelo exército.





Betina, bisneta de Thadeu brinca com o *dziadzo* (avô em polonês) no comércio da família.



Betina toma chimarrão no colo da avó Ivone.

### 5.8.3 Natal na família Przyvitowski



Ana Przyvitowski participa da preparação dos alimentos para a celebração do oplatek na Colônia Iguaçu.





Ana e Ivone Przyvitowski preparam a salada de batata, prato comum entre descendentes de imigrantes poloneses.



O *pierogi* também faz parte dos pratos preparados para a partilha em comunidade.





Thadeu participa da celebração do *oplatek* acendendo a vela do advento do Natal e partilhando o pão ázimo em comunidade.



Almoço de Natal sendo preparado na família Przyvitowski.





Família Przyvitowski reunida para o almoço de Natal.



Família faz oração antes de servir o almoço de Natal.



O relato fotoetnográfico da família Przyvitowski demonstra, com ainda mais força a centralidade da religião na vivência da família. Quando, na imagem de dentro da Igreja aparece o bebê, da quarta geração da família, os processos de transmissão geracionais mostram sua relevância.

Outro ponto é que neste caso, todas as fotos foram produzidas na Colônia Iguaçu (diferente da outra família em que houve registros em diferentes regiões da cidade), com isso fica clara a força do pertencimento da família a essa comunidade. Esses pontos serão discutidos na terceira parte do trabalho.

Ao relatar a trajetória dos sujeitos, muitos aspectos da trajetória da minha própria família apareceram, já que, como se trata de um município pequeno, as famílias são conhecidas entre si. Isso reforça o aspecto de que a história contada a seguir é mais a minha visão da história dessas famílias. Além disso há que se considerar que, muitas vezes, os depoimentos dos sujeitos continham principalmente as histórias que eles queriam que fossem contadas.

Por isso, os relatos que apresentados possuem, ao menos dois filtros: o primeiro do próprio depoente, que seleciona os aspectos que considera mais relevantes; o segundo é o meu filtro como pesquisadora, ao escolher para a apresentação dessas famílias os pontos que emergiram com mais força das entrevistas.

Assim, a adoção dos passos conforme proposta de González (1995), descritos no tópico 5.1 foram importantes para organizar os relatos de forma a evidenciar os elementos que contribuem para investigar os sentidos produzidos pelos integrantes das duas famílias e como esses sentidos se conectam aos processos identitários.

Com relação à fotografia, os filtros também aparecem, primeiro, pela escolha do enquadramento ou do momento a ser fotografado. Depois, pela escolha das imagens que iriam compor o trabalho.

Cabe destacar que os relatos das duas famílias apresentados não tiveram a pretensão de apresentar uma versão definitiva da trajetória social e da cultura familiar. Antes de mais nada, é uma história permeada pelas minhas subjetividades e pela minha interpretação sobre as trajetórias sociais, microculturas familiares, processos de transmissão intergeracionais e contextos sociais, além dos usos dos meios e outros processos comunicativos.

**Parte III**  
**SIGNIFICAÇÃO**

## 6 CONSTRUÇÃO E EXPRESSÃO DAS IDENTIDADES

A **Significação** é o momento mais complexo e intenso em toda essa jornada de produção de conhecimento, pois requer a imersão do pesquisador em seu mundo interno após o período longo de contato com o mundo exterior. A etapa final do processo é também a mais importante, pois é quando se configuram os sentidos produzidos na Exploração e na Descrição. Buscar os significados contidos em todo o material produzido até aqui requer uma postura reflexiva e imaginativa. Por isso, há que se admitir que a incerteza é parte integrante desse processo, uma vez que os relatos produzidos sobre as histórias das duas famílias serão apenas uma versão das tantas disponíveis, assim como a produção de sentidos feita a partir desses relatos não esgota o universo de possibilidades: “Há sempre novas possibilidades de construção à medida que os componentes aparecem ou desaparecem, ou estão disponíveis de uma nova maneira<sup>65</sup>” (GALINDO CÁCERES, 1997, p 165). Isso se trata, como aponta o autor, de fazer uma proposta de trabalho consciente dos outros tantos “mundos possíveis”.

Cientes das tantas possibilidades existentes, o que propomos aqui não é esgotar a discussão acerca das articulações entre os processos comunicativos e a identidade polonesa entre famílias estudadas, mas apresentar uma construção de significados dentre tantas possíveis diante de um contexto tão rico e complexo. Após um período de imersão e experiência intensa no mergulho nos mundos das famílias Przybyszewski e Przyvitowski, o desafio era de organizar o volume considerável de dados coletados a fim de produzir os mapas de sentido propostos por Galindo Cáceres.

Para a realização dessa etapa, de caráter interpretativo e distante do campo, a teoria barberiana que traz a concepção da comunicação como inerente à cultura é ponto de partida. Por isso, ainda que o modelo das mediações comunicativas da cultura de Martín-Barbero não tenha sido adotado como modelo metodológico deste trabalho, as mediações da ritualidade, tecnicidade e socialidade ajudam a compreender o contexto das constituições dos sujeitos. Por isso, o contexto da proposição das mediações é revisitado no capítulo a seguir.

Na sequência, a análise da representação do objeto empírico é apresentada, dividida em cinco categorias, que representam os espaços mais significativos para a construção da identidade polono-brasileira na interpretação dos dados: usos sociais dos meios de comunicação, relações familiares, práticas religiosas e pertencimento à comunidade.

---

<sup>65</sup> Tradução livre. Texto original: siempre hay nuevas posibilidades de construcción según aparezcan o desaparezcan componentes, o se les disponga de una nueva forma

## 6.1 MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DA CULTURA

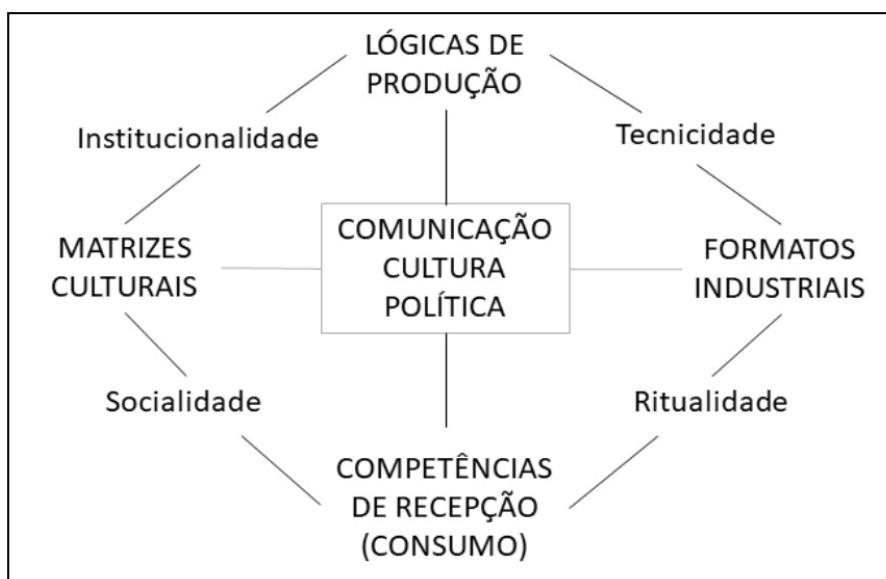
O marco da contribuição de Jesús Martín-Barbero para o pensamento latino-americano se deu com a obra *Dos Meios às Mediações*, de 1987. O deslocamento proporcionado pela obra permite pensar a comunicação a partir das mediações, ou seja, a partir dos processos sócio-culturais. “Tal deslocamento resulta em uma aproximação radical entre cultura e comunicação, possibilitando redefinições teóricas, metodológicas e políticas” (JACKS, 1997, p. 6).

Nessa obra, o autor propõe o mapa noturno, apresentando as mediações da cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Nessa análise, ele apresenta a família como unidade básica de audiência na América Latina. Ao decorrer do tempo, Martín-Barbero revisou e atualizou sua própria teoria nos anos seguintes, incorporando a complexidade do processo comunicativo a partir de leituras feitas do mapa. Ao dar “mais densidade epistemológica ao momento de conhecer o que vem da comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2009), o autor recoloca a questão da presença dos meios na sociedade e atenta para o protagonismo do comunicativo.

No segundo mapa metodológico das mediações (figura 11), apresentado por Martín-Barbero em 1998 no prefácio à 5ª edição latino-americana da obra *Dos Meios às Mediações* (posteriormente traduzido para o português), aparece a proposição das *mediações comunicativas da cultura*. O mapa de 1998 traz uma articulação entre produção e recepção, que reflete a visão de centralidade dos meios e dispositivos midiáticos na vida social, ao passo que convida a um olhar globalizante sobre o processo comunicativo (LOPES, 2018).

O mapa das mediações comunicativas da cultura está baseado num eixo sincrônico que engloba as Lógicas de Produção (LP) e Competências de Recepção ou Consumo (CR) e um eixo diacrônico que traz as Matrizes Culturais (MC) e os Formatos Industriais (FI). Das articulações entre esses eixos surgem as quatro mediações: institucionalidade (que medeia a articulação entre Matrizes Culturais e Lógicas de Produção), tecnicidade (mediações entre FI e LP), socialidade ou sociabilidade (mediações que surgem entre as MC e as CR) e ritualidade (entre FI e CR). O mapa traz ainda ao centro a tríade Comunicação, Política e Cultura, centrais em toda a proposição e que têm uma relação constituinte com todos os elementos (MARTÍN-BARBERO, 2015).

FIGURA 11 – SEGUNDO MAPA METODOLÓGICO DAS MEDIAÇÕES



FONTE: LOPES, 2018

As relações cotidianas, as interações sociais e a própria constituição das identidades dos sujeitos aparecem no âmbito da socialidade, resultante dos usos coletivos de comunicação. Neste espaço de mediação, a comunicação revela seu papel de constituição de sentido e de construção da sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2015). A **socialidade** relaciona-se aos múltiplos pertencimentos identitários do sujeito, como à etnia, geração e gênero, entre outros. Está relacionada às formas de interação e constituição das identidades dos sujeitos (RONSINI, 2010).

A socialidade, gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se, é por sua vez lugar de ancoragem da *práxis comunicativa* (grifo do autor) e resulta dos modos e usos coletivos da comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contrahegemonia) com o poder. Nesse processo, as MC ativam e moldam os *habitus* que conformam as diversas Competências de Recepção (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 17).

A mediação da socialidade se estabelece entre a forma dos receptores se relacionarem com a cultura massiva e suas próprias tradições culturais, por isso, analisar a comunicação a partir da socialidade traz o enfoque para as constituições de sentidos (JACKS, 2008).

Também relacionada à questão da constituição da identidade étnico-cultural está a **ritualidade**, especialmente em suas relações com as competências de recepção ou consumo, que apontam para diferentes usos sociais, que se refere às diferentes formas de relação do

receptor com os meios, e múltiplas trajetórias de leitura, as quais são constituídas a partir de aspectos como educação, formação cultural, tradições familiares e outros aspectos que atravessam a constituição dos sujeitos. Na **ritualidade**, que traz uma ancoragem na memória, a questão étnica e cultural pode ter papel tanto com relação aos usos sociais quanto às trajetórias de leitura. “A ritualidade regula a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos concebidos pelos meios, através das práticas de recepção constituídas pelo olhar, pela escuta e pela leitura” (JACKS, 2008).

Na articulação entre as Lógicas de Produção e Formatos Industriais opera a mediação da **tecnicidade**. Não se trata de reduzir o debate sobre a comunicação ao discurso sobre aparatos tecnológicos, mas de abordar “operadores perceptivos e destrezas discursivas” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 18). Essa mediação aponta para um novo estatuto social das técnicas, delineado pelo cenário da globalização.

Por fim, entre as Matrizes Culturais e as Lógicas de Produção opera a mediação da **institucionalidade**, que “remete à história das mudanças na articulação entre *movimentos sociais e discursos públicos* (grifo do autor), e destes com os modos de produção do público que agenciam as formas de hegemônicas de comunicação coletiva” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 16).

A partir do mapa “é possível operacionalizar a análise de qualquer fenômeno social que relaciona comunicação, cultura e política, impondo-se como uma dimensão de articulação entre produtores, mídia, mensagens, receptores e cultura” (LOPES, 2018, p 17). Ainda que o mapa apresente a proposta de uma visão global da comunicação, há a possibilidade de observar apenas parte do processo. A depender da proposta de análise, Lopes afirma que é possível adotar o mapa em partes, recaindo em algumas mediações. Neste trabalho, o olhar sobre as relações investigadas recai sobre as mediações da tecnicidade, ritualidade e socialidade.

Um novo mapa das mediações foi apresentado pelo autor em 2010, no qual os eixos centrais são alterados. A temporalidade se refere à mudança da estrutura temporal na qual a relação com o passado é enfraquecida e o presente é cultuado. A espacialidade pode ser pensada sob múltiplos espaços, tanto relativo ao território, como espaços imaginados de nação e identidade, além dos espaços de interação relativos aos meios eletrônicos. Mobilidade remonta tanto às migrações quanto às navegações no espaço virtual da internet. Os fluxos são movimentos que trazem desordens sociais, políticas e culturais, tais como os migrantes ou os fluxos de imagem e informação. Entre esses eixos aparecem as mediações da identidade, tecnicidade, ritualidade e cognitividade (LOPES, 2018).



FIGURA 12 – TERCEIRO MAPA METODOLÓGICO DAS MEDIAÇÕES



FONTE: LOPES, 2018

Uma vez que as três proposições estão articuladas dentro do pensamento central do autor que vincula comunicação à cultura, Ronsini (2010) apresenta uma noção que permite articular os três mapas. As mediações da primeira proposta (cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural) podem ser absorvidas pelas noções de ritualidade e socialidade, relativas ao segundo mapa. Já com relação à proposição mais recente:

identidade e cognitividades podem ser noções embutidas tanto na mediação da socialidade quanto da ritualidade e o conceito de identidade adquire um novo estatuto para além de mediar a relação entre lógicas da produção e formatos industriais. Por sua centralidade na organização social, ela percorre o circuito inteiro, modelando a ritualidade, a socialidade e a institucionalidade, vale dizer, modela todas as relações porque se define como o estatuto social da técnica. (RONSINI, 2010, p. 7)

Partindo da noção de que as proposições estão relacionadas, a opção foi focar nas mediações de ritualidade, socialidade e tecnicidade, adotando parcialmente as mediações comunicativas da cultura, como propõe Ronsini <sup>66</sup>(2010).

<sup>66</sup> O modelo de trabalho empírico proposto por Ronsini (2010) foi importante como ponto de partida para organizar os dados produzidos no contato com o campo. No entanto, o próprio contato com o campo mostrou a possibilidade de expandir essa delimitação e, inclusive, revisitando os modelos de mediações anteriores.

FIGURA 13 – QUARTO MAPA METODOLÓGICO DAS MEDIAÇÕES



FONTE: LOPES, 2018

Na revisão mais recente do mapa das mediações, Martín-Barbero considera as mudanças tecnológicas e como essas afetam o ecossistema comunicativo. Nesse mapa, as tecnicidades atuam como eixo, assim como as sensorialidades, temporalidades e espacialidades. Surgem ainda as novas mediações das narrativas, redes, cidadania, juntamente com identidade (LOPES, 2018).

Para Lopes (2018), esse mapa contribui para atender objetos de pesquisas de comunicação contemporâneas:

Trata-se de um novo mapa rizomático em que essas mediações se tornaram básicas e se despregam podendo ser relacionadas em formas de direções e densidades diferentes. Dependendo do problema de pesquisa, as mediações podem ser mobilizadas e articuladas com identidades, redes, cidadanias e narrativas. (LOPES, 2018, p. 59)

No trabalho com as famílias polono-brasileiras nos deparamos com diferentes estágios de adesão de dispositivos tecnológicos. Para cada geração, os processos comunicativos envolvidos se dão de forma diferente. Então, a opção foi não adotar o terceiro ou o quarto mapa, embora fosse possível pensar a comunicação nas gerações mais jovens a partir das mediações recentes.

## 7 PROCESSOS COMUNICATIVOS EM FAMÍLIA

Os relatos e as observações apresentadas anteriormente apresentam vários processos por meio dos quais a identidade polono-brasileira é expressa e ressignificada entre os integrantes das famílias. Entre esses, há espaços que atuam com significativa importância nos processos identitários, muitos deles são processos comunicativos que vão além daqueles midiáticos. Portanto, a busca aqui é identificar e descrever esses processos comunicativos que estão no seio familiar e que contribuem na construção de subjetividades dos sujeitos.

Para obter uma representação visual que ajude a entender os significados mais importantes apreendidos durante a descrição em cada família, foi elaborada uma nuvem de palavras do relato de cada família, com auxílio do software *NVivo*<sup>67</sup>. Os termos mais frequentes ajudam a evidenciar os valores mais importantes para esse grupo social, ainda levando em consideração que a frequência de palavras foi feita a partir do relato significado pelo olhar de pesquisadora.

FIGURA 14: NUVEM DE PALAVRAS DA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI (PASSO DO MEIO)



Fonte: elaborado a partir de dados da pesquisa

<sup>67</sup> Produzida com auxílio do software *NVivo* 11 a partir da consulta das 30 palavras mais frequentes no relato de cada família. Na consulta de frequência das palavras usadas no relato foram retiradas palavras que referiam-se aos nomes dos entrevistados, bem como preposições ou verbos que não permitiam produzir significações a partir da representação visual.

Nas duas representações, ficam evidentes que termos relacionadas à família têm papel preponderante no relato. Entre a família Przybyszewski (figura 13), os termos mais marcantes são família e filhos, o que está em consonância com o que foi observado no campo, numa relação muito próxima entre Antonio e Nena e seus filhos.

Na outra nuvem de palavras (figura 14), destacam-se família, pai e filhas, o que também representa um aspecto observado no campo, que é a proximidade entre Thadeu e as filhas Ana e Ivone.

FIGURA 15: NUVEM DE PALAVRAS FAMÍLIA PRZYVITOWSKI (COLÔNIA IGUAÇU)



Fonte: elaborado a partir de dados da pesquisa

Na sequência, destacam-se as palavras relacionadas à etnia, também em ambos os relatos (polônês e polonesa), que são indicativos da importância da identidade étnica para esses grupos.

Há também indícios de uma identificação com a comunidade em que vivem. No caso da primeira família, o termo “passo” é referência à Passo do Meio, localidade onde a família Przybyszewski se desenvolveu. O mesmo acontece com a família Przyvitowski, na qual o termo “colônia” é referência à Colônia Iguaçu. Inclusive o termo “comunidade” aparece em ambas as nuvens, com menor destaque.

Meios de comunicação (televisão e rádio) só aparecem entre as palavras destacadas da família Przybyszewski, ainda que durante as entrevistas tenha havido uma busca por entender a relação dos entrevistados com os meios de comunicação no seu dia a dia. O fato de

os meios de comunicação aparecerem sem significativo destaque, leva a voltar a atenção para outros processos comunicativos que estejam relacionados à ressignificação da identidade polonesa nas duas famílias.

Outro termo que aparece em ambas as nuvens, é “igreja”, que, assim como o “Natal” demonstram que o aspecto religioso marca o cotidiano dos indivíduos analisados.

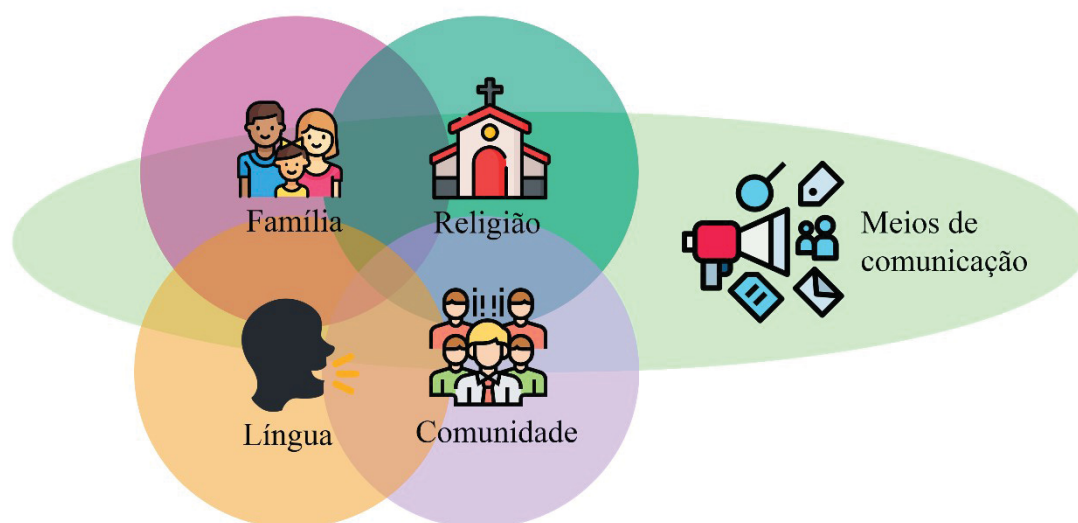
As nuvens de palavras ajudam a enxergar os grupos analisados como uma reunião de indivíduos para os quais os valores familiares têm relevância central, numa vivência permeada pela identidade polono-brasileira, pelo pertencimento territorial e pela religião.

As percepções a partir dos relatos de família podem ser cruzadas com os dados obtidos a partir da aplicação dos questionários. A análise desse material mostra que a língua, embora ainda seja importante nessa comunidade, não é o fator mais marcante nesse movimento de identificar-se como poloneses, pois antes aparecem a culinária, a religião e as músicas. A religiosidade, inclusive, mostrou-se como espaço importante de rituais que reforçam e reconstroem os sentidos da polonidade. Essas informações reforçam os pontos de destaque na buscando por compreender os aspectos centrais na ressignificação da identidade étnica para os polono-brasileiros.

O cruzamento das informações dos questionários e dos elementos destacados nos gráficos, aliado à leitura flutuante dos relatos, contribuiu para estabelecer categorias de análise para entender aspectos de reafirmação e ressignificação da identidade, os quais foram organizados em: usos dos meios de comunicação, relações familiares, religião, comunidade e língua. Esses aspectos aparecem com mais ou menos força nos relatos e nas observações produzidas, mas todas contribuem para a construção a identidade polono-brasileira.

Uma vez que as entrevistas durante a História de Família davam espaço para pluralidade de narrativas, a opção inicial foi não ir à campo com um modelo analítico preestabelecido. A partir da observação das dinâmicas das famílias, dos processos de ressignificação identitária e da produção de sentidos foi possível reconhecer a partir dos relatos construídos após a vivência do campo quais eram os espaços em que a questão identitária se fazia evidente.

FIGURA 16: ESPAÇOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA



Fonte: elaborada pela autora

A figura 15 traz uma representação visual dos processos observados no campo. Família, religião, comunidade e a língua polonesa se destacam como espaços de apropriações de sentidos que se relacionam à ressignificação da identidade cultural polono-brasileira. Ainda que esses espaços tenham regras próprias e uma circulação própria de sentidos, há também a interseção entre esses campos uma vez que, por exemplo, as relações familiares estão muito conectadas à religião, à comunidade e à língua polonesa – e todos esses espaços são atravessados pelos meios de comunicação.

Da mesma forma, a família, as práticas religiosas e as relações comunitárias são as maneiras pelas quais a língua polonesa ainda é praticada na região. Com relação à religião católica, essa está muito relacionada à família como unidade básica de formação dos fiéis, fortalece as relações comunitárias e mantém o contato com os fiéis polono-brasileiros por meio do uso da língua polonesa. As comunidades em que se concentrou o estudo (especialmente Colônia Iguaçu e Passo do Meio, ainda que tenham sujeitos vivendo fora desse ambiente) também têm a presença forte das relações familiares e são espaços nos quais a capela atua como ponto de encontro e de fortalecimento das noções comunitárias. A língua polonesa também é praticada nesses ambientes geográficos como forma de identificação entre os polono-brasileiros.

Atuando de forma integrada entre todos esses espaços e fora deles estão os meios de comunicação. A representação gráfica evidencia uma presença constante dos meios nos



espaços de análise, ainda que existam momentos em que as significações relacionadas à identidade se dão fora do ambiente de recepção midiática.

A visão de Martín-Barbero (2015) contribui sobremaneira para o entendimento dos processos comunicativos que ocorrem no contexto analisado, ao pensar a articulação entre comunicação e cultura. Também as mediações da tecnicidade, socialidade e ritualidade apareceram nas relações dos grupos estudados com os meios e dentro dos outros processos de constituição identitária.

A partir desses dados, para proceder à análise, os relatos foram codificados com auxílio do software *NVivo* de acordo com cinco categorias apresentadas no gráfico: **meios de comunicação, relações familiares, religião, pertencimento à comunidade e uso da língua polonesa**. Na sequência, são descritos os aspectos nos quais a ressignificação da identidade étnica se mostrou mais relevante e são apontadas as mediações observadas.

Para apresentação dos dados da pesquisa, optamos por apresentar primeiramente a relação das famílias com os meios de comunicação e como aparecem as mediações da ritualidade, tecnicidade e socialidade. Na sequência, são destacados os espaços em que ocorrem esses processos, ainda que os meios e as mediações estejam permeando todas essas relações.

## 7.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Analisar a história das famílias ajuda a compreender como a relação dos sujeitos com os meios de comunicação atravessa a constituição da identidade cultural numa perspectiva histórica. Para buscar respostas sobre a constituição da identidade polono-brasileira, a análise do material empírico inicia com a visão sobre os usos sociais dos meios pelos sujeitos da pesquisa.

O núcleo de observação escolhido para este estudo permitiu observar as diferenças entre o consumo de mídia em cada geração.

A chegada dos meios de comunicação digitais – especialmente rádio e TV – foi marcante para os integrantes da primeira geração de ambas as famílias. Em seus depoimentos, eles recordam de quando o rádio e a TV chegaram às colônias em que viviam e de como a novidade foi recebida. Por outro lado, hoje eles vivem num contexto de centralidade da mídia nas suas atividades cotidianas (aspecto que aparece com menos força para o casal-base da família Przybyszewski devido à limitação de acesso na comunidade rural do Passo do Meio).

O espaço ocupado pelo midiático no cotidiano também se mostra maior quando se trata das gerações mais novas. Na relação dos sujeitos com a mídia, é possível observar três espaços de mediações: ritualidade, tecnicidade e socialidade.

#### 7.1.1.1 Ritualidades

A forma como os usos dos meios, em seus formatos industriais, afeta o cotidiano dos integrantes da família e como isso imprime um ritmo próprio ao cotidiano remonta à **ritualidade**, a qual também atua na constituição da identidade dos sujeitos.

A partir dos relatos memoriais de Antonio e Nena (1ª geração família Przybyszewski) e Antonio (1ª geração família Przyvitowski) é possível compreender como se dava o consumo do rádio e da TV quando esses chegaram às colônias e como esse meio levou a novas organizações do cotidiano.

No Passo do Meio, as famílias se reuniam em volta do rádio e o hábito de consumo era mais próximo à noção de assistir do que somente ouvir, já que eles paravam próximo ao aparelho para prestar atenção no que acontecia. Isso também atraía vizinhos para participar do evento.

Outro aspecto que marcava o envolvimento familiar em torno de meios de comunicação está no relato de que Mariano, pai de dona Nena, que recebia o *Lud*, jornal produzido em Curitiba para a comunidade polono-brasileira, e o lia em voz alta para a família. Nesse aspecto, a ritualidade expressa pela leitura para a família tem uma relação explícita com a expressão da identidade étnica.

Para compreender esse processo, retomamos a reflexão de Stuart Hall sobre as identidades nacionais:

as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação* [grifo do autor]. Nós sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (*Englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. (HALL, 2006, p. 49)

O autor traz nesse trecho o enfoque na constituição da identidade nacional criada a partir da nação como comunidade imaginada, construída com base num sistema de representações. Aqui cabem duas ressalvas: a primeira é o fato de que identidade e representações estão sempre conectadas, no entanto, a discussão sobre a representação não é feita neste trabalho, por isso o foco recai em perceber como os sujeitos fazem uso dessas

representações para construir a sua própria noção de sujeito. O outro aspecto é o enfoque no simbolismo para a construção da ideia de nação, que atua na constituição das identidades nacionais. Ainda que o foco aqui seja a discussão sobre a identidade étnica, não diretamente relacionada ao pertencimento nacional, a noção de comunidade imaginada a partir da construção simbólica permite um exercício reflexivo para melhor compreender o que significa o ritual da leitura em voz alta do jornal.

O jornal *Lud* (O Povo) faz parte dos periódicos polono-brasileiros que circularam pelas colônias. Sua publicação iniciou em 1920, a partir da mudança de nome do antigo *Polak w Brazylii*, tinha caráter conservador e clerical. Foi publicado até 1940, tinha tiragem de 4 mil exemplares, chegando a 25 mil exemplares (TRINDADE, 2016). Como jornal destinado à comunidade polono-brasileira, a leitura do *Lud* pode ser interpretada também como formas de pertencer à comunidade imaginada que era a presença polonesa no Brasil. Além disso, as formas de representação da polonidade no periódico possivelmente influenciaram as noções do que é ser polonês nessa comunidade.

Mais tarde, a televisão passou a fazer parte do cotidiano das famílias. Os integrantes da segunda geração, que eram crianças ou jovens à época da chegada dessa novidade nos lares, tinha o tempo em frente à TV determinado pelos mais velhos. Quando Thadeu relata como era a relação com a televisão, ele também recorda como os filhos e a esposa acompanhavam os conteúdos televisivos, especialmente as novelas.

E a piazada com a falecida era a novela, eu já não gostava de novela. Nunca gostei de novela. Eles já ficavam na cozinha, quando eu trabalhava eles ligavam de quieto pra não me acordar e ficavam às vez, e meia noite as vezes mais, que eu levantava às vezes a Ana com o Edvino tavam ainda assistindo. Gostavam. (THADEU PRZYVITOWSKI)

Esse trecho destacado da entrevista de Thadeu demonstra como a chegada da televisão se inseriu nas dinâmicas familiares, inclusive alterando os hábitos noturnos das crianças.

Quando a televisão chega aos lares, a cultura massiva passa a atravessar mais fortemente o cotidiano dessas famílias. Suas rotinas foram alteradas para se conectar com os novos formatos oferecidos, como os aspectos relativos ao gênero telenovela. Com relação à identidade, as novas formas de consumo midiático ampliam a relação com a cultura massiva brasileira. Se nos primeiros anos da vida na colônia, a comunicação exclusivamente nas relações interpessoais, nos contatos com os periódicos destinados à comunidade polono-

brasileira (na sua primeira fase publicados em polonês), a geração que cresceu com a presença do rádio e da TV teve outra experiência de construção da identidade.

O surgimento das novas tecnologias, como aponta Martín-Barbero (2015), traz consequências para as identidades culturais. As novas tecnologias provocam um questionamento das identidades culturais, o primeiro aspecto é:

[...] o desafio que se impõe às tentativas de fuga para o passado, à velha tentação idealista de postular uma identidade cujo sentido se acharia na origem ou, de todo modo, lá atrás, por debaixo, fora do processo e da dinâmica da história e da atualidade. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p 257)

O segundo aspecto diz respeito ao sentido que as tecnologias assumem, isto é:

[...] a reativação da lógica evolucionista que reduz, agora radicalmente e sem fissuras, o outro ao atrasado, que converte o que resta de identidade nas culturas diversas em mera identidade reflexa- não têm valor senão para valorizar, pelo contraste, a identidade da cultura hegemônica - e negativa: o que nos constitui é o que nos falta, o que nos constitui é a carência. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p 257)

A tecnologia importada dos países centrais representaria a modernização das colônias polonesas. Esse aspecto remonta, inclusive a um trecho do depoimento de Thadeu Przyvitowski, quando ele recorda da chegada da televisão à colônia, bem como da geladeira e da eletricidade que, segundo ele, representavam a modernização da comunidade de caráter agrícola:

[...] não faz tanto tempo, vamos supor... 70 ainda era naquela, como diz. depois dos 80 pra diante que o negócio de lavoura tudo mudou, mas assim era naquele lengue-lengue... Lengue-lengue não, mas não tinha nada de maquinário esses trator tudo, ninguém tinha, era os cavalinho só e essas roça de toco. (THADEU PRZYVITOWSKI)

A modernização alterou o cotidiano tanto no trabalho quanto no lazer das famílias. Assim, também trouxeram novos espaços de ressignificação das identidades culturais, mediadas pela tecnologia.

Os meios de comunicação que chegaram como novidade na primeira geração da família e até mesmo entre os filhos mais velhos da segunda geração, alcançam centralidade na casa de Jacinta e de Marcos. A **televisão** tem papel central na rotina – tanto que a entrevista com o casal foi realizada na sala da casa, com a TV ligada transmitindo um filme na Netflix para entreter os três filhos do casal. Durante a entrevista, em vários momentos, enquanto Jacinta respondia às perguntas, Marcos se desconectava da conversa para interagir com o filho

comentando aspectos do filme. Marcos também afirma consumir muito conteúdo noticioso, aspecto que pouco aparece nos demais relatos, apenas a sua cunhada, Janete, afirma acompanhar telejornais com mais frequência.

No outro núcleo familiar pesquisado (Janete e Zenon), a televisão também marca o cotidiano, uma vez que o aparelho fica constantemente ligado no mercado da família.

O programa matinal na rádio Difusora do Xisto, conhecido popularmente como programa do Lucas, torna-se unanimidade em termos do consumo midiático da família. Todos os entrevistados afirmam ouvir o programa de notícias local.

A dificuldade de acesso à tecnologia marca os modos de ver, ouvir e ler para a primeira geração da família Przybyszewski. Passando a maior parte dos dias na casa na localidade do Passo do Meio, Antonio e Nena não têm acesso à internet ou mesmo a ligações telefônicas. Seu cotidiano é marcado pela escuta do rádio durante o dia. À noite, a televisão ganha espaço, principalmente para acompanhar programas religiosos.

A centralidade dos aparatos midiáticos também aparece quando Thadeu conta sobre sua rotina, na qual há uma demonstração clara da marcação temporal das atividades cotidianas pelos meios. O início do dia é marcado pelo terço na TV, na sequência programas noticiosos e religiosos na TV e no rádio preenchem a manhã e demarcam o horário do banho e do almoço.

É possível pensar os usos sociais dos meios também a partir do ponto de vista da terceira geração. Na casa de Jacinta e Marcos, é possível ver um dos filhos do casal, Eduardo, assistindo a um filme na televisão enquanto mexe no celular. Quando questionado sobre onde costuma assistir sua programação favorita (no caso, vídeos do YouTube) a resposta demonstra a onipresença das narrativas midiáticas no seu cotidiano, já que ele as consome tanto na TV, quando no computador e no celular, sem uma rotina definida, mas de acordo com a sua disponibilidade de tempo. Ou seja, sempre que possível ele está conectado e consumindo narrativas midiáticas.

As trajetórias de leitura, principalmente as marcadas pela questão geracional, também ficam evidentes nos depoimentos.

Na primeira geração, a TV ainda determina ritmos do cotidiano. Aos domingos, quando Antonio e Nena estão na cidade, é comum assistirem ao programa do Silvio Santos na casa de Jacinta. A filha conta que esse é um hábito que têm desde criança e que repetem quando os pais estão presentes. Na outra família, Thadeu conta que seu programa de informações preferidos é o Fantástico. No entanto, para ele é difícil assistir ao programa completo porque é o horário em que ele já costuma se recolher para dormir. Mas, se o tema do programa é de seu interesse, ele acaba lutando contra o sono para acompanhar as informações.

A mudança da forma de se relacionar com os meios em cada geração inclusive aparece na própria reflexão de Marcos e de Jaci, que comparam como eram os usos dos meios na sua infância e na infância dos filhos. Na infância de Jaci, a programação e os horários de televisão eram determinados pelos pais. Marcos recorda-se de ficar dias esperando e se programando para assistir a um filme que passaria na TV.

No caso dos filhos, a lógica se altera, devido ao consumo das narrativas sob demanda. Não mais os ritmos do cotidiano são guiados pelas narrativas, essas é que se ajustam ao dia a dia dos receptores. Isso inclui, por exemplo, a experiência de Eduardo estar conectado ao conteúdo audiovisual no celular, enquanto o restante da família se reúne para acompanhar o jogo da seleção polonesa na TV.

A determinação dos ritmos do cotidiano de acordo com a grade de programação perde força, por outro lado, o consumo de vídeos via internet ganha ainda mais espaço na rotina familiar, tomando um espaço que antes era marcado por todos consumindo a mesma programação.

Ainda que os relatos de história de família tenham sido importantes para compreender a adoção e os usos dos meios no tempo histórico de longa duração, as observações sincrônicas mostraram que foi possível perceber as apropriações de sentido por parte dos receptores. Na História de Família, as Matrizes Culturais despontaram, ao tempo em que, durante as observações sincrônicas, especialmente por ocasião da Copa do Mundo as mediações relacionadas às Competências de Recepção se fizeram evidentes.

#### 7.1.1.2 Tecnicidade

Os usos dos meios nessa família apontam para a mediação da **tecnicidade**. O sentido da tecnicidade não se relaciona à ideia de mero aparato tecnológico, mas à competência na linguagem (MARTÍN-BARBERO, 2004), às materialidades no discurso que remetem à constituição de gramáticas que dão origem a formatos e produtos midiáticos. A tecnicidade não é do instrumento, e sim dos saberes, da constituição das práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de percepção social (LOPES, 2018, p 20).

Os relatos demonstram que as novas tecnologias alteraram a forma de transmissão da história familiar, anteriormente de forma predominantemente oral, e agora com uso de recursos tecnológicos que incluem uma nova gramática, calcada no registro audiovisual.

Se rádio e TV trouxeram marcas para o cotidiano da primeira geração, aspecto que se repetiu principalmente na segunda, mais recentemente, os aparatos tecnológicos passaram a



influenciar na gramática cotidiana. O surgimento de novas tecnologias é representado pela chegada do Facebook e, principalmente, *whatsapp*, que alteraram a forma de contato em família e a forma de conhecimento da história dos imigrantes.

Na família Przybyszewski (ou família do Passo do Meio), alguns momentos deixam claro como a tecnologia é usada entre a segunda e a terceira gerações para ter contato com a história familiar. Os encontros familiares agora são marcados por meio do aplicativo de mensagens e, inclusive, o fato de o casal-base morar numa região sem sinal de celular ou de internet é lamentado diversas vezes durante a narrativa.

Também pelo grupo de *WhatsApp* da família, eles conseguiram difundir um antigo documento de atesta a origem dos antepassados que migraram para o Brasil. Outro hábito frequente é a filmagem de momentos tradicionais em família, e posterior envio ao grupo de família. Outra filha entrevistada, Jacinta, comenta sobre a vontade dos filhos de gravarem em vídeo as orações em polonês feitas pelos pais, para que pudessem transmitir ao restante da família.

A tecnologia também permite o contato de Thadeu com as netas que moram longe. Ainda que ele não faça uso diretamente do celular ou das redes sociais digitais, com o auxílio das filhas ele recebe mensagens dos netos e até mesmo assiste vídeos diretamente da Polônia. Ainda sobre Thadeu, o uso que ele faz da tecnologia para manter a memória das canções que aprendeu com o pai e avô merece destaque. Anos atrás, ele usou de um gravador de fita cassete para registrar algumas canções. Agora, ele pede a mim que o filme enquanto canta músicas das quais ele se recorda e que não são tão comuns nas gerações seguintes.

Comum às duas famílias também está o contato com o parente distante, descendente de poloneses que migraram para os Estados Unidos. A partir desse contato, cultivado por Michely (3ª geração Przybyszewski) e por Edvino<sup>68</sup> (2ª geração Przyvitowski), as famílias trocaram informações que ajudaram a conhecer mais sobre a história de emigração da família Przyvitowski da Polônia e possibilidade de construção da árvore genealógica da família.

Além disso, a mediação da tecnicidade traz a noção da compressão de tempo e espaço. Se nas gerações anteriores, a Polônia parecia distante, presente apenas na memória e nos relatos passados de uma geração a outra, agora, no cenário da globalização, a troca de informações sobre o país do qual vieram os antepassados é facilitado.

---

<sup>68</sup> Edvino não está entre os entrevistados, o relato sobre o contato com o parente norte-americano veio das suas irmãs.

É por meio da internet que Ana (2ª geração Przyvitowski) fica sabendo dos acontecimentos na Polônia. No Facebook, ela consome conteúdos audiovisuais sobre a cultura e tradições polonesas, conteúdos que se tornam ponte para que ela e o pai produzam sentidos sobre a polonidade. Com esse contato, Ana, uma mulher que toda a vida viveu na mesma colônia, pode se sentir mais perto da terra dos seus antepassados, acompanhando notícias de lá e tendo contato com amigos. Essa aproximação faz com que ela sonhe em ir pessoalmente à Polônia. Nesse cenário de globalização, a mediação da tecnicidade – segundo Martín-Barbero (2015), que retoma o conceito de Milton Santos – atua como conector universal no global.

FIGURA 17 – APARATOS TECNOLÓGICOS NA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI



Fonte: A autora (2018)

Os excertos da narrativa fotoetnográfica reforçam o que foi observado e registrado no diário de campo, de que os usos de aparatos tecnológicos constroem uma nova gramática na relação familiar e mesmo na expressão da polonidade. Na figura 13, são destacados três momentos em que os usos de aparatos tecnológicos, especialmente o uso de smartphones.

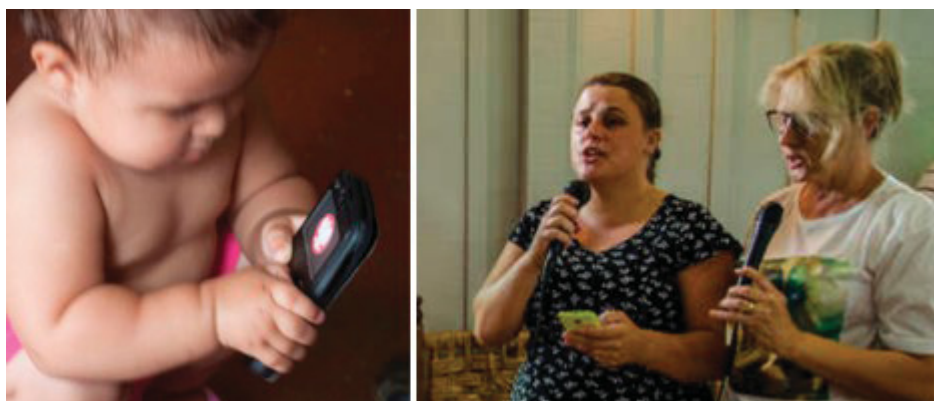
Essas fotos permitem observar a tecnicidade operando em três lógicas. A primeira, representada pelos extratos à esquerda e ao meio, é o uso do aparato tecnológico para apreensão de rituais religiosos relacionados à etnia. Uma vez capturados pelo aparato tecnológico, neste caso smartphones, os rituais podem ser revistos, compartilhados e relembrados. Assim, com o uso da tecnologia, os sujeitos podem produzir conteúdos audiovisuais por meio dos quais podem expressar sua polonidade.

A segunda lógica aparece na foto à direita, durante a transmissão do jogo da Polônia durante a Copa do Mundo. Na ocasião, a família estava reunida em torno da TV para assistir ao jogo, mesmo quem não estava muito atento à partida participava da conversa que continha questionamentos e afirmações da identidade étnica. No entanto, o menino registrado na foto aparece alheio a esse cenário, consumindo um conteúdo diferente no seu celular. O registro

fotográfico demonstra que o menino escolheu as narrativas que quer consumir, não está mais preso à determinação familiar, ainda que esteja compartilhando o mesmo espaço físico, ele não compartilha o mesmo consumo midiático. Aqui há uma quebra da cotidianidade familiar e escapa da produção de sentidos a partir do compartilhamento dos rituais frente aos meios. Ao pensar o primeiro modelo das mediações, Martín-Barbero trazia a família como unidade básica da audiência latino-americana e no espaço da cotidianidade familiar estava uma situação primordial de reconhecimento para a maioria das pessoas (MARTÍN-BARBERO, 2015). Como apresentado no tópico sobre a socialidade, em alguns aspectos e, principalmente na relação entre primeira e segundas gerações, a cotidianidade familiar continuar em operação.

Já as gerações mais jovens estão vivenciando uma experiência de construção das suas identidades mediadas por outra relação da tecnicidade, indo além da mediação entre as lógicas da produção e formatos industriais. Como explica Ronsini (2010): “por sua centralidade na organização social, ela [tecnicidade] percorre o circuito inteiro, modelando a ritualidade, a socialidade e institucionalidade, vale dizer, modela todas as relações porque se define como o estatuto social da técnica” (p. 7). Essa centralidade da tecnicidade permeando as demais mediações também pode ser percebida na figura 14, no excerto à esquerda, no qual a imagem do bebê brincando com o aparelho celular remete à onipresença dos aparatos tecnológicos desde a infância, o que possivelmente moldará novas percepções do discurso midiático. A forma como a tecnicidade atua mediando as relações e significações para as gerações mais jovens poderia ser tema de estudos futuros que permitisse uma observação mais direcionada a esse público, já que os seus usos sociais dos meios não ficaram tão evidentes no contexto de observação familiar, motivado também pelos consumos individualizados.

FIGURA 18 – APARATOS TECNOLÓGICOS NA FAMÍLIA PRZYVITOWSKI



Fonte: A autora (2018)

Ainda no extrato que apresenta o bebê com o celular, é possível perceber o aparato tecnológico como meio para expressão identitária através da imagem. O aparelho conta com um adesivo com o a Águia Branca, brasão da Polônia.

Na figura 14, no fragmento à direita, observa-se outro momento em que os aparelhos celulares permeiam as relações cotidianas, que é a utilização do celular para acompanhar os cantos durante celebração religiosa. Com isso, a experiência social da celebração religiosa também é conectada às inovações por meio da tecnicidade.

### 7.1.1.3 Socialidade

Quando vista a partir da mediação da socialidade, a comunicação “é uma questão de fins, da constituição do sentido, do fazer-se e desfazer-se da sociedade” (JACKS, 2008, p 6).

Centrada nas interações:

Essa categoria permite analisar o cenário em que os receptores atuam e interatuam, em que exercem suas práticas e seu *habitus*, em que a subjetividade e as identidades constroem-se e reconstróem-se com o fim de entender o que passa no mundo da recepção e do consumo, ou seja, no mundo dos atores sociais e suas vinculações com o mundo social. (JACKS, 2008, p. 6)

Além disso, a **socialidade** é um espaço de práticas sociais e negociações de sentidos. “Concerne às relações sociais, ao indivíduo/sujeito e seus múltiplos pertencimentos identitários com base em referentes individuais de gênero, etnia e geração que são estruturados a partir de uma posição e classe” (RONSINI, 2011, p 92). Ainda que a classe pudesse ser aspecto de análise, ela não está contemplada neste trabalho.

A cotidianidade familiar – uma das primeiras mediações proposta por Martín-Barbero – aparece no campo observado, uma vez que o ambiente familiar é espaço privilegiado de produção de sentidos a partir do consumo midiático. Dessa forma, a cotidianidade familiar faz parte da socialidade dos sujeitos, pois as relações familiares são mediadoras dos sentidos produzidos a partir dos usos dos meios.

O espaço familiar como ambiente de construção de sentidos fica evidente quando Ana relata que consome vídeos sobre a cultura polonesa e mostra ao pai. A partir desse momento, eles conversam sobre o que viram e produzem sentidos sobre o material.

Reportagens que me mandam lá da Polônia. Por exemplo, agora no Natal, bastante canto em polonês. Por isso que eu falo que não muda tanto, porque os canto que nós escutemo, né pai? Que mandaram lá da Polônia mesmo, mas tudo vestido, caracterizado, sabe? Assim tudo vestido, que nem o pai falou assim pra professora que tava lá no *oplatek*, que viu umas menina bonita que *oczki niebieskie buzia rumieniuchna* que é olho azul e a boca rosada.[...] Então é isso que eu vejo, sabe? E tem bastante reportagem que eu vejo de lá né, por exemplo, agora o dia da bandeira que é *panna polska* né, que o dia da bandeira polonesa foi mandado bastante pra mim no meu Facebook (ANA PRZYVITOWSKI)

Retomando a experiência coletiva de assistir à televisão, por ocasião do jogo da seleção polonesa na família Przybyszewski, alguns elementos permitem observar como a socialidade incide nesse momento e como as Matrizes Culturais se relacionam às Competências de Recepção.

O primeiro dos jogos da Polônia no evento esportivo marcou o encontro de uma seleção europeia e uma seleção africana e levantou um debate sobre racismo, que surgiu espontaneamente a partir de Thadeu Przyvitovski, representante da primeira geração da família da Colônia Iguaçu. Na ocasião, Thadeu relatou que muitas vezes presenciou poloneses expressando o fato de não gostarem dos negros, ou brasileiros como os chamavam normalmente.

Nesse momento do relato, ele reproduz algumas frases de tom pejorativo ditas em polonês que eram comuns na sua colônia décadas atrás, tais como *dziki*, *dzik śmierdzi* ou *dzik śmierzący*, que para ele significavam “negro fedido”.

Vale nesse caso retomar os sentidos do termo *dzik*. Ao buscar o termo no dicionário da língua polonesa, foi encontrado como significados possíveis javali, animal selvagem ou pessoa não civilizada. No entanto o uso do substantivo *dzik* como referência a javali era um termo mais usado na linguagem formal, por isso, é provável que a utilização relatada por Thadeu fosse mais relacionada ao adjetivo *dziki* (selvagem) que posteriormente se tornou também substantivo (um selvagem).

Outros termos relatados por Thadeu são: *nie lubieli*, que significa não gostavam, e expressa a forma das relações raciais. Também a expressão: *te polaki i te dziki* (estes poloneses e aqueles negros) que denota uma clara separação entre os grupos.

A utilização desses termos é exemplo claro do preconceito e discriminação a partir da demarcação das diferenças. O depoimento de Seu Thadeu evoca a problemática de identidade marcada pela diferença (WOODWARD, 2000; SILVA, 2000). Muitas vezes a questão da identidade é tratada de forma essencialista com base em sistemas classificatórios que definem quem pertence ao grupo A e quem pertence ao grupo B, e esses sistemas classificatórios podem estar determinados por questões étnicas, de “raça” ou outras. Essa

diferença é reforçada por marcações simbólicas, mas também por condições sociais e materiais. Mesmo o processo de diferenciação simbólica tem relação direta com as relações sociais do cotidiano, pois impactam na definição de quem será incluído ou excluído nesse processo (WOODWARD, 2000).

Esses momentos de recordações que surgem de forma espontânea reforçam a relação intrínseca entre identidade e memória e, nesse caso, a televisão e o futebol como dispositivos de tal acionamento. Toda busca identitária está relacionada a um processo de rememoração e, da mesma forma, a busca memorial tem relação direta com a identidade (CANDAU, 2012).

Quando questões relativas à polonidade ganham projeção na mídia, as narrativas midiáticas tornam-se parte importante da constituição identitária. É o caso da visita do primeiro papa polonês, João Paulo II, ao Brasil em 1980. A visita transmitida pela televisão marcou a memória dos integrantes mais velhos da família Przybyszewski. Hoje, santificado, João Paulo II continua sendo evocado pela fé e é relacionado ao desejo dos polono-brasileiros de manterem o costume de fazer orações em polonês.

Apesar desses relatos, durante a pesquisa de campo, foi evidenciado que no dia a dia as narrativas midiáticas não têm o peso principal para a constituição da identidade étnica. Ganham força outros processos comunicativos, tais como as práticas religiosas e as transmissões familiares, como a passagem de receitas da culinária polaca, orações e canções em polonês, participação em eventos étnicos, entre outros. Uma das razões para isso é também porque no dia a dia a Polônia e as tradições polonesas não são temas mais frequentes ou de destaque nas mídias que eles consomem, de acordo com os próprios descendentes<sup>69</sup>.

Os registros fotoetnográficos demonstram o espaço em que ocorrem os usos de meios de comunicação eletrônica em cada núcleo familiar. Na casa de Thadeu, a televisão fica na sala de casa, ao lado do rádio e de um aparelho de DVD (figura 15). No momento do registro dessa imagem, Thadeu é o único espectador. Isso evidencia uma característica da socialidade dessa família, já que estar à frente da TV não é um hábito para a socialização da família.

---

<sup>69</sup> Percepção obtida a partir de entrevistas para o artigo “Consumo midiático e construção da identidade polonesa”, apresentado no IX Encontro de Pesquisa em Comunicação.



FIGURA 19 – APARATOS MIDIÁTICOS NA FAMÍLIA PRZYVITOWSKI



Fonte: A autora (2018)

FIGURA 20 – APARATOS MIDIÁTICOS NA FAMÍLIA PRZYBYSZEWSKI



Fonte: A autora (2018)

Na figura 19 estão demonstrados os espaços ocupados pelo rádio e pela televisão nos núcleos da família Przybyszewski. À esquerda, é o extrato da imagem do núcleo composto por Marcos, Jacinta e os filhos. Na sua entrevista eles disseram que a televisão faz parte do seu cotidiano. No registro fotográfico, pode-se perceber que a televisão ocupa espaço central no principal espaço de socialização da família, colocada na sala. Também aparece um videogame, no qual, conforme relatos, Marcos e o filho Eduardo costumam jogar.

À direita, aparece o extrato da fotografia que registra o núcleo Janete, Zenon e Michely no qual a televisão ocupa espaço de destaque no mercado da família. Essa imagem mostra que o consumo televisivo dessa família é mediado não pela reunião familiar na casa, mas pela rotina de trabalho no negócio da família.

A figura do meio é parte do registro da sala da casa de Antonio e Nena no Passo do Meio. Em torno dos aparelhos aparece a bíblia e outros livros de cunho religioso. Isso reforça o papel central que a religião possui nessa família.

Fica claro também que os aparelhos eletrônicos da casa de Jaci e Marcos são mais modernos que os que Antonio Nena – e mesmo Thadeu – possuem. No caso do casal do Passo do Meio, o rádio e a TV acabam sendo os únicos meios de comunicação digital aos quais eles têm acesso no dia a dia, já que a localidade em que moram não possui sinal de telefone nem de internet.

Essa situação da falta de acesso aos meios eletrônicos aponta para a reflexão apresentada por Martín-Barbero quanto à não contemporaneidade entre tecnologia e usos na América Latina. O autor trata principalmente do cenário de surgimento de novas tecnologias desde os finais dos anos 80: “o surgimento de tais tecnologias na América Latina se inscreve, em todo caso, num velho processo de esquizofrenia entre modernização e possibilidades reais de apropriação social e cultural daquilo que nos moderniza” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 256). Ainda que as lógicas das mediações tenha se alterada no decorrer dos anos, o que levou à atualização dos mapas das mediações pelo próprio autor, a pesquisa de campo demonstra que algumas das lógicas observadas no final da década de 80 seguem vigentes e a não contemporaneidade entre as tecnologias e os usos é uma delas. O acesso limitado às tecnologias opera uma lógica que afeta a produção de sentidos nesse meio.

No nível cotidiano, encontra-se aí um “buraco semântico” desde o qual as tecnologias são consumidas, ao não poderem ser minimamente referidas a seu contexto de produção: um buraco que as maiorias, nesses países, preenchem semantizando-as com a linguagem da magia ou da religião (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 256).

O deslumbramento pela tecnologia de um lado, e a falta de condições efetivas para o seu uso no cotidiano do outro, é o que o autor chama de esquizofrenia. Esse cenário se repete na relação do casal-base da família Przybyszewski com os meios, já que há o deslumbramento da expansão tecnológica ao ver os filhos reunidos por meio de um aplicativo de troca de mensagens, que permite compartilhar inclusive fotos e vídeos dos familiares, ao mesmo tempo em que são privados de participar desse convívio eletrônico.

## 7.2 RELAÇÕES FAMILIARES

As relações familiares atuam como espaço de construção e ressignificação das identidades polono-brasileiras. É uma relação que remete a mais de cem anos atrás, uma vez que a trajetória social de ambas as famílias inicia com um processo de migração. Os relatos desse momento que transformou o curso dessas famílias foram transmitidos oralmente para as gerações mais velhas dos entrevistados.

A identidade étnica é ressignificada no cotidiano das relações familiares. Além da produção de sentidos a partir dos usos dos meios de comunicação, já descritos no tópico anterior, há outros momentos em que a questão da identidade étnica aflora: nos processos de transmissão familiares, nas tradições replicadas a cada ano, na culinária, na música e por meio dos casamentos entre sujeitos descendentes de imigrantes poloneses.

Esses aspectos observados e descritos na sequência reforçam os dados obtidos na primeira etapa do estudo, durante a aplicação de questionários. Ao serem questionados sobre os principais aspectos em que notam a influência étnica em suas famílias (gráfico 4), os informantes citaram principalmente a culinária, a religião, músicas, língua e feriados como Páscoa e Natal (aqui analisados como tradições) e dança. Todos esses aspectos estão presentes nos relatos de história de família.

A primeira forma como se dá a expressão da identidade polono-brasileira por meio das relações familiares é pelos processos de transmissão intergeracionais de valores e, principalmente, da memória familiar. Nos relatos dos integrantes da primeira geração de ambos os grupos estudados, esses processos ficam evidentes.

Na família do Passo do Meio, tanto Antonio quanto Nena recordam os relatos que ouviram de seus antepassados sobre como fora a chegada ao Brasil e o estabelecimento nas colônias. Thadeu recorda inclusive os relatos da formação das colônias polonesas na região. Em sua maioria, esses relatos não têm base documental, portanto, esses depoimentos apresentados logo no início do relato dessa família, evidenciam a centralidade da cultura oral nessa geração.

Também com base em relatos orais, a segunda e a terceira gerações da família Przyvitowski (Colônia Iguaçu) cria o imaginário de como foi a vivência dos seus antepassados quando esses migraram para cá, calcado em dificuldades durante a viagem, condições pouco favoráveis na chegada aqui e memórias de guerra. A relação da vinda dos colonos à guerra chama a atenção, uma vez que o relato histórico de migração polonesa no

final do século XIX não está relacionado diretamente à guerra, mas há uma construção de sentidos familiar que relaciona esses aspectos.

No entanto, relatos sobre imigração já quase não aparecem nos relatos da segunda e terceira gerações da família Przybyszewski. No caso do núcleo familiar composto por Janete, Zenon e Michely outra dinâmica aparece na obtenção de informações sobre a família, que é o contato com o parente distante que vive nos Estados Unidos, que permitiu a Michely conhecer a árvore genealógica paterna e também mais informações sobre a família materna, a partir do compartilhamento de informações e registros documentais com o parente norte-americano.

Nesses processos de transmissão dos valores e da cultura familiar, o álbum de família atua como ponte por onde os relatos orais são por vezes conduzidos. As fotos de família ajudam a ativar as lembranças e também é uma forma de transmissão das histórias familiares.

Na família do Passo do Meio, ao olhar a foto antiga do casamento dos seus pais, Nena recorda das histórias que ouvia sobre esse período. Da mesma forma, ela revisita outros momentos registrados entre fotos dos filhos, netos, outros parentes e também do próprio casal. É folheando os álbuns que eles me contam, por exemplo, que Jacinta participou do desfile de candidata a Rainha de um evento em alusão à cultura polonesa realizado no município.

As fotos também guardam indícios de como se dão as relações familiares no cotidiano. Compartilhar momentos juntos faz parte da cultura da família Przybyszewski. O costume de juntar as panelas, a celebração da novena entre irmãos e seus familiares são exemplos desse valor. Os álbuns de família demonstram essa relação próxima. Nos registros fotográficos guardados por Antonio e Nena, há muitas imagens da família reunida e, por vezes, em situações corriqueiras. Nas visitas à casa dos membros da segunda geração, também percebi que eles têm o costume de guardar fotos dos irmãos, isso reforça a aproximação entre os filhos de Antonio e Nena.

Já na família da Colônia Iguaçu, o álbum de casamento é usado por Ana (2ª geração) para relatar os detalhes da cerimônia e da festa. Esse momento é central para ativação da memória de Ana, Ivone e Thadeu, que estavam no mesmo ambiente, e permitiu conhecer mais detalhes de como era a celebração dos casamentos nas colônias polono-brasileiras. Ainda na família Przybyszewski, as representantes da terceira geração destacam momentos de reunião familiar em que usam as fotografias como ponte para conhecer mais da história da família.

No entanto, nos relatos também aparecem barreiras à construção da identidade étnica dentro do próprio espaço familiar. Em dois momentos é levantada a questão de que, por vezes, as gerações mais velhas não queriam compartilhar informações com os mais novos. No

caso de Thadeu, ele recorda de momentos em que havia conversa entre os mais velhos e as crianças eram ensinadas a se afastar para não ouvir.

Já Janete (2<sup>a</sup> geração família Przybyszewski) relata que a própria barreira linguística era usada para gerar esse afastamento, quando os mais velhos falavam em polonês justamente para que integrantes da geração seguinte que não tinham domínio da língua não entendessem do que se tratava. Na mesma família, o processo inverso acontece da primeira para a terceira geração, uma vez que Antonio e Nena hoje se esforçam para ensinar palavras em polonês para as netas ainda crianças.

Outro relato que trata das dificuldades da transmissão familiar vem de Bernadete (2<sup>a</sup> geração - Família Przybyszewski), que aponta um ressentimento por não ter explorado mais o período de convivência com os avós para aprender mais sobre a cultura polonesa.

Dentro das relações familiares, foi possível identificar algumas *ideias-força*, as quais ajudam a entender os valores marcantes para as famílias.

A primeira diz respeito à forte conexão da maioria desses sujeitos com o trabalho de cultivo da terra, que aparece em ambas as famílias, e está relacionado tanto ao pertencimento à propriedade rural quanto à noção de dignidade obtida a partir do trabalho pesado na terra. No período de colonização, os poloneses receberam terras destinadas à agricultura e a Polônia ainda era marcada por uma sociedade tradicional e de características agrárias (KOVALSKI, 2017). A relação com a roça permanece entre os representantes da primeira geração e, alguns casos, também da segunda. A transmissão de valores étnicos também se dá por meio do cultivo da terra. Na família Przybyszewski, Bernadete conta como a flor trazida pela mulher migrante da Polônia foi repassada às mulheres da família. Já entre os Przyvitowski, Thadeu cultivava salsão, trazido pelo avô e usado para temperar sopa.

Os momentos difíceis contados pela família também ajudam a entender os valores familiares. Na família Przybyszewski, tanto o momento de enfermidade de Antonio, quanto a perda dos filhos ainda pequenos mostram Dona Nena como uma mãe muito apegada aos filhos, mas que tem na sua trajetória de vida marcas por limitações no acesso à saúde que atravessava essa relação com os filhos, por ter que ficar sozinha no interior com as crianças enquanto o marido passava por tratamento médico e por perder filhos precocemente sem poder oferecer um tratamento médico ou saber a causa real da morte.

A maternidade como ideia-força da família vai além dos relatos de Dona Nena. Bernadete ao comentar o fato de não terem filhos, exclama: “Não merecimo” (BERNADETE). Expressão semelhante acontece com Janete, sobre o fato de ter somente uma

filha: “Eu acho que a minha missão foi essa, ter a Michely e cuidar das criança da Jaci [dos sobrinhos]” (JANETE).

As microculturas familiares passadas nos relatos demonstram uma família simples, na qual os entrevistados relatam momentos de instabilidade ou de insegurança financeira.

O trabalho marca a trajetória da família Przybyszewski e isso é demonstrado, por exemplo, quando Bete conta que ainda pequena ajudava o pai na roça. Hoje em dia, pelo fato de Antonio continuar plantando roça, mesmo com a idade avançada, enquanto Nena cuida da casa, da criação e do quintal em torno da casa. Nas trajetórias dos filhos, mudanças foram feitas ocasionadas pelo trabalho. Ainda assim, esse é um valor não exaltado continuamente, como uma narrativa de trabalho duro, ele aparece de forma espontânea nos relatos de vida.

Na família Przyvitowski, a história traz também o trabalho como ideia-força. Thadeu relata o trabalho pesado na olaria e o trabalho na roça desde cedo. O mesmo acontece no relato da filha Ana, que começou a trabalhar fora perto dos 13 anos, mas ainda antes disso ajudava na colheita da erva-mate e tinha responsabilidades nas tarefas domésticas.

A forma como as famílias tratam da questão da educação também é um indício relevante da cultura familiar. Os relatos das vivências tanto de Antonio quanto de Nena são sinais de limitações no ensino. Ele frequentou a escola por vários anos ainda que repetindo algumas séries. Ela fez até o quarto ano, mas conta que a escola onde estudou oferecia um quinto ano de estudos, o qual ela não frequentou. Em vez disso, foi aprender costura e bordado. Por outro lado, a busca por oferecer estudo para as suas crianças foi um dos fatores que levou à mudança da família para a cidade.

Na família Przyvitowski, o relato de Thadeu e de Ana demonstram a dificuldade de adaptação à escola devido à língua polonesa. Outro ponto importante é a relação entre gênero e estudo, uma vez que Ana e Ivone (2ª geração Przyvitowski) relatam que para o pai, as mulheres não tinham necessidade de estudar, porque caberiam a elas apenas as tarefas domésticas, portanto elas deveriam ser educadas para cuidar do lar. “O pai dizia assim: que muié pra cuidar de criança e cozinha não precisava estudar” (ANA PRZYVITOWSKI).

Na geração seguinte, esse valor parece ter perdido força, afinal, Amanda, filha de Ivone e Osmar, inclusive se mudou para Curitiba e posteriormente para Balneário Camboriú com foco nos estudos e na construção da carreira profissional.

Também vale destaque entre as microculturas familiares as formas de reunião famílias – mesmo porque têm relação direta com a forma com que esses sujeitos se relacionam com processos comunicativos. Estar junto é uma ideia-força para ambas as famílias, ainda que sob dinâmicas distintas.



Na família Przyvitowski, as relações familiares aparecem principalmente na roda de chimarrão de todas as tardes de Thadeu com as filhas e, aos sábados, com Edvino. Nas datas comemorativas como Natal, Páscoa e dia dos pais é quando toda a família se reúne para almoçar na casa de Thadeu, fazem oração, conversam e cantam juntos. A capela da comunidade também é um ambiente de interação familiar, que será descrito com mais detalhes no item 7.1.3, sobre as dinâmicas que envolvem a religião.

“Juntar as panelas” é a forma principal de reunião familiar entre os Przybyszewski. O termo refere-se ao costume desse grupo de se encontrar para refeições, sem que seja necessário que o anfitrião prepare todos os alimentos, cada convidado leva as suas panelas de comida. Assim, os almoços e jantares reunindo a família são bastante frequentes.

As histórias dos casamentos entre polono-brasileiros se mostram importantes para construir uma significação a partir dos relatos dessa família. O sacramento do matrimônio tem peso importante para a família. Especialmente nos relatos que envolvem Nena, que faz questão de mostrar todas as fotos de casamento dos filhos, bem como lembrar as bodas de todos os filhos a cada ano. Em uma das falas de Nena chega a comentar com desaprovação uniões conjugais temporárias ou não formalizadas, embora reconheça que o “morar junto” antes do casamento também acontece em sua família. Separações, por outro lado, não aparecem em nenhum momento do relato dessa família, inclusive Thadeu relata que algumas décadas atrás as separações eram raras, principalmente entre os poloneses.

Os casamentos dentro da mesma etnia também contribuem para reforçar o sentido de polonidade. Na primeira geração, ambas as famílias são constituídas por casamentos entre descendentes de imigrantes. No caso de Dona Nena (primeira geração - Família Przybyszewski), ela tem em sua árvore genealógica uma união interétnica entre poloneses e ucranianos, mas ainda assim com uma referência eslava.

As trajetórias dos integrantes da segunda geração também são marcadas pelo casamento, por isso, foi a forma de iniciar o relato de casa núcleo familiar. Nos relatos sobre o dia do casamento, sempre aparece a marca étnica nos rituais, como o de receber os noivos com pão e sal e o de entregar uma criança à noiva.

Dentre os entrevistados da segunda geração, os casamentos dentro da mesma etnia são os mais frequentes: Bernadete e Pedro, Janete e Zenon na família Przybyszewski; Ana e Ivo na Família Przyvitowski. Em cada família, a relação com os casamentos interétnicos se dá de forma diferente.

Nessa família Przybyszewski, o relato de Bernadete, a filha mais velha é o de que a questão étnica nunca foi discutida em família, o fato de o pretendente a genro ou nora não ser de origem polonesa não era um tabu ou empecilho, a questão religiosa tinha mais força.

Já na família Przyvitowski, as uniões interétnicas não eram tão bem vistas e o tema chegou a ser pauta de discussão.

Um pouquinho foi tenso, porque o pai sempre foi contra. Não adianta dizer que não porque ele sempre foi contra. No início, quando a gente começou a namorar, a mãe mesmo, cada vez que eu entrava era um sermão, né? Cada vez que eu tava com ele que ele ia embora era um sermão. [...] O pai nunca interferiu [ênfase] na vida nossa [ênfase], porém “não reclame”. Já ouviu aquele ditado, arrumou cama, durma? Era isso que ele falava. Deu, não deu certo leve teu casamento pra toda vida. (IVONE PRZYVITOWSKI)

A partir do casamento outro tema foi colocado em pauta, que é a transmissão do sobrenome às próximas gerações. No caso das filhas de Ivone, essas não herdaram o sobrenome Przyvitowski, o que é motivo ainda de lamento em família, uma vez que as netas de Thadeu demonstram orgulho do sobrenome, assim como sua mãe.

Na terceira geração, Michely estava dedicada aos preparativos do casamento por ocasião da pesquisa de campo. Um dos desejos manifestados é fazer a celebração do *korovai* como marca da sua identidade étnica. Ainda que essa tradição seja comum aos casamentos ucranianos e não tanto nos poloneses, a futura noiva e sua mãe relatam que o costume sempre fez parte dos casamentos frequentados pela família.

Outra forma como a identidade é construída em família é por meio das tradições. Nos casamentos, a cerimônia do pão e sal e de alcançar o bebê para a noiva. Na Páscoa, a bênção de alimentos, *święconka*. No Natal, a cerimônia do *oplatek*. Todas essas são tradições recorrentes nas duas famílias, que aparecem na maior parte dos relatos, sendo que os costumes dos casamentos são os menos frequentes, enquanto os relacionados à Páscoa e ao Natal são os mais cultivados.

A culinária também traz marcas da identificação étnica nas duas famílias, atuando tanto por meio da transmissão oral quanto com receitas escritas da cozinha polonesa.

O patrimônio alimentar dos descendentes de imigrantes poloneses foi tema de estudo de Teleginski (2016). A partir da memória dos descendentes de poloneses, Teleginski buscou a problematização sobre o comer e sobre tradições alimentares da região estudada e um dos resultados observados é a importância da religiosidade, da língua e do patrimônio alimentar dos imigrantes poloneses nos processos de identificação com a imigração polonesa. Os saberes do patrimônio alimentar são passados entre gerações: “Mesmo entre aqueles que não

falam mais o idioma a comida é apreciada e conhecida, inclusive pelas novas gerações” (TELEGINSKI, 2016, p. 335).

A transmissão desse patrimônio alimentar se dá principalmente de uma geração a outra e os saberes aparecem ancorados na memória coletiva. Ao observar as práticas da culinária polonesa na região centro-sul do Paraná (nos municípios de Mallet, Prudentópolis e Irati) e os significados dos alimentos para os descendentes de poloneses, considera que a comida e as festas reforçam os pertencimentos desses sujeitos à identidade étnica.

[...] são saberes e práticas que dialogam com um passado, com o passado dos imigrantes e com suas regiões de origem, sendo ativados pela memória coletiva, tornando-se, no presente, emblemas de pertencimento étnico. São comidas conectadas à ancestralidade e partícipes dos discursos de etnicidade. (TELEGINSKI, 2016, p. 335)

Ao lado da religiosidade e da língua, o patrimônio alimentar é apontado como elemento significativo para esse grupo. Dentre os alimentos mais difundidos, Teleginski (2016) aponta o *pierogi*, a broa, além de outros como o pepino e o repolho azedos e a cerveja artesanal de lúpulo.

Essas dinâmicas apontadas pela autora estão presentes no campo de estudo. Da mesma forma, os alimentos observados pela autora também apareceram nas pesquisas com os descendentes de poloneses de São Mateus do Sul, junto a outros pratos, que reforçam a noção de pertencimento dessas famílias à etnia.

Na família Prtzyvitowski, há a demonstração de como a cultura polonesa prevalecia em alguns aspectos nessa família até alguns anos atrás. O fato de Thadeu chamar pastel de *pierogi* até hoje e da filha mais nova relatar que só foi conhecer a palavra pastel depois de adulta mostram como a culinária polonesa era mais comum na família do que os pratos populares no Brasil. Hoje, a influência da colonização polonesa ainda se faz presente, em costumes como da cerveja caseira e o pepino azedo.

As histórias de casamento também remontam à cozinha com influência polonesa, como quando Ana conta sobre a comida servida no casamento: “o principal acompanhamento era *bulka* (pão branco), já que no dia a dia comiam principalmente *chleb* (pão preto)” (ANA PRZYVITOWSKI).

Na família Przybyszewski, além do *pierogi*, são comuns os embutidos de porco, todos chamados pelos nomes em polonês: *zimne nogi*, *salceson* e *kiszka*. Há um movimento de troca de receitas nesse ambiente, relatado por Nena e por Bernadete. Durante o almoço de

Páscoa, Bernadete me entregou em um pedaço de papel a anotação da receita de *piernik*, bolo de mês bastante comum na culinária polonesa.

Esses pratos relatados pela família, estão presentes no cotidiano das famílias, mas é notável como são mais corriqueiros na primeira geração. Entre os Przyvitowski, isso se estende às filhas de Thadeu, que usam os pratos poloneses com mais frequência.

Por fim, aparecem como espaço de constituição da identidade étnica a musicalidade, que atua especialmente na família Przyvitowski. Thadeu foi músico, tocou bumbo por muito tempo em conjuntos poloneses, lembrando as músicas que aprendeu principalmente com seu pai, que também era músico. Em vários momentos ele demonstra o desejo de que essas músicas não sejam esquecidas. Alguns anos atrás, ele mesmo fez gravações caseiras em fitas cassetes das canções que ele conhecia. Também quando estava realizando entrevistas com ele, em dois momentos ele me pediu que gravasse em vídeo ele cantando as canções, momento em que também relata o significado daquela canção.

O conhecimento dessas canções foi passado também para as filhas e para os netos. As netas recordam que aprenderam a danças com a avó nos bailes poloneses da colônia. Jeferson, marido da neta Bruna, mesmo sem origem polonesa, aprendeu a tocar músicas polonesas na gaita, com a qual acompanha Thadeu nas reuniões familiares. Após o almoço de família entre os Przyvitowski, a tarde de festa segue embalada pelas canções polonesas tocadas em família.

Depois que a gente almoça, lá pelo meio da tarde assim, alguns tão tomando chimarrão, alguns tão jogando e daí ele [Thadeu] geralmente pede pro Jeferson e acabam tocando. Ele pega o bumbo dele e o Jeferson a sanfona [IVONE PRZYVITOWSKI]

Na outra família, as músicas polonesas estão mais restritas à religião, que será abordado no próximo tópico.

A partir da análise do relato fotoetnográfico também é possível apreender mais alguns sentidos sobre como são as relações familiares. A figura 20 demonstra dois momentos de registro fotográfico que mostram a família reunida em torno da televisão, nos dois casos, a reunião se dá na mesma casa, a de Jacinta e Marcos. À esquerda, aparece a família reunida em torno da televisão por ocasião do jogo da Polônia na Copa do Mundo. À direita, Marcos e os filhos assistem ao filme na *Netflix* por ocasião da entrevista de História de Família. Na família Przyvitowski nenhum momento de reunião familiar foi registrado junto aos aparelhos eletrônicos dos meios de comunicação de massa.

FIGURA 21 –RELAÇÕES FAMILIARES E TELEVISÃO (PRZYBYSZEWSKI)



Fonte: A autora (2018)

Estar junto é uma marca importante para as duas famílias que também aparecem nos relatos fotoetnográficos. Na figura 20, aparecem outros quatro momentos das reuniões familiares entre os Przybyszewski. Os dois registros na parte de cima são da família reunida por ocasião da Páscoa. Abaixo, ao lado esquerdo, os familiares se reuniram para o almoço de Natal, na comunidade do Passo do Meio, e na parte de baixo à direita, é o momento da novena de Natal entre os irmãos, prática que permeou os encontros entre a família no período de advento natalino. Todos esses momentos de reunião familiar são mediados pelas práticas religiosas, seja para rezar juntos ou para celebrar feriados cristãos.

FIGURA 22 – REUNIÕES FAMILIARES (PRZYBYSZEWSKI)



Fonte: A autora (2018)



As formas de estar junto da família Przyvitowski também estão permeadas pelas práticas religiosas, como evidenciadas pelos extratos destacado na figura 21. Na figura acima, do lado esquerdo, temos o registro da celebração do domingo de ramos, no qual Camila, neta de Thadeu, com sua filha Betina participam da missa que também conta com a presença da sua mãe, Ivone, da tia Ana e de Seu Thadeu. Também na parte superior, à direita, a foto demonstra a reunião familiar por ocasião da Páscoa.

Já nos extratos destacados na parte inferior da figura 21, temos o registro de um costume do cotidiano, que é a reunião no bar – fundado por Thadeu, mas hoje administrado por Ana – para tomar chimarrão e conversar entre família. Nesses momentos, como pude presenciar, há espaço para muitas rememorações, compartilhamento e ressignificações de memórias. Esse exercício de revisitar as lembranças também é um mecanismo para a construção da identidade.

A memória é, de fato, uma “força de identidade”. É quase banal constatar que, no quadro de estratégias identitárias os indivíduos operam escolhas sempre no interior de um repertório flexível e aberto a diferentes meios: representações, “mito-histórias”, crenças, ritos, saberes, heranças etc., ou seja, no interior de um registro memorial. (CANDAU, 2012, p 19)

E se essa busca memorial é constitutiva das identidades, vale ainda pensar em como a memória opera numa sociedade midiaticizada. “As mídias passam a operar também no âmbito da produção das memórias sociais, participando dos processos de configuração e transformação dessas memórias no universo da recepção (BONIN, 2009, p 85). Admitindo o papel da mídia como configurador de memória étnica, é possível pensar que a recorrência à memória para configuração da identidade pode se estabelecer tanto com relação aos relatos familiares quanto aos produtos midiáticos. Essa reflexão no campo se dá principalmente a partir de depoimentos da filha de Thadeu, Ivone, que relata histórias da vinda dos antepassados para o Brasil. Essas histórias, remetem à guerra, como colocado no perfil dessa família. No entanto, a história da vinda dos poloneses para o Brasil, ainda que traga registros de momentos de muita dificuldade, não possui relato de guerra naquele período. Por outro lado, ela também relata filmes que tratam da Polônia durante a II Guerra Mundial. Ainda que não seja possível determinar qual é a recorrência memorial que ela faz ao reconstruir a narrativa da vinda de seus antepassados, é possível pensar que a memória construída sobre a migração tenha tanto elementos da transmissão geracional quanto do consumo midiático.



FIGURA 23 – REUNIÕES FAMILIARES (PRZYVITOWSKI)



Fonte: A autora (2018)

Já à direita, na parte inferior, temos o registro das irmãs Ana e Ivone trabalhando no preparo de alimentos que serão compartilhados em comunidade na celebração do *opłatek* na Colônia Iguaçu, essa prática aponta para uma identificação a partir da comunidade dessa colônia, já que elas se dedicam a um trabalho voluntário; e também étnico, pois as comidas preparadas foram escolhidas por representar os costumes culinários poloneses.

A relação entre identidade e a culinária, também aparece nos pontos das fotografias destacadas na figura 23, que representam os traços da polonidade registrados por meio da culinária na família Przyvitowski.

Na parte superior (figura 23), temos Thadeu mostrando uma folha de *seler*, planta trazida pelo seu avô da Polônia e que ele cultiva ainda hoje em seu quintal. Também na parte superior à direita, estão os preparativos para o almoço de Natal com destaque para o macarrão caseiro e o pepino azedo. Mais do que representar a cozinha típica polonesa, esses pratos preparados em família para o Natal demonstram os hábitos cotidianos do polono-brasileiros.

FIGURA 24 – TRAÇOS DA POLONIDADE NA CULINÁRIA (PRZYVITOWSKI)



Fonte: A autora (2018)

Já na foto do canto inferior esquerdo aparecem o *pierogi* que estavam sendo preparados para a celebração do *oplatek* e, à direita, o preparo das saladas para o mesmo evento. Com relação a esse momento, Ana destacou que em reunião com a comunidade buscaram retomar os pratos que eram consumidos tradicionalmente entre os descendentes de poloneses da colônia. Essas imagens mostram que a culinária também atua como vínculo entre passado e presente, além de uma ressignificação da identidade ao buscarem momentos do passado para expressarem sua polonidade no presente.

### 7.3 RELIGIÃO

A religião tem aspecto central no cotidiano das famílias estudadas e, a partir do estudo de campo, a fé católica pode ser definida como ideia-força para ambas as famílias. As histórias familiares são permeadas por relatos de fé e pelos ritos da igreja católica.

Para a compreensão de como se dão as produções de sentidos nesse espaço, a busca foi por compreender o espaço da religião como um ambiente comunicacional, inspirado no estudo realizado por Melo (2017) no âmbito do Colégio Estadual do Paraná. Para analisar os processos comunicativos nesse espaço, Melo se apropriou do mapa das mediações

comunicativas da cultura de Martín-Barbero e, a partir da proposta original, buscou identificar os processos existentes no ambiente de estudo.

A partir do trabalho de Melo (2017), é possível realizar um exercício para reconhecer os eixos nos quais atuam as práticas religiosas. No lugar das Lógicas de Produção, estão as regras, valores e costumes da Igreja Católica; no espaço dos Formatos Industriais aparecem os vários processos comunicativos das práticas religiosas, tais como orações, músicas, campanhas, novenas, livros de oração, entre outros. As Matrizes Culturais se referem à cultura dos fiéis e, no caso desta pesquisa, à cultura familiar dos grupos estudados; já as competências de consumo/recepção dizem respeito à apropriação de sentidos pelos fiéis.

Ainda que a intenção não seja adaptar o modelo das mediações comunicativas de Martín-Barbero à lógica religiosa, a partir desse exercício, é possível perceber mediações que se articulam nesse espaço.

A prática dos ritos religiosos ativa a produção de sentidos e, quando a prática acontece relacionada aos costumes poloneses, tais como o terço ou a via sacra em polonês, as celebrações de Páscoa e de Natal, as celebrações em louvor à Nossa Senhora de *Częstochowa* no mês de agosto, a identidade polonesa é expressa com mais força.

A **ritualidade** aparece na forma como as práticas religiosas estão inseridas no cotidiano familiar. No relato de Ana, em meio às suas memórias de infância ela destaca a ida à missa aos domingos a pé até a Igreja Matriz, no centro de São Mateus.

Por isso que hoje em dia a gente cuida da igreja, a gente cuida das coisa católica, porque a gente foi ensinado, desde pequenininho. Desde que você se conhece por gente, você conhece a igreja junto com você (ANA PRZYVITOWSKI)

Para os integrantes da primeira geração de ambas as famílias, os dias de ida à missa ou de rezar o terço são inadiáveis. Esses aspectos não foram foco inicial da entrevista, mas apareceram de forma espontânea. No caso de Thadeu, as datas e os horários para as entrevistas tiveram que ser adequadas aos horários de celebrações na capela, a qual ele abre e fecha em todas as celebrações das quais participam. Também durante o encontro na Páscoa, na recomendação à neta Bruna ele pede que ela reze o terço às 15 horas, demonstrando o quanto as práticas religiosas permeiam seus horários do cotidiano.

Para Antonio e Nena, as programações, especialmente dos fins de semana, precisam ser feitas de acordo com os compromissos que eles têm como ministros da Eucaristia da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Já por ocasião da Quaresma, eles têm como compromisso as celebrações da via-sacra em polonês, em todas as sextas-feiras do período que antecede a Páscoa.

Para além dos momentos com presença no espaço físico da igreja, a ritualidade aparece relacionada à religião quando os costumes religiosos interferem nos ritmos do cotidiano e nas competências de recepção do indivíduo. Por exemplo, durante o período de quaresma, as famílias possuem tradições específicas, como o jejum de carne e a via-sacra às sextas-feiras.

O mesmo acontece no Natal, quando o advento é marcado pela realização de novenas entre vizinhos, a decoração da casa e as próprias idas à Igreja. Antonio e Nena inclusive fazem jejum no período de preparação. No dia 24, o ritual é a Missa do Galo, em vez da ceia, o compromisso familiar na noite de Natal é ir à Igreja.

Os filhos lembram que a mãe seguia o costume de preparar doze pratos de comida e antes da ceia eles olhavam para o céu procurando pela primeira estrela da noite, costumes próprios da cultura polonesa. A realização das novenas também marcou os filhos, especialmente Jacinta que recorda de participar com os pais dos encontros com os vizinhos, agora os filhos buscam retomar o ritual das novenas de Natal, buscando também forma de transmitir à terceira geração o que aprenderam com os pais.

Tradições étnicas ligadas à religião marcam a ritualidade das famílias, como a pintura de ovos, a bênção de alimentos e a partilha do *oplatek*. Esses costumes são comuns às duas famílias e sua prática medeia as celebrações de Páscoa e Natal.

Outro aspecto em comum, era o hábito de cumprimentar os conhecidos com a expressão “Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo”, sempre dita em polonês. Thadeu observa que hoje esse hábito se perdeu na colônia em que vive. Enquanto isso, Nena relata que quando encontra as suas irmãs na igreja, sempre se cumprimentam louvando a Jesus Cristo e conversam em polonês.

Em cada geração, a ritualidade acontece de maneira diferente. Os filhos de Antonio e Nena desde criança tinham como importante a ida à Missa do Galo no Natal. No entanto, Jacinta comentou que ela já não consegue passar para os filhos da mesma forma, para que eles tenham o mesmo sentido de importância nesse ritual.

Nos espaços de observação sincrônica das famílias, a ritualidade também é expressa nos almoços de família durante as datas comemorativas. Tanto no almoço de Páscoa da família Przybyszewski, quanto no almoço de Natal da família Pzyvitowski, a refeição só acontece após a oração em família.

Antonio e Nena têm ainda o costume de ir à missa em outra paróquia, a do Rio Claro do Sul, a qual conta com padre polonês. Nesse espaço a construção da identidade é ainda mais significativa, pois o pároco reza missas em polonês e atua como transmissor de informações



sobre a religiosidade na Polônia para os descendentes dali. Nesses ambientes, a comunidade se encontra. Há troca de informações e celebração de rituais sob a influência polonesa.

Outro momento é durante a celebração de novenas ou na própria circulação das capelinhas. Tendo a prática religiosa como ponto de partida, eles mantêm contatos com parentes e vizinhos, constroem e ressignificam a identidade cultural e circulam informações.

O reconhecimento da influência étnica nas práticas religiosas já havia sido afirmado pelos informantes do questionário (subcapítulo 4.2.1), que apontaram a religião como o segundo aspecto no qual mais reconhecem a influência polonesa.

Em alguns momentos, a influência étnica ficou evidente nas práticas religiosas, como na via sacra em polonês, na cerimônia da bênção de alimentos na Páscoa, na partilha dos alimentos no Natal e nas referências à Nossa Senhora de *Częstochowa* e ao papa João Paulo II. No entanto, o discurso religioso permeia o cotidiano dessas famílias de forma muito mais forte do que apenas nos exemplos citados. Mesmo nos momentos em que a expressão étnica não está declarada, há um processo de produção de sentidos que leva ao reforço da identidade étnica polonesa, porque os costumes religiosos são passados geração após geração e suas origens remontam às colônias polonesas da região.

Se a família é espaço importante de relação com os conteúdos midiáticos, com mais força ainda aparece quando se trata dos valores religiosos. Novamente, a socialidade aparece imbricada à cotidianidade familiar.

Vale destacar que as famílias demonstram um consumo midiático relacionado à religião. O principal consumo midiático de Thadeu está relacionado à religião, já que ele acompanha diariamente terços, novenas e outros programas religiosos, tanto pelo rádio quanto pela TV.

Na família Przybyszewski, o mesmo desponta dos relatos do casal-base, que acompanham programas religiosos pela TV e pelo rádio, e da filha mais velha, Bernadete, que acompanha pela televisão os canais religiosos como Divino Pai Eterno, Rede Vida, Canção Nova e Século 21.

A relação dos sujeitos com o consumo midiático de cunho religioso aponta para a mediação da tecnicidade. Afinal, o terço não é mais rezado apenas na capela ou nas reuniões de familiares ou vizinhos. Ele pode ser rezado acompanhando o grupo de fiéis que se reúne em torno do rádio diariamente, com orações conduzidas por padres que apostam nos meios de comunicação de massa para a evangelização. O mesmo acontece com as missas transmitidas pela TV e outros programas religiosos.

O mesmo acontece na forma de difundir e receber orações e mensagens de fé pelas redes sociais, é o caso quando Ana relata sobre o conteúdo acessado via redes sociais que compara o médium João de Deus ao papa João Paulo II, chamado de João de Deus na sua vinda ao Brasil.

Então eu tenho os meus amigos lá [no Facebook], tenho cinco grupo que eu participo, mas só coisa boa, só coisa religiosa. Agora tava esse do João de Deus ali que aconteceu esses negócio, lá tanto da Polônia que veio quanto do Brasil o nosso João de Deus, que é o João Paulo II (ANA PRZYVITOWSKI<sup>70</sup>)

Para além do consumo midiático mediado pela religião, é possível observar que o ambiente religioso atua como processo de comunicação, trocar de valores e produção de sentidos que em alguns casos, como nos sujeitos das primeiras gerações estudadas, configura-se como mais marcante na produção de significados e na constituição da identidade dos indivíduos do que o próprio consumo midiático.

É o caso de costumes como a capelinha levada de vizinho a vizinho, das novenas que reúnem famílias vizinhas para rezarem juntos e até mesmo as celebrações da missa, que atuam como ponto de encontro. Hoje, Antonio e Nena têm uma comunicação limitada com a sociedade, consomem mais rádio e TV, porque telefone ou internet não funcionam na localidade.

Os modos de ver televisão também foram evidenciados no relato da reunião dos conhecidos para assistir à chegada do Papa João Paulo II ao Brasil. Na época, Antonio e Nena já moravam na cidade e tinham televisão em casa, o que levou, principalmente os moradores do Passo do Meio e ir até a casa deles para acompanhar os registros da visita.

Por outro lado, os processos comunicativos relacionados à fé têm posição de centralidade nas suas vidas.

Há uma forte relação étnica com a produção de sentidos a partir da religião. A religião é um dos aspectos principais da manifestação da identidade étnica e também um meio de transmissão de valores para as gerações futuras. Orações inclusive ajudaram a manter viva a língua polonesa em família, mesmo quando a língua foi proibida em espaços públicos, como retomado na análise da língua como forma de expressão identitária.

---

<sup>70</sup> Ana assina o sobrenome do marido, Janoski, no entanto, as referências a ela no texto estão com seu sobrenome de solteiro, para facilitar a identificação à qual família pertence.



As orações em polonês são mantidas pelo casal central e são conhecidas pela maioria dos entrevistados. A religião é também uma forma de transmissão dos valores trazidos pelos imigrantes para gerações futuras.

Interessante retomar o momento em que Antonio e Nena recuperaram o livro que ganharam de lembrança da Primeira Comunhão. Pelos ritos descritos no livro, em textos e imagens, fica claro que eles vivenciaram as mudanças vividas na Igreja Católica após o Concílio Vaticano II, que alterou regras e tornou a Igreja mais plural e mais aberta<sup>71</sup>. As mudanças e abertura da Igreja para o pluralismo cultural e, especialmente, para celebrações em outras línguas que não o latim é determinante para que eles reconheçam muitos aspectos da sua identidade étnica na religião. As marcas étnicas na religião são reforçadas pelo fato de que os dois, sempre que podem, frequentam a Igreja do Rio Claro do Sul, a qual conta com uma congregação de padres poloneses, o que permite a celebração de missas em polonês e um contato mais próximo com as referências em polonês.

O atravessamento dos meios nas práticas religiosas se faz presente, por exemplo, nos programas religiosos consumidos no rádio e na televisão. Por meio do relato fotoetnográfico, podem ser destacados aspectos étnicos percebidos nas práticas religiosas da família Przybyszewski, na qual aparecem imagens representativas dos santos cultuados.

Na figura 24, na parte superior à esquerda, a imagem de Nossa Senhora de *Częstochowa*, aparece na mesa durante a partida entre Polônia e Colômbia por ocasião da Copa do Mundo. Também à esquerda, na parte inferior, a mesma imagem é usada na mesa organizada para a celebração da Páscoa.

Já ao lado direito, no topo, a imagem de *Częstochowa* aparece ao fundo, na Paróquia em que Antonio e Nena rezam a via sacra de Natal e, abaixo, a imagem de São João Paulo II, papa polonês, para a qual Dona Nena acende uma vela periodicamente.

Os traços da polonidade nas práticas religiosas também aparecem na celebração de Natal, na figura 25. À esquerda, Antonio segura o pão ázimo em formato feito especialmente para a celebração do *oplatek* e que eles guardam para a partilha no encontro da família no Natal. À direita, esta a cesta com palha e milho, colocadas embaixo do pinheiro de Natal, em que a palha remete à manjedoura de Jesus e o milho é lembrança dos animais que estiveram presentes ao nascimento de Jesus.

---

<sup>71</sup> <https://www.a12.com/jornalsantuaria/noticias/concilio-vaticano-ii-transformou-igreja-catolica>

FIGURA 25 – ELEMENTOS ÉTNICOS NA RELIGIÃO (PRZYBYSZEWSKI)



Fonte: A autora (2018)

FIGURA 26 – ELEMENTOS ÉTNICOS NO NATAL (PRZYBYSZEWSKI)



Fonte: A autora (2018)

Se há traços da polonidade nas práticas religiosas dessa família, os elementos regionais também se fazem presentes. Na figura 26, à esquerda, aparece a imagem de Nossa Senhora Aparecida, colocada na mesa do encontro familiar do Natal. Ao centro da imagem, Bernadete segura uma imagem do monge, em quem ela deposita bastante fé, já à direita, está a cruz em memória da passagem do Monge João Maria na comunidade do Turvo, onde

Bernadete e Pedro possuem propriedade. O monge andarilho João Maria foi figura importante na guerra do Contestado<sup>72</sup> e as histórias da passagem do monge por São Mateus do Sul ficam vivas na cultura popular e guardam relatos de fé e de milagres<sup>73</sup>.

FIGURA 27 – ELEMENTOS REGIONAIS NA RELIGIÃO (PRZYBYSZEWSKI)



Fonte: A autora (2018)

A relação da religião com traços da polonidade já foi observada por outros autores como Wachowicz (1974), Doutsdar (1990) e Bueno (1994) que estudaram as décadas iniciais pós-imigratórias, assim, eles abordaram o que Siuda-Ambroziak (2017) chamou de primeira e segunda fases da identidade polonesa.

Neste trabalho, a articulação mais interessante é com os autores que relacionaram a religião à construção identitária da terceira fase pós-imigratória. De acordo com as constatações de Delong (2016), a tradição religiosa é um dos aspectos identitários mais arraigados e presentes até hoje nessa comunidade.

Siuda-Ambroziak (2015) observa que a identidade polono-brasileira foi influenciada pela religião e pela devoção mariana, que se torna uma marca expressiva da identidade híbrida, com a devoção à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil e à Nossa Senhora de *Częstochowa*, padroeira da Polônia. Essa identidade construída pela religião com referências aos dois países fica clara nas fotos da família Przybyszewski, em que aparecem as duas versões da imagem de Maria. Ainda, a imagem do monge João Maria denota o pertencimento regional.

<sup>72</sup> DE MORAIS, Larissa Urquiza Perez. CAMINHANDO SOBRE UMA COVA COMUM: MEMÓRIA DA MENSAGEM DO MONGE JOÃO MARIA NA ROMARIA DA TERRA EM SANTA CATARINA (2015).

<sup>73</sup> <http://www.gazetainformativa.com.br/a-historia-viva-de-sao-joao-maria/>

Outro aspecto que foi observado com relação à religiosidade desse grupo de polono-brasileiros foi o uso comum da língua polonesa:

Os tradicionais cânticos religiosos não mudaram, estão sendo aprendidos da mesma maneira agora, na Polônia e no Brasil, entre os polono-brasileiros, como foram dois séculos atrás. O polonês litúrgico permaneceu, então, o mesmo, conservado com todos os detalhes através das gerações, passado em numa tradição oral e constituindo-se, agora, como uma das mais importantes marcas da identidade étnica dos polono-brasileiros. (SIUDA-AMBROZIAK, 2015, p. 30)

O uso de termos em polonês aparece em dois momentos principais: o primeiro é com a prática de rituais e orações totalmente em língua polonesa; o segundo é quando palavras ou termos em polonês de cunho religioso são citados no meio da conversa em português.

Isso remete também a outro fenômeno descrito por Delong (2016) que é o fato da utilização do polonês misturado ao português e que será retomado na análise dos processos relacionados à língua (item 7.1.5)

Assim, as práticas religiosas dessa família têm elementos que se aproximam das noções de mestiçagens da formação cultural da América Latina.

Reconhecimento de uma mestiçagem que, na América Latina, não remete a algo que passou e sim aquilo mesmo que nos constitui, que não é apenas *fato* (grifo do autor) social, mas também *razão* (grifo do autor) de ser, tecido de temporalidades e espaços, memórias e imaginários que até agora só a literatura soube exprimir (MARTÍN-BARBERO, 2015, p 262)

O autor também aponta que a partir do reconhecimento da mestiçagem é possível pensar as diferentes identidades. Essa noção se articula com a noção de Hall (2006) que questiona a ideia de identidades nacionais unificadas – e aqui nos apropriamos da ideia para pensar também a identidade do grupo étnico. A partir da observação empírica, o grupo demonstra não ter como identidade pura ou unificada bem a polonesa, nem a brasileira. É a identidade híbrida que se manifesta.

Por isso, ainda que estejam apontados aqui elementos étnicos e elementos regionais, o objetivo não é estabelecer uma classificação entre o que seriam práticas polonesas ou não, porque parto do entendimento que a cultura mestiça é constituinte desses sujeitos e nem sequer eles poderiam separar quais são influências polonesas ou não. O interesse maior é perceber os processos por trás das expressões das suas identidades mestiças, ou seja, polono-brasileiras.



FIGURA 28 – RITUALIDADE NA RELIGIÃO (PRZYBYSZEWSKI)



Fonte: A autora (2018)

Os registros das práticas religiosas destacam também ritualidades. Na figura 27, temos as práticas da Páscoa na família Przybyszewski relacionadas ao costume polonês da pintura de ovos que são benzidos no sábado de aleluia e posteriormente divididos em família no domingo de Páscoa. São temperados com sal e pimenta. O costume, Nena aprendeu com os seus pais manteve desde criança, agora são repetidos também pelos filhos. “A pintura de ovo significa isso: a vida, nossa, de toda a família. [...] O sal é o tudo. Mistura, né. Não pode faltar. A pimenta também é bem importante” (NENA PRZYBYSZEWSKI).

FIGURA 29 – RITUALIDADE NA RELIGIÃO (PRZYVITOWSKI)



Fonte: A autora (2018)

Na família Przyvitowski a ritualidade religiosa fica evidente principalmente nas ações de Thadeu, como mostrado na figura 28. À esquerda, Thadeu cumprindo a rotina de abrir e fechar a capela. Ao centro, a partilha do Oplatek e à esquerda o acendimento das velas do advento do Natal, ambas as tradições que marcam a ritualidade do Natal por meio da religião.

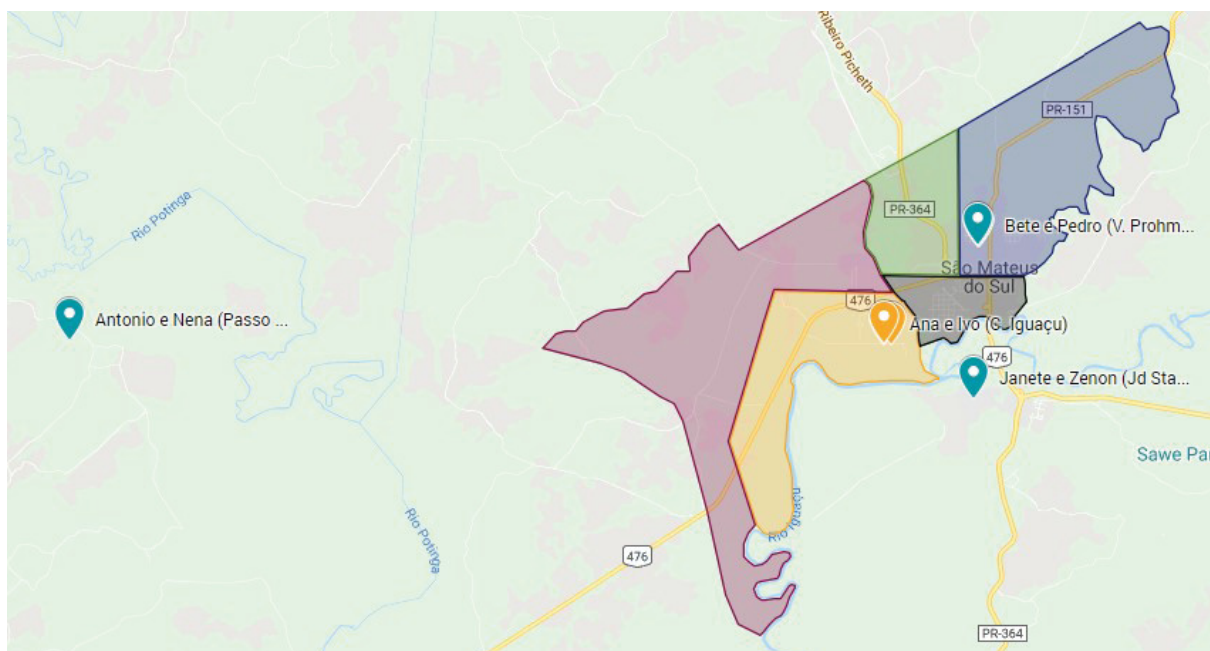
Dessa forma, a religião também atua marcando os ritmos do cotidiano e, a partir das suas práticas, seus valores e regras, marcam os ritmos cotidianos das famílias entrevistadas.

#### 7.4 PERTENCIMENTO À COMUNIDADE

O espaço geográfico em que as famílias se desenvolveram também marca a constituição das identidades étnicas. A forma com que o reconhecer-se como polonês se desenvolve entre os sujeitos das duas famílias tem uma relação clara com o convívio com outros descendentes de poloneses e pelas oportunidades de acesso a outras culturas.

Como mediação, a comunidade e, neste caso também a sua localização geográfica, também altera a possibilidade de acesso às tecnologias e determina espaços de socialidade e ritualidade.

FIGURA 30 – LOCAL DE RESIDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS



Fonte: Elaborada pela autora (2018)<sup>74</sup>

<sup>74</sup> Elaborado com dados da pesquisa e adaptação feita no Google Maps a partir da Planta de Colônia de São Mateus. Fonte: ITCG; Google earth. Adaptação: Edivaldo Marques Rodrigues.



Pelo mapa do município de São Mateus do Sul onde estão representadas as colônias demarcadas por Saporski, bem como a residência de cada um dos núcleos entrevistados, é possível perceber o quanto a comunidade do Passo do Meio, onde se desenvolveu a família Przybyszewski fica isolada das colônias e do quadro urbano. Porque as famílias de Antonio e Nena se mudaram para lá mais tarde, depois do período de imigração.

Ao ser questionada se na localidade do Passo do Meio há bastantes famílias de origem polonesa, Dona Nena afirma que sim, mas também conta alguns dos sobrenomes comuns na região:

Ah, são tudo polonês lá. Os da minha família... tudo eles, né. Agora lá no dos Przybyszewski já diminuiu, né. Porque daí... entrou os Aleixo, entrou os Ferraz. Os Ferraz primeiros, né. Os Matoso. (NENA PRZYBYSZEWSKI)

O relato de Nena confirma a visão da comunidade do Passo do Meio como não exclusivamente polonesa. Por ser uma comunidade fundada por tropeiros, o Passo do Meio também favoreceu a hibridização da cultura. Não tenho a pretensão de categorizar os costumes como poloneses ou oriundos dos tropeiros, mas é notável que essas heranças se misturam na região. Durante a entrevista com o casal-base da família, na casa do Passo do Meio, esse hibridismo foi evidenciado pelas crenças. Primeiro, Dona Nena me mostrou livros de oração em polonês. Em seguida, saímos caminhar pela propriedade, quando ela encontrou uma planta e me relatou que era muito usada por um curandeiro da comunidade, o Ferraz, sobrenome sem origem polonesa.

Devido à localização da comunidade é que Dona Nena foi estudar no Rio Claro do Sul, distrito que pertence ao município vizinho de Mallet. Lá ela teve aula com as freiras polonesas, o que também contribuiu para a sua construção identitária.

Foi na própria comunidade do passo do Meio que Antonio e Nena se conheceram, devido aos rituais de socialização da comunidade, como a ida à igreja e, até mesmo, as reuniões para ouvirem juntos o rádio. Nesse espaço a família se constituiu, por isso as marcas culturais desse ambiente são importantes para compreender a identidade cultural dos dois.

Quando a filha mais velha, Bete, relata as memórias de infância naquela terra, o trabalho na roça com os pai e o cuidado com a terra.

Ajudava o que podia, tudo pequenininho. Eles iam fazer sapeco de erva, nós sempre ajudava. Lembro que nas caieira eles assavam pinhão, assavam batata doce, era nossos lanche né. Ensinou a plantar couve, chuchu, milho, os básico da roça. Então, o pai com a mãe foram os professor dessa parte (BERNADETE PRZYBYSZEWSKI)

Por isso, a proximidade com o trabalho da roça, a origem humilde e as limitações de acesso ao estudo são pontos importantes na trajetória social da família.

A mudança para a região urbana é um ponto chave para entender a cultura dessa família. A partir desse momento o tempo familiar passa a ser permeado tanto pelo ritmo rural quanto urbano. É também um aspecto que ajuda a entender diferentes trajetórias entre os filhos de Antonio e Nena. A relação com os costumes é bem diferente entre Bete e Janete, nascidas no Passo do Meio, e Jacinta, nascida na cidade. As filhas mais velhas, que chegaram a morar no interior mostram uma proximidade maior com a língua e com os costumes poloneses.

Cabe destacar que, à época da mudança, o bairro em que eles foram morar, ainda era pouco desenvolvido, portanto, naquele momento os destempos entre o urbano e rural talvez não fossem tão evidentes.

Hoje a situação já se mostra diferente, já que na região urbana, Antonio e Nena têm contatos frequentes com os filhos, participam das celebrações na paróquia vizinha e têm acesso à tecnologia. Quando estão no Passo do Meio, os dois vivem num espaço mais isolado. Antonio passa o dia na roça, enquanto ela trabalha em casa e no quintal. Sozinhos durante o dia, pouco conversam. Também não há muitos vizinhos próximos, eles mantêm contato com a vizinha mais próxima, mas o contato não é tão fácil quando na cidade, em que basta atravessar a rua. Eles se mostram divididos entre realidades diferentes: a vida urbana, conectados e próximos dos filhos; e a vida rural, dedicada à plantação e aos animais, sem sinal de internet ou de celular.

Na ocasião da entrevista, fui até a casa deles no Passo do Meio, o que se mostrou uma escolha acertada, pois ficou evidente a sensação de pertencimento deles àquele local, o que também favoreceu os relatos e as lembranças.

Nas trajetórias da segunda geração, alguns momentos da trajetória espacial são indicativos do capital econômico da família. Bete e Pedro relatam as mudanças entre a vida na roça e a vida urbana nos primeiros anos de casamento, sempre motivados pela busca de uma vida mais estável. São projetos fracassados que “Eles nos ajudam a conhecer os limites das fronteiras do campo de possibilidades de cada família como uma unidade e de cada rede como um todo” (GONZALEZ, 1995, p. 143)<sup>75</sup>. Uma vez que o que obtemos é uma interpretação

---

<sup>75</sup> Tradução livre. Texto original “Nos ayudan a conocer los limites de las fronteras del campo de posibilidades de cada familia como unidad y de cada red como conjunto.”

desses contextos a partir da visão dos entrevistados, isso nos revela mais sobre a visão de mundo daquela família. Ao relatar os momentos do plantio do fumo malsucedido e da enchente que atingiu sua casa na comunidade do Turvo, Bete demonstra a decepção vivida, tanto pela expectativa não alcançada da estabilidade financeira na roça, quanto pela decepção com pessoas que furtaram sua casa após a enchente.

A história de mudança motivada por trabalho se repete no relato do casal Jacinta e Marcos. Em um primeiro momento da trajetória do casal, o trabalho foi colocado como prioridade, levando-os à mudança para grandes centros. Mais tarde, com a chegada do filho, a busca por estar próximo ao suporte familiar ganhou importância maior. Esse momento revela a união entre os irmãos que se mostra também em outros momentos, já que o casal precisou do apoio estrutural da família para recomeçar sua vida.

Já o relato da família Przyvitowski se diferencia porque neste caso as mudanças são menos frequentes e quase toda a cultura familiar é estabelecida na Colônia Iguaçu, a mesma para a qual o antepassado imigrante foi destinado.

Thadeu descreve o nome dos vizinhos que receberam lotes a partir da demarcação de Saporski, todos com nomes poloneses.

Do asfalto pra cá: um lote do Brongiel, falecido; segundo lote era do Kundageski, falecido; o terceiro era do João Muller; quarto do João Przyvitowski, quinto aqui do Vitoldo Bojanoski; sexto aqui era do Andrechowicz. Lá pra baixo tinha do Muraski. Agora da ponte lá já dizia São Mateus velho [bairro hoje chamado Vila Amaral], até a Olaria do Bizinelli, da olaria já não tinha mais loteamento, né. [...] Esqueci já os nome, eu sabia tudo. E sei até agora, se fizesse um mapa eu sei de todos lote (THADEU PRZYVITOWSKI)

A vivência da família Przyvitowski se dá exclusivamente na Colônia Iguaçu, para a primeira e a segunda gerações. Só a partir da terceira, com casamentos ou busca pelos estudos que a família começa a construir uma vivência fora desse espaço geográfico.

Durante a pesquisa de campo, o que desponta é a relação da família com a capela da comunidade. Thadeu é quem abre e fecha a capela em dias de celebração, Ana é catequista, zeladora de capelinha e chegou a ser coordenadora da capela, Ivone também frequenta a capela assim como sua filha Camila e inclusive cantam nas celebrações.

O fato de viverem numa comunidade composta em sua maioria por descendentes de poloneses, onde as práticas polonesas são frequentes, é fator chave para entender porque as filhas de Thadeu mantém a prática em polonês enquanto nos filhos de Antonio e Nena isso já quase não acontece.

Em ambas as famílias, os costumes poloneses são mesclados aos costumes regionais. Evidência disso é que as entrevistas se dão normalmente junto à roda de chimarrão. O hábito de tomar chimarrão e até mesmo a produção da erva-mate aparecem na narrativa, o que remete à história e à cultura regionais. A adesão vem desde a infância, já que Betina, bisneta de Thadeu, já toma chimarrão nas rodas em família.

Naquele ambiente também que Bruna, Camila e Amanda (3ª geração) tiveram oportunidade de expressar sua polonidade. Bruna relata que ia a muitos eventos com trajes típicos poloneses para demonstrar a cultura. Também na colônia Iguaçu foi que ela participou de um concurso de beleza que elegia a rainha de uma das festas da etnia polonesa. No salão da comunidade, o Centro Polônico Marcelo Janowski (Cepom), as netas aprenderam a dançar as músicas polonesas com a avó Cecília, já falecida.

Também quando Ivone comenta sobre o fato de as filhas não terem recebido o sobrenome Przyvitowski, mas apenas o sobrenome do pai, há uma referência ao pertencimento territorial.

O Osmar veio de um lugar totalmente diferente assim, que não tinha muito aquela coisa de você cultivar o sobrenome, daí ele chegou aqui, ele ia registrar as meninas, sempre o pai que ia registrar e ele acabava indo lá [...] Depois que ele começou a entender um pouquinho da importância que era pra mim o meu sobrenome pelo lugar que a gente morava e tudo (IVONE PRZYVITOWSKI)

As características da colônia também são ressaltadas por Bruna e Amanda que moram fora e comparam o que percebem de diferente naqueles espaços que elas cresceram para onde vivem atualmente.

Bruna, que mora em uma cidade com mais características interioranas, sente falta principalmente da animação e da alegria nas reuniões familiares e na festas polonesas. Já para Amanda, a cidade de residência atual, Balneário Camboriú tem diferenças marcantes, por não favorecer as relações pessoais. A partir dos pontos elencados pelas duas netas, é possível perceber o quanto o convívio pessoal na Colônia Iguaçu é importante para a constituição da identidade cultural desta família.

Outro aspecto que remete ao pertencimento territorial está relacionado ao consumo midiático. O programa do Lucas, na rádio Difusora do Xisto, foi o mais citado nas entrevistas. Como se trata de um programa de cobertura e de abrangência local, a audiência do rádio é um dos momentos em que aparece com mais força o consumo midiático mediando a construção identitária.

FIGURA 31 – PERTENCIMENTO À COMUNIDADE (PRZYVITOWSKI)



Fonte: A autora (2018)

Nos registros fotoetnográficos da família Przyvitowski, destacam-se o momento em que a bebê Betina toma chimarrão junto com o avô e o bisavô. Esse hábito relaciona-se com o pertencimento territorial devido à importância econômica da erva-mate na região, que também moldou as práticas cotidianas nesse espaço. Uma das formas de inserção dos poloneses na sociedade brasileira foi por meio da produção ervateira. Ao relatar a organização das colônias polonesas no Paraná, Gluchowski (2005) inclusive se refere a São Mateus do Sul como “a nobreza da erva-mate” e relata como os poloneses haviam se engajado nessa atividade. A relação entre polono-brasileiros da região e a erva-mate permanece ativa, já que nas duas famílias os representantes da primeira e segunda geração falam sobre a produção da erva-mate em trechos das entrevistas.

FIGURA 32 – PERTENCIMENTO À COMUNIDADE (PRZYBYSZEWSKI)



Fonte: A autora (2018)

O pertencimento à comunidade da família Przybyszewski aparece claramente em momentos do contato com o casal-base (figura 26). Um dos aspectos é durante a entrevista em que eles mostram a propriedade e acabam por demonstrar a sua rotina relacionada à comunidade do Passo do Meio. Outro ponto é quando Nena mostra a fotografia do casamento dos seus antepassados e comenta: “veja que colônia bonita” (NENA PRZYBYSZEWSKI). A expressão deixa claro que a identidade polono-brasileira construída por Nena tem maior ancoragem nas colônias polono-brasileiras com as quais ela teve mais contato próximo por meio de fotografias e histórias contadas, do que propriamente com a Polônia.

## 7.5 LÍNGUA

Durante a aplicação dos questionários, a fluência do idioma polonês não apareceu com muita frequência. Mas, diante da importância da língua para criação de laços imaginários que trazem a sensação de pertencimento a uma comunidade étnica, observar o modo como a língua polonesa se coloca na constituição identitária era importante para entender os processos envolvidos na identidade polono-brasileira.

A observação do campo ratificou alguns dados obtidos por meio dos questionários, como a baixa frequência de pessoas que dominam a linguagem escrita em polonês. Durante a via sacra em polonês, fica claro que Antonio e Nena leem em polonês, já que acompanham todas as orações por meio do livro de orações em polonês. Nessa ocasião, Antonio se colocou numa posição de insegurança com relação ao seu conhecimento do idioma formal: “É com o polonês nosso, mas a gente se esforça. Está se acabando, mas a gente se esforça” (ANTÔNIO, 2018). Essa fala também destaca o fato de que a transmissão desse idioma geração após geração se deu principalmente de maneira informal.

No entanto, na geração seguinte, a afinidade com a língua escrita já se dissipa. Jacinta revela em sua fala essa dificuldade, ao comentar que gostariam de aprender as orações em polonês rezadas pelos pais:

A gente falou de escrever no papel conforme a gente fala, não como é escrito, porque o escrito é muito difícil, pra ver se a gente conseguia aprender todos nós rezar pelo menos ave maria, mas nunca fizemos. (JACINTA PRZYBYSZEWSKI)



Também no relato de Ana (família Przyvitowski – 2ª geração), que usa o polonês no cotidiano, em conversas informais com seu pai, por exemplo, comenta sobre seus contatos com moradores da Polônia, ela relata que está aprendendo a responder em polonês via redes sociais. No dia a dia, Ana usa bastante a língua polonesa, para conversar com o pai, cantar e rezar em polonês. Mas, a escrita e a leitura ainda são aspectos nos quais ela não tem fluência no idioma.

Para a geração de Antonio, Nena e Thadeu, mesmo sendo a terceira geração após a imigração, o polonês ainda era a língua materna. Isso levava a alguns desentendimentos, como no relato de quando Thadeu começou a frequentar a escola com aulas em polonês e não sabia se comunicar com a professora nos primeiros dias. No caso de Nena, que estudou no Colégio das irmãs, em Rio Claro do Sul, as professoras eram polonesas, no entanto, as aulas também eram realizadas em português, de acordo com a legislação da época.

Ainda com relação à educação, Ana, que é da segunda geração analisada, já tinha mais afinidade com o português, mas carregavam ainda o sotaque polonês. Isso também levou à dificuldade de adaptação na escola, como no relato de Ana.

Eu nem comer a merenda eu não ia, porque tiravam sarro da minha cara, do tipo que eu falava. Então eu preferia não abrir a boca na escola. Eu ficava escondida, porque davam muita risada de mim, porque eu falava tudo errado. Por quase uns dois anos eu me retraí e fiquei no meu canto lá porque era difícil pra gente falar direitinho o português. Mas, depois comecei a falar e hoje em dia não falo tão polaqueado assim (risos). Dai a gente acaba aprendendo a falar, mas foi bastante tempo falando em polonês e eu não esqueci. Eu continuo: rezo, canto, falo. (ANA PRZYVITOWSKI)

Outro espaço em que o uso da língua estrangeira foi mal recebido foi no exército, relato contado por Antonio, que diz ter sofrido ameaça de expulsão por ser flagrado conversando em polonês com um conhecido. A partir de então, ele reduziu bastante sua expressão no idioma, mas manteve as orações como o Pai Nosso na língua aprendida com os pais. E foi a partir das orações que ele manteve e retomou as expressões em sua língua materna. Tanto que hoje na sua família, também por influência de Nena, muitas vezes aparecem as misturas das palavras em polonês e em português.

Se no ensino a língua polonesa não era mais permitida, era na religião que eles encontravam espaço para a expressão étnica. Os três entrevistados da primeira geração tiveram catequese e fizeram a primeira comunhão em língua polonesa.

Ainda hoje, a expressão em língua polonesa acontece por meio da religião. Nas duas famílias são feitas em polonês via sacras no período da quaresma, orações presentes no

cotidiano como Pai Nosso e Ave Maria, além de cânticos religiosos, especialmente por ocasião do Natal.

Antonio e Nena, além disso, costumam ainda frequentar a Igreja do Rio Claro do Sul, a qual desde 1970 é conduzida por padres da Sociedade de Cristo, que representa padre missionários poloneses no Brasil. A influência dos padres poloneses marcou a história do casal. O pároco atual, Anderson Spegiorin, inclusive presenteou Antônio com um missal em polonês.

Por outro lado, alguns termos religiosos demonstram que a cultura polonesa vivenciada por essas famílias não é algo preservado de maneira intocada, são tradições ressignificadas em um espaço cultural híbrido. Ao se referir à missa da noite de Natal, Thadeu e Ana usam o nome em polonês: *pasterka*. A tradução mais próxima para o português seria missa dos pastores, em referência àqueles que primeiro chegaram à manjedoura onde Jesus nasceu. Já na família Przybyszewski, o termo mais comum é Missa do Galo, uma denominação principalmente latina para se referir à missa. Trata-se da mesma celebração, mas as formas de se referir a ela denotam as influências culturais.

A expressão “*Niech będzie pochwalony Jezus Chrystus*”, equivalente a “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo” aparece nas duas famílias como expressão linguística que demarca a identidade polonesa. Thadeu lembra que esse era o cumprimento obrigatório quando se encontravam os polono-brasileiros. Já Nena lembra que essa é a expressão que ela usa ainda hoje para saudar suas irmãs.

O uso da língua polonesa nas práticas religiosas também traz momentos de marcação da diferença cultural e étnica. Sobre o Rio Claro do Sul, Dona Nena relata a história de um grupo conhecido sem origem polonesa, a quem se referiam como morenos ou até mesmo “chupim”. Convivendo em uma região com predominância polonesa, eles aprenderam a cantar e a rezar em polonês. Essa história também pode ser indicativa de discriminação racial, devido aos termos utilizados, no entanto, a discussão sobre discriminação ou racismo não aparece no relato de Nena, seu foco foi contar como esses indivíduos aprenderam a língua estrangeira. Por isso, o foco nesta análise é a expressão da identidade e a marcação da diferença evidenciadas no relato.

Outra forma como a língua polonesa é usada como expressão étnica é por meio de palavras soltas no dia a dia. Na família Przyvitowski, o *pierogi* é usado como sinônimo de pastel. Também aparecem *bulka*, *chleb*, *zimne nogi*, *salceson* e *kiszka*, *piernik*, entre outros termos que surgem naturalmente no meio da conversa, expressa majoritariamente em

português. Outro aspecto é que os bisnetos de Thadeu o chamam de *dziadzo*, que significa avô.

Esse fenômeno de mistura das duas línguas é comum a outras comunidades polono-brasileiras. No âmbito familiar, a língua polonesa é utilizada frequentemente, misturando-se com o português, que eles por vezes chamam de “polonês entrecortado”, “polonês brasileiro” ou “polonês caipira”, o que, no entanto, demonstra uma baixa autoestima. A identidade étnico-linguística se alterna entre a identidade polonesa e a brasileira, dependendo dos seus interlocutores e das circunstâncias que os cercam, assim, os descendentes se veem “às vezes, poloneses; outras vezes brasileiros” (DELONG, 2016, p. 168).

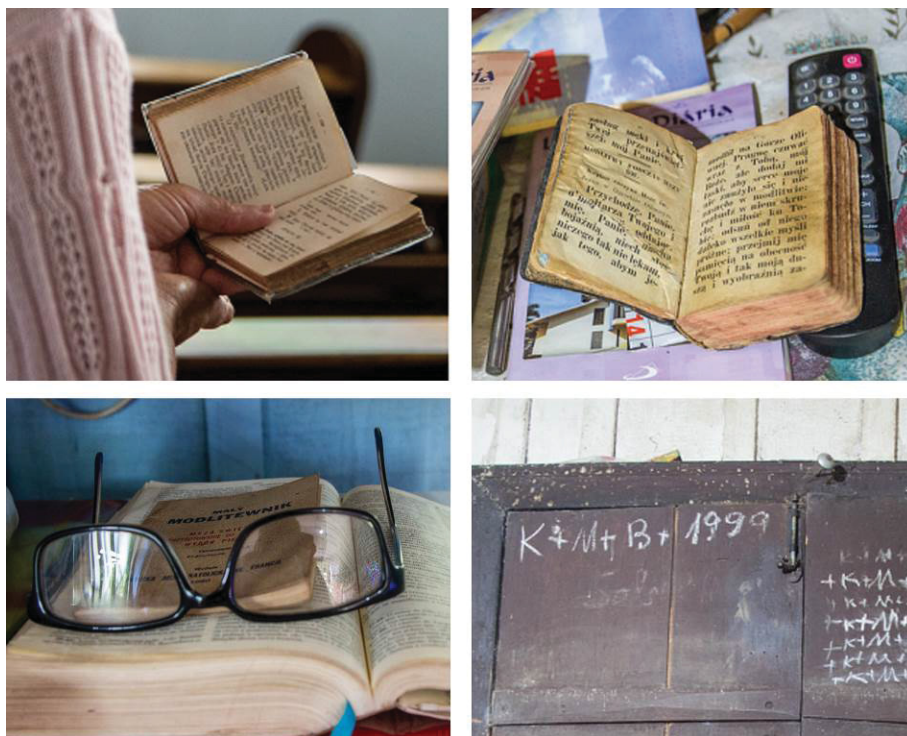
Se na família Przyvitowski os filhos de Thadeu conversam com o pai ainda em polonês, na família Przybyszewski isso já não ocorre. A língua polonesa não permaneceu com tanta força na segunda geração, é expressa com maior facilidade nas orações e nas canções religiosas. Chama a atenção o fato de aparecer nos relatos de família palavras e expressões em polonês ensinadas por Antonio e Nena aos seus netos, com Camila, filha de Jacinta, que não aprendeu muita coisa em polonês com os pais.

A língua também é um espaço de mediação na recepção dos meios de comunicação, como durante o jogo da copa do mundo em que, nas duas famílias, os sujeitos questionam a pronúncia incorreta feita pelos narradores e questionam a falta de interesse em aprender a expressar aqueles nomes adequadamente.

O pessoal que faz a transmissão, por exemplo, a Globo. Ela transmite pro Brasil inteiro, mas eles não fazem a pesquisa bem correta de como se pronuncia e... eles pronunciam de qualquer jeito, né. (MIGUEL PRZYBYSZEWSKI)

As fotografias destacadas na figura 32 evidenciam as marcas da língua polonesa no cotidiano da família Przybyszewski, mais centradas no casal-base. Todas as marcas linguísticas destacadas estão relacionadas à religião. Isso retoma o aspecto citado anteriormente, de que, conforme Siuda-Ambroziak (2015), as práticas religiosas foram um dos meios pelos quais a língua polonesa se manteve presente entre os polono-brasileiros.

FIGURA 33 – EXPRESSÕES EM LÍNGUA POLONESA (PRZYBYSZIEWSKI)



Fonte: A autora (2018)

No canto superior esquerdo, Nena segura o livro de orações em polonês durante a via sacra. No canto superior direito, o mesmo livro aparece em outra ocasião colocado sobre a mesa da casa, ao lado do controle de TV e de outro livro de orações em português, e no canto inferior esquerdo, outro livro de orações em polonês aparece colocado junto à Bíblia e aos óculos. Esses dois registros evidenciam que as orações em polonês fazem parte do cotidiano. Outra marca da língua polonesa na religião aparece na tradição dos Reis Magos de anotar as iniciais dos magos da porta de casa, que significa proteção, como aparece no canto inferior direito. As iniciais grafadas indicam que o costume teve origem polonesa, pois a inicial K refere-se a Kasper, nome adotado em polonês para um dos Reis Magos, que em português seria Gaspar.

FIGURA 34 – EXPRESSÕES EM LÍNGUA POLONESA (PRZYVITOWSKI)



Fonte: A autora (2018)

Já na família Przyvitowski, embora nas entrevistas a língua polonesa tenha sido mais presente no dia a dia da família, por meio da narrativa fotoetnográfica não foi possível capturar muitas marcas do idioma polonês presente na paisagem linguística. A única marca nesse sentido é a inscrição no muro da capela da comunidade, que apresenta bem vindos ao lado de *serdecznie witamy*, boas vindas em polonês.

## 8 CONSIDERAÇÕES

Galindo Cáceres (1997) defende que a experiência de intimidade com o outro possibilitada pela trajetória de pesquisa proposta pela Metodologia dos Mundos Possíveis reestrutura o mundo tanto do pesquisador quanto do entrevistado. Essa transformação pode ser vivenciada na trajetória dessa pesquisa, moldando todas as tomadas de decisões do processo, o que permitiu o contato com traços da sociedade e da cultura em que essas famílias estão inseridas.

Não poderia ser de outra forma, afinal, como observar e produzir significados sobre processos complexos como questões de identidade se não com um envolvimento profundo no campo a ser observado?

O processo desenvolvido para essa pesquisa proporcionou uma vivência rica junto à comunidade analisada, bem como um período de intensa reflexão para configurar em mapas de sentido o material coletado junto à comunidade polono-brasileira. Ao final desse processo, ainda com mais força os mundos possíveis se configuram, porque fica claro que esta pesquisa abarca uma parcela muito pequena dos significados disponíveis no campo. Existem ainda outros tantos mundos de significados a serem explorados com relação à construção das identidades polono-brasileiras. A própria forma de organização dos dados revela uma opção, que foi dar destaque aos espaços em que ocorrem os processos identitários com mais força, mas, a organização destacando as mediações envolvidas nos processos comunicativos seria igualmente válida.

O desenvolvimento proporcionado durante o percurso fica evidenciado na própria formulação do problema de pesquisa, que traz ainda a preocupação em reconhecer os processos comunicativos midiáticos e não midiáticos. No entanto, os dados da pesquisa demonstram que as relações comunicativas estão sempre imbricadas. Os meios de comunicação atravessam todos os demais processos comunicativos, assim como a comunicação estabelecida em outros espaços está relacionada à produção de sentidos na instância da recepção. Ou seja, numa eventual continuidade de pesquisa, é possível abdicar dessa diferenciação entre midiático ou não, pensando de forma global em processos comunicativos.

Ao começar a delinear esta pesquisa, ansiava compreender como e por que esses sujeitos expressavam sua polonidade mesmo tanto tempo após a imigração e com contato escasso com o país de origem dos seus antepassados. Ao final da pesquisa, não é possível



determinar uma razão, mas sim apontar algumas instâncias em que essa identidade se constrói. O que se pode observar é que a recepção dos meios de comunicação nesse cenário é mediada pela família, pela religião, pelo pertencimento à comunidade e pela língua. Para além de espaços de mediação, esses quatro ambientes atuam também como processos comunicativos com regras e valores próprios, os quais são atravessados pelos meios. Esses processos foram organizados de forma separada no texto, mas, nas observações do campo, ficou clara a imbricação entre as cinco categorias de análise.

A identificação desses espaços veio pelo reconhecimento das forças que permearam todo o processo de pesquisa. No momento da Exploração, por meio da aproximação com o campo já conhecido, porém agora com o olhar de pesquisadora, já foi possível chegar a algumas inferências que davam pistas dos processos comunicativos envolvidos na expressão da identidade polono-brasileira. Os elementos destacados durante as observações reforçaram as respostas obtidas a partir dos questionários, ao mesmo tempo em que enriqueceram a narrativa sobre a polonidade em São Mateus do Sul. A ampla utilização do *WhatsApp*, por exemplo, que apareceu nos questionários foi evidenciada na prática durante as celebrações relacionadas à Páscoa, com a gravação e o envio dos vídeos da Via Sacra em polonês para a família. Durante a pesquisa com as famílias, novamente o *WhatsApp* apareceu com força, tanto como forma de contato para agendar entrevistas, como meio em que os familiares buscavam me mandar fotos, vídeos e outros registros em família.

A culinária, apontada como principal aspecto de influência polonesa nas famílias durante o questionário, também foi evidenciada nas observações. Afinal, as próprias cestas de alimentos a serem benzidos na observação durante a Páscoa trouxeram um pouco da influência da cozinha polaca e que vai além do *pierogi*, prato típico polonês bastante apreciado na região. Os elementos trazidos nas montagens dessas cestas de Páscoa nos chamam a atenção para as formas de apropriação da cerimônia de bênção de alimentos pelas famílias da região. Se algumas traziam alimentos considerados típicos na tradição polonesa, como o cordeirinho de manteiga, a raiz forte e os ovos coloridos, outras tinham produtos variados, incluindo os ovos de chocolate. A apropriação dos elementos e a ressignificação pela cultura popular apontaram o hibridismo ou a mestiçagem.

No entanto, ainda que a importância da cozinha polonesa tenha se reafirmado como importante no cenário familiar, outros aspectos se mostraram relevantes. A transmissão entre gerações tem papel marcante no repasse de valores, tradições e significados do que é pertencer à comunidade polono-brasileira. Nesse ponto, a cultura oral tem espaço de destaque, na forma de repassar as tradições e de compartilhar as memórias. Inclusive, existe a

possibilidade de aprofundar a análise sobre essa comunidade partindo do olhar da oralidade, que não foi desenvolvida com profundidade neste estudo devido à limitação de tempo.

As celebrações religiosas já haviam se mostrado espaços privilegiados para a observação inicial desta cultura, por ser um elemento conectado à polonidade desde a criação do estado polonês (apêndice B), a religiosidade foi trazida junto com os imigrantes e tem acompanhados os descendentes de poloneses desde então. A força da religião na expressão e nas ressignificações da identidade polono-brasileira se tornou ainda mais evidente no cotidiano das famílias observadas, afinal, a maior parte das expressões e dos rituais relativos à cultura ou língua polonesa estão relacionados à religião. Por isso, o entendimento de que a religião nesse meio atua não só como mediadora no consumo de narrativas midiáticas, mas como um processo comunicativo no qual também podem ser observadas as mediações da ritualidade, tecnicidade e socialidade.

As observações na etapa da Exploração foram importantes para aproximação com o campo, enquanto na Descrição, com as histórias de família foi possível estabelecer os mapas de sentidos que permitem tensionar os objetivos de pesquisa.

Como processos comunicativos praticados pelo grupo de polono-brasileiros, destacaram-se a comunicação por meio da religião, das relações familiares e do próprio espaço físico que convivem, ou seja, na comunidade. Essas instâncias, além da língua polonesa, atuam como mediadoras da recepção midiática, a qual atravessa todos esses ambientes.

Durante a observação sincrônica da Copa do Mundo foi possível apreender alguns dos sentidos manifestados pelos sujeitos a partir da relação com a mídia. O primeiro diz respeito às reflexões trazidas por Thadeu sobre relações com o Outro, que demonstram claramente conflitos a partir da demarcação de identidade e diferença. Tendo a narrativa midiática como ponto de partida, ele produz reflexões sobre o cenário da colônia em que cresceu e viveu toda sua vida, na qual o preconceito racial esteve sempre presente. Ao apontar as formas como o racismo se manifestava na colônia, ele próprio reflete sobre o processo e isso o leva a ressignificar sua identidade enquanto parte da comunidade polonesa. Ao relatar o preconceito praticado pelos poloneses, ele não se reconhece nas práticas racistas. Nesse momento, a sua expressão identitária não é predominantemente polonesa, ela é expressa pelo reconhecimento da mestiçagem. Esse processo evoca a noção de identidade de Hall, segundo a qual há identidades contraditórias no indivíduo, empurrando para diferentes direções. Em outros momentos, Thadeu se referia a outros indivíduos como “brasileiros”, reforçando a sua identidade polonesa para demarcar a diferença. Ao contar que os poloneses eram racistas, ele

se distancia, ainda que momentaneamente, da identidade polonesa. Ele se reconhece como sujeito mestiço, que está entre a identidade polonesa e a brasileira.

Outro aspecto da relação com a mídia é que, apesar da pouca presença da polonidade nos meios de comunicação de massa (reivindicada por integrantes dessa própria comunidade), quando essa presença acontece ela é marcante e tem significativa força na construção da identidade, como é o caso da copa e da cobertura da visita do Papa João Paulo II ao Brasil.

Com relação às decisões metodológicas, a Metodologia dos Mundos Possíveis de Galindo Cáceres (1997) favoreceu a construção de uma pesquisa na qual as subjetividades fossem reconhecidas e usadas para a produção de conhecimentos. Da mesma forma, a divisão em três etapas permitiu que, a cada etapa, o trabalho de pesquisadoras estivesse mais maduro e pudesse tomar decisões mais embasadas para os passos seguintes. A opção multimetodológica permitiu chegar a resultados complementares. Por meio do relato fotoetnográfico, foi possível observar aspectos não tão evidentes no relato textual.

A História de Família também permitiu ter apreensões de acordo com cada geração porque os processos étnicos são influenciados pelo tempo histórico. Da mesma forma, o acesso aos meios varia de acordo com a geração. Por exemplo, na geração mais velha verificamos um nível maior de envolvimento com a cultura polonesa por meio da comunidade. Por outro lado, quase nenhum contato com informações relacionadas à polonidade através dos meios de comunicação, porque o próprio acesso a esses meios era mais restrito.

Já entre os indivíduos mais jovens da terceira geração ou mesmo entre os mais jovens da segunda geração, esses papéis se invertem. Eles tiveram menos contato com as tradições polonesas no círculo social, por outro lado, demonstram em seus depoimentos uma busca mais ativa de informações sobre a cultura e sobre o país europeu, sobre a história dos seus antepassados principalmente por meio das redes sociais.

Ao mesmo tempo em que a construção metodológica ofereceu possibilidades de explorar a riqueza do universo de significações com o qual nos deparamos ao escolher esse objeto empírico, houve também desafios. O principal é com relação ao tempo limitado disponível para a execução da pesquisa para dissertação, que se contrapõe à necessidade de uma pesquisa de campo de longa duração, que permita estabelecer uma relação de confiança com o grupo pesquisado, além de possibilitar conhecer o contexto em que essas famílias estão envolvidas, ponto primordial para produção das significações. Nesse sentido, minha vivência prévia com a comunidade foi favorável à realização da pesquisa, pois tornou mais fácil a compreensão desse contexto e também a aproximação das pessoas.

Ainda assim, consideramos que a técnica de História de Família não pode ser aplicada na sua integridade, para isso, seria necessário um envolvimento ainda maior com as famílias, a ponto de conseguir entrevistar e registrar mais integrantes desse contexto.

O trabalho desenvolvido com duas famílias ampliou as possibilidades de análise. Primeiro pelo fato de que cada um se estabeleceu em uma região diferente da cidade. Na família do Passo do Meio, vemos um grupo estabelecido em uma localidade formada originalmente por tropeiros e que, portanto, é marcada por uma mistura cultural e, em contraponto, baixo acesso à região central por sua localização geográfica distante. Essa família também foi marcada pela mudança para o centro urbano em sua trajetória, o que permitiu observar como acontecem as relações de construção da identidade étnica e da relação com os meios na vivência cotidiana e rural.

Já a família da Colônia Iguaçu se manteve durante toda a trajetória na mesma comunidade – apenas os netos romperam essa barreira mudando-se para outras cidades. Como essa é uma das colônias polonesas de São Mateus do Sul foi possível perceber que esse grupo manteve mais contato com indivíduos da mesma etnia no seu cotidiano. Assim, a língua e os costumes se mantêm com mais força de uma geração a outra. Embora com características distintas entre os dois grupos, obter os relatos de ambos nos traz espaços em que as informações se sobrepõem e esses são dados valiosos, pois permite um exercício de generalização que permite entender as relações entre identidade polono-brasileira e comunicação em um contexto mais amplo.

Os jovens – no caso, a terceira geração – foram os que menos participaram da pesquisa, devido à indisponibilidade de dar entrevista, seja por serem ainda muito jovens ou por não se sentirem à vontade para participar. Isso demonstra uma lacuna que pode ser explorada em pesquisas futuras, pois os fragmentos obtidos no contato com essa geração indicam uma lógica de construção identitária bastante diversa dos pais e avós, muito marcada pela centralidade da mídia. Com esse público, a tecnicidade alcança uma centralidade maior, o que aponta para possibilidade de estudos voltados a esse público, inclusive a partir das novas mediações apresentadas por Martín-Barbero (identidade, tecnicidade, cognitividade, ritualidade) as quais parecem atuar com mais força nesse público.

O objeto também permite ampliar a análise com foco nas diferenças dos usos da mídia pelas diferentes gerações, a partir das contribuições de autores como Cristina Ponte (2011), que analisa a mídia e relações geracionais nas famílias e a influência familiar nas relações com a mídia por parte dos públicos jovens, e de Goran Bolin (2016), que trabalha o conceito de *Media Generations*. Os rumos para o trabalho também apontam para outros

caminhos, como a possibilidade de aprofundar a análise em cada uma das categorias para ampliar a compreensão das lógicas que atuam em cada um desses processos.

Esses caminhos apontam para a possibilidade de configuração de outros mundos. A conclusão dessa etapa é, na verdade, apenas o início de outros caminhos a serem trilhados a fim de compreender as dinâmicas atuais das identidades polono-brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Livraria Palmarinca, 1997.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2015.
- BOLIN, Goran. **Media generations: experience, identity and mediatised social change**. Routledge, 2016.
- BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. **doc On-line: Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 3, p. 137-157, 2007.
- BONIN, Jiani Adriana. Mídia e memórias: explorações sobre a configuração dos palimpsestos midiáticos de memória étnica italiana. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 6, n. 15, p. 83-102, 2009.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASPOL. Tradições da Semana Santa e da Páscoa na Cultura Polonesa. Curitiba, 2018, em: <http://www.braspol.org.br/tradicoes-da-semana-santa-e-da-pascoa-na-cultura-polonesa/>
- BUDAKOWSKA, Elżbieta; PAPIS, Bożena. **Etnicidade polonesa no Brasil à luz de pesquisas sociológicas**. Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2014.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012
- CHELMICKI, Z.; DYMINSKI, S. W. **Imigrantes poloneses no Brasil de 1891**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Identidade étnica. In: **Identidades**. SALLUM JR, Brasílio (et al). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- DALCOMUNI, Hilda. **São Mateus do Sul – Espaço e História**. São Mateus do Sul, Prefeitura Municipal de São Mateus do Sul, 2015.
- DIAS, Eduardo Covalsky. **Os caminhos da Tradição – 25 anos do Grupo Folclórico Polonês Karolinka**. União da Vitória. Gráfica e editoria Kaygangue, 2016.
- DRABESKI, Evaldo. Os poloneses de São Mates face a Revolução Federalista 39 fls. 1997. Monografia – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.



DRABESKI, L. A.. *Perfis polônicos de São Mateus do Sul: o uso da memória no Jornalismo Literário*. 40 fls. 2012. Projeto Experimental - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

\_\_\_\_\_. Consumo midiático e construção da identidade polonesa. In: IX Encontro de Pesquisa em Comunicação, 2017, Curitiba. Mídia & Consumo. Curitiba: Syntagma Editores, 2017.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GALINDO CÁCERES; JESÚS, Luis. **Sabor a ti**. Metodología cualitativa en investigación social, Universidad Veracruzana, Xalapa, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia científica**. São Paulo, 2008.

GLUCHOWSKI, K. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Tradução de Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

GONZÁLEZ, Jorge A. Y todo queda entre familia. Estrategias, objeto y método para historias de familias. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, v. 1, n. 1, p. 135-154, 1995.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu **Identidade e diferença** – Tomas Tadeu da Silva (org) Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Editora UFMG, 2006.

IAROCHINSKI, Ulisses. **Polaco**: Identidade Cultural do Brasileiro descendente de imigrantes da Polônia. Curitiba: u. Iarochinski, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), Curitiba, 2018, em: <https://www.ibge.gov.br/>

JACKS, Nilda Aparecida. Audiência nativa: cultura regional em tempos de globalização. **Intexto**. N. 2 (1997),[não paginado], 1997.

\_\_\_\_\_; CAPPARELLI, Sérgio. **TV, família e identidade: Porto Alegre" fim de século"**. Edipucrs, 2006.

\_\_\_\_\_; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. Repensando os estudos de recepção: dois mapas para orientar o debate. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 10, n. 2, p. 17-35, 2008.

JOHN, V. M. Mundos possíveis e telenovela: memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

KLACEWICZ, Ana Carolina. *Lendas, mitos e história: estudo sobre as narrativas polonesas e gregas*. 62 fls. 2009. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. Edusp, 1993.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. Intexto, n. 43, p. 14-23, 2018.

\_\_\_\_\_. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *MATRIZES*, v. 8, n. 1, p. 65-80, 2014.

MALCZEWSKI, Z. Os poloneses e seus descendentes no Brasil: Esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil. Disponível em: <http://www.polonicus.com.br/site/historia.php>. Acesso em: 26 jul. 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Uma aventura epistemológica. *Matrizes*, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MELO, Patricia Goedert. **Vozes coletivas, compartilhadas e reconhecidas**: um estudo sobre as mediações comunicativas da cultura na trama cotidiana dos jovens alunos do Colégio Estadual do Paraná. Dissertação (mestrado em comunicação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

Pesquisa Brasileira de Mídia, Curitiba, 2018. Em <http://pesquisademidia.gov.br/>

POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio”, in *Estudos históricos*, no 3, vol. 2, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15. Disponível em: [http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 10 jun. 2007.

PONTE, Cristina. Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 65, p. 31-50, 2011.

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). **19º Encontro Anual da COMPOS**, p. 1-15, 2010.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no sul do Brasil). *Revista de Antropologia*, p. 57-71, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Religião na construção da identidade étnica dos polono-brasileiros. In: AUGUSTO, I. R.; DADALTO, M. C.; SIUDA-AMBROZIAK (orgs.). **Subjetividades em trânsito: memória, emoção, e-imigração e identidades**. UNIFAP/Bonecker, Macapá/Rio de Janeiro, 2017, p. 11-38.

SOULET, Jean-François. **História da Europa de Leste: Da Segunda Guerra Mundial aos nossos dias**. 2006.

STANISZEWSKI, A. M. K. **Estudo sobre a Cultura da comunidade polonesa no município de São Mateus do Sul**. Curitiba: Vicentina, 2006.

TOALDO, M. JACKS, N. **Consumo Midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção**. 2013, Salvador. XXII Encontro da Compós. Salvador/BA, 2013.

TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. Os periódicos polono-brasileiros: historiografia, fontes e temas de pesquisa. **História Unicap**, v. 3, n. 6, p. 280-293, 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WACHOWICZ, Ruy Christóvam. A “Febre brasileira” na Imigração Polonesa. In Anais da comunidade brasileira – polonesa. Vol I. Curitiba: julho de 1970B.

\_\_\_\_\_. A conjuntura emigratória polonesa no século XIX. In Anais da comunidade brasileira – polonesa. Vol I. Curitiba: julho de 1970a.

\_\_\_\_\_. **As escolas da colonização polonesa no Brasil**. In: Anais da comunidade brasileiro-polonesa. Vol II, Curitiba, 1970c

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.

WOTTRICH, Laura. “Quem precisa de identidades?” Os estudos de recepção?. In: JACKS, Nilda (org). **Meios e Audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ZAMOYSKI, A. **História da Polônia**. Lisboa: Edições 70, 2010.

#### **Corpus do levantamento sobre as questões da pesquisa (teses e dissertações):**

ALVES, Alan Ripoll. **Meio ambiente e arquitetura – a participação identitária do agricultor familiar no contexto da imigração polonesa, na Região Metropolitana De Curitiba**. Tese

(Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2016.

ANTOCZECEN, Inês Valéria. **O retorno da história: a Festa das Nações (Mallet/PR)** – um estudo em torno das fronteiras étnicas entre poloneses e ucranianos. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Irati, 2015.

BARRILI, Lúcia. **Brasileiros-poloneses: uma identidade construída nas comunidades de Casca e Santo Antônio de Palma – RS (1990-2010)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 2011.

BERGMANN, Magna Liane. **Perspectivas socioeconômicas e culturais do prato culinário pierogi para o desenvolvimento de Guarani das Missões/RS**. Dissertação (Mestrado em Gestão Estratégica de Organizações) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo, 2017.

BOÇÕEN, Rodrigo. **Escolas étnicas polonesas no Paraná: organização e coesão dos grupos imigrantes (1871-1930)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Curitiba, 2016.

BUENO, Wilma de Lara. **Curitiba, uma cidade bem amanhecida**. Vivência e trabalho das mulheres polonesas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

CAPRI, Elizabeth Johansen. **De católicos poloneses a ponta-grossenses católicos: a Escola Sagrada Família – 1933-1945**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2003.

DELONG, Silvia Regina. **Vitalidade linguística e construção de identidades de descendentes de poloneses no sul do Paraná**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo/RS, 2016.

DOUTSDAR, Neda Mohtadi. **Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1990.

FERNANDES, Liliane Monfardini. **Paisagem Cultural e Espaços de Representação. Análise da Colônia de Água Branca, Município de São Mateus do Sul/PR**. 236 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

FOETSCH, Alcimara Aparecida. **Paisagem, cultura e identidade: os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet (PR)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2006.

GRIJO, Wesley Pereira. **Mediações quilombolas: Apropriações étnicas na recepção de telenovelas**. 285 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GÜTHS, Taís Regina. **Olhares para as políticas linguísticas no município de Itaiópolis/SC: entre o in vivo e o in vitro**. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2015.

ISSBERNER, Gina Esther. **As representações sociais dos poloneses no Memorial da Imigração Polonesa em Curitiba-PR**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, 2016.

KASEKER, Mônica Panis. **O que escutar quer dizer - a constituição do *habitus* do ouvinte de rádio no cotidiano familiar**. 278 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

KOVALSKI, Rodrigo Augusto. **Desenvolvimento territorial sustentável com identidade cultural no estado do Paraná possibilidades e bloqueios** - Estudo de caso no município de Palmeira, na região de Santa Bárbara – PR. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2015.

LIMA, Maria do Socorro Castelo Branco Mourao. **Adolescente com deficiência intelectual acolhido em um abrigo institucional: dupla exclusão?** 147 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho/Marília, Marília, 2016.

LIMA, Osvaldo Luciano dos Santos. **Tu i tam, um fotógrafo em dois tempos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Curitiba, 2005.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. **Paisagem cultural e espaços de representação**. Análise da Colônia de Água Branca, município de São Mateus do Sul/PR. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2015.

MACIEL, Myrna Estella Mendes. **Línguas de imigrantes: a língua polonesa na região Sul do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Florianópolis, 2010.

MALIKOSKI, Adriano. **Escolas étnicas dos imigrantes poloneses no Rio Grande Do Sul, (1875 – 1939)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2017.

MONDARDO, Marcos Leandro. **Os períodos das migrações - territórios e identidades em Francisco Beltrão/PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2009.

PEREIRA, Marlene Brito de Jesus. **Gênero como Variante do Micropoder Familiar**, 2010, 114 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador. Salvador, BA.

RAMOS, Odinei Fabiano. **Experiências da colonização eslava no centro-sul do Paraná (Prudentópolis 1895-1995)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Franca, 2012.

RAMOS, Odinei Fabiano. **Ucranianos, poloneses e “brasileiros”: fronteiras étnicas e identitárias em Prudentópolis/PR.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2006.

RENK, Valquíria Elita. **Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná'** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2009.

ROCHA, Rafaela Mascarenhas. **Curitiba polonesa?: um estudo sobre logradouros públicos dedicados a imigrantes e descendentes de poloneses (1951-2008).** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2016.

SANTOS, Ivan Domingos Carvalho. **Memória alimentar de afrodescendentes, descendentes poloneses e italianos na cidade de Curitiba.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2006.

SCHILLING, Isabel Conti. **Os traços da identidade cultural polonesa nas práticas educacionais da Escola Casemiro Stachurski.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, 2007.

SCHOLTZ, Adriana de J. **Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candói, no Paraná.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – (UFFS), Chapecó, 2014.

SILVA, Lourdes Ana Pereira. **Melodrama como matriz cultural no processo de constituição de identidades familiares: um estudo de (tele)novela e bumba-meu boi: usos, consumos e recepção'.** 236 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SLODKOWSKI, Aline Carlise. **Memórias vivas e a polonidade no município de Guarani das Missões/RS.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013.

SOUZA, Juliana de. **Vozes e territorialidades no Pós-Abolição: Histórias de famílias e resistência identitária – o caso do Cururuquara.'** 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015

STANISZEWSKI, Rosane Sousa. **Uma investigação sobre o ensino da matemática nas escolas polonesas em São Mateus do Sul, Paraná.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2014.

TAVARES, Luis Almeida. **Campesinato e os faxinais do Paraná: as terras de uso comum.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.

TELEGINSKI, Neli Maria. **Sensibilidades na cozinha: a transmissão das tradições alimentares entre descendentes de imigrantes poloneses no Centro-Sul do Paraná, século XX.** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2016.

TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. **Um cientista entre colonos: Ceslau Biezanko, educação, associação rural e o cultivo da soja no Rio Grande do Sul no início da década de**



1930. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2015.

VIECHNIESKI, Selma Antonia Pszdzimirski. **Tensões na construção identitária polonesa: o caso da Colônia Amola-Faca/Virmond (PR)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, 2017.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Abranches: paróquia da imigração polonesa. Um estudo de História demográfica**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

WEBER, Roswithia. **Mosaico identitário: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica – RS**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Luto e silêncio: doença e morte nas áreas de colonização polonesa no Rio Grande Do Sul (1910-1945)**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2007.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Montanhas que Furam as Nuvens! Imigração Polonesa em Aurea'**. Dissertação (Mestrado em HISTÓRIA) – Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 2002.

ZAKRZEVSKI, Gilmara. **A paisagem urbana de Irati-PR: uma análise a partir da imigração polonesa**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Irati, 2015.

**FONTES ORAIS**

	<b>Nome</b>	<b>Família</b>	<b>Linha de Ascendência</b>
1	Antonio Przybyszewski	Przybyszewski – passo do Meio	1ª geração
2	Adolfina Flora Przybyszewski (citada como Nena Przybyszewski)	Przybyszewski – passo do Meio	1ª geração
3	Bernadete Przybyszewski	Przybyszewski – passo do Meio	2ª geração
4	Pedro Muchal	Przybyszewski – passo do Meio	2ª geração (genro)
5	Janete Przybyszewski	Przybyszewski – passo do Meio	2ª geração
6	Michely Przybyszewski Przyvitowski	Przybyszewski – passo do Meio	3ª geração
7	Jacinta Przybyszewski	Przybyszewski – passo do Meio	2ª geração
8	Marcos Précoma	Przybyszewski – passo do Meio	2ª geração (genro)
9	Thadeu Przyvitowski	Przyvitowski – Colônia Iguaçu	1ª geração
10	Ana Maria Przyvitowski Janoski (citada como Ana Przyvitowski no texto)	Przyvitowski – Colônia Iguaçu	2ª geração
11	Ivone Przyvitowski Souza (citada como Ivone Przyvitowski no texto)	Przyvitowski – Colônia Iguaçu	2ª geração
12	Amanda Ribeiro de Souza	Przyvitowski – Colônia Iguaçu	3ª geração
13	Bruna Ribeiro de Souza de Paula	Przyvitowski – Colônia Iguaçu	3ª geração
14	Camila Ribeiro de Souza	Przyvitowski – Colônia Iguaçu	3ª geração

## APÊNDICE A – ESTADO DA ARTE

O Estado da Arte foi organizado em dois eixos: estudos relacionados à etnia polonesa no Brasil e pesquisas que utilizam a técnica de História de Família, dentro da metodologia da História Oral. Uma vez conhecida a inviabilidade de mapear a produção acadêmica em sua totalidade, o foco foi realizar um recorte que desse conta dos aspectos mais importantes para a pesquisa a ser desenvolvida. Optando por buscar as produções *stricto sensu*, foram utilizados como bancos de dados o Catálogos de Teses e Dissertações da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com buscas realizadas entre os dias 11 e 18 de janeiro.

### 1. História da imigração polonesa

Partindo da noção prévia de que as teses e dissertações relacionadas à etnia polonesa no Brasil não são tão numerosas<sup>76</sup>, optou-se por uma pesquisa mais ampla, não restrita às pesquisas relacionadas à identidade polonesa, que será o foco da dissertação. Dessa forma, é possível traçar um panorama que evidencie quais as tendências nos estudos relacionados à presença da etnia polonesa no Brasil. Ainda assim, não se tem a pretensão de elencar todos os estudos relacionados à imigração polonesa, pois muitas das produções são trabalhos de conclusão de curso de graduação ou artigos únicos, que não foram contemplados neste recorte.

Nos dois bancos de dados foram realizadas buscas com os seguintes termos: identidade polonesa, imigração polonesa, cultura polonesa, polonesa, polaco e polaca, além da combinação dos termos identidade e poloneses. Também foi feita a busca com o termo São Mateus do Sul, referente ao local de observação. Após o filtro com a leitura dos títulos, resumo e palavras-chave para organizar resultados repetidos e tirar resultados não relacionado ao tema, chegou-se ao *corpus* de análise de 36 trabalhos relacionados à temática de estudos<sup>77</sup>.

A análise da distribuição dos trabalhos por área de conhecimento mostra que a Comunicação está de fora deste meio. O único trabalho produzido relacionado à etnia polonesa na área da Comunicação é de 2005. A dissertação “*Tu i tam*, um fotógrafo em dois

---

<sup>76</sup> No artigo “Os periódicos polono-brasileiros: historiografia, fontes e temas de pesquisa”, Rhuan Trindade defende que a importância numérica da colônia polonesa não está refletida nas pesquisas acadêmicas.

<sup>77</sup> Foram consideradas apenas as pesquisas sobre a imigração polonesa relativa ao final do século XIX e início do século XX, período que coincide com a colonização de São Mateus do Sul. Trabalhos referentes a fluxos migratórios posteriores foram retirados do *corpus*.

tempos”<sup>78</sup>, de Osvaldo Luciano dos Santos Lima, defendida na Universidade Tuiuti do Paraná traz uma análise das imagens fotográficas veiculadas no livro intitulado *Tu i Tam* (Aqui e Lá, em polonês), de João Urban. A partir da semiótica discursiva, o autor discute questões da identidade étnica dos imigrantes poloneses no Paraná articulado com os conceitos de representação do mundo e indivíduo como produtor de enunciados.

Ainda que o trabalho de Lima (2005) esteja na mesma área de concentração da pesquisa que se busca desenvolver, não há muita aderência entre as duas propostas. O operador teórico da comunicação não traz aproximações especialmente pelo estudo proposto se concentrar na recepção, enquanto Lima foca na análise de imagens. Desta forma, as semelhanças ficam reduzidas ao conceito de identidade e da etnia polonesa.

Vale destacar que não há estudos de recepção que abordem a etnia polonesa. A partir desta lacuna, considera-se uma oportunidade relevante pesquisar como a relação dos descendentes de imigrantes poloneses como os meios de comunicação atravessa o processo de constituição de suas identidades culturais.

Uma vez que só há um estudo sobre a temática na área de conhecimento Comunicação, foi preciso observar como os estudos sobre o assunto foram tratados em outras áreas de conhecimento, a fim de compreender quais áreas mais se dedicaram ao tema, quais os aspectos mais discutidos e quais os locais de observação mais frequentes. Além disso, este exercício permite buscar referências de outras áreas que tenham aproximação com a proposta de pesquisa, seja por referências em comum ou pelo local de observação, o que pode contribuir para desenvolver ou refutar hipóteses antes mesmo da imersão da pesquisadora no campo.

### Quadro 1 – Trabalhos separados por área

<i>Área de concentração</i>	<b>Número de trabalhos</b>
<i>História</i>	16
<i>Geografia</i>	6
<i>Linguística</i>	4
<i>Educação</i>	3

<sup>78</sup> A análise deste trabalho ficou restrita ao resumo, pois não foi possível o acesso ao texto completo.

<i>Ciências Humanas (interdisciplinar)</i>	1
<i>Ciências Sociais</i>	1
<i>Comunicação e Linguagens</i>	1
<i>Gestão Estratégica de Organizações</i>	1
<i>Meio Ambiente e desenvolvimento urbano</i>	1
<i>Patrimônio Cultural e Sociedade</i>	1
<i>Sociologia</i>	1

Dentre as 11 áreas de conhecimento que trataram da temática em estudos *stricto sensu*, a História se destaca com uma concentração significativa que corresponde a quase metade das pesquisas. Embora não tenham proximidade com o problema de pesquisa que envolve comunicação e identidade, alguns destes trabalhos proporcionam a reconstrução de um contexto histórico que contribui para compreender alguns aspectos sobre a colonização polonesa no Paraná.

Em 1974, Ruy Christovam Wachowicz defendeu sua dissertação intitulada “Abranches: paróquia da imigração polonesa. Um estudo de História demográfica”, pelo Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A pesquisa traz o resgate da mais antiga instituição religiosa polonesa para o Brasil e, por ser uma das mais antigas produções acadêmicas sobre a imigração polonesa, é um marco importante.

O autor opta pela denominação “polono-brasileiro” para referir-se aos “imigrantes poloneses propriamente ditos como os seus descendentes de qualquer geração, conquanto não se tenham miscigenado com qualquer outra etnia” (WACHOWICZ, 1974, p. 7). Este é o primeiro ponto de atenção para esta pesquisa, uma vez que a opção pelo autor em não tratar a etnia como polaca ou polonesa pode ter repercutido na forma como os próprios descendentes dos imigrantes poloneses identificam-se até hoje<sup>79</sup>. Já que o autor é uma das principais

---

<sup>79</sup> Uma rápida pesquisa pelo nome do autor no Google Acadêmico demonstra 1.275 citações do autor. O trabalho analisado foi citado 24 vezes. Além da relevância acadêmica, a família Wachowicz é bastante conhecida no meio polono-brasileiro, uma vez que seu irmão, Rizio Wachowicz, é o fundador e presidente nacional da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol), que possui núcleos espalhados

referências sobre a história da imigração polonesa no Paraná, é possível apreender que a denominação proposta por Ruy Wachowicz seja uma das possíveis influências que leva a comportamentos observados durante pesquisa exploratória com descendentes de imigrantes poloneses, que embora se identifiquem com a etnia, não se sentem confortáveis para se autodenominarem poloneses, mas sim brasileiros de origem polonesa. Considerando a existência de polêmicas entre as denominações polaco, polônês e polônico, levantadas principalmente pelo trabalho de Iarochinski (2010), apresentado na sequência, a questão da denominação dos integrantes desta etnia não pode ser ignorada durante a realização da pesquisa sobre a identidade.

Embora proponha a nomenclatura polono-brasileiro, este não é o foco da pesquisa de Wachowicz (1974). A partir de registros de nascimentos, casamentos e óbitos, além de outros documentos paroquiais, ele traz evidências documentais sobre aspectos da vida cotidiana deste grupo no Brasil. A urbanização da comunidade de Abranches tirou-a do isolamento étnico, culminando num processo que o autor chama de hibridização<sup>80</sup>, em que ocorre o máximo de interferência entre o grupo minoritário (neste caso o polono-brasileiro, ou descendente de imigrantes poloneses) e o majoritário (brasileiro). Esse processo é analisado a partir dos registros de casamentos da paróquia em que, com o passar dos anos, os casamentos entre integrantes do grupo polono-brasileiro vão dando lugar a um maior número de casamentos mistos, ou interétnicos. “O elevado porcentual dos casamentos mistos, ativador principal do processo simbiótico dos grupos em contato, leva a classificar a comunidade da paróquia de Abranches como sendo detentora de um elevado grau de hibridização” (WACHOWICZ, 1974, p. 61).

A forte relação de respeito com a Igreja Católica também aparece no texto, como, por exemplo, na análise da forma como o grupo polono-brasileiro encarava o sacramento do batismo. “A fé nesse sacramento vai levar os poloneses e seus descendentes a batizarem seus filhos nos primeiros dias após o nascimento, contrastando com o comportamento dos outros grupos étnicos também radicados no território paroquial” (WACHOWICZ, 1974, p. 87). Em alguns trechos, aparecem anotações relativas a outras paróquias de cidades próximas, inclusive de São Mateus do Sul: “Os poloneses não queriam receber na paróquia doações dos brasileiros, pois desejavam manter-se equidistantes dos mesmos e desejavam ter sua própria paróquia” (WACHOWICZ, 1974, p. 87). O motivo da separação devia-se ao fato de os

---

por mais de 300 cidades no país. A questão da denominação dos descendentes dos imigrantes vindos da Polônia é motivo de polêmica frequente na organização.

<sup>80</sup> RUDNICKYJ, Jaroslaw B. Cultures in contact. Acts de la eme VII Rencontre Internationale L'Avenir de l'homme. Bolzano, Italie, 29 agost. 1 set. 1964. ps. 47 e 48.



polono-brasileiros não considerarem adequado o comportamento dos brasileiros na igreja. Por fim, o Wachowicz considera que “a contribuição dos imigrantes na História da população paranaense é um campo de investigação obrigatória” (1974, p 104). Em suas conclusões, ele também aponta que a comparação com outros grupos étnicos evidencia algumas características polono-brasileiras, notadamente a influência da religião no seu estilo de vida.

Os preconceitos envolvidos nas relações interétnicas e os problemas ligados à etnia e à religiosidade são o foco do estudo “Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito” de Neda Mohtadi Doutsdar. O *locus* da pesquisa foi a área inundada pela barragem do Rio Passaúna, na Colônia Tomás Coelho, num processo de desapropriação que foi alvo de conflitos e revolta por parte dos colonos poloneses atingidos. Ao mesmo tempo em que o Estado procurava preservar a memória da colônia no processo de desapropriação, havia a desvalorização econômica das terras pertencentes aos poloneses. “Essa barragem veio, assim, comprometer a sobrevivência de Tomás Coelho, desarticulando-a de forma abrupta, aprofundando a desagregação gradativa que ali vinha ocorrendo” (DOUTSDAR, 1990, p 6). A partir da pesquisa, o autor busca demonstrar que essa incongruência seria fruto de um preconceito contra os poloneses já existentes na sociedade local.

A questão da identidade étnica é abordada nesta pesquisa com a finalidade de “compreender e explicar conflitos, relações desiguais entre grupos, classes e culturas, surto de revolta de minorias sociais, de grupos étnicos, de povos colonizados, de classes oprimidas” (DOUTSDAR, 1990, p 19). A relação entre identidade étnica e memória também é abordada, atrelando os dois conceitos a uma ideia coletiva: “O grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado” (p. 20). Essa opção é justificada pelo foco no grupo étnico polonês, que o autor considera diferenciado de outros grupos étnicos.

Uma categoria de articulação de tipos de pessoas que, por estarem historicamente unidas por laços próprios de relações realizadas como famílias, rede de parentes, “comunidades”, “colônias”, etc., e por viverem e se reconhecerem vivendo em comum um mesmo modo peculiar de vida e representação social, estabelecem para eles próprios e para os outros as suas fronteiras étnicas, os seus limites de etnia (DOUTSDAR, 1990, p. 23)

A articulação entre os conceitos e o caso observado em Tomás Coelho é feita por meio de procedimentos metodológicos que envolvem, além da análise documental, entrevistas que se aproximam da técnica de História de Vida. Além de abordar a identidade polonesa e as relações interétnicas (neste caso, especialmente entre poloneses, alemães e brasileiros), o

trabalho aborda o contexto da emigração da Polônia, a religiosidade e o senso de comunidade construído no Brasil, onde tinham a ideia de criar uma “Nova Polônia”.

As informações levantadas na pesquisa permitem: “constatar a existência de um preconceito contra os poloneses, enraizado na sociedade, e identificar as práticas de auto-segregação do imigrante polonês” (DOUTSDAR, 1990, p. 44). Se o autor aponta a existência de um “preconceito antipolonês” na sociedade paranaense, ele classifica como “folclorização” a medida de sobrepor o aspecto étnico-cultural aos interesses econômicos no processo de desapropriação das terras. Por fim, o autor conclui que “o polonês não conseguiu ser reconhecido nem como brasileiro, nem como imigrante polonês. A expressão que no longo processo o transfigurou no consenso da sociedade local foi a sua aceitação como ‘polaco’”. Embora a pesquisa trate do “polaco” de Tomás Coelho, algumas características como preconceito e isolamento apontados pelo autor podem ser observadas em outras colônias polonesas no Paraná.

A pesquisa de Bueno (1996) pode ser considerada inovadora, por revisitar o histórico da imigração polonesa e dos primeiros anos da colonização polonesa do ponto de vista feminino na dissertação “Curitiba, uma cidade bem amanhada. Vivência e trabalho das mulheres polonesas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX”, defendida em 1996, na pós-graduação em História da UFPR. Bueno utilizou fontes oficiais (relatórios de governo dos Presidentes da Província e correspondências oficiais, consulta à imprensa periódica) e entrevista com descendentes das primeiras famílias polonesas das antigas colônias Abranches e Santa Cândida, então já na segunda e terceira geração de imigrantes a fim de compreender os padrões comportamentais das mulheres polonesas em Curitiba, sendo possível constatar a existência do arquétipo da polaca como estereótipo da mulher desviante e desqualificada. “Através das entrevistas foi possível conhecer a trajetória de muitas vidas conduzidas por lutas, sacrifícios e trabalhos. A realidade por elas vivida foi profundamente marcada por essa trilogia, não havendo espaço para outras versões” (BUENO, 1996, p. 48). Desta forma, a autora dá voz a uma parcela ainda mais silenciada dentro da etnia.

Em um contexto em que famílias polonesas completas dedicavam-se ao trabalho para garantir sua sobrevivência, os jornais e revistas do período analisado evidenciavam as ocupações das mulheres polonesas, diretamente relacionadas com trabalhos informais de carroceiras, entregas de hortaliças ou mesmo como prestadoras de serviços domésticos para famílias do ambiente urbano.

As pequenas vendas, o serviço de lavagem de roupas, as atividades como feirantes ou mesmo o trabalho como criada de servir eram imprescindíveis para se dar conta das necessidades citadinas. Estatísticas esparsas e publicações oficiais confirmaram a presença de um grande número de mulheres polonesas ou polacas transitando pelas ruas e locais públicos de Curitiba. No contato com a nova sociedade, revelaram alteridades decorrentes de hábitos culturais distintos e por serem procedentes de famílias camponesas. Pesou consideravelmente o contexto político de exclusão vivenciado pela Polônia desde o século XVIII até as primeiras décadas do século XX. Não obstante a vida difícil e sacrificada imposta pela situação político-econômica, as mulheres souberam suportar os infortúnios com a resignação que lhes conferia a prática da vida religiosa. (BUENO, 1996, p. 149)

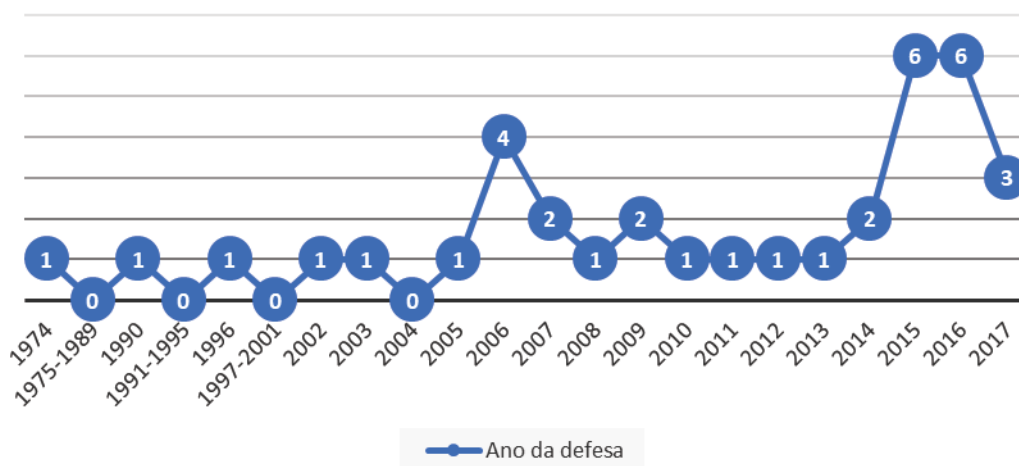
A presença da mulher polonesa deixava sua marca no espaço urbano da capital paranaense. Bueno também reforça o isolamento dos poloneses em suas comunidades já abordado por Doutsdar (1990), assim como a importância da religiosidade na vida da mulher polonesa, elemento destacado também por Wachowicz (1974).

Ao tratar da identidade negra, Hall (2003) destaca que essa “é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero e orientação sexual”. Da mesma forma, ao analisar a identidade étnica polonesa é importante refletir sobre outras identidades que atravessam essa constituição identitária, tais como gênero e classe. Embora a discussão sobre gênero não seja o foco principal da pesquisa a ser desenvolvida em São Mateus do Sul, tem-se a consciência de que, ao trabalhar com História de Família e com informantes mulheres, é importante compreender o papel da mulher neste contexto. Neste aspecto, este trabalho será referência fundamental, pois dos 36 trabalhos analisados, apenas Bueno (1996) e Delong (2016) evidenciam as relações de gênero.

## **2. O desenvolvimento dos estudos sobre a etnia polonesa**

As datas das pesquisas de Wachowicz (1974), Doutsdar (1990) e Bueno (1996), pioneiros na pesquisa acadêmica sobre a imigração polonesa, evidenciam hiatos temporais entre os anos de 1975 e 1989, depois entre 1991 e 1995. Depois do trabalho de Bueno, a próxima produção é de 2002, “Montanhas que Furam as Nuvens! Imigração Polonesa em Aurea”, de Thaís Janaina Wenczenowicz, dissertação de Mestrado em História pela Universidade de Passo Fundo.

**Gráfico 1 – Teses e dissertações que abordaram o tema por ano**



Em 2006, houve um crescimento das produções acadêmicas sobre o tema, inclusive conquistando espaço em outras áreas – nesse ano são realizadas as primeiras pesquisas sobre o tema nas Ciências Sociais e na Geografia. Pela primeira vez também são defendidas teses sobre a temática polonesa. “Memória alimentar de afrodescendentes, descendentes poloneses e italianos na cidade de Curitiba” foi a tese de Ivan Domingos Carvalho Santos na pós-graduação em Ciências Sociais pela PUC-SP. O autor foca na análise da memória alimentar dos principais grupos que constituíram Curitiba, utilizando como metodologias a teoria da memória e a etnografia. Roswithia Weber apresentou a tese “Mosaico identitário: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica – RS” no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa aborda a relação entre a história, as construções identitárias e o turismo, que influenciaram na formação da rota turística.

Na última década, as pesquisas sobre a presença da etnia polonesa no Brasil experimentam um desenvolvimento significativo. Se houve hiatos na produção acadêmica na década de 1990, por outro lado, há produções anuais desde 2005. Além disso, o número de trabalhos aumentou: enquanto de 1974 até 2000 foram produzidas apenas três dissertações, de 2001 até 2010 foram 13 trabalhos entre teses e dissertações. De 2011 até então, são outras 20 pesquisas sobre o tema.

A análise das instituições de ensino demonstra uma concentração de estudos sobre o tema na UFPR. Só nesta instituição foram sete dissertações e quatro teses. Em seguida,

destaca-se Universidade Federal do Rio Grande do Sul com uma tese e duas dissertações. Na Universidade de Passo Fundo-RS, na Unisinós-RS e na Unicentro-PR há registro de duas pesquisas em cada. Com apenas um trabalho em seus registros aparecem ainda neste levantamento as seguintes instituições: PUC-PR, PUC-RS, PUC-SP, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Universidade de Caxias do Sul (UCS), Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Universidade da Região de Joinville (Univille), Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e Universidade de São Paulo (USP).

A concentração de pesquisas em instituições de ensino localizadas no Paraná (17 no total) reflete também outra tendência: quase 67% das pesquisas realizadas têm alguma região do Paraná como local de observação. Por outro lado, embora haja pesquisas realizadas em instituições de ensino do Mato Grosso do Sul e de São Paulo, não há nenhum trabalho que relate a presença da etnia polonesa para além da região Sul do Brasil. Isso reflete a característica imigratória polonesa que, embora tenha contemplado outros estados, teve maior concentração na região Sul. Esta distribuição, bem como as condições de adaptação foram evidenciadas em levantamento feito por Kazimierz Gluchowski, primeiro cônsul polonês no Brasil, na década de 1920:

O grosso da nossa emigração estabeleceu-se no planalto Brasil Meridional, nos Estados Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e apenas respingos da onda do povo polonês – poderosa em certos momentos – caíram em outros Estados, como São Paulo, Minas Gerais, etc, onde aliás as condições desvantajosas para os emigrantes contribuíram rapidamente para a eliminação quase total do elemento polonês. (GLUCHOWSKI, 2005, p 47)

No mesmo período, Gluchowski realizou um recenseamento dos poloneses no Brasil, somando 100.282 poloneses no Paraná, 18.810 em Santa Catarina e 61.200 no Rio Grande do Sul. Esta distribuição reflete-se ainda hoje nos *lôcus* das pesquisas desenvolvidas, predominantemente localizados no Paraná.

**Figura 2 – Distribuição do local de observação dos fenômenos**



\* A dissertação “Tu i tam, um fotógrafo em dois tempos” não trata de um local determinado e não foi considerada no gráfico.

Analisar os locais de observação dos fenômenos estudados também é um exercício importante, em busca de trabalhos que possam contribuir com o panorama da etnia polonesa em São Mateus do Sul. Para tanto, o foco da análise centra-se nas pesquisas realizadas em municípios da região Sudeste paranaense, dentre os quais destacam-se os municípios de Cruz Machado, Irati, Mallet e São Mateus do Sul.

Em São Mateus do Sul foram produzidas duas dissertações, mas é interessante observar que ambas tiveram como foco a Colônia Água Branca, embora, por ocasião da colonização, a região tenha sido loteada com mais outras quatro colônias: Cachoeira, Canoas, Iguaçu e Taquaral<sup>81</sup>. Uma das possíveis razões para a atenção voltada para a comunidade da Água Branca é o fato de esta preservar a igreja centenária construída por imigrantes poloneses, que além de ser um marco da religiosidade, tão significativa para esta etnia, atua

<sup>81</sup> No documento histórico disponível no Arquivo Público do Paraná (Nº de referência 0876) com registros da distribuição dos terrenos feitas pela Comissão de Terras e Colonização do Vale do Rio Iguaçu, há referências às terras entregues aos colonos localizadas no quadro urbano e nos núcleos Iguaçu, Taquaral, Cachoeira e Canoas. Água Branca era então considerada uma colônia separada de São Mateus.



como espaço de socialização que pode contribuir para que esta comunidade seja considerada um dos símbolos da imigração polonesa no município. No entanto, considera-se o fato de as outras colônias não serem tratadas nas pesquisas como mais uma lacuna sobre os estudos poloneses.

**Figura 3 – Cidades paranaenses nas quais as pesquisas foram desenvolvidas<sup>82</sup>**



Umas das pesquisas foi a tese da área de Geografia intitulada “Paisagem cultural e espaços de representação. Análise da colônia de Água Branca, município de São Mateus do Sul/PR”, de Liliane Monfardini Fernandes de Lucena, defendida em 2015 pela UFPR. Lucena embasa-se em práticas espaciais, espaços de representação e representações do espaço para analisar a Paisagem Cultural da colônia Água Branca. Observa-se uma duplicidade de sentido na paisagem como patrimônio cultural, espaço de representação, mas também como espaço do vivido: “É o conjunto destes espaços de representação que estão completamente relacionados, interligados; é o espaço vivido destes moradores, que participam e interagem nesta paisagem, diariamente, cotidianamente” (LUCENA, 2015, p 7). A partir do estudo, Lucena propõe o aperfeiçoamento da metodologia adotada pela superintendência do Instituto

<sup>82</sup> Além destas cidades, Luis Almeida Tavares na tese “Campesinato e os faxinais do Paraná: as terras de uso comum”, analisou diversos faxinais no Paraná, que não foram inseridos no mapa por não serem o foco da pesquisa a ser desenvolvida.

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Paraná para estudos de tombamento. Apesar de ter o mesmo local de observação, considera-se que este trabalho não traz contribuições para pesquisa a ser desenvolvida, devido à abordagem teórica adotada.

Já a dissertação de Rosane Sousa Staniszewski, “Uma investigação sobre o ensino da matemática nas escolas polonesas em São Mateus do Sul, Paraná”, defendida em 2014 pelo Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, volta-se à mesma colônia a fim de investigar vestígios históricos do ensino nas sociedades-escolas fundadas pelos colonos poloneses. O recorte temporal adotado vai desde a chegada dos imigrantes na região, no final do século XIX, até 1938, pouco após a proibição das escolas étnicas no Brasil, fruto da política de nacionalização de Getúlio Vargas. Tal determinação afetou diretamente os colonos poloneses que mantinham as chamadas sociedades-escolas, nas quais era ensinado na língua polonesa. Além da análise de documentos, Staniszewski faz uso da História Oral a fim de acessar a memória dos quatro depoentes e buscar informações de como era feito o ensino de matemática na época.

O trabalho de Staniszewski, ainda que não guarde tanta aproximação com o tema a ser desenvolvido, pode ser uma importante fonte de consulta. Ao trabalhar com a História Oral, a autora ajudou a suprir a carência de referências históricas de um período marcante para a maioria dos descendentes de poloneses que frequentaram essas sociedades-escolas. Deduz-se que referências às sociedades-escolas polonesas possam aparecer na fala dos depoentes mais velhos de São Mateus do Sul ao adotar a técnica de História de Família.

### 3. Identidade étnicas

Nota-se que a discussão sobre identidade é frequente entre os estudos sobre a etnia polonesa. Dos 36 trabalhos que compõe o *corpus* de análise, 27 trazem alguma discussão a respeito da identidade étnica. Devido à quantidade de trabalhos, optou-se por focar naqueles que tratam de identidade étnica com *lôcus* de pesquisa na região Sudeste paranaense.

Autor	Título	Instituição	Programa	AAno
FOETSCH, Alcimara Aparecida	<b>Paisagem, cultura e identidade: os poloneses em Rio Claro do Sul, Mallet (PR)</b>	UFPR	Mestrado em Geografia	2006
LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes	<b>Paisagem cultural e espaços de representação. Análise da colônia</b>	UFPR	Doutorado em Geografia	2015

de	de Água Branca, município de São Mateus Do Sul/PR			
TELEGINSKI, Neli Maria	<b>Sensibilidades na cozinha: a transmissão das tradições alimentares entre descendentes de imigrantes poloneses no Centro-Sul do Paraná, século XX</b>	UFPR	Doutorado em História	2016
ANTOCZECEN, Inês Valéria	<b>O retorno da história: a Festa das Nações (Mallet/PR) – um estudo em torno das fronteiras étnicas entre poloneses e ucranianos.</b>	Unicentro	Mestrado em História	2015
DELONG, Silvia Regina	<b>Vitalidade linguística e construção de identidades de descendentes de poloneses no sul do Paraná</b>	Unisinos	Doutorado em Linguística Aplicada	2016

Dois desses trabalhos trazem a discussão da identidade articulada à paisagem local, além do trabalho de Lucena (2015), já apresentado, Foetsch (2006) articula os conceitos de identidade cultural, raça e etnicidade com a paisagem de Rio Claro do Sul. Trata-se de um distrito do município de Mallet com forte concentração de famílias polonesas e características materiais polonesas preservadas. Do local de observação foram destacados os elementos arquitetônicos que se relacionam com a identidade étnica dos poloneses, a fim de observar como as imagens podem carregar simbolismos que levam consigo o imaginário do ser polonês. A autora adota uma abordagem humanístico-cultural - a fenomenologia, com contribuições específicas da arquitetura e da sociologia.

A culinária foi o foco do trabalho de Teleginski (2016) que discute o significado de saberes culinários, práticas alimentares e receitas da tradição culinária polonesa para moradores dos municípios de Irati, Mallet e Prudentópolis, em sua maioria descendentes de poloneses. De acordo com a autora, os pratos introduzidos no contexto da imigração no final do século XIX e início do século XX tornaram-se integrantes dos hábitos alimentares regionais e passaram a integrar o patrimônio cultural paranaense e brasileiro. Teliginski faz uso da História Oral para resgatar as memórias alimentares da região.

Também com *lôcus* de observação de Mallet, Antoczecen (2015) resgata as fronteiras étnicas entre ucranianos e poloneses desde a realização da Festa das Nações, em 1993 – que envolveu as duas etnias e quando foram criados os grupos folclóricos *Mazury* (polonês) e

*Spomen* (ucraniano) – até os dias atuais. As fontes orais também são utilizadas a fim de compreender as fronteiras existentes entre as duas etnias.

Embora tratem da identidade étnica polonesa, os trabalhos citados acima não apresentam muita interface com a pesquisa a ser desenvolvida, devido à abordagem teórica utilizada. Dentre os trabalhos que tratam da identidade polonesa, o que traz mais contribuições para a pesquisa a ser desenvolvida é a tese “Vitalidade linguística e construção de identidades de descendentes de poloneses no sul do Paraná” de Silvia Regina Delong, defendida em 2016 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) na área de Linguística Aplicada. Com o objetivo de analisar a constituição das identidades étnico-linguísticas de descendentes de poloneses e identificar os eventos de letramento em polonês dentro e fora da escola, Delong utilizou a etnografia da linguagem na pesquisa conduzida na comunidade rural de Santa Faustina, na região de União da Vitória.

Para geração dos dados da pesquisa foram usados os seguintes instrumentos: observação participante; registro em notas de campo; gravações audiovisuais na escola e na igreja; fotos; questionário e entrevistas semiestruturadas dentro e fora do ambiente escolar. Também foram coletados materiais ou “fonte de dados potenciais. Uma vez que a autora detalha todo o processo de ida a campo, de envolvimento com a pesquisa e, principalmente, sua experiência com a utilização destes instrumentos, essa experiência pode inspirar o trabalho de campo de outros pesquisadores. Com relação à identidade étnica, Delong adota principalmente os conceitos de identidade de Stuart Hall para discutir a constituição identitária na comunidade observada, além de outros autores como Gee, Tomas Tadeu Silva e Woodward.

Os resultados alcançados por Delong podem servir como base para o trabalho a ser realizado com descendentes de poloneses em São Mateus do Sul. Em alguns aspectos as duas pesquisas podem ser complementares para compreensão da construção da identidade uma vez que há interface entre as duas perspectivas, ainda que haja abordagens diferentes, do ponto de vista da Linguística e da Comunicação.

De acordo com as constatações de Delong, a tradição religiosa é um dos aspectos identitários mais arraigados e presentes até hoje nessa comunidade. No âmbito familiar, a língua polonesa é utilizada frequentemente, misturando-se com o português, que eles por vezes chamam de “polonês entrecortado”, “polonês brasileiro” ou “polonês caipira”, o que, no entanto, demonstra uma baixa autoestima. A identidade étnico-linguística se alterna entre a identidade polonesa e a brasileira, dependendo dos seus interlocutores e das circunstâncias

que os cercam, assim, os descendentes se veem “às vezes, poloneses; outras vezes brasileiros” (DELONG, 2016, p. 168).

Outro aspecto interessante é com relação ao papel da mulher na sociedade polono-brasileira. Para referir-se a essas mulheres que vivem numa sociedade patriarcal, mas a qual depende da ação feminina para seu funcionamento, Delong adota o termo “mulher fazedora”.

Através dos vários depoimentos, percebe-se que a mulher descendente de poloneses assume o seu papel de “fazedora”, mas, infelizmente, apesar de todo o comando que ela tem dentro de casa, sua autoridade não lhe é ratificada pela comunidade, pois “não tem voz e nem vez” perante a sociedade machista que concede aos homens todo o poder. (DELONG, 2016, p. 122)

Essas mulheres cumprem as atividades do lar, em geral sob ordens de homens, mas não possuem protagonismo na vida pública. Da mesma forma, acontece na vida religiosa, onde as mulheres executam muitas das tarefas, contribuem inclusive para a manutenção da língua polonesa, mas são invisíveis perante a sociedade.

Para essas mulheres, a construção identitária mostra-se ainda mais complexa, pois além de terem nascido no Brasil, mas descendentes de poloneses, têm ainda a influência do casamento. É o que se nota quando uma das informantes afirma que se tornou brasileira novamente após o casamento. As constatações de Delong ajudam a compreender o funcionamento dessa sociedade polono-brasileira e dão pistas de que caminhos trilhar a fim de aprofundar a compreensão sobre a construção dessa identidade cultural.

Além dos trabalhos aglutinados durante a consulta aos dois bancos de dados, outro trabalho selecionado de forma espontânea<sup>83</sup> destaca-se na análise da identidade polonesa. “Polaco – Identidade Cultural do Brasileiro descendente de imigrantes da Polônia” é o título da dissertação em Cultura Internacional defendida por Ulisses Iarochinski na Faculdade de Estudos Internacionais e Políticos da Universidade Iaguielônica de Cracóvia e traduzida para o português em 2010. O foco principal de Iarochinski é a discussão da utilização dos termos polaco e polonês, resgatando o histórico de termos depreciativos com que os imigrantes provenientes da Polônia foram tratados desde a chegada no Brasil, que culminaram na eliminação do uso comum do termo polaco para a adoção do “polonês”, de origem francesa.

Para além da etimologia e da linguística – que não é o foco da discussão neste artigo –, Iarochinski traz contribuições relevantes sobre a identidade desta etnia.

---

<sup>83</sup> O acesso ao trabalho foi feito por indicação do próprio autor.

Este brasileiro descendente de polaco ao se desenvolver num meio cultural múltiplo como é o Brasil, passível de influências várias teve duas opções: ou se escondia, ou se adaptava. Como não tinha para onde ir, acabou assimilando muito das outras culturas coexistentes”. (IARACHINSKI, 2010, p. 84)

A pesquisa de Iarochinski torna-se referência interessante, especialmente, por tratar a questão com a articulação de conceitos tratados por autores poloneses não traduzidos para o português, como Tadeusz Paleczny, sociólogo que estuda cultura, nação e relações étnica. Paleczny buscou compreender a situação dos descendentes de imigrantes poloneses no Brasil e analisou o processo de adaptação e assimilação cultural de acordo com as gerações de descendência do imigrante:

Na primeira geração dos imigrantes dominou a adaptação de forma direta (*sic*) com a cidadania e a função social no país de moradia, através da identificação do país de procedência (por exemplo, polacos, italianos, ou alemães imigrantes). A primeira geração alcançou a etapa do bilinguismo, mas não o fez completamente nas duas culturas, ultrapassando assim, a fase de maior pico na assimilação estrutural. A segunda geração continuou envolta no universo dos dois idiomas e duas culturas. Na dimensão grupal, o nível ideológico e de filosofia de vida, chegava ao fenômeno da divisão entre a identidade polaca e a brasileira. Esta fase está relacionada com o mais importante tipo de identificação relacionada ao grupo de polono-brasileiros. Estes membros alcançavam, assim, um estágio de aculturação. Nas gerações de netos e bisnetos, a identificação com a Polônia assume um papel secundário, ajudando e construindo de forma individual sua orientação de nacionalidade. ‘Os membros da colônia polaca já estavam, nesta etapa, sentindo-se brasileiros, tendo portanto, ultrapassado a fase de assimilação individual’ (PALECZNY, 2004, p. 157 *apud* IARACHINSKI, 2010, p. 87).

Paleczny desenvolveu tipificações de acordo com o tempo de permanência em solo brasileiro: o “polski Brazylijczyk” (o polaco brasileiro) e o “Brazylijczyk polskiego pochodzenia” (brasileiro de origem polonesa). A dificuldade de acesso à obra original pode ser um obstáculo para a utilização dos conceitos de Paleczny, ainda assim, trata-se de uma fonte relevante, por trazer a análise sociológica sobre a identidade polonesa no Brasil do ponto de vista do país de origem.

#### **4. História de Família**

Destacam-se entre os trabalhos analisados, a prevalência das fontes orais para as pesquisas relacionadas à etnia polonesa. Para compreender a construção da identidade polonesa em São Mateus do Sul, a opção será adotar a técnica da História de Família, dentro



da metodologia de História Oral. Portanto, buscou-se os trabalhos desenvolvidos com a utilização desta técnica.

A história de família já constituiu uma tradição em diversas áreas das Ciências Sociais (JACKS e CAPPARELLI, 2006), mas é uma técnica pouco explorada nos estudos de Comunicação. No caso dos estudos de recepção, embora muitos reconheçam a família como grupo importante para a observação dos receptores, “a maioria não dispensa esforços teórico-metodológicos mais específicos para conhecer as intrincadas relações que se dão nesse complexo grupo social” (JACKS e CAPPARELLI, 2006, p. 134).

No Catálogo de Teses e dissertações da Capes, há 16 resultados para o termo História de Família e no BDTD 146 resultados. Como o objetivo é compreender melhor a técnica dentro da História Oral, após a leitura dos títulos, palavras-chave e resumos, quando necessário, foram descartados os resultados que continham o termo, mas utilizavam outra metodologia.

O *corpus* ficou definido por quatro teses que exploraram esta técnica, sendo duas delas situadas na área da Comunicação e que são as que mais trazem contribuições para a pesquisa.

Autor	Título	Instituição	Programa	Ano
SILVA, Lourdes Ana Pereira	<b>Melodrama como matriz cultural no processo de constituição de identidades familiares: um estudo de (tele)novela e bumba-meu boi: usos, consumos e recepção'</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Doutorado em Comunicação e Informação	2012
GRIJO, Wesley Pereira	<b>Mediações quilombolas : Apropriações étnicas na recepção de telenovelas'</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Doutorado em Comunicação e Informação	2014
YADE, Juliana de	<b>Vozes e territorialidades pós-</b>	Universidade Federal do Ceará	Doutorado em Educação	2015

Souza Mavoungou	<b>abolição: Histórias de famílias e resistência identitária – O caso do Cururuquara</b>			
LIMA, Maria do Socorro Castelo Branco Mourao	<b>Adolescente com deficiência intelectual acolhido em um abrigo institucional: dupla exclusão?</b>	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Doutorado em Educação	2016

O primeiro aspecto que chama a atenção é o fato de que todos os autores que adotaram esta técnica o fizeram para o desenvolvimento de pesquisas de doutorado, que demandam mais tempo de produção que uma dissertação de mestrado. Os resultados demonstram também que esta é uma técnica pouco explorada, ainda que o ambiente familiar seja um espaço rico para observar a constituição das identidades.

É o que defende Silva (2012) ao trazer a complexidade da vida familiar como espaço de produção de sentidos, baseada numa visão da comunicação: “como um sistema de relações sociais, culturalmente mediadas por práticas comunicativas” (p. 20/21), concepção que vem ancorada nos estudos de recepção latino-americanos.

Na tese “Melodrama como matriz cultural no processo de constituição de identidades familiares: um estudo de (tele) novela e bumba-meu boi: usos, consumos e recepção”, Lourdes Ana Pereira Silva articula o conceito de identidade à matriz cultural do melodrama, observados a partir do contexto familiar.

Silva (2012) traz a compreensão de que o que aproxima o bumba-meu-boi da telenovela é o gênero melodramático, visto como matriz cultural. Ambas as narrativas acionam as seguintes matrizes: espacial, linguísticas e retórica (oralidade, exagero, repetição do fragmento), festiva, iconográfica, musical, religiosa, entre outras. É interessante perceber que muitas das matrizes culturais acionadas por este gênero, possuem aproximação com a comunidade de imigrantes poloneses e dão pistas de elementos que podem vir a ser observados.

A principal contribuição da pesquisa, no entanto, é de ordem metodológica. A autora trabalhou com três gerações de uma família maranhense, buscando identificar os usos, o consumo e a recepção de tele(novela), assim como outras práticas midiáticas e

sociocomunicativas através do tempo. Para a seleção da família, Silva adotou alguns critérios definidos de acordo com a necessidade da pesquisa e, uma vez que a pesquisa qualitativa não requer representatividade, optou por trabalhar com uma única família, mas que atendesse a todos os requisitos. De acordo com Silva (2012), a História de Família pressupõe a utilização de mais de um instrumento, que foram: entrevistas semiestruturadas e entrevista em profundidade além de questionário e observações etnográficas. Há ainda alguns cuidados recomendados para seu desenvolvimento:

- 1) iniciar pelas gerações mais antigas e terminar com as mais jovens; 2) dividir a árvore genealógica por blocos (ramo materno, paterno); 3) a narrativa deve centrar-se num casal, preferencialmente de idade média ou avançada; 4) incluir um número máximo de entrevistas para fazer escutar a voz dos protagonistas; 5) desenvolver as descrições dos contextos (para apreender as regras do jogo de competências múltiplas e desequilibradas); 6) enriquecer o texto com fragmentos de notas e comentários sócio-históricos e; 7) uma vez escrita a história de família, agregar comentários sociológicos de interpretações sobre o vivido (GONZÁLEZ, 1995; JACKS et alli, 2006 *apud* SILVA, 2012)

As experiências no contato com a família e com os instrumentos de coleta de dados serão importantes para o desenvolvimento do trabalho junto às famílias de descendentes de poloneses. Outro ponto importante é que a autora partiu da observação do campo para chegar até a matriz do melodrama como hipótese viável para explicar a constituição da identidade familiar. Da mesma forma, optou-se na proposta de pesquisa com poloneses de São Mateus do Sul por não trabalhar com hipóteses prévias antes da observação do campo, pretendemos deixar que a imersão no campo conduza às hipóteses da pesquisa.

Grijo (2014) trabalha o conceito de identidade étnica junto à teoria das Mediações Comunicativas da Cultura, de Martín-Barbero, num estudo de recepção de telenovela. O objetivo é “compreender como os integrantes do quilombo da Família Silva dão sentido ao conteúdo das telenovelas e quais inferências fazem a partir de seu contexto” (GRIJO, 2014, p 7). Embora não seja o nosso intuito utilizar a telenovela como objeto midiático, a articulação feita pelo autor ajuda a pensar nas possibilidades de compreensão da relação dos sujeitos com os meios.

Neste trabalho, interessam principalmente as estratégias metodológicas e analíticas utilizadas pelo autor. Novamente o autor utiliza a combinação de instrumentos para o desenvolvimento da História de Família, neste caso a Observação Participante e a Entrevista Semi-estruturada. Grijo, no entanto, defende a partir de autores como David Morley, Guillermo Orozco e Rodrigo González que as estratégias metodológicas devem ser ajustadas a cada caso, não basta apenas repetir modelos utilizados em outras pesquisas. As suas

estratégias teórico-metodológicas foram definidas a partir de observações exploratórias na comunidade quilombola. Para trabalhar a recepção da telenovela, Grijo não partiu de um objeto midiático pré-definido, mas, a partir das falas dos próprios entrevistados, foi formado um *corpus* com as telenovelas a serem analisadas.

Ainda que tenham sido encontradas poucas produções acadêmicas com a técnica da História de Família, os trabalhos de Silva (2012) e Grijo (2014) são referências importantes, especialmente por estarem situados na área de comunicação, e que vão contribuir para tomada de decisões. Nota-se que ambos os autores tiveram Jesús Martín-Barbero como referência fundamental, o que pode ser apontado como caminho possível da pesquisa a ser trilhada.

Outro trabalho encontrado nesta etapa do Estado da Arte também chamaram a atenção, embora não trabalhem com a técnica da História de Família situada dentro da História Oral. “O que escutar quer dizer. A constituição do *habitus* do ouvinte de rádio no cotidiano familiar”, é fruto do Doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR) de Mônica Panis Kaseker, defendida em março de 2010. Trata-se de um estudo de recepção feito com famílias, para o qual a autora defende uma abordagem multidisciplinar, a fim de dar conta da complexidade do contexto da recepção. Neste caso, como se debruça na compreensão da cultura e o cotidiano, ela defende a inspiração etnográfica.

O percurso percorrido pela autora para escolher as dez famílias a serem observadas também chama a atenção. Inicialmente, Kaseker realizou um pré-teste com 10 estudantes ouvintes de rádio, dois dos quais desistiram durante o processo. “Um dos problemas encontrados foi a falta de envolvimento e compromisso do grupo de estudantes, o que gerou falta de confiabilidade nos dados coletados” (KASEKER, 2010, p, 89). Ao compartilhar os erros e acertos de sua experiência, Mônica ajuda a elucidar algumas possibilidades no caminho que iremos trilhar.

## APÊNDICE B – HISTÓRIA DA POLÔNIA

A origem do povo polaco<sup>84</sup> é um mistério, mesmo para os seus vizinhos. No período da Alta Idade Média, a região onde hoje é a Polônia, ainda não fazia parte das relações internacionais existentes até então. Mercadores romanos que atravessaram aquela região, no século I, registraram a presença de povos pacíficos que habitavam a região e se dedicam à agricultura. A atividade praticada inclusive dava o nome à mais numerosa dessa população eslava: *polanie*, que significa povos dos campos. Os polanos eram governados pela Dinastia Piast, fundada em *Gniezno*, no século IX (ZAMOYSKI, 2010).

Sobre a origem de *Gniezno* remonta uma das lendas nacionais polonesas, que conta a história dos irmãos Lech, Czech e Rus, que guiavam sua tribo em busca de um novo lugar para estabelecer-se, fugindo da escassez de alimentos. Rus separou-se dos demais e seguiu para o Leste, onde fundou a Rússia. Czech estabeleceu-se à margem do rio Veltava e ali deu origem ao país dos tchecos. Lech seguiu a caminhada rumo ao Norte, em direção ao Mar Báltico. Quando, num entardecer, parou para descansar, avistou no alto de um carvalho uma águia branca, que contrastava com o céu avermelhado do entardecer (referência às cores da bandeira e ao brasão polonês). Ali estabeleceu o seu povoado com o nome de *Gniezno*, derivado da palavra *gniazno*, que quer dizer ninho, e deu origem ao povo polonês (KLACEWICZ, 2009).

O fato é que a dinastia surgida na cidade de *Gniezno* ficaria conhecida na história polonesa, especialmente pela figura do príncipe *Mieszko* I, que foi responsável pela criação do Estado Polaco e pelo batismo da Polônia, o que estabeleceu as bases identitárias para aquela população. Em 965, o príncipe casou com a princesa boêmia Dobrava e assim o ducado da Polônia converteu-se ao cristianismo. A atitude do príncipe tinha também razões políticas, pois ele via na experiência dos seus vizinhos tchecos o quanto a conversão ao cristianismo poderia trazer benefícios culturais e políticos. A igreja polonesa também teve um papel importante na unificação daqueles povos, embora houvesse uma resistência muito grande na conversão da população pagã ao cristianismo, especialmente nos dois séculos que seguiram à conversão oficial da nação. No entanto, mais importante que o aspecto religioso, foi o papel central na disseminação da cultura e da educação, além da forte influência política da igreja

---

<sup>84</sup> Entre a comunidade polono-brasileira há divergência entre a utilização dos termos “polaco” e “polonês”, já que o termo polaco por muito tempo foi carregado de um caráter pejorativo. Nesta pesquisa, optamos por utilizar ambos como sinônimos e dando preferência ao termo originalmente utilizado pelos autores citados.

católica, tornando essa instituição protagonista na constituição da nação polonesa (ZAMOYSKI, 2010).

A história do surgimento do estado polonês é essencial para que possamos compreender as apropriações de sentidos da polonidade feitas pelos polono-brasileiros hoje em dia. Afinal, o mito fundacional é um dos elementos que constituem a narrativa de uma cultura nacional (HALL, 2006). A história de *Mieszko I*, que converteu a Polônia ao cristianismo, é particularmente interessante, pois veremos nos capítulos seguintes que a adesão à religião católica é uma questão muito marcante para a comunidade polono-brasileira em São Mateus do Sul.

Para compreender o contexto da imigração polonesa, retomamos alguns dos fatos marcantes da história e da cultura do Estado polonês, desde a constituição da Comunidade Polaco-Lituana até a Tríplice Partilha, período em que ocorreu o auge da imigração para o Brasil.

## DUAS NAÇÕES, MÚLTIPLAS ETNIAS

A Sereníssima Comunidade das Duas-Nações<sup>85</sup>, também chamada de Comunidade Polaco-Lituana, teve início em 1 de julho de 1569, formalizando a combinação dos reinos da Polônia e Lituânia, que já existia anteriormente de maneira mais pessoal. No século XVI, esse foi o maior Estado da Europa. Sua população, de dez milhões de pessoas, não era composta apenas por polacos ou lituanos, somente 40% dos habitantes eram polacos e estavam concentrados em cerca de 20% do território. Os camponeses, que constituíam a massa da população, incluíam polacos, lituanos, bielorrussos e ucranianos. Já a *szlachta*<sup>86</sup> era uma mescla de lituanos, rutenos, prussianos, alemães, tártaros e, em menor número, moldavos, armênios, italianos, húngaros e boêmios. Nessa sociedade, aos polacos foi dada a noção de que tanto a Comunidade quanto a Igreja eram suas. A Igreja, por sua vez, tinha grande influência na sociedade, o que tornava a religião parte integrante da vida cotidiana das pessoas. A relação entre Estado e religião eram próximas, tanto que os feriados nacionais acabaram se fundindo com as festas nacionais (ZAMOYSKI, 2010).

O sistema de governo mesclava monarquia e república, já que a Comunidade era governada por um rei, mas esse era eleito pela *szlachta*. A coexistência da monarquia,

---

<sup>85</sup> É também chamada I República pelo Estado polonês, reconhecida inclusive no texto da Constituição Polonesa de 1997.

<sup>86</sup> *Szlachta* era o nome dado à classe dos nobres durante a Comunidade das Duas-Nações



oligarquia e democracia continha um paradoxo, pois se, de um lado proporcionou uma experiência de governo diferenciada, já que não permitia poder arbitrário dos reis eleitos; por outro, o enfraquecimento do poder central deixou duras marcas na história polonesa (ZAMOYSKI, 2010). No século XVII, essa que foi uma das nações mais poderosas da Europa, experimentou um declínio significativo. O poder central enfraquecido levava à possibilidade de influência de outras dinastias e de interesses externos. O poder do veto, que permitia a qualquer deputado do senado polonês anular a decisão da maioria também acabava paralisando os trabalhos parlamentares. Além disso, o regime liberal se contrapunha às vizinhanças absolutistas pautadas no direito divino. O Estado polonês tampouco contava com um exército permanente, apenas podia contar com milícias camponesas, situação bastante diferente dos seus vizinhos, que se tornavam grandes potências (WACHOWICZ, 1970a).

Uma dessas grandes potências era a Rússia emergente, que estendia sua influência para outros países da Europa, começando pela Comunidade das Duas Nações, que em 1718 perdeu seu status de Estado soberano e passou a atuar sob um ‘protetorado’ russo. Com o passar das décadas, cada vez mais o trono polaco era influenciado por outras potências. A situação do enfraquecimento do poder polaco, diante das influências de outras potências, culminou nas negociações para a partilha da Comunidade Polaca.

### COMUNIDADE TRIPARTIDA

A Primeira Partilha da Polônia aconteceu em 5 de agosto de 1772, quando Prússia, Áustria e Rússia tomaram para si partes do território polonês, ainda que a Polônia fosse aliada do estado russo – que pelo protetorado deveria garantir a independência e integridade da Polônia – e não estivesse em guerra com os demais países (ZAMOYSKI, 2010).

Mesmo com a primeira partilha do território, de acordo com Zamoyski (2010) o que se seguiu foram anos de importantes reformas na Comunidade. A partir de 1775, o sistema quase anárquico em que viviam deu lugar a um Conselho Permanente, enquanto o exército foi modernizado. Além do desenvolvimento das atividades mercantis, houve um esforço para reeducação da sociedade, incluindo a criação da Comissão Nacional da Educação, que funcionava de forma parecida a um Ministério da Educação. Mas, a principal mudança veio com a proclamação da Constituição Polonesa de 3 de maio de 1791:

O catolicismo era consagrado como religião de Estado mas todos os cidadãos tinham liberdade para praticarem outra religião; a *szlachta* era declarada a coluna vertebral da nação e o campesinato era piamente reconhecido como a sua seiva; todos os privilégios concedidos pelos monarcas piastas e jaguelões permaneciam invioláveis. O trono permanecia dinasticamente electivo. [...] O veto e o direito da confederação foram abolidos. A governação do país foi investida no soberano e num conselho real designado como “Guardiães das Leis Nacionais”. (ZAMOYSKI, 2010, p 197)

Os avanços trazidos pela constituição polonesa de 3 de maio foram saudados em muitos lados, enquanto alarmaram seus vizinhos. As autoridades prussianas viam nos avanços a iminência de que o Estado Polaco recuperasse suas terras e a própria Prússia. Um ano após a proclamação da constituição polaca, em 1792, a czarina russa Catarina, aliada a alguns conservadores polacos, avançou sobre o território polaco. A Prússia, que juntamente com a Áustria, havia lutado e sido derrotada pela França revolucionária, exigiu territórios da Polônia como compensação. Restava à Polônia pouco mais de 200 quilômetros quadrados de área e uma população de quatro milhões de habitantes. O Estado polonês, não passava do que Zamoyski (2010) chamou de “Estado tampão”, com um “rei de fantoche”. “A Grande Polónia<sup>87</sup> e a maior parte da Pequena Polónia<sup>88</sup>, o coração étnico e histórico da Polónia, desapareceram, deixando em seu lugar um estranho resíduo alongado e sem viabilidade econômica” (ZAMOYSKI, 2010, p. 201).

Um dos heróis polacos mais conhecidos liderou as revoluções em busca da recuperação da liberdade, Tadeusz Kościuszko. No entanto, a revolução liderada por Tadeusz Kościuszko não conseguiu suportar a união das forças da Áustria, Prússia e Rússia. A capital Varsóvia viu-se invadida por tropas russas e, na sequência, pelas prussianas. “As três potências tinham decidido dividir entre si o que restava da Polónia e a capital coubera aos Prussianos. Em 1795, foi assinado um novo tratado de partilha, que eliminou por completo a Polónia do mapa” (ZAMOYSKI, 2010, p. 204).

O que se seguiu foi um período de instabilidade, marcado por guerras e por revoltas internas. Destaque para a aliança com Napoleão Bonaparte (cantada no Hino Nacional Polonês) na tentativa de recriar um Estado Polaco. Napoleão venceu a Prússia em 1806 e, no dia 28 de novembro, entrou em Varsóvia, marcando uma nova configuração do mapa polonês. “O quinhão prussiano das segunda e terceira partilhas da Comunidade foi reconstituído como Ducado de Varsóvia [...]. O ducado não era um Estado polaco soberano mas os patriotas polacos viram nele uma base de partida”. (ZAMOYSKI, 2010, p. 208).

---

<sup>87</sup> Região do centro-oeste da Polónia, tendo Poznań como capital.

<sup>88</sup> Região ao Sul da Polónia, que tem Cracóvia como capital.

No entanto, a criação do Ducado de Varsóvia não trouxe paz ou estabilidade aos polacos. Em 1809, o ducado sofreu a invasão da Áustria, ainda que a independência polaca tenha sido mantida após a assinatura de acordo de paz entre Áustria e França. Três anos depois, ocorre a “Segunda Guerra Polaca” – de consequências desastrosas para a Polônia, que perdeu boa parte dos homens que marcharam na *Grande Armée* napoleônica. Ainda que, na visão do historiador Adam Zamoyski (2010), Napoleão não tenha se engajado em defesa da liberdade da Polônia e este episódio não tenha contribuído de fato para a causa polaca, teve sua relevância para o seu imaginário, devido aos feitos heroicos de polacos junto às tropas napoleônicas, como uma memória mitológica e reconfortante. Ao Ducado de Varsóvia, sucedeu o Reino do Congresso, numa área ao redor de Cracóvia, quando os monarcas das três potências – que já haviam partilhado o território polonês – converteram-se em protetores da República de Cracóvia, jurando benevolência para seus súditos polacos.

Novas insurreições em prol da liberdade da Polônia ocorreram nos anos de 1830, 1848 e 1863, todas sem sucesso. A Polônia tinha o apoio da opinião pública mundial e alguns países empreenderam iniciativas diplomáticas em nome da liberdade do país, todas sem sucesso, pois ameaçavam de alguma forma a estabilidade da Europa. Na verdade, a liberdade só vai ser alcançada após a Primeira Guerra Mundial (ZAMOYSKI, 2010).

## A POLÔNIA NÃO DESAPARECERÁ

“*Jeszcze Polska nie zginela kiedy my zyjemy*”<sup>89</sup>

Hino Nacional da Polônia

No período em que o Estado polaco se restringia ao Reino do Congresso, a restrição territorial não cortou a influência da polonidade sob a Rússia, ainda que o território polaco fosse minúsculo em comparação com a gigante Rússia. O estado russo absorvera tantas terras polacas que 65% da sua nobreza tinha ascendência polaca, também vale considerar que à época havia mais polacos alfabetizados que russos, o que na prática representava mais pessoas escrevendo em polaco do que russo. Com isso, mesmo com a retaliação no território, para Zamoyski (2010), os polacos seguiam levando sua vida:

---

<sup>89</sup> Tradução livre: A Polônia não desaparecerá enquanto nós vivermos. Primeiro verso de Mazurek Dąbrowskiego, composto em 1797 para levantar a moral das tropas polonesas que combatiam junto à Napoleão Bonaparte e cantar a independência da Polônia. Após a Primeira Guerra tornou-se o Hino Nacional.

Surpreendentemente, a violência infligida ao território da Comunidade entre 1792 e 1815 e a sucessão de governos às quais as suas várias partes estiveram sujeitas no mesmo período tiveram um impacto reduzido na vida da nação. As fronteiras eram meros impedimentos administrativos na mente dos Polacos, que se lhes referiam como **cordão austríaco** (grifo do autor) ou **cordão prussiano** (grifo do autor). Na década de 20 do século XIX, um polaco que se deslocasse de Varsóvia a Poznan ou a Wilno entrava num país diferente, mas para ele e para os seus anfitriões era o mesmo – o seu. (ZAMOYSKI, 2010, p 214)

No entanto, ainda que as fronteiras pudessem ser consideradas questões administrativas, a partilha trouxe reflexos económicos. Após as revoluções, houve também a busca por repressão da língua, religião e cultura polonesas pelos estados dominadores.

Wachowicz analisa a situação polaca na região de cada domínio durante o período da partilha. “A Polónia encontrava-se tripartida entre Alemanha luterana, Rússia ortodoxa e a Áustria católica” (WACHOWICZ, 1970a, p 10). O domínio russo era o principal polo de onde surgiam as atividades clandestinas em prol da independência. “Após a revolução de 1830, a região foi tomada de profunda decadência, face ao desinteresse e descaso com que seus problemas passaram a ser tratados pelo governo czarista” (WACHOWICZ, 1970, p. 20). A repressão após a revolução de 1863 provocou um movimento de busca de exílio por parte da elite intelectual polaca. O governo russo proibiu o idioma polonês nos atos oficiais e nas escolas primárias, destituiu poloneses de cargos importantes e a Igreja Católica foi perseguida.

Na Prússia, o plano era o “enfraquecimento do espírito nacional polonês através da assimilação cultural” (1970, p. 16). Inspirado na repressão russa, o governo prussiano organizou a “Kulturkampf”, uma luta contra o catolicismo e a polonidade. Entre as ações empreendidas destaca-se a proibição do ensino do polonês e germanização das escolas. Já a ocupação no império austríaco diferenciava-se das outras duas, pois o governo fazia mais concessões às diversas nacionalidades que compunham o império, permitindo que o ensino da língua polonesa fosse mantido. Por outro lado, a região era marcada por estagnação económica. “A administração austríaca impedia e mantinha um ambiente hostil a qualquer melhoria no padrão de vida do camponês” (1970, p. 24).

O etnocentrismo dos poloneses em comparação com o dos imigrantes de outros países é destacado por Wachowicz (1970a). Como resposta à sociedade em que viviam, dominada pelo poder político e económico estrangeiros, a mística criada em torno do seu grupo étnico e cultural, que incluía um conceito de valores nacionais, tornou-se uma forma de defender-se da influência cultural estrangeira (WACHOWICZ, 1970a).

A falta de unidade étnica, religiosa, política ou territorial eram características polacas no período. Os polacos étnicos eram em sua maioria, cerca de 90%, camponeses e analfabetos, sem consciência nacional. Enquanto isso, a elite política, compreendida pela *szlachta* e pela classe média culta, tinha em sua composição membros de quase todas as nacionalidades. Com isso, era de se esperar que a nação polaca sucumbisse quando o Estado polonês desapareceu do mapa. No entanto, o que a história registrou foi o inverso. “A nação polaca sobreviveu, ainda que numa forma algo modificada e em constante mutação. A **polonidade** (grifo do autor) tornara-se uma condição que se definia a si própria” (ZAMOYSKI, 2010, p. 233). A questão polaca de recuperação da independência, sem resultados por vias diplomáticas ou pelas insurreições, seguiu baseada na fé, na esperança e no apego à própria polonidade (ZAMOYSKI, 2010).

O que se seguiu no período de instabilidade e luta pela liberdade foi a criação de uma identidade nacional que se destaca dos demais países do Leste da Europa. Soulet (2006) analisa a história dos países integrados à União Soviética (Albânia, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Polônia, República Democrática Alemã e Romênia) desde o cenário existente décadas antes da II Guerra Mundial, passando pela ascensão da União Soviética até os dias atuais. E é para o contexto pré-II Guerra que volta a nossa atenção. A consciência nacional das populações que viviam nas fronteiras ocidentais do Império Russo<sup>90</sup> entre os anos 1830 e 1840 parecia ter se desenvolvido pouco. A exceção era o estado polonês, onde o autor aponta como fatores para o desenvolvimento de uma identidade nacional o fato de serem: “dominados pela recordação da passada grandeza do seu Estado, estreitamente unidos na sua fé católica e fortemente apoiados por uma diáspora activa e poderosa” (SOULET, 2006, p. 16). Inclusive, em territórios como da Lituânia<sup>91</sup>, Polésia e Volínia, que haviam estado sob domínio do reino polonês por bastante tempo, as marcas culturais e sociais polonesas permaneciam mais fortes que as do império russo que agora dominava a região. Com o passar do tempo sob domínio russo, as autoridades passaram a adotar uma atitude mais hostil quanto a influências culturais das antigas potências nos territórios sob seu domínio: na Lituânia, por exemplo, a busca foi pela extinção das influências polacas. As insurreições polacas, em especial a de 1863, despertaram a atenção das autoridades russas que partiram para uma tentativa de integração forçada, com duras repressões. No entanto, a busca pela

---

<sup>90</sup> Foram anexados às fronteiras russas a Estônia, a Livônia, a Finlândia, a Bessarábia e os territórios da Curlândia, a Podólia e Volínia, anexados durante as partilhas da Polônia (SOULET, 2006)

<sup>91</sup> Embora a Lituânia tenha pertencido à Comunidade Polaco-Lituana, não se considera herdeira desse Estado, por considerar que sua participação na Comunidade não trouxe benefícios ao país.

integração cultural de populações não russas teve como reação adversa o fortalecimento dos ímpetos nacionalistas desses povos. Somente com a chegada da Primeira Grande Guerra, que causou o declínio do império russo, foi que os povos sob domínio viram uma oportunidade de buscarem a emancipação (SOULET, 2006).



## APÊNDICE C – IMIGRAÇÃO POLONESA PARA O BRASIL

### A FEBRE BRASILEIRA

Imigrantes sem bandeira. Assim chegaram os polacos ao Brasil no século XIX<sup>92</sup>, após sucessivas partilhas de seu território. Os primeiros representantes dessa leva migratória chegaram ainda nas primeiras décadas do século, junto a imigrantes alemães e estabeleceram-se principalmente em Santa Catarina. Entre esses, destacamos a chegada a Paranaguá em 1867 de Edmundo Sebastião Wos Saporski, que viria a ser considerado o “Pai da colonização Polonesa no Paraná” (GLUCHOWSKI, 2005, p. 28). Saporski é responsável por, juntamente com o padre Antonio Zielinski, buscar contatos, inclusive com vista ao imperador, a fim de conseguir áreas próprias para estabelecer as colônias polonesas. Inicialmente conseguiram, junto à câmara municipal de Curitiba terrenos na localidade do Pilarzinho, para onde foram transferidas 32 famílias – totalizando 164 pessoas – que estavam estabelecidas na colônia alemã de Brusque. Assim teve início a colonização polonesa na “terra dos pinheirais” (GLUCHOWSKI, 2005).

Nos anos seguintes, outras levas de imigrantes foram chegando. A fim de atrair mão-de-obra para o país, após o já avançado processo de abolição da escravidão, o governo brasileiro incentivou a vinda de imigrantes de diversos países europeus. O fluxo migratório foi tão intenso que o período entre 1890 e 1897 ficou conhecido como Febre Brasileira, ou *gorączka brazylijska* (WACHOWICZ, 1970a).

Nesse período, a Polônia enfrentava uma questão agrária delicada. Além de estar sob domínio de potências estrangeiras, a própria elite do estado polaco também contribuía para a exploração do camponês. A divisão das terras em pequenas propriedades com pouca viabilidade econômica para que os camponeses produzissem para a própria subsistência e tivessem algum excedente fazia parte desse cenário. Enquanto a Europa experimentava as mudanças das revoluções industriais, a sociedade polaca, de característica agrária e de sociedade tradicional, ainda por cima ocupada, via-se numa situação desfavorável economicamente. No contexto de desenvolvimento das potências vizinhas, o território

---

<sup>92</sup> Essa leva migratória não foi a primeira vinda de poloneses ao Brasil. O primeiro registro polonês em terras brasileiras é do oficial da armada polonesa Cristovão Arciszewski, que veio ao Brasil nos anos de 1629-1639, à frente de regimentos holandeses. Em meados do século XIX, outras famílias polonesas esparsas chegaram ao Brasil, junto à colonização alemã, a partir de então aumenta o fluxo migratório polonês para o Brasil (Gluchowski, 2005). É para esse período de maior afluência polonesa para o Brasil que volta nossa atenção.

polonês funcionava como espaço para fornecimento de recursos naturais e fornecimento de bens primários (KOVALSKI, 2017)

O descompasso no desenvolvimento da Polônia do século XVIII com relação a outros países europeus era evidenciado também nas classes sociais: a nobreza mantinha seus privilégios, em uma tendência contrária à de outros países da Europa ocidental onde a burguesia conquistava importância. No mundo rural, a nobreza – classe inferior à dos nobres do mundo urbano – vivia uma nova condição com a revogação dos seus direitos políticos após a perda da independência do país. Já a classe do pequeno proprietário rural e do trabalhador braçal nunca teve qualquer direito político e, sem mobilidade social, viviam numa espécie de alienação, que facilitava a exploração da sua mão-de-obra. Seu mundo social era restrito à família e à paróquia, esta sendo a única instituição da qual ele efetivamente participava. E é principalmente o camponês que vem ao Brasil em busca de melhores condições de vida, principalmente em decorrência do crescimento populacional, do êxodo rural associado à mecanização e consequente dispensa de mão-de-obra nos centros urbanos. (WACHOWICZ, 1970a).

A crise na Polônia, associada às propagandas do governo brasileiro, produziram uma onda migratória sem precedentes para esta região. Entretanto, as condições da viagem e a realidade aqui encontrada também eram severas. “Os nossos emigrados chegaram aqui enganados pelos agentes na origem, atraídos com promessas mentirosas; abandonaram seu país, não por motivo da miséria ou outros quaisquer, mas na esperança de encontrar o Paraíso na Terra” (CHELMICKI, 2010, p. 264).

Se a vinda dos trabalhadores poloneses para o Brasil resolvia o problema de mão-de-obra por aqui, causava um problema por lá. Os círculos rurais poloneses decidiram enviar ao Brasil delegações com o objetivo de estabelecer uma contra-propaganda e ajudar a frear o ímpeto migratório. Entre essas delegações está a de Pe. Chelmicki. (GLUCHOWSKI, 2005). A vinda do padre Chelmicki para o Brasil em 1891 teve como propósito declarado mostrar a dura realidade a fim de frear a febre brasileira. Por isso, é de se esperar que esse material, que inclui o relato da viagem produzido em terras brasileiras, reflita o seu posicionamento completamente contrário à imigração. Com relação ao Brasil, ele afirmou estar “completamente despreparado para uma colonização em tão grande escala, com administração colonizadora e organização defeituosas” (CHELMECKI, 2010, p. 264). O material produzido a partir dessa viagem tem importante valor como documento histórico, primeiramente, no que se refere à posição do governo e das oligarquias brasileiras com relação à abolição da escravidão e posterior incentivo à imigração.

A proclamação da República, para Chelmicki, fora um golpe de estado como resposta dos fazendeiros à política liberal do imperador que levava ao cabo a legislação abolicionista: Uma vez proclamada a República e instituído o governo provisório do marechal Deodoro da Fonseca, voltar atrás na questão da escravatura não era mais possível, a saída estava então em explorar o máximo possível os “privilégios relativos à imigração e despertar a expectativa de um maciço fluxo migratório que – conforme pensam todos os brasileiros – é a base do desenvolvimento, do progresso e do futuro da nação” (CHELMICKI, 2010, p 130).

Para driblar as reclamações dos fazendeiros que reclamavam os prejuízos que tomavam por conta da proclamação da “Lei Áurea”, foi instituído um decreto imperial de apoio à imigração, a fim de substituir a mão de obra negra pela branca. E o comércio envolvido por trás da vinda dos imigrantes mostrava-se bastante lucrativo para os agentes de migração. Para atrair os imigrantes, em geral eram feitas promessas enganosas, que levavam os poloneses a alimentarem falsas esperanças: “abandonaram seu país, não por motivo de miséria ou outros quaisquer, mas na esperança de encontrar o Paraíso na Terra” (CHELMICKI, 2010, p 264). Para além disso, Chelmicki não demonstra em seu relato muita simpatia aos emigrados que encontrou no Brasil e os responsabiliza em boa parte pela própria infelicidade, visto que vieram atraídos pela possibilidade de encontrar riqueza sem trabalho árduo. Muitos deixaram, inclusive, a família na Europa, na esperança de ganhar dinheiro e voltar ao seu país: “A julgar pelo que observei, posso dizer que emigrou quase que exclusivamente a classe inferior de nosso proletariado rural e urbano” (CHELMICKI, 2010, p 295)

Entre as dificuldades encontradas por aqui, Chelmicki (2010) aponta que a língua era uma das principais, pois fazia com que o polonês fosse preterido em muitos trabalhos e a eles sobrassem só colocações com salários piores. Também os tornava vulneráveis a golpes de espertalhões que se aproveitavam da ignorância do idioma local. Para os que buscavam trabalho na lavoura a vida também não era fácil, pois a forma de cultivo da terra era diferente. Se era difícil cultivar a terra de imediato, o colono precisar ter como sobreviver até a primeira colheita, por isso, trabalhavam 15 dias por mês para o governo na construção de estradas. Por esse serviço também eram explorados, pois recebiam vales para gastar com vendeiros que praticavam preços abusivos e em vendas muitas vezes estava localizada a mais de um dia de viagem da colônia.

As diferenças seguiam na alimentação: vegetais como repolho, beterraba e cenoura eram escassos; as batatas, recém começavam a ser plantadas no Paraná nos idos de 1891, por isso, era um produto demasiadamente caro. O pão de centeio era desconhecido e tinha de ser

substituído por pão de milho ou trigo. O feijão era um dos pratos mais populares e a ele os imigrantes começavam a se adaptar. Povo religioso, o polonês também estranhava a forma como o clero conduzia a igreja no Brasil, indiferente aos próprios brasileiros e mais ainda aos imigrantes. Todas essas adversidades tonavam ainda mais forte o sentimento de saudade: “ela o faz sofrer e lhe tira e lhe mata a vontade de trabalhar”. (CHELMICKI, 2010, p. 302).

A visão da imigração apontada por Chelmicki difere em alguns aspectos do que é apontado por Wachowicz (1970) nos trabalhos publicados nos Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, por ocasião das comemorações do centenário da imigração polonesa ao Paraná. Sobre as aspirações para a migração, Wachowicz (1970a) aponta que os poloneses, diante da impossibilidade de conseguir terras na Polônia, vêm em busca delas nos vazios demográficos da América, para que possam ganhar o sustento da família e dar como dote das filhas. “90% dos que vieram para este país são agricultores e o seu grande objetivo no novo país não é o seu enriquecimento, que nunca pensaram em conseguir, pelo menos na Polônia” (WACHOWICZ, 1970a, p 27).

A partir da “febre brasileira”, a onda emigratória tomou proporções que passaram a chamar a atenção de intelectuais e órgãos de imprensa, como já vimos no caso da expedição do Pe. Chelmicki, principalmente pelos interesses dos grandes proprietários de terras, que perdiam sua mão de obra. Em 1891, no II Congresso de Advogados e Economistas Poloneses (1891), de acordo com Wachowicz (1970b), o assunto foi trazido à tona na tentativa era por frear o movimento emigratório. Dois anos mais tarde, na III edição do congresso são levantadas algumas questões com relação à imigração para o Brasil, em especial, para o Paraná, as definições eram de a migração deveria ser reforçada para as colônias do Paraná que, isoladas, poderiam manter as características nacionais; encaminhar intelectuais, líderes, padres e professores para essa região e buscar uma ligação econômica entre essas colônias e a Polônia (WACHOWICZ, 1970b, p 41). A partir de então, passaram a levantar a bandeira da criação de uma “Nova Polônia” no Brasil, em que os poloneses pudessem manter sua etnicidade.

No entanto, a febre brasileira diminuiu nos anos seguintes em decorrência da contra-propaganda, além da eclosão da Revolução Federalista principalmente nos estados do Sul (que inclusive teve a participação de um batalhão de São Mateus do Sul, como abordado no tópico 2.6) e a o fim do transporte oceânico gratuito dos imigrantes para o Brasil (WACHOWICZ, 1970b). No entanto, esses anos de fervor da mudança dos camponeses da Polônia para o Brasil foram suficientes para transformar a constituição de regiões do Paraná, já que essa etnia foi uma das mais numerosas na região Sul do país. (WACHOWICZ, 1970b)

Entre os anos de 1871 e 1914, o Brasil recebeu o total de 104.196 poloneses, dos quais a maioria se estabeleceu no Paraná, totalizando 41.646 imigrantes poloneses. O Rio Grande de Sul recebeu 34.300 pessoas, Santa Catarina outras 6.750, enquanto 21.500 poloneses se espalharam por São Paulo e outros estados. Esses dados estatísticos foram coletados por Kazimierz Gluchowski, primeiro cônsul polonês no Brasil, durante sua visita às colônias polonesas no Brasil da década de 1920. Apesar da ausência de fontes ou de indicações metodológicas de como estes dados foram coletados, este ainda é o estudo mais completo sobre a situação das colônias polonesas no período (GLUCHOWSKI, 1920).

### PARANÁ, A NOVA POLÔNIA

A história da imigração polonesa no Paraná também é envolta em lendas. Na Polônia, dizia-se que o estado do Paraná “estava encoberto por névoas e que ninguém sabia de sua existência. Era uma terra em que corria leite e mel” (WACHOWICZ, 1970b, p. 37). Tal qual uma história de terra prometida, quem descortinou a névoa para destinar o Paraná ao seu povo foi a Virgem Negra, Nossa Senhora de *Częstochowa*, por quem o povo polonês guarda grande devoção, e comunicou ao Papa que essa era a terra destinada aos poloneses. Essa era a resposta da Virgem aos apelos sofridos dos camponeses poloneses. “Então o Papa solicitou ao Imperador brasileiro que distribuisse essas terras aos poloneses, para que a tivessem à fartura e ali pudessem viver felizes, expandindo seu cristianismo” (WACHOWICZ, 1970b, p. 37). Assim, eles deixavam suas aldeias sem saber o que os esperava, “mas possuindo aquilo que eles consideravam imprescindível: as bênçãos da Virgem Maria” (WACHOWICZ, 1970b).

Com intercessão da Virgem Negra ou não, o fato é que a imigração polonesa para o Paraná foi bastante expressiva, especialmente durante o período da “febre brasileira”.

A imigração no Paraná reserva algumas particularidades. Enquanto em São Paulo os imigrantes substituíram diretamente a mão de obra escrava nas fazendas de café, no Paraná não ocorreu essa substituição direta (KOVALSKI, 2017).

O Paraná era considerado o lugar mais adequado para o estabelecimento dos poloneses. No entanto, de acordo com Gluchowski (2005), a destinação desse terreno para os poloneses foi muito mais em razão da intervenção de Saporski do que pela preocupação do governo federal. Mas, como se desenvolveu a massa polonesa na terra prometida a eles pela Virgem Maria nas décadas seguintes? Três dissertações produzidas na Universidade Federal do Paraná sobre colônias distintas ajudam a elucidar essa questão.

Em 1974, Ruy Christovam Wachowicz defendeu sua dissertação intitulada “Abranches: paróquia da imigração polonesa. Um estudo de História demográfica”, pelo Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A pesquisa traz o resgate da mais antiga instituição religiosa polonesa para o Brasil e, por ser uma das mais antigas produções acadêmicas sobre a imigração polonesa, é um marco importante.

A partir de registros de nascimentos, casamentos e óbitos, além de outros documentos paroquiais, ele traz evidências documentais sobre aspectos da vida cotidiana deste grupo no Brasil. A urbanização da comunidade de Abranches tirou-a do isolamento étnico, culminando num processo que o autor chama de hibridização<sup>93</sup>, em que ocorre o máximo de interferência entre o grupo minoritário (neste caso o polono-brasileiro, ou descendente de imigrantes poloneses) e o majoritário (brasileiro). Esse processo é analisado a partir dos registros de casamentos da paróquia em que, com o passar dos anos, os casamentos entre integrantes do grupo polono-brasileiro vão dando lugar a um maior número de casamentos mistos, ou interétnicos. “O elevado porcentual dos casamentos mistos, ativador principal do processo simbiótico dos grupos em contato, leva a classificar a comunidade da paróquia de Abranches como sendo detentora de um elevado grau de hibridização” (WACHOWICZ, 1974, p. 61).

Wachowicz (1974) considera que “a contribuição dos imigrantes na História da população paranaense é um campo de investigação obrigatória” (p 104). Em suas conclusões, ele também aponta que a comparação com outros grupos étnicos evidencia algumas características polono-brasileiras, notadamente a influência da religião no seu estilo de vida.

Os preconceitos envolvidos nas relações interétnicas e os problemas ligados à etnia e à religiosidade são o foco do estudo “Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito” de Doutsdar (1990). O *lôcus* da pesquisa foi a área inundada pela barragem do Rio Passaúna, na Colônia Tomás Coelho, num processo de desapropriação que foi alvo de conflitos e revolta por parte dos colonos poloneses atingidos. Ao mesmo tempo em que o Estado procurava preservar a memória da colônia no processo de desapropriação, havia a desvalorização econômica das terras pertencentes aos poloneses. “Essa barragem veio, assim, comprometer a sobrevivência de Tomás Coelho, desarticulando-a de forma abrupta, aprofundando a desagregação gradativa que ali vinha ocorrendo” (DOUTSDAR, 1990, p 6).

---

<sup>93</sup> RUDNICKYJ, Jaroslaw B. Cultures in contact. Acts de la eme VII Rencontre Internationadle L'Avenir de l'homme. Bolzano, Italie, 29 agost. 1 set. 1964. ps. 47 e 48.



A partir da pesquisa, o autor busca demonstrar que essa incongruência seria fruto de um preconceito contra os poloneses já existentes na sociedade local.

A questão da identidade étnica é abordada nessa pesquisa com a finalidade de “compreender e explicar conflitos, relações desiguais entre grupos, classes e culturas, surto de revolta de minorias sociais, de grupos étnicos, de povos colonizados, de classes oprimidas” (DOUTSDAR, 1990, p. 19). Com relação ao grupo étnico polonês, Doutsdar (1990) considera que este se configura pela união em grupos sociais “como famílias, rede de parentes, “comunidades”, “colônias”, etc., e por viverem e se reconhecerem vivendo em comum um mesmo modo peculiar de vida e representação social” (DOUTSDAR, 1990, p. 23). Também são reforçadas como características a religiosidade e o senso de comunidade construído no Brasil, onde tinham a ideia de criar uma “Nova Polônia”.

As informações levantadas na pesquisa denotam um preconceito contra os poloneses, que se reflete nas questões econômicas no processo de desapropriação. Ao mesmo tempo, pode ser identificado um movimento de auto-segregação por parte dos poloneses. Por fim, o autor conclui que os integrantes desta etnia não conseguiram ser reconhecidos nem como brasileiros nem como imigrantes poloneses, portanto a denominação como polaco é a que melhor alcançou consenso na sociedade local (DOUTSDAR, 1990).

A pesquisa de Bueno (1996) pode ser considerada inovadora, por revisitar o histórico da imigração polonesa e dos primeiros anos da colonização polonesa do ponto de vista feminino na dissertação “Curitiba, uma cidade bem amanhecida. Vivência e trabalho das mulheres polonesas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX”, defendida em 1996, no Programa de pós-graduação em História da UFPR. Bueno utilizou fontes oficiais (relatórios de governo dos Presidentes da Província e correspondências oficiais, consulta à imprensa periódica) e entrevista com descendentes das primeiras famílias polonesas das antigas colônias Abranches e Santa Cândida, então já na segunda e terceira geração de imigrantes a fim de compreender os padrões comportamentais das mulheres polonesas em Curitiba, sendo possível constatar a existência do arquétipo da polaca como estereótipo da mulher desviante e desqualificada. “Através das entrevistas foi possível conhecer a trajetória de muitas vidas conduzidas por lutas, sacrifícios e trabalhos. A realidade por elas vivida foi profundamente marcada por essa trilogia, não havendo espaço para outras versões” (BUENO, 1996, p. 48). Desta forma, a autora dá voz a uma parcela ainda mais silenciada dentro da etnia.

Em um contexto em que famílias polonesas completas dedicavam-se ao trabalho para garantir sua sobrevivência, os jornais e revistas do período analisado evidenciavam as

ocupações das mulheres polonesas, diretamente relacionadas com trabalhos informais de carroceiras, entregas de hortaliças ou mesmo como prestadoras de serviços domésticos para famílias do ambiente urbano. “No contato com a nova sociedade, revelaram alteridades decorrentes de hábitos culturais distintos e por serem procedentes de famílias camponesas” (BUENO, 1996, p. 149). Imbuídas de atividades informais citadinas relacionadas a pequenas vendas, lavagem de roupas ou como criadas, a presença das mulheres polonesas deixava sua marca no espaço urbano da capital paranaense. Bueno (1996) também reforça o isolamento dos poloneses em suas comunidades já abordado por Doutsdar (1990), assim como a importância da religiosidade na vida da mulher polonesa que viviam com resignação o dia a dia pesado.

Passadas algumas gerações após as mulheres retratadas por Bueno (1996), o papel da mulher descendente de imigrantes poloneses também é abordado por Delong (2016). Atualmente, a mulher na sociedade polono-brasileira vive num contexto patriarcal, o qual depende da ação feminina para seu funcionamento. O termo “mulher fazedora” é como ela se refere a essas mulheres que têm papel de comando no contexto familiar, mas não possuem voz no contexto social, numa sociedade machista, em que o poder é dado aos homens. Essas mulheres cumprem as atividades do lar, em geral sob ordens de homens, e não possuem protagonismo na vida pública. Da mesma forma, acontece na vida religiosa, onde as mulheres executam muitas das tarefas, contribuem inclusive para a manutenção da língua polonesa, mas são invisíveis perante a sociedade. Para essas mulheres, a construção identitária mostra-se ainda mais complexa, pois além de terem nascido no Brasil, mas descendentes de poloneses, têm ainda a influência do casamento.

Essas constatações sobre o papel feminino foram feitas a partir de uma pesquisa baseada na etnografia da linguagem, conduzida na comunidade rural de Santa Faustina, na região de União da Vitória. O objetivo foi analisar a constituição das identidades étnico-linguísticas de descendentes de poloneses e identificar os eventos de letramento em polonês dentro e fora da escola. Além das visões sobre o papel feminino, Delong (2016) aponta a tradição religiosa como um dos aspectos identitários mais arraigados e presentes até hoje nessa comunidade. No âmbito familiar, a língua polonesa é utilizada frequentemente, misturando-se com o português, que eles por vezes chamam de “polonês entrecortado”, “polonês brasileiro” ou “polonês caipira”, o que, no entanto, demonstra uma baixa autoestima. A identidade étnico-linguística se alterna entre a identidade polonesa e a brasileira, dependendo dos seus interlocutores e das circunstâncias que os cercam, assim, os descendentes se veem “às vezes, poloneses; outras vezes brasileiros” (DELONG, 2016, p.

168). As constatações de Delong (2016) ajudam a compreender o funcionamento dessa sociedade polono-brasileira e dão pistas de que caminhos trilhar a fim de aprofundar a compreensão sobre a construção dessa identidade cultural.

Outro tema de debate é a denominação da etnia: polaco ou polonês. Iarochinski (2010) traz o debate sobre o tema resgatando o histórico de termos depreciativos com que os imigrantes provenientes da Polônia foram tratados desde a chegada no Brasil, que culminaram na eliminação do uso comum do termo polaco para a adoção do “polonês”, de origem francesa. Para além da etimologia e da linguística – que não é o foco desta pesquisa –, Iarochinski traz contribuições relevantes sobre a identidade desta etnia. O imigrante vindo da Polônia, diante de multiplicidade cultural brasileira, viu-se sem opções: “passível de influências várias teve duas opções: ou se escondia, ou se adaptava. Como não tinha para onde ir, acabou assimilando muito das outras culturas coexistentes” (IAROCHINSKI, 2010, p. 84).

A pesquisa de Iarochinski (2010) torna-se referência interessante, especialmente, por tratar a questão com a articulação de conceitos tratados por autores poloneses não traduzidos para o português, como Tadeusz Paleczny, sociólogo que estuda cultura, nação e relações étnica. Paleczny buscou compreender a situação dos descendentes de imigrantes poloneses no Brasil e analisou o processo de adaptação e assimilação cultural de acordo com as gerações de descendência do imigrante. Na primeira geração, o processo de adaptação ainda estava muito relacionado ao país de origem e o Brasil era considerado muito mais com relação à sua função social, como país de moradia, é quando inicia também o bilinguismo. A geração posterior a identidade cultural é dividida entre polaca e brasileira, já que o indivíduo permanece marcado por duas línguas e duas culturas. Somente a partir da terceira geração é que a identificação com a Polônia assume papel secundário e passam a se sentir brasileiros, o “Brazylijszyk polskiego pochodzenia”, ou seja, o brasileiro de origem polonesa.

## APÊNDICE D – QUESTIONÁRIOS APLICADOS

### CONSUMO CULTURAL DESCENDENTES DE POLONESES - SÃO MATEUS DO SUL

Você está sendo convidado (a) a para participar, como voluntário, da pesquisa intitulada “Comunicação e construção da identidade polonesa em São Mateus do Sul”.

- 1) Você é descendente de imigrantes poloneses? ( ) Sim ( ) Não
  - 2) Se respondeu sim à pergunta anterior, sabe informar em que região do Brasil se estabeleceram seus antepassados que vieram da Polônia? ( ) São Mateus do Sul ( ) Outras cidades do Paraná ( ) Santa Catarina ( ) Rio Grande do Sul ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_
  - 3) Você segue alguma religião? ( ) Não ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_
  - 4) Que meios de comunicação você costuma utilizar? *(pode marcar mais de uma opção)* ( ) Televisão ( ) Rádio ( ) Jornais impressos ( ) Revistas ( ) Sites de notícias na internet ( ) Facebook ( ) Whatsapp ( ) Livros ( ) Outros. Quais? \_\_\_\_\_
  - 5) Você busca informações sobre a Polônia ou sobre a cultura polonesa nesses meios de comunicação? ( ) Não ( ) Sim. Em quais meios? \_\_\_\_\_
- Internet**
- 6) Como você acessa a internet? ( ) Computador ( ) Celular ( ) Tablet ( ) Outros. Quais? \_\_\_\_\_ ( ) Não acesso
  - 7) Onde você costuma acessar a internet? ( ) Casa ( ) Trabalho ( ) Escola ( ) Casa de Parentes ou amigos ( ) Outro lugar. Qual? \_\_\_\_\_
  - 8) Hábito de acessar a internet ( ) Diariamente ( ) Mais de 3 vezes por semana ( ) Entre 1 e 3 vezes por semana ( ) Fim de semana ( ) Raramente ( ) Nunca
  - 9) Frequência no acesso à internet ( ) Mais de 5 horas por dia ( ) Entre 2 e 5 horas por dia ( ) Menos de 2 horas por dia ( ) Não usa
  - 10) Tipos de informações buscadas na Internet *(pode marcar mais de uma opção)* ( ) Notícias em geral ( ) Informações profissionais ( ) Material de estudo ( ) Informações sobre a Polônia ou cultura Polonesa ( ) Festas, bares ( ) Ouvir música ( ) Assistir vídeos ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_
  - 11) Você utiliza o Facebook? ( ) Diariamente ( ) Mais de 3 vezes por semana ( ) Entre 1 e 3 vezes por semana ( ) Fim de semana ( ) Raramente ( ) Nunca
  - 12) Você acessa o Messenger? *(aplicativo de mensagens do Facebook)* ( ) Diariamente ( ) Mais de 3 vezes por semana ( ) Entre 1 e 3 vezes por semana ( ) Fim de semana ( ) Raramente ( ) Nunca
  - 13) Com que frequência você utiliza o Whatsapp? ( ) Diariamente ( ) Mais de 3 vezes por semana ( ) Entre 1 e 3 vezes por semana ( ) Fim de semana ( ) Raramente ( ) Nunca
  - 14) Com que frequência você utiliza Instagram? ( ) Diariamente ( ) Mais de 3 vezes por semana ( ) Entre 1 e 3 vezes por semana ( ) Fim de semana ( ) Raramente ( ) Nunca
  - 15) Com que frequência você utiliza o YouTube? ( ) Diariamente ( ) Mais de 3 vezes por semana ( ) Entre 1 e 3 vezes por semana ( ) Fim de semana ( ) Raramente ( ) Nunca
  - 16) Além das redes sociais citadas, você utiliza outra? Qual e com que frequência?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## **APÊNDICE E – ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS**

### **Roteiro geral das entrevistas com as famílias**

- 1) Dados biográficos a partir das fichas individuais e de casais (GONZÁLEZ, 1995)
- 2) Que meios de comunicação usam? Como se mantém informados? Como mantém o contato com a família?
- 3) Como foi o seu primeiro contato com o rádio? E com a TV?
- 4) O que tem de tradições ou costumes poloneses na família?
- 5) Você sabe falar polonês? (principalmente para segunda geração)
- 6) Como são os costumes de Natal em família?



## APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A sua família está sendo convidada para participar como voluntária da pesquisa “Comunicação e construção da identidade polonesa em São Mateus do Sul”. Tal pesquisa faz parte do meu estudo de mestrado, sob orientação da prof<sup>a</sup> Valquiria Michela John, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Se você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar o seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar dúvidas do projeto e sua participação.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Larissa Adryellen Drabeski

Endereço: R: João Gabriel Martins, 1775 – Vila Prohmann

Telefone: (42) 98803-3036

E-mail: [larissadrabeski@gmail.com](mailto:larissadrabeski@gmail.com)

**PROCEDIMENTOS DE ESTUDO:** A partir de março de 2018, pretendo desenvolver a pesquisa que tem como objetivo analisar quais são os principais processos comunicativos que atravessam a constituição da identidade polonesa em famílias de descendentes de imigrantes poloneses em São Mateus do Sul.

Para que a pesquisa seja bem-sucedida, peço a colaboração da sua família. Ao longo do ano, os integrantes da família poderão ser convidados a participar de entrevistas. A entrevista será realizada por mim e gravada em áudio para posterior análise, sempre respeitando a disponibilidade do entrevistado. A qualquer momento, o entrevistado pode pedir cópias das gravações, assisti-las, revisá-las e excluir parcial ou totalmente a gravação em áudio se assim desejar.

Com a permissão dos integrantes da família, encontros familiares e rituais considerados importantes para a pesquisa poderão ser filmados, gravados ou fotografados. No decorrer da pesquisa, poderá ser solicitado o acesso e a cópia de fotografias pessoais e documentos pessoais que ajudem a compreender a história familiar, o que será feito somente sob a orientação do responsável pelo arquivamento do material.

Os dados serão divulgados conforme o acordo estabelecido entre as partes, isto é, com todos os nomes reais. A sua família não arcará com nenhum custo decorrente da participação (entrevista, fotografia, etc).

Sua colaboração e interesse neste projeto são muito apreciados.

São Mateus do Sul, 01 de abril de 2018

Assinatura da pesquisadora:

*Larissa A. Drabeski*



Eu aceito participar da pesquisa acima descrita:

Nome completo dos participantes	Assinatura dos participantes
Antônio Przybylski	Antônio Przybylski
Adolfina F.M. Przybylski	Adolfina F.M. Przybylski
Bernadete Przybylski	Bernadete Przybylski
M <sup>a</sup> Adjenira Przybylski	M <sup>a</sup> Adjenira Przybylski
Miguel Rinaldo Przybylski	Miguel Rinaldo Przybylski
Francine Przybylski	Francine Przybylski
Felícia Antonia Przybylski	Felícia Antonia Przybylski
Jacinta P. Przybylski	Jacinta P. Przybylski
Thiago Przybylski Cabral	Thiago Cabral
João Carlos Junior	João Carlos Junior
Michely Przybylski Przybylski	Michely D. Przybylski
WALTER LUIS FORNARI	WALTER LUIS FORNARI
Marcos Cesar Pereira Recoma	Marcos Cesar Pereira Recoma
Zerem Quiter Filho	Zerem Quiter Filho
Pedro Amelhal	Pedro Amelhal
Márcia Tereza R. Szym Kwik. Márcia Tereza R. Szym Kwik.	Márcia Tereza R. Szym Kwik. Márcia Tereza R. Szym Kwik.

Eu aceito participar da pesquisa acima descrita:

Nome completo dos participantes	Assinatura dos participantes
Thiago J. Przyntowski	
Bruna Ribeiro de Souza Belo	Bruna Ribeiro Belo
Amanda Ribeiro de Souza	Amanda Ribeiro
Ana Maria P. P. P. P.	Ana Maria P. P. P.
Thiago J. P. P.	Thiago J. P. P.
Bruna Ribeiro de Souza	Bruna Ribeiro de Souza
Fernanda P. P. P.	
Camila R. de Souza	
Rafaela Ribeiro de Souza	
Leithen Belo	Leithen Belo
CRISTIAN RIBAS	CRISTIAN RIBAS
JEFFERSON JOSÉ DE PAULA	
Raul José de Souza de Paula	

Anna Clara de Souza Belo  
Thiago J. Przyntowski



## APÊNDICE G –AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens para serem utilizadas no projeto de pesquisa Comunicação e construção da identidade polonesa em São Mateus do Sul.

Pesquisador: Larissa Drabeski

Orientador: Valquiria Michela John

Objetivo principal: Compreender quais são os principais processos comunicativos que atravessam a constituição da identidade polonesa em famílias de descendentes de imigrantes poloneses em São Mateus do Sul.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa, na Internet e em divulgações em geral, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

São Mateus do Sul, 01 de abril de 2018.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: JACINTA PRZYBYSCZEWSKI PRÉCOMA

RG.: 6019982-5 CPF: 937991879-87

Telefone1: 0429 8818 1548

Endereço: Resem. JOAQUIM FERREIRA GUIMARÃES 1521

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

RG.: -11 CPF: -11

Telefone1: ( ) \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Assinatura: Janete Przybyszewski Przyvitaski

Nome: \_\_\_\_\_

RG.: 42 959499 CPF: \_\_\_\_\_

Telefone1: ( ) 42 98854 2463

Endereço: LAURO SEVERIANO CARVALHO RAMOS 212

Assinatura: [Signature]

Nome: FELICIA ANTONIA PRZYBYSZEWSKI

RG.: 4383042-2 CPF: 937.991529-20

Telefone1: (41) 98838.8928

Endereço: Theodoro Toppe 1475 - Jardim Dona Hermínia.

Assinatura: [Signature]

Nome: João Carlos Ferreira de M. Júnior

RG.: 9.954.441-4 CPF: 071.233.729-64

Telefone1: (47) 98908-9375

Endereço: Desembargador Joaquim F. Guimarães

Assinatura: [Signature]

Nome: Thiago Przybyszewski Cabral

RG.: 12.953.737-0 CPF: 090.040.049-80

Telefone1: (48) 99605-4838

Endereço: Av. Luiz Briteux Piazza, 4565, Florianópolis - SC

Assinatura: Antonio Przybyszewski

Nome: Antonio Przybyszewski

RG.: 1763 466 CPF: 165 620 629-34

Telefone1: ( ) 42 98818 5774

Endereço: R: DESEMBAGADOR J. FERREIRA GUIMARÃES 1871

Assinatura: ADOLFINA

Nome: ADOLFINA FLORA WYPPYCH PRZYBYSZEWSKI

RG.: 4353 1382 CPF: 014802709-11

Telefone1: ( ) 42 98818 5774

Endereço: R: DESEMBAGADOR J. FERREIRA GUIMARÃES 1871

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

RG.: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

Telefone1: ( ) \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

RG.: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

Telefone1: ( ) \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens para serem utilizadas no projeto de pesquisa Comunicação e construção da identidade polonesa em São Mateus do Sul.

Pesquisador: Larissa Drabeski

Orientador: Valquiria Michela John

Objetivo principal: Compreender quais são os principais processos comunicativos que atravessam a constituição da identidade polonesa em famílias de descendentes de imigrantes poloneses em São Mateus do Sul.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa, na Internet e em divulgações em geral, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

São Mateus do Sul, 01 de abril de 2018.

Assinatura: Camila Ribeiro de Souza

Nome: CAMILA RIBEIRO DE SOUZA

RG.: 10.649.986-5 CPF: 062.610.319-09

Telefone: (42) 988830555

Endereço: Antônio Bizinelli, 1213

Assinatura: Ivone J.J. Pezyrubalski

Nome: IVONE J.J. PEZYRUBALSKI

RG.: 4.814.392-0 CPF: 871.465.769-49

Telefone: (42) 988431101

Endereço: Colônia Iguaçu



Assinatura: Amanda Ribeiro  
 Nome: Amanda Ribeiro de Souza  
 RG.: 12.981.200-1 CPF: 108.256.389-16  
 Telefone1: (41) 9-9959-3349  
 Endereço: R. Venezuela - 766 - ramos - Bela. Cambaia - SC

Assinatura: Bruma Ribeiro de Souza de Bulo  
 Nome: Bruma Ribeiro de Souza de Bulo  
 RG.: 10514451-9 CPF: 068610259-25  
 Telefone1: (41) 98704-2042 / 98871-8449 (WHATS)  
 Endereço: Augustinho Farias S/N - Campeste - Tijucas, SC

Assinatura: [Signature]  
 Nome: Jefferson José de Paula  
 RG.: 7723158-7 CPF: 041488679-80  
 Telefone1: (41) 98853-2655  
 Endereço: AugustinHO FARIAS, S/N - CAMPESTE - TIJUCAS DO SUL - PR

Assinatura: Bruma Rutchak Silva  
 Nome: Bruma Rutchak Silva  
 RG.: 11086.158-03 CPF: 084.788.039-71  
 Telefone1: (41) 98826-6360  
 Endereço: Prefeito José Zampieri Filho 1150 Vila Boas

Assinatura: Fernando P. Janoski  
 Nome: Fernando Hipólito Janoski  
 RG.: 10.850.567-3 CPF: 077.808.649-00  
 Telefone1: (11) 98811-6458  
 Endereço: Colônia Iguaçu

Assinatura: Ana Maria P. Janoski  
 Nome: Ana Maria P. Janoski  
 RG.: 4.085.359-6 CPF:   
 Telefone1: 41 3532 3510  
 Endereço: Rua Antonio Bisinelli, nº 1405  
Colônia Iguaçu

Assinatura: Rosemar  
 Nome: Rosemar Ribeiro de Souza  
 RG.: 3.750.177-8 CPF: 517.373.709-30  
 Telefone1: (42) 9.9975-2663  
 Endereço: Rua Antonio Bisinelli, 1213 - C. Iguaçu

Assinatura: Ivo Janoski  
 Nome: Ivo Janoski  
 RG.: 3-058.104-0 CPF: 392.341.269.04  
 Telefone1: (42) 3532-3510  
 Endereço: Antonio Bisinelli, 1405 - C. Iguaçu

Assinatura: Arthur de Barbo  
Nome: Arthur de Barbo  
RG.: 5062218 CPF: 084.286.859-32  
Telefone: (47) 9-9991-3546  
Endereço: R. Venezuela 766, mcs - Bal. Camboriu - SC.

Assinatura: \_\_\_\_\_  
Nome: \_\_\_\_\_  
RG.: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_  
Telefone: ( ) \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_  
Nome: \_\_\_\_\_  
RG.: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_  
Telefone: ( ) \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_  
Nome: \_\_\_\_\_  
RG.: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_  
Telefone: ( ) \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_